

Helena Gomes

O Arqueiro e a Feiticeira

• A Caverna de Cristais - Livro I •



ROCCOINHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Helena Gomes

*Arqueiro e a
Feiticeira*

A caverna de cristais - LIVRO I

ROCCO ITALIA

SUMÁRIO

Prefácio

Apresentação

Parte I

Prólogo

Capítulo 1 - Bruxa

Capítulo 2 - Monastério

Capítulo 3 - Noite dos Mortos

Capítulo 4 - Pântano

Capítulo 5 - Alix De Brusk

Capítulo 6 - Visitante

Capítulo 7 - Jornada

Capítulo 8 - Ruínas

Parte II

Prólogo

Capítulo 1 - Sinais de tempestade

Capítulo 2 - Partida

Capítulo 3 - Andarilha

Capítulo 4 - Fogo

Capítulo 5 - O sobrinho do arcebispo

Capítulo 6 - Cura

Capítulo 7 - Revelações

Capítulo 8 - A segunda criança

Capítulo 9 - Torneio

Capítulo 10 - Incêndio

Capítulo 11 - Herança

Capítulo 12 - Escolhas

Capítulo 13 - Bárbaros

Capítulo 14 - Busca

Capítulo 15 - Savac

Capítulo 16 - Esferas

Epílogo

Nota da Autora

Créditos

A Autora

PREFÁCIO

Quando existem cristais de gelo na atmosfera e a luz do sol os atravessa, um fenômeno natural e comum acontece. Halo é o nome de tal fenômeno.

Um halo é um anel de luz que rodeia um objeto. Dependendo das condições, você pode encontrá-lo mesmo ao redor do sol ou da lua. Entretanto, se entrarmos no campo das metáforas, aquele que os escritores costumam cultivar em jardins preciosos, esse conceito pode muito bem ser expandido.

Porque, dependendo das condições, a literatura também pode ter alguns halos.

Muitas vezes, das maneiras mais fantásticas.

A série *A caverna de cristais* surgiu em um momento em que cristais de gelo se formavam na atmosfera editorial. Era uma época em que o RPG nacional estava em alta, mas a literatura fantástica brasileira engatinhava em busca da geração de leitores que surgira com *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*. E foi esse o primeiro público a notar um início do rastro de luz que viria a modificar um mercado estagnado em sua própria limitação. Mesmo eu, que hoje escrevo este prefácio, me lembro bem de como tive o primeiro contato com a obra, através de uma matéria na única revista especializada em RPG na época, que adaptou o cenário e os personagens de *O arqueiro e a feiticeira* para um sistema de role playing game.

Helena Gomes nos trouxe não apenas uma obra, mas uma saga inteira, repleta de um mundo apocalíptico em que a fantasia clássica dividia lugar com a ficção científica, nos melhores moldes da autora e mestra Anne McCaffrey, a primeira a fazer essa mistura e ganhar um Hugo e um Nebula Award com isso. As aventuras de Thomas, o arqueiro nascido na Noite dos Mortos, trouxeram um frescor nacional para um público que ainda estava começando a acreditar que autores nacionais poderiam escrever livros de fantasia tão

competentes quanto os estrangeiros, independentemente de serem mulheres ou homens.

Hoje, tantos anos depois, a obra continua sua saga. O cenário do mercado editorial é outro. As editoras e a imprensa já compreenderam o poder da literatura fantástica, e os leitores passaram a confiar em autores brasileiros devido ao surgimento de escritores excelentes que caminham pelas mesmas trilhas que autoras como Helena Gomes desbravaram. Sua importância, contudo, continua a mesma. E, se alguma coisa se modificou daqueles tempos até aqui, provavelmente seria apenas a escrita de Helena, que nunca parou de evoluir.

De fato, Anne McCaffrey estaria orgulhosa.

Assim como nós.

Em algum lugar do nosso mercado editorial ainda existem cristais de gelo na atmosfera. Eles ainda refletem as luzes de mil sóis. Se esses anéis luminosos rodearem determinados escritores, então encontraremos Helena Gomes entre eles, sentada em sua própria caverna, cercada por luzes refletidas e atiradas como flechas. Talvez, no fundo, seja ela a feiticeira que o arqueiro busca.

Felizmente, nós já a encontramos primeiro.

Raphael Draccon

Raphael é roteirista profissional e autor de literatura fantástica contemporânea, ficção de horror e romances sobrenaturais. É o autor mais jovem a assinar com os braços nacionais de duas das maiores holdings editoriais do mundo e roteirista premiado pela American Screenwriter Association. Entre suas obras estão *Fios de prata – Reconstruindo Sandman* e a série *Dragões de Éter*. Mais informações em <http://www.raphaeldraccon.com>.

APRESENTAÇÃO

Quando, em 2003, li o recém-lançado livro *O arqueiro e a feiticeira*, uma aventura fascinante e cheia de reviravoltas que misturava magia e tecnologia, não podia imaginar duas coisas. A primeira, que aquele era só o início de uma série que se tornaria cult entre leitores de todo o Brasil. E, em segundo lugar, que a autora, Helena Gomes, viria a ser uma das minhas mais queridas amigas.

Mais tarde, descobriria que a aventura de Thomas, Erin, Shannon e Vince não apenas continuava em mais três volumes (podendo chegar até a sete), mas que seria considerada pioneira, uma das primeiras sagas de fantasia/ficção científica dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Porém, esse épico sobre a guerra entre nergals e eloras, que seguia os personagens por várias vidas e diversos mundos, seria acompanhado por outra saga: a das aventuras e desventuras de se publicar o fantástico em nosso país. Foram várias edições e formatos até que se chegasse a este, e houve momentos em que muitos leitores ávidos não conseguiam encontrar os volumes seguintes.

Agora, para alegria dos fãs de Thomas, como eu, a saga ressurgiu completa em uma edição eletrônica, revisada incansavelmente pela talentosa autora. E muito se passou desde a estreia de Helena Gomes na literatura com aquele modesto primeiro volume de *A caverna de cristais*. Hoje, os autores brasileiros de fantasia se multiplicam e ocupam lugar de destaque no imaginário dos leitores — começando mesmo a invadir as estantes das livrarias. Helena já tem mais de vinte obras publicadas e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ; foi finalista do prêmio Jabuti com dois títulos juvenis; teve livros selecionados para programas de leitura como o PNBE, vendo milhares de exemplares de suas obras serem distribuídos por bibliotecas de todo o país. E continua esbanjando talento na criação

de personagens que se tornam queridos pelo leitor (ou odiados — eu detesto aquele arcebispo De Angelis!) e de enredos que capturam nossa imaginação até o final de cada livro, atizando a curiosidade para a leitura do próximo.

De minha parte, faço votos de que a publicação desta saga, em formato de *e-book*, permita que a saga da *Caverna de cristais* não pare por aqui, mas continue nos levando a essa viagem incrível pelos mundos interligados por magia, tecnologia, habilidades paranormais e objetos de poder. Quero saber mais sobre os guardiões, ver os nergals derrotados de uma vez por todas. E quero, mais que tudo, continuar desfrutando do prazer da leitura neste universo épico delicioso e surpreendente.

Rosana Rios

Rosana é autora de literatura fantástica, infantil e juvenil. Em vinte e cinco anos de carreira teve cento e trinta livros publicados e recebeu vários prêmios literários. Mora na cidade de São Paulo, em meio a uma grande biblioteca e uma coleção de dragões. Alguns de seus trabalhos estão no blog <http://rosanariosliterature.blogspot.com>

Após a batalha, a rainha Loxian chamou seus três mais poderosos guerreiros.

— Os nergals escaparam — ela disse, com tristeza. — Mundos desconhecidos pagarão por nosso erro.

— Como podemos impedir que isso aconteça, senhora? — perguntou o guerreiro mais corajoso.

— Não há como segui-los — constatou o mais sábio.

— Há um caminho — sorriu o mais esperto.

PARTE I

Quarta Era

“Que o caminho seja brando a teus pés,
O vento sopra leve em teus ombros.
Que o sol brilhe cálido sobre tua face,
As chuvas caiam serenas em teus campos.
E até que eu de novo te veja,
Que Deus te guarde na palma de Sua mão.”

(bênção antiga)

PRÓLOGO

Cordilheira Azul

Ano 794 da Era Arthur

Tolkien entrou na caverna. Seus olhos demoraram alguns segundos para se acostumarem à luminosidade suave dos inúmeros cristais espalhados por todo o local. O rapaz escolheu um canto para se esconder, puxou o capuz para cobrir o rosto e, sem alternativa, se preparou para a vigília que duraria horas.

Somente as faces múltiplas dos cristais refletiam o caminho que a lua seguia no céu escuro. Tolkien sentiu os olhos pesados. Há quantos dias não dormia? O corpo estava dolorido, tenso, consumido pela preocupação.

Lá fora, o ar tornou-se ainda mais frio. Faltava pouco para a aurora. “Onde ela está?”, pensou o rapaz, começando a deixar o bom senso de lado. Havia em seu peito uma dor prestes a sufocá-lo. “Ela disse para ter calma, para esperar”, defendeu uma voz no fundo de sua mente. Passara por tantos treinamentos, estudos, testes, mas nada o preparara para uma situação como aquela.

Seus mestres haviam sido covardemente assassinados. A perseguição agora se estendia a outros como Tolkien. O rapaz sentia, mais do que sabia, que era o último dos guardiões. E, por mais que o orgulho o impedisse de acreditar, sabia: era inexperiente, apenas um garoto idealista perdido nas próprias ambições. Ela também era a última, e tão jovem quanto ele. Possuía, no entanto, a experiência que lhe faltava. E muito mais conhecimento, o conhecimento dos Antigos.

— Devia controlar melhor seu sono, guardião.

O rapaz deu um pulo. Ao seu lado, Hannah observava-o. Seus olhos azuis o consumiam. Havia neles uma chama que lhe devorava

o espírito. Ele piscou para afastar o medo. A jovem sorriu.

— Se eu fosse um dos homens do Novo Conselho, você nem perceberia sua morte.

Tolkien corou de vergonha. Automaticamente, endireitou as costas para enfrentar os temidos olhos azuis. Mas eles transmitiam paz, apesar de o rosto refletir uma tristeza imensa.

— Todos os nossos estão mortos, Tolkien, todos...

— Eu sei.

— O destino dos guardiões está agora em suas mãos — prosseguiu ela lentamente, como se medisse cada palavra. — Você deve partir e, em segredo, treinar novos membros. O Novo Conselho ainda tem muitos opositores. Não é tempo de oposição aberta, e sim de preparação.

O rapaz estremeceu. As dúvidas enchiam-lhe os pensamentos. Fora da caverna de cristais, a lua se escondia atrás da Cordilheira Azul. O capuz negro, cor da casta, procurava ocultar os cabelos dourados que caíam sobre os ombros da jovem. Tolkien nunca encontrara uma mulher tão bela e, ao mesmo tempo, tão fascinante. Era impossível para ele não adorá-la. Poucas vezes a vira, mas o amor que ela lhe inspirava o seguia em sonhos impossíveis.

Num movimento suave, a sacerdotisa tocou-lhe o ombro. “Não sou capaz de realizar o que me pede”, a mente do rapaz sussurrou. “Não tenho a experiência dos meus mestres. Está tudo perdido.”

O toque, então, transmitiu uma inacreditável sensação de conforto que se espalhou pelo corpo de Tolkien. Trazia um bem-estar que não sentia há muito, desde os tempos em que a ameaça do Novo Conselho não passava de uma ideia desacreditada. Seu coração se fortaleceu. Por amor, o jovem guardião faria tudo o que Hannah lhe pedisse. Daria sua vida, se fosse o desejo dela. A sacerdotisa, no entanto, não pedia morte: pedia esperança.

— Devo partir agora, guardião. Minha missão deve continuar em outro mundo.

Hannah contemplou a claridade que chegava com o novo dia. No interior da caverna, os primeiros raios de sol ampliavam o brilho refletido pelas múltiplas faces dos cristais. Tolkien, porém, não registrava esses detalhes. Enxergava a jovem, apenas ela, rodeada pela luz intensa. Hannah voltou-se para ele. Os braços cruzados pareciam buscar proteção contra uma ameaça invisível. Tolkien lutou contra a vontade de abraçá-la.

— As perenthis devem permanecer em um lugar seguro, longe da cobiça dos nossos perseguidores — murmurou mais para si do que para o rapaz. — Devemos preparar tudo para a profecia se completar. Ela já começou, apesar da descrença de muitos. Os antigos nos avisaram, porém poucos lhes deram atenção...

— Para onde irá, senhora?

A jovem fitou-o, como se o notasse pela primeira vez ali, diante dela.

— Eu não deveria compartilhar com você os segredos dos nossos sacerdotes. Mas não há ninguém em que possa confiar nestes tempos sombrios. Sou a última sobrevivente da minha casta. E você é a única esperança do nosso povo e de muitos outros que ainda não despertaram para a Grande Guerra que se aproxima.

O rapaz estremeceu pela segunda vez. O olhar de Hannah recuperara o brilho perigoso que parecia devorá-lo.

— Conhece o conteúdo da profecia, Tolkien?

— Sei as palavras, mas...

— Ela fala no Herdeiro, o único que pode controlar o poder das perenthis, o único capaz de desafiar o poder do mal. Pois eu sonhei com Gotihan, e ele me disse onde encontrá-lo.

Tolkien respirou fundo, fazendo barulho. Nunca tivera acesso ao conhecimento dos sacerdotes e muito menos à sabedoria dos antigos. Quando entrara para o restrito grupo dos guardiões, desejava explorar mundos distantes e viver aventuras grandes demais para um simples garoto do interior. Sabia que os guardiões trabalhavam para os sacerdotes e vira essa gente estranha em várias

ocasiões. Nunca, nem em seus sonhos mais malucos, pudera imaginar que antigas histórias de ninar pudessem ser reais. Ele teria dado uma boa gargalhada se a simples presença da sacerdotisa não o intimidasse. Além disso, ela parecia ler seus pensamentos.

— Estude as palavras antigas. Elas dizem a verdade.

— Mas...

O rapaz parou. Uma certeza invadiu-o. “Se a profecia está certa, então...” Não era mais uma questão política, um golpe do Novo Conselho para ganhar poder e sacrificar a liberdade do povo. A questão ganhava dimensões assustadoras. A responsabilidade pesou como chumbo sobre os ombros de Tolkien.

— Entende agora, guardião? Devo partir imediatamente. Não lhe direi mais nada. Você já tem muito trabalho pela frente. Faça os guardiões renascerem, com força suficiente para lutar contra o mal que se aproxima. Confie apenas em Palius. Eu buscarei o Herdeiro.

— Adeus, senhora — murmurou Tolkien, ousando pegar-lhe a mão para beijá-la. O coração avisou-o de que nunca mais veria a bela sacerdotisa.

Tons cinzentos, no exterior da caverna, começavam a invadir a manhã cheia de luz, trazendo a chuva em seu rastro. Tolkien encolheu-se sob a capa. Hannah desaparecera.

Muitos anos depois, a jovem apareceu em um sonho. Estava mais velha e parecia esgotada. A dor marcava seus traços.

— Cometi um erro, Tolkien. Se o Herdeiro procurar você, mate-o!

CAPÍTULO 1

Bruxa

Ano 829 da Era Arthur

A música enchia toda a rua pela manhã. Casas altas, feitas de madeira, brigavam por espaço nos dois lados do caminho, coladas umas às outras. Eram velhas e sujas, cobertas por telhados de colmo. A maior parte da madeira parecia podre.

O ritmo alegre vinha da praça movimentada, onde ficavam as barracas dos comerciantes. Os moradores de York, curiosos, aproximavam-se, atraídos pelos sons encantados que Jon extraía das cordas de seu alaúde. E poucos eram os que conseguiam tirar os olhos da menina de nove anos que dançava logo à frente, agitando no ar pandeiros coloridos. Ela girava com grande habilidade os braços e as pernas, em movimentos suaves e cativantes. Os cabelos negros, que desciam cheios de cachos por seus ombros, estavam enfeitados por flores do campo.

— Quando crescer, esta garota dará um trabalho... — comentou um homem barrigudo, de olhos lascivos, que não perdia nenhum dos giros de Shannon.

Thomas fechou as sobrancelhas para o homem. Não entendeu direito o que ele quis dizer, mas, de qualquer forma, não gostou do que ouviu. O menino, então, avançou sem pressa para a multidão, estendendo o chapéu de Jon para ganhar algumas moedas. A miséria, porém, era enorme; muitos morriam de fome. Se não tinham dinheiro nem para comer, quem diria para pagar a apresentação de um grupo maltrapilho de andarilhos. O homem barrigudo ignorou Thomas, que deu de ombros e continuou, sem se esquecer de afundar o calcanhar no pé descalço do barrigudo.

— Ai, moleque estúpido! — rosou ele.

Thomas, apesar de pequeno e magricela, era ágil e, num segundo, estava do outro lado da multidão. Shannon sorria, hipnotizando os presentes. “Ela é mesmo muito bonita”, suspirou o garoto antes de sentir o olhar furioso de Jon. “Já vou, já vou!” Ele deu meia-volta, mas não foi muito longe.

— Enforcai a bruxa! — berrou alguém.

A multidão agitou-se nervosamente, empurrando Thomas para o chão. O chapéu tombou de suas mãos e as moedas espalharam-se pelo chão. Jon parou de tocar e tentou correr até o menino, mas havia gente demais entre os dois. Shannon sumiu do campo de visão de Thomas. “As moedas!”, preocupou-se o garoto enquanto apalpava a terra ao redor. Não conseguiu recuperá-las. Mãos mais rápidas já tinham vasculhado o local.

— Jon não me perdoará — murmurou baixinho, já sentindo o chicote em suas costas.

— Morra, filha de Satanás! — gritou outra voz.

Foi então que o menino entendeu o que estava acontecendo. Alguns homens arrastavam uma mulher idosa, vestida com trapos, que se debatia para fugir.

— É a bruxa de York — explicou uma adolescente com o nariz sujo ao lado de Thomas. Ela mexia nos bolsos da túnica, com um olhar enviesado.

— Ei, devolva-me as moedas! — exigiu o menino.

Nesse momento, um novo tumulto quase o derrubou. A velha conseguira se soltar e corria, escapando de várias mãos que se colocavam no caminho para detê-la. Alguém a chutou, e ela, para não cair, agarrou-se às roupas de Thomas. Seus olhos se encontraram. Os dela eram azuis e bondosos. Havia amor naquele ser, uma vontade imensa de ajudar, de fazer o bem. Seguindo um impulso, Thomas procurou as mãos da bruxa e apertou-as contra si. A mulher sorriu com a boca enrugada e sem dentes.

No mesmo instante, seus olhos se arregalaram, e ela gritou, arrancada à força pelos perseguidores. Thomas foi empurrado para

longe. “Ela não é má...” As lágrimas vieram, embaralhando-lhe a visão, enquanto ele corria atrás dos carrascos que a levavam para fora das muralhas de York.

Havia xingamentos, insultos, invocações à justiça de Deus e, principalmente, comentários sobre os feitiços da mulher. Ela seria amante do demônio, que se transformava em um gato preto para visitá-la durante a noite. De dia, podia ser vista rastejando pela floresta à procura de ervas para preparar poções diabólicas.

Após atravessar um dos imensos portões de madeira da cidade, a multidão parou para assistir ao que viria. Thomas deu várias cotoveladas e avançou para a primeira fila. Com o coração apertado, viu a bruxa, de pulsos amarrados, em cima de uma carroça velha, diante de uma imensa árvore avermelhada. Ela não reagia mais.

— Tu, viúva Couchet, és acusada de bruxaria! — berrou um velho que parecia ter bastante autoridade sobre o povo. — Tu, com teus poderes demoníacos, ameaças a vida de todos os homens tementes a Deus!

Couchet ergueu a cabeça repleta de fios brancos e correu o olhar pela multidão. Ao descobrir o menino, sorriu com doçura para ele. Não tinha mais medo da morte. A um sinal do velho, uma mulher aproximou-se da bruxa e colocou uma corda ao redor de seu pescoço. Depois, a outra ponta foi pendurada no galho mais resistente da árvore.

— Bruxa maldita! Reza ao diabo para que ele leve tua alma danada deste lugar! — gritou o velho.

— Morte à bruxa! — endossou a multidão.

O velho, então, avançou para a carroça. Desesperado, Thomas disparou até ele.

— Não podes fazer isso! Ela não é o que dizes!

— Mas... O quê?! — surpreendeu-se o velho. Thomas segurou-o pela túnica.

— Não podes, entendes? Ela é inocente! As ervas são para curar os doentes, e o gato preto é só um bichano preguiçoso. Ela não

deseja mal a ninguém.

As palavras brotavam na mente do menino. Ele não podia entender como sabia dessas coisas. Apenas sabia. A surpresa do velho deu lugar à irritação.

— O garoto foi enfeitado! — decretou e, dirigindo-se aos demais, abriu os braços de forma dramática. — Não olhai para o rosto da bruxa!

Num movimento brusco, agarrou o garoto pelas roupas e o levantou no ar.

— O espírito maligno da bruxa domina a alma deste inocente!

A raiva cresceu dentro de Thomas. Já não se importava com mais nada. Queria tirar sua nova amiga dali, queria justiça. Tentou golpear o velho várias vezes, sem êxito.

— O menino está com a bruxa — gritou uma voz masculina. — Enforca-o também!

Pertencia ao homem barrigudo, que exibia um sorriso maldoso. De repente, as mãos soltaram o garoto. Ele caiu sentado, a tempo de ver Shannon batendo com os punhos nas costas do velho.

— Deixa meu amigo em paz! — gritava ela.

— Estas crianças pertencem ao diabo! — guinchou o velho ao prendê-la pelos pulsos.

Thomas se pôs em pé num salto. Já se preparava para chutá-lo quando a voz desesperada de Jon o imobilizou. Ele empurrava as pessoas à sua frente e avançava com muita dificuldade até eles.

— Esperai, por favor! Estas crianças não sabem o que dizem!

— Estas crianças são tuas?

— Sim, meu senhor — respondeu Jon, trêmulo, assim que se jogou de joelhos diante do velho. — Eu te peço clemência, senhor. Somos andarilhos, e estas crianças não conhecem os costumes de teu nobre povo. Elas se deixaram levar pela emoção...

— Ele diz a verdade — confirmou um rapaz no meio da multidão. — Eu o vi tocando na praça. As crianças estavam com ele.

— Sim, é verdade — disse uma mulher gorda que dera duas moedas quase sem valor a Thomas.

O velho olhou em volta, adorando cada minuto de atenção. Na carroça, a bruxa estava apática, de cabeça baixa, contemplando os pés descalços.

Assumindo um ar misericordioso, o velho dirigiu-se a Jon:

— Se é assim, debes levar estas crianças daqui o mais rápido possível.

Jon fez mil reverências e, puxando os braços de Thomas e Shannon, arrancou os dois dali em segundos. Rumaram para a floresta.

O menino olhou para trás, resistindo ao máximo. Viu quando o velho deu a ordem para alguém puxar o pangaré atrelado à carroça.

— Tu precisas salvá-la. Ela é inocente!

— Cala-te, pequeno imbecil! — rosnou Jon.

— Mas ela é inocente...

O povo continuava a exigir a morte da viúva Couchet. Agindo impulsivamente, Thomas tentou se soltar pela última vez. Só percebeu a dor no lado esquerdo do rosto ao cair. A mão de Jon era pesada.

O silêncio, de repente, dominou o mundo. Com as pontas dos dedos, Thomas retirou as lágrimas quentes que o impediam de enxergar a cena junto ao portão da cidade.

O corpo da bruxa de York balançava, pendurado à grande árvore avermelhada.

• • •

Thomas não ofereceu mais resistência. Deixou-se arrastar até o acampamento dos andarilhos, na floresta. Shannon ia de cabeça baixa, espiando atentamente seus movimentos.

Eles contornaram uma colina e tomaram uma trilha íngreme até uma clareira. No local, os carroções dos andarilhos formavam um semicírculo. Eram todos fechados, com telhados de madeira, e serviam como um tipo de casa ambulante. Havia roupas coloridas estendidas em um varal à direita, próximo a um grupo de cavalos magricelas que pastava com tranquilidade. Os andarilhos estavam espalhados pelo acampamento. À esquerda, dois homens treinavam malabarismo com pequenas bolas. Perto deles, um velho cochilava encostado à roda de uma carroça desbotada enquanto três mulheres tagarelavam alegremente ao seu lado. Os gêmeos, de doze anos, se engalfinhavam numa luta para descobrir quem era o mais forte.

Uma fogueira fora acesa. Se não estivesse tão perdido nos próprios pensamentos, Thomas perceberia o cheiro de sopa escapando de uma panela grande e amassada sobre o fogo. Quando os três chegaram, os andarilhos interromperam o que faziam. A expressão furiosa de Jon e o rosto inchado de Thomas não deixavam dúvidas. O moleque aprontara uma nova confusão. E desta vez parecia ser algo bem sério.

— O que aconteceu, Jon? — perguntou, aflita, uma das mulheres. Era Sabina, a andarilha de rosto redondo e bochechas coradas, agora pálidas de preocupação. Ela usava um vestido comprido e folgado, de cores fortes, que apertava nervosamente numa das mãos.

Jon permitiu que Shannon se afastasse e jogou Thomas contra o chão de terra. Ignorando Sabina, foi até um dos carroções para pegar o chicote que usava para controlar os pangarés durante as viagens. Thomas escondeu o rosto entre os braços, à espera da surra. “Desta vez não vou chorar”, murmurou enquanto ouvia as risadinhas abafadas dos gêmeos. Cerrou os dentes para lidar com a dor que não veio.

— Sai da frente, Sabina! — ordenou Jon, furioso.

— Não, marido, tu não irás tocá-lo! Ele é pequeno e magro para a idade. Não irá aguentar a surra que pretendes aplicar com tua ira

descontrolada.

— Eu te disse para sair!

Thomas, apavorado, viu Jon levantar o braço para desferir um golpe contra ela. Os andarilhos, que não perdiam nenhum detalhe, prenderam a respiração. Após alguns segundos de hesitação, ele controlou a raiva e se afastou. Nunca a agredira e não seria daquela vez, por culpa de um garoto ingrato, que machucaria a mulher que amava.

— Não entendes, Sabina... Ele colocou a vida de nossa filha em perigo. E ainda perdeu nosso dinheiro!

O grupo pareceu chocado. Os gêmeos riram alto. Sabina voltou-se para Thomas e se agachou perto dele.

— Conta-me o que aconteceu, filho...

Thomas ia explicar tudo, mas engoliu as palavras. A fúria retornava com força total ao rosto de Jon. Ele jogou o chicote longe, quase atingindo o velho que assistia a tudo junto à carroça.

— *Filho?! Como ousas chamá-lo assim? Ele não é *nosso* filho!* — despejou, furioso. — O nosso morreu ainda bebê, após dias de febre, nos meus braços.

Depois girou o rosto para Thomas, cuspiendo cada palavra com um prazer indisfarçável.

— Teu leite, mulher, pode ter alimentado este infeliz, mas isso não faz dele meu filho. Este aqui é cria daquela ladra, uma miserável que invadiu nosso acampamento há sete anos para roubar comida.

Os murmúrios dos andarilhos endossaram as palavras do líder. Elas feriam Thomas mais do que se tivesse levado as tão costumeiras surras.

— E o que a ladra trazia no ventre? Este pequeno traste! — disse Jon, apontando para o menino. — Aposto como teu pai foi algum vagabundo, desses com quem nos deparamos todos os dias pelas estradas.

— Já chega, Jon — pediu Sabina.

— Um garoto que nasce na Noite dos Mortos só pode ter um pacto com o diabo.

Os andarilhos remexeram-se. Não gostavam de se lembrar daquela data sinistra que evocava o medo antigo dos britons por bruxarias.

— Tua mãe morreu naquela mesma noite, de desgosto — continuou o homem, sorrindo. — Teu pai nunca apareceu para te buscar... Só contaste mesmo com a compaixão de Sabina. Devias ser grato e não cuspir em nossas caras! Shannon poderia ter morrido hoje. Só tenho a ela. É meu único tesouro!

O ódio do líder andarilho crescia na mesma proporção em que Thomas arrumava mais confusão. Às vezes, eram fatos sem importância, como na noite em que o menino derrubara sem querer o prato de comida sobre a camisa limpa de Jon. Em outra oportunidade, deixara cair a antiga harpa no chão, o que fez uma das cordas se arrebentar. Foi surra na certa. A reação mais violenta, entretanto, ocorrera três semanas antes, logo depois de Thomas ter dividido o pouco pão que eles guardavam na carroça com uma família de miseráveis que mendigava na estrada. O chicote fez tantos estragos que o garoto teve febre por dois dias.

Satisfeito com a humilhação, Jon resolveu dar o assunto por encerrado. Convocou a filha para ensaiar a nova coreografia que pretendia apresentar durante o torneio do dia seguinte. Antes que Sabina percebesse, Thomas escapuliu para o lugar mais distante que conhecia naquela região miserável.

...

York era uma cidade cercada por muralhas de pedras escuras. Do alto do precipício onde se sentara, Thomas avistou os telhados das casas e algumas ruas. Ao centro, ficava o impressionante castelo, com seus torreões ameaçadores. No ponto mais alto, o vento

estendia um estandarte vermelho com a imagem de um dragão dourado. Era o sinal da presença do poderoso rei Arnon e de sua corte. O castelo era cercado por uma muralha imponente, com pedras pintadas de amarelo, a cor símbolo da cidade. Uma ponte levadiça o isolava das ruas tortuosas. Vultos caminhavam sobre os baluartes, guardas a vigiar a movimentação que tomava conta da cidade. O dia seguinte daria início a um torneio que reuniria os melhores cavaleiros de Britanya em batalhas espetaculares.

O evento atraía gente de todos os cantos. Comerciantes, nobres, padres, camponeses, andarilhos, todos queriam aproveitar a ocasião para se divertir e, claro, ganhar dinheiro. Grandes negócios, desde a venda de mercadorias até acordos que envolviam dotes e casamentos, eram realizados nessas ocasiões. Fora da cidade, na direção oposta à floresta, o vale, outrora tranquilo, dera lugar a uma agitação incrível: pajens e escudeiros trabalhavam como formigas, cavalos pastavam, vigiados de perto por cavaliços, pessoas circulavam atrás dos próprios interesses. Artesãos desdobravam-se para montar uma arquibancada imensa de madeira, que receberia um público barulhento. Logo atrás, as tendas dos cavaleiros, listradas e coloridas, refletiam a luz do sol muito quente para o começo daquela tarde de primavera.

O calor não conseguiu evitar que Thomas se encolhesse sob o imenso blusão cinza. Teve a impressão de ver um raio cruzar uma noite escura e, em seguida, chamas que devoravam a torre mais alta do castelo. Piscou e olhou para os pés, protegidos por um par de botas velhas herdadas de Shannon, assim como sua túnica e a calça comprida, as duas velhas e surradas. Além de mais velha, a garota era maior do que ele e perdia roupas com rapidez conforme crescia. “Estou sonhando acordado”, pensou, tentando afastar a estranha imagem que teimava em ficar na sua mente. Desviou o olhar para a área atrás das tendas, onde alguns cavaleiros treinavam golpes uns contra os outros.

Instintivamente, segurou a pequena pedra que trazia pendurada junto ao peito, presa por uma corda fina. O garoto preferia mantê-la escondida, apesar de saber que não atrairia a cobiça de ninguém. A pedra era fina e irregular, insignificante em seu tom cinzento, sem vida. Para Thomas, contudo, ela era especial. Sua mãe usava-a quando invadira o acampamento dos andarilhos. Pertencera a *ela*. Apertou a pedra com mais força para sentir sua superfície fria e depois respirou profundamente. Lembrou-se, com tristeza, do livro de capa azul. Ele também viera com sua mãe.

— Livros são permitidos apenas aos homens de Deus — ensinara-lhe Sabina. — Quem possuir um desses será punido com a morte.

Apesar disso, ela o deixava folhear o livro, e Jon, mesmo preocupado, não se opunha abertamente. Aos quatro anos, Thomas conseguiu decifrar os símbolos gravados nas várias folhas amareladas pelo tempo. Descobriu, com prazer, que os símbolos contavam histórias sobre reinos distantes, dragões ferozes e príncipes corajosos. Numa noite, entretanto, tudo fora consumido pela fogueira, resultado de uma brincadeira cruel dos gêmeos.

— Melhor assim! — comentou Jon, quando os gêmeos impediram o garoto de salvar seu tesouro.

Thomas ainda fitava os próprios pés quando sentiu a presença de Sabina bem atrás dele.

— Preciso conversar contigo — disse, ofegante após ter subido o caminho cheio de pedras até o alto do precipício. — O que Jon disse há pouco não é verdade...

— Que parte não é verdadeira, Sabina? — perguntou Thomas com uma mágoa crescente que quase lhe fechava a garganta. — Minha mãe era uma ladra, todos dizem isso. E tu mesma me falaste que não tenho pai, pelo pouco que ela te contou antes de morrer.

Sabina curvou-se e, com suavidade, prendeu o queixo do garoto, forçando-o a encará-la.

— Tua mãe era jovem, talvez não tivesse mais do que vinte anos. Era bonita, apesar de estar muito magra e fraca. Sabes que ela não

me contou nada sobre si, nem sobre a vida que levava. Mas te digo que aquela mulher passou por muito sofrimento. E, se tentou conseguir comida com os andarilhos, foi por não ter outra saída.

— E Jon a pegou no ato, não foi? Roubando o pão “que alimentaria a pequena Shannon”, como ele sempre faz questão de repetir.

— Vi bondade em tua mãe, e também muito do medo que trazia. Cuidei dela nas horas em que ficou comigo, até tu nasceres...

“E ela morrer”, completou Thomas, em palavras que só existiam em seus pensamentos. Culpava-se por estar vivo e sua mãe, morta. Crescera escutando os comentários sobre o bebê que nascera misteriosamente saudável, na temida Noite dos Mortos, enquanto a mãe definhava.

— Não existe mal em ti, Thomas.

Sabina sacudiu-o como se procurasse acordá-lo de um pesadelo. O garoto, porém, escapou de seus braços e desceu correndo o longo caminho de volta ao acampamento. Tinha certeza de que a mãe adotiva, com suas pernas curtas, demoraria muito para alcançá-lo. Fez uma curva e entrou na área mais densa da floresta. Ia atravessá-la para chegar à clareira no momento em que duas mãos agarraram seu braço direito. O garoto deu um pulo para fugir, mas se desequilibrou e caiu sentado. À sua frente, Shannon riu de sua cara assustada.

— Perdoa-me — disse ela. — Só queria brincar contigo.

— Pensei que eram os gêmeos. Eles não perderiam a oportunidade de deixar meu dia ainda mais feliz.

— Não sei por que meu pai tem tanta raiva de ti.

Thomas preferiu não pensar mais no assunto. Ergueu-se e analisou a menina bonita, pressentindo de onde poderia vir seu próximo castigo.

— Não deverias estar treinando novos passos de dança com ele?

— Sim e não. Eu disse a ele que meus pés doíam e que precisava descansar. Fui para o carroção. Quando tive uma chance, escapei. E

te digo que foi bem fácil... Oh, Thomas, quero tanto ver os cavaleiros de perto!

— Verás amanhã, quando o torneio começar.

— Tu viste as tendas lá de cima do precipício, não? E todas as pessoas, as damas com seus criados e os cavaleiros exibindo seus cavalos... — A menina sorriu. Thomas sabia que não poderia resistir por muito tempo. — Ninguém sentirá nossa falta.

— Não dará certo, Shannon. Se teu pai...

— Ele não saberá de nada, eu te prometo. Seremos rápidos!

— Mas...

— O que pode dar errado? Ainda falta muito para anoitecer. E voltaremos bem antes do jantar.

O garoto tentou uma última vez, apesar de já ter aceitado a nova travessura.

— Não acho que seja uma boa ideia...

— Tens medo, não é? — provocou a menina, sem paciência com a aparente indecisão dele. — Pensei que tu fosses meu amigo!

Se ela ia se meter em encrenca, era melhor contar com a ajuda de um cúmplice. Quanto a Jon, o garoto tinha certeza de que nada que o homem lhe dissesse naquele dia poderia ser pior do que aquilo que ouvira. Ao imaginar o chicote atingindo seu corpo, o pequeno andarilho estremeceu. “É o preço a se pagar por um pouco de aventura”, concluiu antes de pegar na mão da amiga para acompanhá-la até York.

• • •

O melhor caminho era atravessar primeiro York, entrando pelo portão sul, por onde as crianças tinham passado com a multidão pela manhã. Para Thomas, foi muito difícil enfrentar a árvore avermelhada. O corpo da viúva Couchet ainda balançava, pendurado

no galho. Shannon cobriu os olhos do garoto e o empurrou depressa para a cidade.

Atingiram o lado norte após cruzar as ruas apinhadas de gente e alcançar o imenso portão de ferro. Além dele, uma antiga ponte de pedras e madeira era a única passagem sobre um rio de águas barrentas. A menina suspirou, ansiosa. Já dava para avistar a arquibancada de madeira.

O ar abafado tornou-se ainda pior com o sol quente. Shannon ia à frente, guiando Thomas entre dezenas de pessoas, carroças e animais que tomavam a ponte naquele momento. De repente, puxou-o para a esquerda, evitando que dois porcos o atropelassem.

— Meus porcos! — gritava uma mulher, presa entre o vai e vem de pessoas. — Alguém segure meus porcos!

Para continuar avançando, ela acertou sem querer uma cotovelada em uma adolescente. Esta perdeu o equilíbrio e soltou as galinhas que carregava pelas patas. Foi o suficiente para voarem penas em todas as direções. Um grupo barulhento de camponeses apareceu pela direita, espremendo Shannon e Thomas contra a mureta baixa.

— Cuidado ou irás cair no rio — avisou a menina após apertar-lhe a mão com mais força.

Os dedos de Thomas doeram, mas ele não se queixou. Queria chegar ao final da ponte o quanto antes. A barulheira era infernal. Um garoto alto, ao lado dele, tropeçou e quase caiu em cima de Shannon.

A situação, de súbito, tornou-se pior.

— Deixai o arcebispo De Angelis passar! — berrou um guarda que vinha a cavalo no sentido contrário.

Com um chicote, acertava quem ousasse ficar em seu caminho. O pânico aumentou o caos. Quando o homem passou, Thomas foi jogado sem querer para a frente. Seus cotovelos diminuíram o impacto da queda, o que protegeu o rosto contra o piso. Rapidamente, o menino colocou-se de pé, bem a tempo de ver as

patas de dois cavalos brancos, assustados com a aparição repentina, girarem sobre sua cabeça. Hipnotizado pela cena, ele não se mexeu. Os animais conduziam uma reluzente carruagem negra e fechada; o cocheiro não demorou a controlá-los. Ia atropelar Thomas se um puxão não o arrancasse da morte certa.

A carruagem voltou a avançar com dificuldade pela multidão e, a poucos passos de Thomas, novamente foi obrigada a parar. Agora era a vez de os porcos atrapalharem a passagem. Foi então que o menino viu o passageiro atrás do vidro das janelas. Seus olhos escuros e poderosos corriam de pessoa para pessoa, ao mesmo tempo que pareciam não notar ninguém.

O menino não foi capaz de desviar o olhar daquela criatura. Ela lhe inspirava um misto de pânico e ódio, um sentimento que não entendia. Do nada, uma dor violenta acertou-o. Suas mãos ardiavam em chamas.

Desesperado, o pequeno andarilho mergulhou na escuridão.

...

— Estás melhor? — perguntou Shannon, preocupada.

Thomas ergueu as pálpebras e demorou a se acostumar com a claridade do dia, que lhe parecia intensa demais. Estava longe da ponte, deitado à sombra de uma árvore. E não havia nenhuma marca de queimadura em suas mãos.

— Para mim, ele parece muito bem — disse uma voz rouca à esquerda.

Thomas reconheceu o garoto alto que, havia pouco, quase caíra em cima de Shannon. Ele devia ter uns dez anos. Os cabelos castanho-claros estavam presos num rabo de cavalo junto ao pescoço. O rosto tinha traços suaves, bem-feitos. O nariz era fino, o que realçava os olhos castanhos. Ele usava roupas boas e caras.

— Se não fosse por mim, estarias em pedaços! — garantiu o garoto com um sorriso. Fora ele quem, agilmente, livrara Thomas de ser esmagado pelos cavalos. — Agora devo ir. Preciso pensar numa boa desculpa para justificar minha demora.

— Nós te agradecemos, rapaz — disse a menina com um sorriso adorável.

— Reza por mim! Meu senhor é um sujeito bem nervoso... — disse, rindo, enquanto se afastava.

— Estás melhor? — repetiu Shannon. — O que te deu, afinal?

— Viste o homem dentro da carruagem? — perguntou Thomas, sentando-se devagar. A cabeça ainda doía.

— Todo mundo viu! Ele ficou lá, espiando a confusão que seus homens aprontaram, divertindo-se muito com nossa desgraça. Sabe quem é?

— Não.

— O garoto me contou que é o temido arcebispo Hugues De Angelis.

— Esse arcebispo... Ele me viu?

— Ver-te? Ora, Thomas, ele nem sabe que existimos!

O tumulto durara segundos que, para o garoto, pareceram horas. Após a dona dos porcos retirá-los do meio da ponte, o cocheiro conduziu a carruagem com a maior velocidade possível para dentro da cidade.

O garoto, pensativo, encostou a cabeça contra o tronco da árvore. Então, resolveu contar o que somente ele vira.

— Senti minhas mãos em chamas... Mas não aconteceu nada, não é? Achas que sou louco?

— Não, não acho — respondeu Shannon, escolhendo as palavras. — Acho que és diferente.

— E isso é ruim?

— Não sei. Às vezes teu comportamento me assusta, e não sei como te ajudar.

Thomas baixou a cabeça. Apenas um idiota poderia ter pesadelos tão malucos quanto os dele. A menina sorriu.

— Não penses nisso agora. Viemos aqui para ver os cavaleiros, lembra?

Ela apontou para o campo aberto, tomado por homens e seus cavalos, e para as tendas que, àquela distância, pareciam pontos minúsculos.

• • •

Shannon ficou fascinada ao assistir aos vários cavaleiros demonstrando seus melhores golpes. Alguns estavam a cavalo, acertando alvos de madeira. Outros brigavam entre si, a pé. Muitos riam, como se não passasse de pura brincadeira. Um ou outro provocava os adversários, numa tática que pretendia deixá-los ainda mais nervosos para o dia do torneio. Thomas anotava mentalmente cada detalhe: das pesadas armaduras de metal até os movimentos de cada guerreiro. “Como podem ser ágeis com todo aquele peso?”, raciocinava, intrigado. Os homens eram rápidos, equilibrando o corpo e medindo habilmente a força de cada golpe. As crianças permaneceram muito tempo acompanhando o treinamento.

— Nunca entrei numa tenda antes... — começou Shannon. — O que achas que tem lá dentro?

— Encrenca! — respondeu prontamente o garoto.

— Parece minha mãe falando.

Com um beicinho, ela largou o amigo para tomar a direção das tendas.

— É perigoso, Shannon.

— Se queres ficar, fica. Eu vou. Não tem perigo. Os cavaleiros vão treinar a tarde inteira.

Thomas olhou de novo para os cavaleiros. “É, ela está certa. Eles devem demorar...” Alcançou-a em segundos. Com cautela, os dois se

aproximaram de uma tenda branca e azul. À frente, um estandarte fincado no chão trazia uma rosa prateada. Um guarda, distraído, fumava um cigarro de palha. As crianças passaram rapidamente por ele e entraram.

O local, imenso, apresentava um tom majestoso. Havia poucos móveis, mas eles traziam detalhes em ouro esculpidos na madeira, o que revelava a riqueza do proprietário. A um canto, uma cama de madeira escura exibia um lençol de seda branco. Havia almofadas sobre ele. Ao lado, uma cômoda guardava várias peças de roupas caras. Sobre ela, descansava uma bacia grande e um jarro, ambos de ouro. As crianças, maravilhadas com tudo, chegaram perto da cama. Um punhal com cabo de marfim, junto a um escudo, estava sobre o lençol.

— Onde diabos está meu escudeiro? — gritou a voz de um homem no lado de fora da tenda.

Shannon e Thomas, assustados, entreolharam-se.

— Onde se meteu aquele garoto irresponsável? — continuou a voz, ameaçadoramente mais próxima.

Não havia tempo a perder. O garoto empurrou Shannon para debaixo da cama, jogando-se em seguida à sua esquerda. No mesmo instante, um cavaleiro enorme apareceu, pisando pesadamente os tapetes bordados. Largou a espada atrás de um baú e atirou o elmo perto da cama, quase em cima do rosto de Thomas. O menino descobriu, então, uma cara vermelha e perigosa, coroada por fios curtos, espetados e ruivos. O nariz gordo e largo era desproporcional ao queixo quadrado. Logo atrás dele, apareceu um jovem pajem, muito nervoso.

— Permita-me te ajudar, senhor.

— Onde está meu escudeiro? O lugar dele é comigo, aprendendo com meu treinamento, e não batendo perna pela cidade — rosnou o cavaleiro. Permitiu que o pajem lhe tirasse a longa cota de malha, várias placas metálicas amarradas ao corpo, luvas, um resistente gibão de couro e, por fim, uma camisa de linho.

Thomas surpreendeu-se com a quantidade de coisas que podiam existir entre um cavaleiro e a armadura. O homem ficou nu da cintura para cima. Seu corpo era peludo, coberto de fios tão ruivos quanto os cabelos. Fazendo barulho, sentou-se na cama para que o pajem pudesse retirar as esporas.

O pior aconteceu. Um dos pés, calçado por uma resistente bota de couro escuro, atingiu a mão de Shannon. Ela não conteve um grito de dor. De um salto, o cavaleiro se pôs em pé. A parte inferior da armadura, porém, pesou-lhe de forma desigual, o que lhe tirou o equilíbrio. Thomas saiu voando de baixo da cama, puxando Shannon com rapidez. Viu pelo canto do olho o momento em que o cavaleiro caiu de quatro no chão, com a boca escancarada.

— Malditos ladrões! — berrou.

Faltava pouco para cruzar a abertura da tenda. Foi nesse instante que o pajem chutou as pernas de Thomas, derrubou-o e jogou seu corpo sobre ele para imobilizá-lo. Shannon também não foi muito longe. Alertado pelos gritos do cavaleiro, o guarda conseguiu segurá-la.

Com bastante esforço, o cavaleiro levantou-se. Thomas foi arrastado para fora, junto de Shannon. O cavaleiro, espumando em fúria, também saiu da tenda.

— Imbecil, o que fazias aí? Dormias? — vociferou para o guarda.

Apavorado, o guarda desviou o olhar para o chão, temendo o pior. O mau humor de seu amo não se detinha em palavras rudes. Shannon, ao perceber que ele tremia, aproveitou a oportunidade. Seus dentinhos pontiagudos agarraram-lhe com vontade a mão, que automaticamente a libertou. Ágil, ela começou a correr.

— Pegai a maldita criança! — mandou o cavaleiro, girando os braços no ar.

Shannon não se afastou muito. Sabina, desesperada, vinha até ela. Thomas sentiu o coração na garganta. Mãe e filha abraçaram-se.

— Minha espada! Onde está minha espada?

— Para que queres tua espada, sr. De Larc? — perguntou uma voz conhecida.

No lado oposto ao de Thomas, o garoto elegante que lhe salvara a vida caminhava tranquilamente até o grupo.

— Quero que pegues minha espada! — ordenou-lhe o cavaleiro. — Afinal, és ou não és meu escudeiro?

Rouen De Larc era um dos homens mais poderosos do reino. Guerreiro corajoso e campeão do rei, era temido pelo gênio endiabrado e pela espada implacável.

— Pretendes usar tua nobre espada contra esta gente? — duvidou o garoto. Seus olhos divertiam-se com a situação.

— Deves me obedecer, Vince De Angelis! Teu tio me confiou tua educação e tu não podes...

— Questionar tuas ordens? Ora, meu caro senhor, só gostaria de entender o que move tua atitude — argumentou o garoto, irônico. — Sabes, minha educação de cavaleiro deve ser completa. Para isso, preciso entender cada detalhe à minha volta.

Preocupada, Sabina olhava para Thomas, preso pelas mãos do pajem. Ao notar que o garoto recém-chegado parecia ganhar tempo, ela deixou Shannon para se ajoelhar diante de Rouen De Larc.

— Senhor, eu só peço piedade!

Ao se virar, Rouen quase trombou com a mulher e, por um triz, não perdeu outra vez o equilíbrio. Vince cobriu a boca com uma das mãos para abafar uma risada. Foi o suficiente para atizar o temperamento violento do cavaleiro ruivo.

— Guarda! — gritou. — Vai buscar minha espada!

O guarda disparou para o interior da tenda. Sabina desesperou-se ainda mais e quase agarrou as pernas de Rouen para detê-lo.

— Meu senhor, por favor, tenha piedade! — implorou ela, chorando.

Thomas viu a morte nos olhos de Rouen. Sabina, com sua teimosia, morreria junto com ele. Shannon, a alguns metros de distância, teria alguma chance se fugisse naquele minuto, mas a

garota não saía do lugar. “Tudo culpa minha”, dizia seu rosto transtornado. Na tenda, o guarda ainda procurava pela espada.

— Talvez queira usar a minha espada, sr. De Larc... — disse uma voz forte atrás de Thomas.

— Ora, Mark De Durham, não devias te meter em assuntos que não te dizem respeito! — dispensou o enfurecido Rouen.

A situação ridícula parecia não ter fim. Para o cavaleiro, cortar algumas cabeças era a melhor solução para qualquer problema. E aquele estava ficando muito complicado para a sua esquentada cabeça ruiva.

— Se me perdoas a franqueza, o jovem sr. De Angelis está correto — continuou o outro cavaleiro. — Uma espada magnífica como a tua pertence à glória de nosso rei, para combater nossos inimigos.

Thomas só conseguiu enxergar Mark De Durham quando esse passou à sua frente. Montado em um imponente cavalo negro, o homem gastara horas treinando em campo aberto, como provava sua armadura salpicada de barro. A cabeça, sem o elmo, mostrava um rosto duro, marcado por muitas batalhas. Mark era calvo, mas havia fios brancos e dourados cortados rente às orelhas.

— Demonstras muito interesse por estes ladrões — comentou Rouen, forçando uma calma aparente para enganar o eterno rival.

— E o que eles roubaram? — perguntou Mark.

O cavaleiro ruivo virou-se para o escudeiro. Vince parecia mais interessado no voo de dois pássaros que brincavam, alheios a tudo, entre os galhos de uma árvore ao fundo da tenda. Para piorar, o guarda não dava sinais de ter encontrado a espada.

— Se te importas tanto com eles... — gritou Rouen para Mark. — Então que fiquem contigo!

Neste instante, o guarda, sorridente, apareceu com a arma. Com um pontapé, Rouen empurrou-o e retornou para a tenda. O pajem soltou Thomas e correu atrás do amo. Vince sorriu para Shannon, apavorada demais para agradecer.

— Devo auxiliar meu nobre professor — lamentou o garoto, entediado.

— Eu teria o maior prazer em treiná-lo, sr. De Angelis — disse Mark, fazendo uma reverência com a cabeça para o escudeiro. Ou melhor, para o sobrinho do arcebispo Hugues De Angelis.

— Meu tio não gosta de ti, sr. De Durham — respondeu o garoto, dando de ombros. — Uma pena! Para mim, és o melhor guerreiro do reino, apesar de estares velho. Mas o serás até o rei Arnon me nomear cavaleiro. Então, desse dia em diante, eu serei o melhor.

Despreocupado, o garoto também entrou na tenda. Sabina abraçou Thomas com medo de que o menino escapasse outra vez.

— Sai daqui o mais rápido possível, andarilha — sugeriu Mark. — Rouen De Larc não tem piedade no coração. Há quem acredite que tampouco tenha coração.

Sem esperar qualquer comentário ou agradecimento, deu meia-volta e sumiu de vista.

CAPÍTULO 2

Monastério

A primavera continuou terrivelmente quente e abafada. Thomas passou os três dias de torneio confinado no acampamento dos andarilhos. De nada adiantou Shannon argumentar com Sabina, assumindo a culpa pelo *acidente*, como a menina batizou a confusão com Rouen De Larc. A mãe, apesar de não contar a história ao marido — e assim poupar Thomas de uma nova surra —, achou que as crianças mereciam um bom castigo. A filha ficou proibida de montar a cavalo por vários dias, uma brincadeira que ela amava. Já Thomas ganhou a responsabilidade de ajudar Tuc, o velho que vivia cochilando encostado à sua carroça, e a mãe dos gêmeos, Narcisa, a tomarem conta do acampamento enquanto o restante dos andarilhos mostrava seus talentos circenses à multidão que invadiu York para o torneio.

Tuc ainda insistiu com Thomas que ele acompanhasse a festa do alto do precipício, mas o garoto preferiu seguir fielmente as ordens de Sabina. Sentia um peso imenso na consciência. A andarilha não merecia ser magoada. E era ainda muito doloroso se lembrar do desespero dela, ajoelhada aos pés do cavaleiro ruivo, implorando pela vida de Thomas.

Ao contrário do que o menino esperava, os dias voaram. Sem ter o que fazer, passava horas treinando malabarismo equilibrado numa corda esticada entre dois carroções, uma especialidade de Tuc até que a velhice o impedira de se apresentar. O menino adorava fazer estripulias, pulando ou simplesmente tirando toda a vantagem possível de sua leveza. Tuc ensinava-lhe muitos segredos e o garoto aproveitava ao máximo cada momento de atenção. O velho era o único dos andarilhos, além de Sabina e Shannon, que se preocupava

com ele. Em geral, Thomas era solenemente ignorado. Até os pangarés recebiam tratamento melhor. De certa forma, o menino já se acostumara com o desprezo. Isso era mais fácil de suportar do que as provocações dos gêmeos ou os comentários maldosos sobre ele e sua mãe ladra.

De York, os andarilhos seguiram para o leste. Haveria um grande casamento na região central, um evento que reuniria vários nobres e, conforme diziam, até o rei. Era assim a vida dos andarilhos. Nômades, corriam atrás de festas e torneios, levando alegria ao povo em troca de moedas. Aos sete anos, Thomas já conhecia todas as cidades importantes — e outras nem tanto — da Grande Ilha de Britanya. Seu grupo era pobre e ainda não tivera condições de se apresentar para o povo da Ilha Média, a oeste, ou tampouco atravessar o mar para as Terras Ermas, até os limites do reino. Poucos eram os que tinham coragem de realizar a travessia. Além das terras de Britanya, moravam povos bárbaros e pagãos, sempre dispostos a invadir as possessões mantidas pelos cavaleiros do rei Arnon e suas tropas.

Thomas sempre se perguntava por que os bárbaros tinham tanto interesse em conquistar seu mundo. O povo era miserável, atolado em superstições. Não conhecia o poder das letras, o mesmo poder que o menino descobrira em seu antigo livro de capa azul. As pessoas simplesmente seguiam a orientação dos nobres — estes sim, proprietários das terras e senhores de riquezas — e dos padres, homens detentores de todo o conhecimento. E tudo começara havia muito tempo, como se contava, com a volta do rei Arthur e seus cavaleiros. Ele libertara o povo da escuridão e o guiara para a Grande Ilha, o que dera início ao futuro reino de Britanya. Castelos e cidades haviam sido erguidos, e os campos, arados. O período de caos tinha, finalmente, encontrado fim. Arnon descendia do poderoso Arthur, assim como os nobres que perpetuavam a linhagem dos cavaleiros do primeiro rei.

“Por que tanta miséria?”, pensou Thomas, sentado num dos carroções que venciam com dificuldade uma estrada lamacenta. Os andarilhos ultrapassavam uma família pobre que levava crianças sujas e maltrapilhas à procura de uma vida melhor em outras regiões do reino. “Por que o mundo tem que ser assim?”

• • •

Numa madrugada, ainda na primavera, Thomas acordou ao sentir o braço esquerdo amortecido. Sacudiu-o lentamente, tentando recuperar o controle sobre ele. Graças ao calor, os andarilhos dormiam ao relento, fora dos carroções. Estavam espalhados em torno de uma fogueira. Thomas apurou os ouvidos ao descobrir que Jon e Sabina, deitados perto dele, conversavam baixinho.

— Finalmente concordaste comigo, Sabina — cochichou Jon sem esconder a satisfação.

— Não pelos teus motivos — respondeu a esposa. — Quero apenas o melhor para ele.

Thomas procurou não se mexer mais. Sabia a quem os dois se referiam.

— Já devias ter enviado o garoto ao Monastério há muito tempo. Como está, ele coloca em risco nossas vidas.

— Ele é só uma criança, Jon.

— Uma criança bem diferente das outras, não podes negar. Ele decifrou sozinho os traços daquele livro, o que é proibido ao povo, sabes disso. É mais inteligente do que as crianças que já vi nesta minha pobre vida. Thomas fala como um adulto, mas só tem sete anos. Ele é perigoso para nossa gente.

Thomas não ousou respirar. Nunca ouvira Jon falar tão bem dele, apesar das outras palavras que o classificavam como uma criatura a ser evitada a todo custo pela sábia humanidade.

— Penso que o diabo sussurra-lhe ao ouvido — continuou o adulto. — Acredito que o melhor para o garoto é ir ter com os monges. Eles são homens de Deus. Saberão orientá-lo melhor do que nós.

Sabina continuou em silêncio. Jon finalmente a convencera.

...

Demorou muito para Sabina contar a Thomas sobre o destino que o aguardava. A primavera passou, assim como o verão. No início do outono, o garoto recebeu de cabeça baixa os motivos que a levaram a tomar a decisão de afastá-lo do grupo.

— Será melhor para ti — murmurou ela, procurando disfarçar a tristeza. — Meu irmão Michel cuidará de ti. Já te falei sobre ele, um monge que vive há muitos anos no Monastério das Terras Ermas. Meu pai deixou-o lá quando ele era criança e estava muito doente. Os monges cuidaram dele e, desde então, meu irmão dedica a vida a Deus.

Thomas escutou tudo em silêncio. E não disse uma palavra sobre o assunto depois daquele dia. Estava extremamente magoado, triste demais para qualquer reação. Sabina era a única mãe que conhecera e ela o mandava para longe, talvez para sempre. Longe de Shannon, longe do velho Tuc.

Foi em silêncio que Thomas partiu com Jon, numa manhã de céu claro. As lágrimas corriam por seu rosto. Jon caminhava depressa, tão feliz que nem reparava que o garoto mal conseguia acompanhar seus passos. Antes de sumir na curva da estrada de terra, Thomas olhou para trás. Shannon soluçava, agarrada à mãe. Tuc, apoiado na bengala, acenava para ele. Procurava sorrir. O garoto sentiu um frio

percorrer-lhe o corpo e, assustado, pressentiu que nunca mais veria o bondoso equilibrista.

• • •

Foram vários dias de viagem até as Terras Ermas. Jon tinha pressa. Um líder não podia deixar seu grupo sozinho por muito tempo e sabia quanto estava perdendo naquela viagem. Os dois praticamente não conversavam.

Chovia muito quando atravessaram o mar em um barco de carga que transportava animais para o outro lado de Britanya.

— Esta carona caiu do céu! — comentou Jon para si, tamborilando os dedos na amurada.

Os dois, protegidos por suas capas, estavam no lado descoberto da embarcação, espremidos entre várias gaiolas repletas de galinhas. A chuva caía pesadamente. Apesar do nevoeiro, Thomas pôde ver os imensos rochedos brancos da Grande Ilha, que se afastavam aos poucos.

— Evitai a floresta — aconselhou o barqueiro assim que chegaram às Terras Ermas após um dia inteiro de travessia. — É melhor seguir a estrada de pedra que a contorna. Tomai cuidado, os lupus andam ferozes. Falta comida para todos, até para eles...

Thomas prestou atenção. Curioso, ia abrir a boca para perguntar o que eram os lupus, mas desistiu quando Jon, com sua habitual cara amarrada, agradeceu a gentileza do barqueiro e enxotou o garoto para terra firme. Também não sabia que tipo de animal poderia ser aquele, porém resolveu não arriscar a pele para descobrir. Pelo tom do barqueiro, pareciam terríveis.

Seguir pela estrada custou dias a mais de viagem. O tempo também não ajudou. Choveu durante boa parte da jornada, o que dificultou a caminhada feita quase sem pausas.

Na manhã do quinto dia, Thomas avistou, do alto de um rochedo, um cenário intrigante. À sua frente, o mar debatia-se, agitado, à espera da chuva que ainda não viera. Algumas gaivotas sobrevoavam o céu, às vezes mergulhando na água em busca de comida. No meio do mar, uma minúscula ilha brotava das águas nervosas. Na verdade, parecia mais um rochedo solitário, protegido pelo mar. As pedras eram negras, imponentes. No alto, havia uma construção, também de pedras escuras. “O Monastério”, constatou Thomas. Só então a chuva reapareceu tímida, fazendo o nevoeiro cobrir parcialmente a ilha. “Um bom lugar para se esconder do mundo.”

Jon, impaciente, empurrou-o para uma trilha íngreme que conduzia os viajantes até uma praia de areia grossa. Ele também ficara impressionado com a visão do lugar. No entanto, tinha pressa, não podia ficar parado com aquele moleque perigoso por perto.

Não foi fácil localizar a canoa, deixada junto a umas pedras para quem precisasse ir até o Monastério. O mar agitado não assustou o líder andarilho. Uma hora depois, ainda lutava para amarrar a canoa no atracadouro, oculto entre os rochedos. A chuva parou e o sol criou coragem para brilhar atrás das nuvens cinzentas.

— Anda logo, moleque! — resmungou Jon, obrigando Thomas a desembarcar.

Os dois subiram por um caminho estreito, cercado por árvores bem cuidadas, até o Monastério. O garoto descobriu vestígios de antigas construções ao redor, cobertas pela vegetação. Ali, havia muito tempo, existira um povoado. Em Britanya, não se viam ruínas...

— Tu és mesmo mole, hein? — retrucou Jon, já na metade do trajeto.

O menino correu até ele. Seu corpo inteiro doía de cansaço. “Se eu chegar morto, melhor para Jon”, pensou, irritado. Após alguns minutos, encontraram um imenso portão de metal. O líder andarilho criou coragem para tocar o sino e anunciar sua presença. Foi

atendido por um monge idoso, de cabelos totalmente brancos, que abriu o portão após saber quem eles vinham visitar.

Os três atravessaram o enorme pátio da entrada. Thomas esticou o pescoço, olhando para cima. O Monastério possuía vários andares, dispostos de forma irregular, como se a construção tivesse sido erguida sobre outras, aproveitando-se paredes e lajes antigas. Contou duas torres à esquerda e uma à direita, mas não soube calcular o tamanho exato do edifício. Parecia imenso agora, visto de dentro de suas muralhas. Ao centro, uma torre se elevava de modo impressionante. Dentro dela, o garoto teve a impressão de ver um pesado sino de cobre. “A igreja”, concluiu. O vento trazia o forte cheiro do mar e o barulho das ondas se arrebatando contra a ilha. Os sons das gaivotas soaram distantes.

Os andarilhos não passaram pela porta principal. Foram desviados para uma passagem secundária, à direita. O estômago vazio de Jon cobiou as frutas penduradas nas árvores de um singelo jardim, espremido entre duas paredes de pedra. Havia bancos de madeira dispostos em um semicírculo. O monge continuou a guiá-los até uma cozinha ampla e arejada. Um aroma delicioso de comida vinha do lugar, o que deixou Thomas tonto. Há muito não se alimentava. Jon engoliu em seco. Em um canto do aposento, um monge corpulento, aparentando ter uns trinta anos, descascava uma pilha de batatas. Estava cercado por legumes e verduras de vários tipos, alguns desconhecidos para o garoto. Um fogão acolhedor, alimentado por pedaços grossos de carvão, esquentava duas panelas gigantes. Distráido, o monge só percebeu a presença dos visitantes quando o chamaram pela segunda vez.

— Irmão Michel, estes são teus parentes e vieram de muito longe, da Grande Ilha.

Michel fitou-os através da pilha de batatas, ajeitando um par de óculos de aro grosso. Thomas conhecera, uma vez, um comerciante de vinhos que também usava óculos. Sabia o quanto o objeto era raro e, principalmente, caro.

— Parentes?! — repetiu Michel, incrédulo.

— Sou marido de Sabina, tua irmã — adiantou-se Jon. — E este...
— hesitou, indicando o garoto. — Este é um menino que Sabina tomou a seus cuidados.

O monge levantou-se num impulso só, o que deixou Thomas admirado com sua agilidade.

— Claro, claro! Sabina, minha irmãzinha! Ela era apenas uma menininha no dia em que parti da Grande Ilha — disse Michel, ao mesmo tempo que abraçava calorosamente Jon e Thomas. — Sentai-vos, por favor! Estais com fome, não? A viagem deve ter sido penosa, ainda mais com este tempo horrível...

Agradeceu ao monge idoso, que se retirou da cozinha. Depois, encaminhou os andarilhos para um banco de madeira, encostado à mesa. Com um dos braços, afastou os vegetais e, com o outro, colocou dois pratos fundos, copos, colheres, pães frescos e uma garrafa de vinho para os convidados. Fez tudo isso com uma rapidez incrível, enquanto pedia notícias da irmã, do grupo de andarilhos e descobria a existência de uma sobrinha chamada Shannon.

Uma sopa logo fumegou no prato de Thomas. O menino, com cautela, mergulhou a colher naquela maravilha cremosa. Um sabor divino, como nunca havia provado antes, encheu-lhe a boca. Jon devorava sua porção, aproveitava cada gole do vinho e ainda contava o motivo da viagem, tudo ao mesmo tempo.

— Então ele aprendeu a ler sozinho? — perguntou Michel, colocando os óculos na ponta do nariz para avaliar melhor o menino.

— Sim, ele é muito inteligente — respondeu Jon, com a boca cheia. — Sabina e eu achamos que seria bem aproveitado aqui, no Monastério.

Michel continuou observando Thomas. O garoto não desviou o olhar do monge que se parecia tanto com a irmã. Era moreno, com cabelos negros e rosto redondo. Também não era alto. De pé, sua cabeça mal alcançava o ombro de Jon.

— Pedirei ao abade que converse com o menino — aceitou Michel. E meneou a cabeça assim que Jon abriu um sorriso triunfante. — Não te animes, meu cunhado. Todo ano recebemos a visita de vários meninos atrás de uma vaga. Nosso abade é muito rígido. E olha que são crianças de famílias nobres, com pais dispostos a doar riquezas ao Monastério em troca de nosso acolhimento. Muitas sabem ler e até escrever. A grande maioria é rejeitada.

Jon quase engasgou com a colher que atacava seu terceiro prato de sopa. Ele não tinha nada a oferecer, nem riquezas, nem um garoto tão inteligente como deveriam ser os filhos dos nobres. “Então tenho uma chance de voltar para os andarilhos”, sorriu Thomas. Não precisou espiar Jon para saber o que ele pensava. “Se falhares, vou te afogar no mar, moleque!”, dizia claramente seu olhar ameaçador.

• • •

Quando Thomas acabou de tomar a sopa — o que durou uma eternidade para Jon —, Michel conduziu-o por um longo corredor vazio. O interior do Monastério mostrava a simplicidade da vida daqueles homens. Quase não havia móveis ou tapeçarias. As janelas estreitas ficavam no alto, o que realçava a penumbra que envolvia o ambiente. Alguns castiçais lutavam para impor alguma luminosidade. Os olhos do garoto arderam ao passar por outro corredor, desta vez aberto, que terminava em um pátio ao ar livre. O sol estava alto e as nuvens cinzentas abriam espaço para a claridade do dia. No jardim central, jorrava água de uma fonte de pedras brancas. O monge e o garoto, enfim, chegaram a um gabinete, protegido por uma pesada porta de carvalho.

— Entra e espera por meu mestre, rapaz — sussurrou Michel, antes de se afastar, como se tivesse medo de quebrar o silêncio ao

redor.

Thomas inspirou muito ar, empurrou a porta e deu alguns passos até parar diante de uma mesa tosca, com duas cadeiras. À direita, havia uma estante que fez o menino perder o fôlego por alguns segundos. Nunca vira tantos livros! Passou pela mesa e por várias moedas de ouro espalhadas sobre ela, estendendo a mão para os livros. Porém, não os tocou. Pela primeira vez, sentiu-se tentado a abandonar a ideia de viver com Sabina.

Leu em voz baixa os títulos de cada um dos livros e, desapontado, descobriu que nenhum deles parecia ter histórias sobre dragões e guerreiros valentes, como aquele de capa azul que pertencera à sua mãe.

Thomas permaneceu muito tempo ali, lutando contra a tentação de manusear páginas e páginas de conhecimento. Por fim, sua atenção foi desviada para um espelho oval, fixado na parede. Intrigado, esticou o braço para tocar a superfície brilhante. Interrompeu o movimento quando ouviu a porta se abrir atrás dele. Virou-se para enfrentar o abade.

Apesar daqueles dias cinzentos de outono ainda não serem tão frios, o homem alto e muito magro vestia uma grossa túnica de lã. Ele lançou um olhar rápido para a mesa, como se contasse as moedas sobre ela. “Era um teste para saber se sou um ladrão”, deduziu o garoto, contrariado. “Perdi uma ótima oportunidade para sair deste lugar. Era só pegar uma moeda e agora já estaria desamarrando a canoa lá embaixo...”

— Boa tarde. Sou mestre Dines — disse o abade após indicar-lhe uma cadeira. Sua voz soava anasalada, estranha para os ouvidos do menino.

Ele obedeceu. Dines acomodou-se na cadeira do outro lado da mesa. Os dois ficaram algum tempo parados, avaliando-se mutuamente. Thomas não conseguia estimar uma idade para ele. Parecia jovem e, ao mesmo tempo, velho. Era careca e tinha um rosto fino, com olhos verdes frios e penetrantes.

— O irmão Michel me contou que sabes ler. Escreves também?

Thomas endireitou as costas. Piscou para evitar o torpor que começava a invadi-lo.

— Queres saber se sei copiar os traços na terra? — perguntou, calculando bem as palavras.

— Sim. Também quero saber se crias tuas próprias palavras. Se formas frases, entendes?

— Tentei algumas vezes, mas é difícil.

— Michel me disse que aprendeste a ler em um livro. Sabes que esse objeto é proibido para o povo?

— Por que me fazes perguntas se já sabes as respostas? — retrucou o menino, começando a se aborrecer com o interrogatório.

Jon contara a Michel que o livro pertencera à mãe de Thomas, uma conhecida de Sabina que morrera após o parto. E que os andarilhos não sabiam nada sobre ela. Claro que o fato de a mãe do garoto ser uma ladra fora estrategicamente omitido. Não houvera nenhum comentário sobre a Noite dos Mortos ou sobre o temperamento esquisito do garoto.

O abade não respondeu. Continuou fitando Thomas com frieza. “Ele não vai me aceitar”, apostou o menino, deixando a esperança avançar em seu coração. Estava tudo bem planejado em sua mente. Escaparia de Jon na primeira oportunidade e alcançaria Sabina e Shannon assim que desse. Não tinha mais medo de surras. Só queria ficar com a única família que conhecia.

Dines parecia acompanhar seus pensamentos. De repente, sorriu.

— Queres me perguntar alguma coisa?

Thomas mordeu os lábios, confuso. Todo o seu corpo pressentia que ele estava prestes a cair numa armadilha. Uma armadilha sem volta. Havia, entretanto, uma coisa que o incomodava na sala.

— Aquele espelho... — disse, devagar, tomando o cuidado de não piscar ou desviar o olhar do abade. — O que ele é, na realidade?

— O que queres dizer? É apenas um espelho...

— Não é, não.

— E o que achas que é?

Dines apoiou os cotovelos na mesa, sério. Thomas não se intimidou.

— Não sei o que é. Só sei que não é o que tu desejas que ele pareça.

Para seu espanto, o abade caiu na gargalhada. Riu gostosamente, jogando as costas contra a cadeira. Atônito, Thomas cruzou os braços e abaixou a cabeça. Sentia-se um completo tolo, como sempre acontecia quando lia os sinais de sua intuição.

— Tens razão, Thomas — disse o abade após controlar o riso. — Na maioria das vezes, nem tudo é o que parece ser. Agora, vai até a cozinha e diz adeus ao andarilho. O irmão Michel irá te explicar as regras que adotamos no Monastério. Ficarás conosco.

Um misto de medo, tristeza e satisfação apertou o peito do garoto. Não queria morar naquele lugar, porém uma ponta de seu espírito avisava que seria uma aventura muito interessante. O menino levantou-se e saiu da sala, sem coragem de olhar para trás.

Ainda demoraria alguns anos para descobrir a verdadeira função daquele espelho.

• • •

— Aqui, tomamos banhos todos os dias — começou Michel, logo depois que Jon cruzou a porta da cozinha, feliz da vida em abandonar Thomas e o Monastério.

O menino lutava contra a vontade intensa de fugir dali, alcançá-lo e implorar para ter a antiga vida de volta. Preocupado com essa possibilidade, Michel tratou de arrastá-lo gentilmente para outro lugar. Antes, pediu que dois jovens monges cuidassem da enorme quantidade de louça suja que denunciava que todos os moradores do Monastério já haviam almoçado.

O garoto foi conduzido para um quarto amplo, com janelas altas. Havia uma grande tina de madeira, que Michel encheu de água quente. A seguir, despejou algumas gotas de um líquido colorido, o que encheu o ambiente com um agradável cheiro de lavanda.

— Tira a roupa e entra, filho — disse o monge, virando-se para mexer nas prateleiras de um armário velho.

Thomas nunca tinha se lavado daquele jeito. Na verdade, tomar banho não era um hábito comum para o povo, apesar de aceito entre a nobreza e o clero. Sempre que podia, o menino brincava em rios e lagos. Simplesmente adorava água. Tirou as botas, as meias, a capa, o blusão imenso e a camisa rasgada. Com cuidado, colocou o cordão com a pedra opaca próximo à tina, escondendo-o do monge. Hesitou na hora de desamarrar a calça comprida marrom, envergonhado pela possibilidade de ficar nu.

Michel, carregando duas toalhas limpas, voltou-se para ele. De repente, parou, surpreso. Sua expressão ficou séria e, depois, muito triste.

— Quem batia em ti, filho? — perguntou, com os olhos úmidos. Descobria, chocado, os vários hematomas espalhados pelo corpo de Thomas.

— Ninguém — mentiu o menino. — Eu caí.

— Quem, em nome de Deus, tem coragem de fazer isso a uma criança? — murmurou o monge, sem prestar atenção às palavras de Thomas. Depois, recompondo-se, notou o quanto ele se sentia constrangido em tirar toda a roupa. — Ora, se tens vergonha, fico de costas para ti. Está bem assim?

Thomas, ágil, livrou-se da calça e deslizou com prazer para a água quente. As gotas de lavanda tinham produzido uma espuma espessa sobre a superfície. Michel aproximou-se e, com mãos hábeis, começou a esfregar sua cabeça e as orelhas.

— Quanta sujeira! — exclamava, a todo instante. O garoto engoliu espuma várias vezes. Quando pensou que o banho tinha acabado, Michel pegou uma escova e passou a esfregar com vigor

as unhas dos pés e das mãos. — Tu comes unha, hein? Vê como teus dedos estão ficando grosseiros?

— Irmão Michel, tenho uma dúvida... — arriscou Thomas, tirando mais uma porção de espuma da boca. — Contaste-me que os monges daqui tomam banho todos os dias, certo?

— É um hábito que só nos traz saúde.

— Quando cheguei, passei por jardins bem tratados. E havia fartura de legumes e verduras em tua cozinha. Tudo isto pede uma enorme quantidade de água. Se estamos cercados pelo mar, de onde vem essa água doce?

— Transformamos água salgada em doce, filho — esclareceu o monge, parando a escovação por um minuto. — Esse processo é um segredo nosso. Com o tempo, descobrirás muitas coisas sobre o Monastério. E gostarás tanto daqui quanto eu.

Thomas nunca mais reencontrou suas roupas velhas, nem o par de botas de Shannon. Ele vestiu uma camisa de linho branca, uma calça comprida escura e, por cima, uma túnica cinza, que prendeu com um cinto de couro. As peças estavam um pouco grandes. Não eram novas — talvez tivessem pertencido a algum garoto antes dele —, mas estavam limpas e perfumadas. O menino escondeu a pedra opaca sob a roupa sem que Michel percebesse. Um confortável par de botas usadas serviu perfeitamente em seus pés. O monge examinou-o, satisfeito, como se admirasse sua obra-prima. Também cortara os cabelos do garoto, deixando-os curtos. Os fios ondulados e escuros, no entanto, não se renderam ao pente e já estavam embaraçados outra vez.

— Teus cabelos são como teu espírito — conformou-se o homem.

— Como assim? — perguntou Thomas, curioso.

— Eles sonham com a liberdade...

...

As regras no Monastério eram simples. Mestre Dines tinha autoridade absoluta no local. Distribuía tarefas e responsabilidades, sem agir de forma autoritária. Havia o grupo de copistas, que passava horas reproduzindo textos antigos. Outros cuidavam da igreja, rezando e meditando também durante boa parte do dia. Existiam ainda os carpinteiros, pedreiros e outros artesãos, além dos monges que cuidavam da limpeza, da lavanderia, do estábulo, da granja e dos jardins, entre várias atividades.

Michel era responsável pela cozinha e contava com o auxílio de dois jovens. Mas a verdadeira paixão do irmão de Sabina era a horta. Ciumento, não deixava ninguém ajudá-lo a cuidar das suas verduras e legumes. Apesar disso, permitiu que Thomas o acompanhasse nas várias horas que gastava remexendo a terra cultivada, ensinando tudo o que sabia sobre os vegetais. O garoto ficou mais interessado nas ervas que o adulto mantinha numa estufa. Fazia perguntas detalhadas, descobrindo propriedades específicas de cada uma. E Michel era um professor paciente, que logo descobriu que seu ajudante tinha um talento especial.

— Percebes como elas gostam de ti? — dizia, contente em observar como as plantas que estavam sob os cuidados de Thomas cresciam mais fortes e bonitas.

Além do trabalho na horta, na estufa e na cozinha, o garoto tinha mais duas obrigações. Acompanhava com os monges a missa diária logo que o dia nascia — uma hora em que, geralmente, cochilava num canto, encostado contra a parede da igreja — e aprendia a ler e escrever corretamente com o irmão Augustus, o monge idoso que o recebera no portão. Se cumprisse corretamente suas tarefas, ganhava horas livres para brincar.

— És uma criança! — justificava Michel. — Mestre Dines sempre nos diz que uma criança que brinca se torna um adulto criativo.

Contudo, não havia outras crianças para brincar. Invariavelmente, as horas livres eram solitárias, e Thomas muitas vezes as utilizava para escalar as muralhas do Monastério. A visão lá de cima era

fantástica. A face sul da ilha mostrava a vastidão das Terras Ermas. À sua frente, uma floresta fechada, de aspecto sinistro, estendia-se por vários quilômetros. Uma cordilheira distante parecia ser o limite do mundo. Havia ainda a estrada de pedra, a mesma que ele e Jon haviam percorrido. Ela seguia em uma grande volta ao contornar a floresta. Não era possível ver onde começava ou terminava. Já a face norte da ilha dava para o mar. Thomas gostava de imaginar que o vento trazia notícias da Grande Ilha, do lugar onde os andarilhos estariam naquele momento. Era comum avistar imensos animais marinhos, cuspidos água do alto de suas cabeças. Outros, mais leves, pulavam e mergulhavam felizes no mar. Muitas aves diferentes, além das gaivotas, atravessavam o céu.

Já era final de outubro, e Thomas começou a se preocupar. A Noite dos Mortos estava próxima. Na Grande Ilha, as pessoas costumavam rezar durante o dia inteiro nas igrejas, implorando proteção contra os espíritos malignos que, segundo se dizia, apareciam apenas naquela noite do ano. Thomas nunca vira nenhum, mas 31 de outubro era terrível para ele por outro motivo. Os andarilhos ficavam sempre distantes de qualquer igreja para se esconder. Passavam a noite trancados nos carroções, apavorados demais com os sons trazidos pela escuridão. O garoto era hostilizado e responsabilizado por todo o mal existente no mundo. Afinal, nascera numa noite como aquela, cheia de medo e terror. Mesmo sem ter conhecido sua mãe, Thomas sofria com a morte dela. E a dor aumentava na Noite dos Mortos.

— Thomas, desce daí, pelo amor de Deus! — gritou Michel, apavorado. — Podes quebrar teu pescoço!

O garoto olhou para baixo e o viu gesticulando, desesperado. O monge acabava de descobrir como seu ajudante usava o tempo

livre. Thomas torceu o nariz, mas refez o caminho para retornar ao solo.

...

A Noite dos Mortos chegou e passou, como uma noite qualquer. Os monges não se preocuparam com ela. A rotina tampouco foi alterada. Pela primeira vez em sua vida, Thomas passou um aniversário tranquilo. A dor no peito continuou a atormentá-lo, mas numa dimensão menor. O clima tornou-se ainda mais frio nos primeiros dias de novembro. Como chovia com frequência, as pedras das muralhas ficavam escorregadias na maior parte dos dias. Thomas, então, sentia-se preso ao chão. Além disso, Michel parecia vigiá-lo. O garoto estava proibido de escalar torres, muralhas ou qualquer lugar alto que existisse naquela ilha.

— Tu não és um passarinho — queixava-se o monge, ameaçando contar a “travessura” a Mestre Dines.

A solução foi começar a explorar outros locais. O garoto passou a encher os monges de perguntas, querendo saciar a curiosidade sobre os mais diversos assuntos que envolviam o Monastério. Tentava saber detalhes da obtenção da água doce, do sistema de encanamentos — que ele nunca vira antes em lugar nenhum —, do trabalho dos artesãos, da fabricação do vinho... Não demorou a descobrir que o lugar estava cheio de passagens subterrâneas, entradas e saídas pouco utilizadas. Fuçava em cada canto, esperando encontrar alguma coisa interessante.

Foi numa destas aventuras que, um dia, conseguiu entrar na gigantesca biblioteca do Monastério, onde sua presença era proibida. De acordo com os argumentos do irmão Augustus, o garoto ainda não tinha idade suficiente para acompanhar o trabalho dos copistas que se espalhavam com seus cavaletes e pranchetas próximos a janelas enormes, de vidro, voltadas para o oceano.

Thomas encontrou uma brecha entre duas paredes em um corredor deserto e escapuliu como um rato para remexer as inúmeras estantes, abarrotadas de livros. Era arriscado demais ir à biblioteca durante o dia, com os copistas por perto. Então, esperava anoitecer e, quando ouvia Michel roncando na cela ao lado da sua, ia direto para os livros, circulando tranquilamente pela escuridão que já conhecia bem. Só acendia uma vela na hora de escolher qual seria a leitura da noite.

No momento, estava interessado em um livro de capa dura, repleto de imagens. Não eram desenhos ou pinturas. Pareciam tiradas direto da realidade, de tão perfeitas que eram as reproduções. As imagens traziam tipos de pessoas que ele nunca encontrara antes. Algumas tinham a pele negra. Outras eram claras, com olhos puxados e cabelos lisos e negros. Havia homens, mulheres e crianças em cidades que nunca imaginara existir. O garoto não conseguia identificar as letras que pertenciam a uma língua desconhecida.

Após um sobressalto, apagou a chama. Ouvira passos entre algumas estantes adiante. “Demorei muito aqui. Já deve passar de meia-noite.” O menino deslizou para o chão, entre uma estante e outra, ao sentir que um vulto se aproximava. Os pés passaram por ele e sumiram de repente. Thomas hesitou alguns minutos antes de se mexer. A curiosidade venceu e, o mais silenciosamente que pôde, aproximou-se de onde vira o vulto pela última vez. “Uma parede de pedras!”, murmurou, enquanto as mãos apalpavam a superfície gelada. Resolveu esperar em um esconderijo seguro, onde se acomodou.

As horas arrastaram-se na sua luta contra o sono. Finalmente, o som abafado de passos despertou-o. O vulto passara novamente por ele, vindo da parede, até desaparecer. Thomas sorriu. Levantou-se, com pressa, e voltou a apalpar as pedras. Porém, o canto de um galo, vindo de longe, assustou-o. Teria de retornar na noite seguinte para descobrir como entrar na nova e misteriosa passagem secreta.

Partiu em disparada pelos corredores para regressar à cela antes que Michel acordasse. As luzes da aurora chegavam pelas janelas altas, expulsando os últimos resíduos da noite. O garoto escutou vozes à sua esquerda e se escondeu a tempo de evitar dois monges sonolentos. Quando eles se afastaram, saiu do esconderijo. Não faltava muito para alcançar as celas próximas à cozinha, onde tinha um espaço só seu. Um canto estreito, com direito a uma cama confortável e uma cômoda para guardar as roupas que ganhara. Na parede, ficava um crucifixo de madeira. Ao passar correndo pela cela de Michel, o coração deu um pulso. O monge já tinha se levantado. O garoto virou à direita, entrou em sua cela e se enfiou voando debaixo dos lençóis. Michel apareceu na porta, jogando uma sombra enorme sobre o aposento.

— Filho, é hora da missa — avisou, com seu costumeiro bom humor.

A missa foi a mais enfadonha possível. Irmão Augustus fazia um sermão difícil de entender. Para piorar, o ar estava congelando o ambiente. Já era janeiro e a neve cobria as Terras Ermas. Mestre Dines parecia sofrer mais do que todos com o frio. Usava roupas pesadas e ficava sempre encolhido, atrás do calor reconfortante de alguma lareira. Desde aquela primeira conversa, Thomas nunca mais tivera outra oportunidade de falar com ele.

O resto do dia também foi arrastado. Quando a noite finalmente apareceu, Thomas não segurou mais a curiosidade. Assim que ouviu o primeiro ronco de Michel, escapuliu para fora de sua cela e venceu rapidamente a distância até a biblioteca, apurando o ouvido para detectar qualquer ruído fora da rotina silenciosa. O susto da noite anterior deixara-o mais cauteloso.

Na biblioteca, concentrou a luz de uma vela na parede misteriosa para estudá-la. Havia uma falha entre as pedras. Thomas tocou-a, sentindo uma aspereza incomum em sua superfície. Com suavidade, empurrou uma das pedras, o que produziu um estalo metálico. A parede se abria para revelar uma passagem estreita.

Thomas respirou fundo e entrou. Uma corrente de ar apagou a chama da vela, o que o fez recuar. Após segundos de hesitação, venceu o medo e esticou os braços para os lados, calculando a largura da passagem. Os pés encontraram um degrau de pedra. Vagarosamente, desceu o que descobriu ser uma escada em espiral, enquanto se adaptava à escuridão.

Os degraus terminavam em um amplo salão de teto alto. Thomas arregalou os olhos, fascinado. Estava diante de uma mesa, coberta com minúsculas pedras brilhantes, de cores variadas. Havia livros espalhados junto a uma parede, além de outros objetos que não conhecia.

— Fiquei imaginando quanto tempo demorarias para descobrir este lugar — disse uma voz familiar, atrás dele.

O garoto, assustado, não conseguiu se mexer. Mestre Dines vigiava-o com seus enigmáticos olhos verdes.

• • •

“Agora serei expulso do Monastério”, pensou o garoto, apavorado com a ideia. A vontade de retornar para os andarilhos quase não existia mais. Estava aprendendo a amar aquele lugar calmo e intrigante. Nunca fora tratado com tanto respeito. Os monges sempre tinham tempo de lhe dar atenção, de responder com paciência às suas perguntas até onde era permitido. Já Michel parecia uma grande mãe sempre preocupada com seu bem-estar.

— Vejo que me enganei — prosseguiu o abade, após um longo silêncio. — Achei que virias até aqui apenas na primavera, quando as noites estivessem mais quentes. Com esse frio, não ficarias melhor debaixo de uma cama quente e acolhedora?

— T-Tu m-me esperavas, senhor?

— Por que nunca respondes o que te pergunto? — suspirou Dines, passando pelo garoto para se acomodar em uma cadeira,

junto às pedras.

— Desculpa-me, senhor, eu...

— Ah, vem até aqui... — disse, dispensando com um gesto o pedido de desculpas. Thomas aproximou-se, respeitosamente, e sentou-se em outra cadeira. — Este lugar é um segredo para a maioria dos monges que vive no Monastério. E deve continuar assim, entendes?

O garoto assentiu. As perguntas agora enchiam sua cabeça e ele não sabia por onde começar.

— O que achas que esconde neste lugar?

— Conhecimento.

— Sim, conhecimento de civilizações antigas. E por que achas que faço isso?

— Proteges esse conhecimento da ignorância do nosso povo...

— E da ignorância dos homens poderosos também. Ninguém está pronto para o que há aqui — disse o monge, olhando ao redor. As pedras emanavam uma claridade fraca contra a escuridão. — Luzes!

Imediatamente, o ambiente iluminou-se, como por encanto. O queixo de Thomas caiu. Como o abade fizera aquilo?

— Antes que penses em milagres ou bruxarias, te digo uma só palavra: tecnologia — esclareceu o homem, divertindo-se com seu espanto. — Ela foi banida de nossa civilização como uma praga, mas já foi muito poderosa no passado.

— Ela era usada para o bem ou para o mal?

— Para o bem e para o mal — respondeu Dines, com uma ponta de tristeza. — Não posso te contar mais nada. Tu ainda és uma criança. Se quiseres, poderei te ensinar parte dos conhecimentos armazenados aqui.

Thomas abriu um sorriso gigantesco. Tudo aquilo ia muito, mas muito além de suas melhores expectativas.

— Assumirei o lugar do irmão Augustus como teu professor — completou o monge, retribuindo o sorriso. — Mas as aulas terão que ser à noite, em segredo, quando todos estiverem dormindo.

— Não me importo, senhor.

— Continuarás com tuas obrigações junto ao irmão Michel.

— Eu sei.

— E iniciarei um treinamento contigo aos finais de tarde, antes do jantar.

— Treinamento?! — perguntou o garoto, mais curioso do que preocupado. — O que queres dizer, senhor?

— Exercícios físicos para desenvolver tua força, rapidez e agilidade. É preciso aproveitar esse teu talento nato para se pendurar em lugares altos e escorregar por passagens subterrâneas.

O menino sentiu as bochechas arderem. Abaixou a cabeça, envergonhado. Dines sabia muito mais sobre seus passos do que o protetor Michel.

— Ainda queres ser meu aluno? — perguntou o homem após sufocar um sorriso.

— É o que desejo, senhor — respondeu Thomas, decidido, voltando a olhar diretamente para o rosto do futuro professor.

CAPÍTULO 3

Noite dos Mortos

Ano 833 da Era Arthur

Dines surpreendia-se cada vez mais com a inteligência de Thomas. Seu raciocínio era rápido e muito precoce. O garoto nutria um interesse especial por História, Geografia e Biologia, detestava Química e suportava bem Física e Matemática. Só não era bom em expor ideias no papel: distraía-se com facilidade e ficava perdido em questões como a grafia correta das palavras. Para compensar, tinha sempre uma pergunta na ponta da língua, argumentando e questionando as instruções do mestre. O abade admirava a esperteza daquela mente aberta a novidades. “Ele lembra minha Mareen”, pensava, com tristeza e saudade.

Thomas mudara muito desde a chegada ao Monastério, quatro anos antes. Crescera bastante e estava alto para os seus onze anos. A alimentação saudável que Michel empurrava todo santo dia para o menino — que não se preocupava muito em comer — e os exercícios diários haviam contribuído diretamente para a mudança. O mestre era rígido em relação ao treinamento, o que, na verdade, não era necessário. Thomas tinha dificuldade de permanecer parado. Sua energia, portanto, era canalizada para atividades diversas, que iam desde escalar muralhas até praticar arco e flecha. O garoto também aprendera a lutar. O abade ensinara-o a tirar vantagem de sua agilidade instintiva, passando segredos para desequilibrar o adversário e derrubá-lo. O temperamento do garoto, antes melancólico, estava mais expansivo e confiante.

O abade sonhava com dias ensolarados quando Thomas o trouxe à realidade. Era madrugada e os dois estavam no amplo salão subterrâneo.

— Quando me contarás sobre a Era do Caos? — perguntou, sem desviar os olhos de uma pequena tela de cristal em que tentava resolver uma complicada questão matemática.

O abade não respondeu. Levantou-se para ir até o outro lado da mesa, onde tocou distraidamente as minúsculas pedras brilhantes. Ali, entre seus dedos, restava a última lembrança de uma tecnologia extinta naquele mundo. As pedras tinham funções variadas, como armazenagem de informações e geração de energia. Uma delas, azulada, fornecia energia suficiente para a tela plana de Thomas, um computador de mão que funcionava com o leve toque de dedos.

— Já não sou tão criança agora, mestre.

— Ainda não estás preparado. Ensinei-te muito sobre este mundo, desde as teorias de sua criação até a Era da Tecnologia. Não posso te revelar ainda os acontecimentos posteriores a essa época.

— Porque estão diretamente relacionados ao nosso presente, não é?

— Sim. Esse conhecimento é perigoso.

Thomas retomou o problema matemático. Os cabelos castanho-escuros estavam despenteados. Vários fios rebeldes caíam-lhe sobre a testa. Os traços do rosto eram bonitos, em harmonia com o nariz grande. A pele morena estava bronzeada, acostumada à vida ao ar livre. Subitamente, o menino arregalou os olhos.

— Queres sempre me enganar! — disse, rindo. — Este resultado nunca dará o número dez.

— E que resultado tens?

— Oito.

— Muito bem. Agora parta para o próximo exercício.

O garoto coçou a cabeça. A questão seguinte devia ser ainda mais difícil. Dines abriu um surrado livro de Astronomia. Não

conseguiu se concentrar na leitura, preocupado com Mark De Durham.

...

Horas mais tarde, Thomas ainda sonhava com fórmulas matemáticas no sono profundo em que mergulhara durante a missa matinal. Acordou quando a cabeça caiu para a frente, pesada. Abriu os olhos com dificuldade. Michel, à sua direita, entoava um texto em latim, junto com outros monges. Thomas estava encostado à parede, de joelhos como os demais. Automaticamente sua cabeça reencontrou a dureza da pedra que, naquele momento, fazia o papel de um confortável travesseiro. Fechou os olhos e se encolheu sob o casaco. A manhã de outono estava fria e cinzenta. Os monges terminaram o canto. As palavras de irmão Augustus, que conduzia a cerimônia, ecoavam pela igreja.

Thomas sentiu o corpo pesado e se encolheu ainda mais. O ar tornou-se mais e mais gelado. O garoto fez um esforço para se mexer. O corpo, porém, não obedeceu. Uma dor dilacerante atingiu seu ombro esquerdo, como se dentes afiados lhe perfurassem a carne. Thomas reprimiu um grito e lutou para erguer as pálpebras. De imediato, uma respiração ofegante pesou sobre seu pescoço. Garras rasgaram-lhe a pele, o que provocou mais dor. Uma dor que o arrastava para a morte.

Com muito esforço, o garoto conseguiu recuperar o autocontrole. Irmão Augustus ainda declamava em latim e os monges, concentrados, prestavam atenção em cada palavra. Thomas tremia de frio e medo. Suas visões tinham voltado.

...

As aulas começavam, invariavelmente, em torno da meia-noite. Logo após o jantar, recolhia-se para dormir um pouco. O dia era sempre corrido, mas o garoto não reclamava, acompanhando com tranquilidade o ritmo puxado. Entretanto, desde a visão extenuante, não conseguia mais aproveitar uma boa noite de sono. Imagens confusas vinham-lhe à mente, transformando-se, muitas vezes, em pesadelos. O efeito era devastador para o seu organismo.

— Tu andas doente? — perguntava Michel, após checar as olheiras profundas e o aspecto abatido que não o abandonavam mais.

— Estou bem — desconversava.

O antigo medo de ser considerado louco o atormentava. Ver e sentir coisas estranhas eram a justificativa para a repulsa que os andarilhos nutriam contra o garoto maldito.

O rendimento durante as aulas com Dines também caiu bastante. Thomas procurava se concentrar em cada ensinamento, evitando ao máximo distrair sua mente, o que era difícil. A cada momento, um torpor ameaçava a lucidez, forçando-o desesperadamente a se ocupar com cálculos e números.

— O que tu tens, Thomas? — perguntou o abade, uma noite.

— Minha cabeça dói.

Era verdade. Tinha terríveis dores de cabeça, principalmente durante o dia.

— E já falou com o irmão Michel? Ele me disse que quase não te alimentas, mas não mencionou nada sobre esse problema.

— Não quis preocupá-lo. Já preparei um remédio com as ervas da estufa.

— E o remédio faz efeito?

— Às vezes — mentiu Thomas. — Ficarei bem logo.

O abade foi procurar alguma coisa na pilha de livros velhos. Thomas abaixou a cabeça e colocou de lado a tela plana do pequeno computador. Não teria coragem de mentir por mais tempo. Espiou

Dines, que estava agachado, espalhando uma parte dos livros pelo chão. “Será que posso contar tudo a ele?”

Os dois tinham uma espécie de pacto não verbal. Um não perguntava sobre a vida do outro. Dessa forma, Thomas não conhecia a história pessoal de Dines. Evitava fazer perguntas, pois, se as fizesse, daria o mesmo direito ao mestre. Nunca comentara nada sobre as circunstâncias de seu nascimento, muito menos que tipo de vida tivera antes de morar no Monastério.

Do nada, uma forte dor no peito atingiu Thomas, seguida por uma angústia que imobilizou seus movimentos. Ele lutou para não fechar os olhos quando uma luz intensa quase o cegou. Piscou e então viu que estava entre os destroços do que antes era uma cidade no deserto. Havia corpos mutilados, um cheiro horrível de carne queimada. Apesar da claridade excessiva, distinguiu o sol. Na verdade, havia dois deles. O calor era insuportável.

Tentou sair daquele cenário deprimente, sem sucesso. À sua direita, havia um homem diferente de tudo que conhecia, de pele pálida, quase translúcida, e cabelos avermelhados que mal cobriam as orelhas estranhamente grandes e compridas.

A dor e a angústia pertenciam àquele homem. Ajoelhado, ele chorava a morte de uma menina estendida em seus braços.

— Thomas, o que há contigo? — chamou Dines ao segurá-lo pelo ombro.

O menino rapidamente se pôs de pé para fugir ao toque. O homem estranho... *Era* o abade.

Thomas atravessou correndo o salão até atingir a escada. Precisou usar o máximo de sua força de vontade para controlar o pânico e desistir da fuga insana. Trêmulo, apoiou-se contra a parede. “Não pode ser ele, não pode!”, pensou, aflito. “Vi uma criatura estranha e não um ser humano. Desta vez estou louco...” Dines aproximava-se.

— Nunca te vi deste jeito — disse ao parar, ainda distante da escada. Não queria que o menino fugisse.

— Tive... Tive um pesadelo. Peço tua permissão para sair, mestre.

— Não queres conversar sobre teu pesadelo?

Com certeza, ganharia um inimigo quando o abade descobrisse que ele, em seus sonhos malucos, o transformara em um monstro orelhudo! Thomas balançou negativamente a cabeça.

— Então, vai.

O garoto escapou voando pela escada, com uma nova preocupação na cabeça. Acabara de lembrar que estava nas primeiras horas do dia em que completava doze anos.

...

Pela manhã, Michel acordou-o de um sono leve e tranquilizador. As lembranças do que ocorrera algumas horas antes, porém, retornaram com intensidade. Thomas ignorou o pão e o leite que Michel preparara para ele e, apesar dos protestos do amigo, seguiu em jejum para a missa. Sentou-se no canto de sempre, insone dessa vez. Sentiu o olhar de Dines em sua direção, mas não se mexeu. Não demoraria a enfrentar a Noite dos Mortos.

Pesquisara muito para encontrar a origem do medo que envolvia a data. Nos livros da biblioteca, que agora tinha autorização para frequentar, descobrira referências a uma festa, realizada por um povo antigo que habitara as terras de Britanya muitos milênios antes. De acordo com o calendário criado por essa gente, o ano terminava exatamente em 31 de outubro. Para comemorar, eles acendiam fogueiras pelos campos e promoviam grandes festas. Era uma noite especial para rever seus antepassados, levados pela morte. Com o crescimento do poder religioso e da crença no Deus único, a festa passou a ser associada a bruxarias e rituais demoníacos. Na Era da Tecnologia, a data ganhou uma aura de brincadeira. As crianças saíam às ruas, fantasiadas de monstros,

para pedir doces entre a vizinhança. A Era do Caos, no entanto, terminara com a alegria infantil.

As horas arrastavam-se. Pela primeira vez em vários dias, a chuva afastou-se, abrindo espaço para um dia seco. A dor de cabeça de Thomas desapareceu, o que melhorou seu estado de espírito. Na hora do almoço, Michel obrigou-o a comer uma refeição reforçada, com peixe e legumes cozidos. O menino, com o estômago embrulhado, desistiu de se alimentar após algumas garfadas.

No final da tarde, não apareceu no alto da torre norte, onde costumava treinar sob a orientação de Dines. Preferiu andar pelos rochedos próximos ao mar. Quando a noite finalmente nasceu, largou o jantar — para total desespero de Michel — e resolveu caminhar sob a lua cheia que se erguia deslumbrante no céu.

A poucos minutos da meia-noite, Thomas escalou a muralha que se virava para o oceano. Estava sozinho. Só o barulho das ondas que batiam nas rochas da ilha lhe fazia companhia. O garoto sentou-se antes de fitar o céu escuro, repleto de estrelas. A lua encarava-o. Thomas ficou esperando até que ela atingisse o ponto mais alto. Meia-noite, a hora exata de seu nascimento. Do outro lado do oceano, na Grande Ilha, o povo lotava as igrejas, implorando por proteção contra os espíritos maléficos, livres naquela noite sinistra. Os andarilhos deviam estar suspirando aliviados pela ausência da criança maldita. Sabina e Shannon talvez pensassem nele. O velho Tuc, como Thomas pressentira, falecera logo após sua partida para as Terras Ermas.

Se era verdade que a noite de 31 de outubro abria uma porta para o mundo dos mortos, Thomas iria descobrir naquele momento. Tirou a pequena pedra que carregava junto ao peito e a apertou com firmeza antes de se erguer para ficar na ponta dos pés. Muito abaixo de onde estava, a espuma branca das ondas respingava no ar. O garoto levantou a cabeça, dirigindo-se ao infinito.

— Mãe, preciso de ti — disse, com a voz baixa e trêmula. O silêncio continuava a envolvê-lo. — Mãe, preciso da tua ajuda. Eu

tenho que saber, eu devo saber tudo sobre meu passado, sobre ti e sobre meu pai...

Engoliu em seco, agoniado. Repetiu o pedido mais uma vez e esperou. Nada aconteceu. A lua mantinha o garoto sob vigilância. Ele se sentou novamente sobre a muralha. Abraçou as pernas e encostou a testa nos joelhos, apertando ainda mais a pedra entre os dedos. Não conseguiu evitar o choro. “Não sei nem teu nome, mãe.”

Só retornou para cama quando o sol apareceu no horizonte. Por sorte, não encontrou Michel, que já tinha se levantado. Desabou sobre os lençóis e dormiu um sono profundo, como há muito não experimentava.

Na hora em que despertou, o sol já estava alto. Thomas lavou-se e trocou de roupa. Depois, seguiu até a cozinha, pronto para enfrentar as perguntas inevitáveis de Michel. O amigo, entretanto, não disse nada. Apenas deixou um prato de sopa, a preferida do garoto, na frente dele. Os ajudantes cuidavam de pilhas de louça suja. Thomas perdera o almoço dos monges e ignorara a tarefa de cuidar da mesa e servir o vinho. Negligenciara o trabalho e até os estudos com Dines.

Ao colocar a primeira colher de sopa na boca, descobriu instantaneamente que estava morto de fome. Sob o olhar satisfeito de Michel, repetiu o prato e devorou várias fatias de pão preto. Ao final da refeição, saboreou uma maçã rosada como se fosse a primeira vez que provava a fruta.

— Podes me ajudar na horta? — perguntou o monge.

Thomas seguiu-o e passou horas agradáveis. Há muito tempo não dava tanta risada. Michel divertia-o com histórias malucas de sua infância, da época em que fazia malabarismos para sobreviver com a família. Quando a tarde chegou ao fim, a conversa recebeu um tom sério.

— Filho, tenho um recado do mestre para ti — disse Michel, enquanto tirava algumas cenouras da terra. — Ele partiu hoje, logo cedo, e estará ausente por alguns dias.

Thomas ficou surpreso. Dines não costumava sair do Monastério.

— Claro que teu treinamento só será retomado com sua volta. Ah, o mesmo vale para aquelas aulas noturnas que achas que desconheço — piscou o monge, jovial.

• • •

As visões reapareceram dois dias mais tarde. Vieram com suavidade, como em sonho. Thomas estava na biblioteca, acompanhando o trabalho dos copistas após desistir de ler um livro chato sobre Genética. Invejava a letra bonita dos monges e a paciência que somente eles possuíam para dedicar horas e horas a trabalhos detalhados e complexos em meio a pincéis e tintas.

Irrequieto, pendurou-se na janela para espiar o mar. Era uma tarde bonita de novembro, excepcionalmente quente. Fitou seu reflexo no vidro. “Será que me pareço com minha mãe?”, perguntou para si, reparando melhor nos traços de seu rosto. Quando piscou, viu que sua imagem dera lugar ao reflexo de uma menina sorridente, também de cabelos escuros, que acenava para ele. No mesmo segundo, ela desapareceu. Thomas olhou em volta, apreensivo, mas os monges continuavam se dedicando, inabaláveis, ao trabalho. Somente ele percebera a presença da garotinha na superfície do vidro. Instintivamente, apertou a pedra sob a roupa. Um calor estranho emanava do objeto.

A segunda visão apareceu na hora do jantar. Thomas recolhia os últimos pratos e talheres sujos no refeitório. Michel e os ajudantes seguiam para a cozinha, cada um carregando parte da louça. Os olhos do menino se detiveram por um instante na chama de uma vela suspensa por um castiçal, do outro lado da mesa comprida onde os monges faziam as refeições. Pensava novamente na imagem da garotinha. De certa forma, ela se parecia com ele. Tinha os mesmos olhos grandes, os mesmos cabelos escuros. “Adoraria ter

te conhecido, mãe”, desejou, enquanto contemplava os movimentos suaves da chama.

— Alix, tu estás atrasada para o torneio! — avisou alguém dentro da cabeça de Thomas.

Assustado, o garoto confirmou o óbvio: estava sozinho no refeitório. Por baixo da camisa, a pedra opaca esquentava sua pele.

Somente após terminar suas tarefas é que pôde ir para a cela, onde se sentou no chão duro. Sob a luz de uma vela, analisou a pedra que pertencera à sua mãe. Não havia qualquer alteração no objeto. Até a temperatura retornara ao normal.

Uma possibilidade atormentava o menino, ao mesmo tempo que alimentava uma ponta de esperança. “Será que posso controlar estas visões?” As duas que tivera, naquele mesmo dia, só apareceram porque seu coração, de algum modo que desconhecia, chamara por elas.

Com a respiração ofegante, escutou o ronco de Michel na cela ao lado, abafado pelo som de trovoadas. Em minutos, uma tempestade atingiria o Monastério. Desde a partida de Dines, o garoto tinha as noites livres. Haveria muito tempo para tentar...

Thomas apertou a pedra contra a palma da mão e procurou relaxar. Acreditava ter encontrado algo que parecia fazer sentido em meio a tantas coisas sem explicação. Aos poucos, os sons tão próximos pareceram distantes, como se a tempestade tivesse desistido de cair, e Michel, de roncar. O menino libertou os pensamentos para encontrar uma paz que raramente sentia.

Agora tinha um nome. “Alix, onde estás?”, chamou, lutando contra o medo. A familiar sensação de morte invadiu seu corpo.

Desesperado, tentou respirar, mas afundou no vazio.

CAPÍTULO 4

Pântano

Mark avançava com dificuldade pelo pântano. A cada passo, os pés afundavam com mais força na lama malcheirosa. Arbustos baixos e espinhosos também dificultavam a travessia. “Estou perdido”, pensou o cavaleiro, desorientado. Tinha a impressão de andar em círculos. A escuridão naquele lugar insalubre era aterradora. Uma vegetação alta e espessa impedia a entrada dos raios solares, o que tornava o ar sufocante.

Pégasus, seu cavalo negro, estava morto, vencido pelo cansado. O cavaleiro perdera-o antes de fugir pelo pântano, havia dois dias. Lutava contra a fraqueza, contra o desânimo que lhe minava o coração. Algo naquele lugar sugava-lhe a alma. Precisava seguir adiante. *Precisava*. Teria êxito se alcançasse a Floresta Escura.

O pé escorregou e, perdendo o equilíbrio, Mark afundou ainda mais na lama. Os espinhos penetraram-lhe na mão quando se prendeu aos arbustos para se erguer. Soltou um palavrão ao ser arrastado para baixo. Um tentáculo agarrara uma de suas pernas, queimando o couro da bota. A mão do homem procurou instintivamente a espada na bainha, mas não conseguiu alcançá-la. A criatura puxou-o com mais fúria ainda para o fundo do lamaçal.

Desesperado, Mark lutou para retornar à superfície. A lama sufocava-o com rapidez. Então, desistiu da luta e procurou se acalmar. Sentia agora a pele arder sob a prisão do tentáculo que já lhe atravessara a bota. A criatura arrastava-o para algum lugar, talvez uma toca subterrânea. Assim que alcançou o punho da arma, dobrou-se, veloz, e atingiu parte do corpo da criatura. Esta soltou um grunhido e amoleceu a pressão. O mais rápido que pôde, Mark emergiu, em busca de ar.

Fugiu aos tropeços pela área mais rasa do lamaçal, com medo de um novo ataque que acabou não vindo. Sobreviver no que parecia um golpe de sorte serviu para melhorar seu ânimo. Suspeitava que seu verdadeiro perseguidor considerava-o morto. O nome era bem sugestivo: Pântano do Terror. Ninguém saía com vida daquele inferno.

No quarto dia de sua jornada pelo local, Mark escutou ruídos estranhos. Pelos seus cálculos, anoitecia acima da vegetação. A atmosfera ao redor estava opressiva, e o ar, mais abafado do que o normal. O cavaleiro agarrou-se a uma árvore retorcida, respirando com cuidado. Todo o corpo doía. Estava exausto, faminto, ferido. Além da perna queimada pela criatura, sofrera uma séria contusão no ombro direito. Havia outros cortes e machucados menores.

Mark aguçou a audição, tentando descobrir de onde vinham os ruídos. Contornou a árvore, sem pressa, e estreitou os olhos para a escuridão. Alguns metros adiante, uma criatura medonha destroçou com a boca um tronco podre que boiava sobre a lama. Faminta, enfiava as garras entre os pedaços de madeira, à procura de vermes para se alimentar.

Imóvel, o cavaleiro procurou não respirar. O monstro devia ter o dobro do seu tamanho. A pele era grosseira, recoberta por escamas e pelos. Os braços e pernas eram curtos, mas o homem suspeitava que não lhes faltava agilidade. Se o animal assustador o descobrisse, seria difícil lutar nas condições precárias em que se encontrava. Os minutos demoraram a passar. De repente, alguma coisa obrigou a criatura a interromper a refeição. Ela farejou ao redor e, com um grito cortante, largou o tronco e fugiu para o outro extremo do pântano.

O cavaleiro estremeceu, sentindo que a força o deixava rapidamente. Sua mente, ainda ágil, registrou que estava morrendo.

Seu verdadeiro perseguidor encontrara-o.

CAPÍTULO 5

Alix De Bruska

— Alix, tu estás atrasada para o torneio!

— **A** Thomas criou coragem e abriu os olhos. Experimentava a sensação de fazer parte de um sonho estranho. Seu corpo estava leve. “Será que ainda estou vivo?”, pensou, desconfiado.

— Já estou indo, aia! — respondeu uma adolescente.

O menino descobriu que estava ao lado da mesma garotinha que vira no vidro. Ela devia ter agora uns quinze anos. De modo estabonado, tentava prender uma tiara nos cabelos compridos, parada diante de um espelho. “Será que ela pode me ver?”

Estavam em um quarto grande, com muitas tapeçarias coloridas. Dois baús cheios de vestidos estavam abertos e bagunçados. Havia roupas também sobre a cama imensa. Alix ainda brigava com os cabelos quando outra jovem, da mesma idade, entrou no aposento.

— Ainda não estás pronta, prima? — perguntou a recém-chegada, num tom que pedia urgência. A moça usava os cabelos loiros e muito lisos presos por duas tranças. Seu vestido branco era delicado e longo, com mangas compridas.

Alix, impaciente, deixou a tiara cair. Thomas estremeceu. Aos pés da jovem, encontrou seu antigo livro de capa azul.

— Ora, deixa-me te ajudar.

A recém-chegada recuperou a tiara e prendeu-a com eficiência na cabeça da prima.

— Como estou? — perguntou Alix, remexendo-se dentro de um vestido azul, também longo e discreto.

— Muito bonita.

Depois, ao descobrir o livro, murmurou, apreensiva:

— Por que tu não o escondes? Mulheres não têm permissão para ler.

A adolescente sorriu, chutando o objeto para debaixo da cama.

— Jane, tu és boba! Ninguém vai descobrir. Sabes que este livro me traz recordações de minha falecida mãe. E, depois, está há anos com a minha família.

— Mas teu pai te proibiu...

— Ele não saberá se tu não contares a ele — disse Alix ao pegar gentilmente as mãos da prima e levá-la para fora do quarto.

“E agora?”, afligiu-se Thomas. Ele tentou andar, mas não teve êxito. “O que me guia neste lugar?” Olhou em volta, atrás de algo que o ajudasse. “Teu pensamento”, respondeu sua intuição. Sem perder tempo, o menino pensou novamente em Alix e sentiu a cabeça rodar.

Foi parar junto de Alix e Jane, que ocupavam duas das cadeiras destinadas aos nobres numa arquibancada de madeira, montada ao redor de uma arena. Uma multidão barulhenta ocupava todos os lugares disponíveis. Na arena coberta de grama pisoteada, vários cavaleiros, já sobre as montarias, aguardavam em silêncio o início de um torneio, alinhados em duas fileiras, uma ao lado da outra, sob a manhã ensolarada. Vestiam armaduras brilhantes, ornamentadas com lenços que traziam as cores de seus brasões. Os cavalos, com as cabeças protegidas por placas de metal, estavam cobertos por mantos bordados. Thomas nunca assistira a um torneio de um lugar tão privilegiado.

Quando o arauto anunciou a entrada do rei Arnon, todos fizeram silêncio. O homem moreno passou entre os nobres antes de se acomodar em uma cadeira de madeira entalhada, posicionada no ponto mais alto do camarote.

— Em nome de Deus, da Igreja e de toda a Britanya, declaro aberto este torneio! E que vença o melhor! — gritou o rei. Ele era mais jovem do que Thomas se lembrava. Devia ter uns trinta e cinco anos.

O povo vibrou, aplaudindo os cavaleiros. Alix esticou-se em sua cadeira para ter uma visão melhor do espetáculo. Havia outras damas em assentos próximos, tão ricamente vestidas quanto ela. Algumas cochichavam, apontando para os cavaleiros. Thomas ouviu vários nobres fazendo apostas, enquanto o rei observava tudo com atenção. Os cavaleiros separaram-se em dois grupos, colocados em pontas opostas do campo de batalha. Pajens corriam entre seus amos, preocupados com os últimos preparativos. Cada cavaleiro recebeu um escudo — com o brasão de cada família — e uma lança de madeira com ponta de ferro, que devia medir uns três metros de comprimento.

No instante em que as trombetas soaram, a multidão parou, hipnotizada, para depois explodir em gritos e vivas. Os dois grupos se enfrentavam, direcionando as lanças para os adversários. Alguns homens caíram. Outros, ainda montados, voltaram para os pajens em busca de novas lanças. Alix prendeu a respiração. Alguns cavaleiros iniciavam uma luta de espadas no solo. Um deles caiu pesadamente, sem se mexer mais. Saiu carregado por dois pajens, seguido por um rastro de sangue.

Thomas não soube dizer quanto tempo durou aquela batalha implacável. Sentia-se tonto. Conseguiu, a muito custo, recuperar a concentração. Percebeu, surpreso, que os nobres tinham trocado de roupa. O vestido de Alix agora era rosa, com detalhes dourados. O cabelo rebelde estava firmemente preso por uma trança, enfeitada por flores do campo bem miúdas. Quanto tempo se passara desde a abertura do torneio? Dois, três dias?

O interesse geral estava centrado em um único duelo de espadas, que envolvia dois homens no meio do campo. Os demais cavaleiros tinham sido derrotados. Assustado, o garoto notou a rosa prateada sobre listras azuis e brancas, cuidadosamente entalhada no escudo de um dos adversários: o brasão de Rouen De Larc. Era o mesmo homem que quase matara Sabina e os pequenos andarilhos havia quatro anos, em York.

Rouen enfrentava outro cavaleiro, quase tão alto quanto ele. O adversário utilizava um escudo negro e uma armadura simples, assim como o elmo assimétrico, sem adornos. Alix fechou os olhos assim que as espadas se tocaram mais uma vez, com estardalhaço. Os dois homens eram extremamente ágeis em seus movimentos, apesar das armaduras. Arnon coçava a barba, apreensivo. Thomas sabia que Rouen De Larc era o campeão do rei, talvez o melhor cavaleiro de Britanya. O povo gritava, entusiasmado.

Com um golpe seco, Rouen atingiu o peito do cavaleiro negro, que cambaleou para trás. Alix abriu os olhos, agarrando os braços da cadeira. Sem perder a oportunidade, o ruivo aproveitou para desferir um novo golpe, mas o adversário se desvencilhou a tempo. A luta feroz hipnotizava a plateia. Thomas teve a impressão de que o cavaleiro negro estava ferido, vulnerável e exausto. Rouen avançou com determinação. “Está tudo perdido”, lamentou o garoto, torcendo a favor de qualquer um que fosse contra o intragável ruivo.

Surpreendendo a todos, o cavaleiro negro, com um giro rápido, colocou-se atrás de Rouen que, tendo julgado o adversário derrotado, não conseguiu se defender. Atingido nas costas, caiu de joelhos, mas não seria derrotado tão facilmente. Num golpe de fúria, mirou as pernas do rival, levantando-se num pulo.

A multidão admirou a proeza do campeão do rei.

— Ele é mesmo imbatível — comentou um nobre, próximo a Thomas.

Mas o cavaleiro negro previra o golpe. Ele o desequilibrou e o jogou de bruços, com violência. O povo aplaudiu. Desapontado, o rei cruzou os braços. Alix sorriu.

— Eu só gostaria de saber quem é esse cavaleiro negro — disse Jane.

Alix, aflita, mordia os lábios. Thomas também pressentiu o perigo. Rouen ainda não estava derrotado.

O cavaleiro negro parou diante dele, aguardando, paciente. O rei hesitava em lhe dar a vitória. Ouviram-se vários murmúrios no

minuto em que o homem ruivo se ergueu mais uma vez. Arnon parecia satisfeito. Rouen atacou com truculência, atingindo o rival no ombro. Este segurou o impacto do golpe, para espanto de todos, e, com um chute, o desequilibrou ao atingir uma de suas pernas. Rouen não era páreo para a agilidade do outro. No momento em que vacilou, o cavaleiro negro acertou-o com a espada em pleno estômago. O homem ruivo curvou-se de dor e afundou no chão após receber novos golpes por todo o corpo. Estatelou-se de barriga para baixo, inconsciente. O cavaleiro negro esperou o veredicto. O silêncio era total.

Arnon, enfim, cedeu.

— Não posso te declarar o melhor cavaleiro de meu reino enquanto não souber teu nome.

Curiosas, as pessoas aguardavam. Alix esticou-se na cadeira. O cavaleiro negro atravessou o campo, vencendo a curta distância que o separava da nobreza. Com um movimento rápido, tirou o elmo. Thomas escutou cochichos e alguns suspiros das damas. O novo campeão era um rapaz loiro, de cabelos curtos e crespos, com incríveis olhos azuis. Talvez ainda não tivesse vinte anos. Um corte sangrando na altura da testa marcava o rosto bonito, que revelava sinais de cansaço. O rapaz apoiou um dos joelhos no chão, estendendo a espada junto aos pés para oferecê-la a seu rei.

— Sou Erec De Sutter, escudeiro de Mark De Durham.

Um burburinho percorreu a plateia como fogo.

— E teu pai, como se chama? — perguntou Arnon, pálido.

— Meu pai era chamado de Kirian De Sutter — respondeu, altivo.

O rei precisou pedir silêncio ao povo, que se agitava nas arquibancadas.

— O falecido Kirian De Sutter foi o melhor dos cavaleiros de meu pai, o rei James — disse, após alguns segundos.

Thomas captou os comentários ao redor. Não entendia o que estava acontecendo.

— Ele é filho da feiticeira — comentou uma dama idosa. — Lembro-me dela! Tão bela quanto o filho... E tão perversa!

Um vulto, protegido por uma capa escura, saiu do meio da multidão e avançou pelo campo, em direção ao rei. A plateia foi se acalmando, impressionada com sua audácia. Arnon ia dizer alguma coisa quando parou e sorriu. Thomas reconheceu Mark De Durham.

— Permita-me falar em favor de meu escudeiro, majestade — disse ele, tirando o capuz antes de fazer uma reverência.

— Meu nobre sr. De Durham, tu estás vivo! — comemorou o rei. — Disseram-me que tinhas sido morto pelos bárbaros, nos limites de nosso reino.

— Fui gravemente ferido, majestade, e meu corpo ainda se recupera da ameaça que sofri. Estaria morto se não fosse pelo sr. De Sutter, que arriscou sua vida pela minha — explicou o recém-chegado, virando-se para Erec que, de cabeça baixa, humildemente aguardava a decisão do rei. — Meu escudeiro é um jovem de grande coragem, como foi seu pai. Está aos meus serviços desde os doze anos, época em que ficou órfão.

Mark encarou a multidão e, novamente, dirigiu-se ao rei.

— Sabes que a tragédia acompanhou a família deste rapaz — continuou. — Mas garanto-te, meu senhor, que fatos passados não diminuem sua coragem. Eles o fortaleceram e o tornaram digno de te servir, como teu mais devotado cavaleiro.

O rei espiou, desolado, seu cavaleiro mais poderoso, Rouen De Larc, ainda estendido no chão. O cavaleiro negro vencera-o com grande mérito. Seu estilo de luta, que ousava golpes precisos e rápidos, impressionara Arnon profundamente, bem como o público. Não poderia dispensar os serviços de um rapaz como aquele.

— Qual é a história da família dele? — quis saber Alix, cutucando Jane. A prima nem precisou se dar ao trabalho de responder. Uma das damas virou-se para trás, pronta para passar o que sabia.

— Contam que a mãe era tida como uma poderosa bruxa e que acabou consumida por um raio — murmurou. — O rapaz era só uma

criança na época. Dizem ainda que, antes de morrer, ela lançou uma maldição sobre o marido, o homem mais forte de Britanya. Desde então, ele ficou cego e fraco, murchando a olhos vistos até a morte.

Alix pareceu chocada. Não era possível que o rapaz, com seu jeito de anjo, tivesse uma mãe como aquela.

— Pobrezinho... — murmurou.

Erec lutava contra os próprios fantasmas. Exposto ali, ao julgamento de todos, não erguia o olhar, tenso. Arnon desceu os degraus até o gramado. O silêncio era absoluto.

— Escudeiro... — disse, ao tirar a espada da bainha. A ponta da arma tocou de leve o ombro do jovem. — Com tua coragem, conquistaste o direito de ser o melhor homem deste torneio. Em nome de Deus, tu agora te tornas meu cavaleiro, devendo ser leal a mim, teu rei, até tua morte.

Erec esboçou um sorriso. Pareceu a Thomas que ele tirava um peso imenso das costas. A empolgação tomou conta das pessoas nas arquibancadas, felizes com a decisão de Arnon. O povo já escolhera seu novo campeão.

• • •

Thomas sentia-se cada vez mais exausto. Alucinação, pesadelo, magia, fosse lá o que estivesse acontecendo com ele, aquilo esgotava suas forças. Mas o garoto resistiu e permaneceu ao lado de Alix em outro cenário. Anoi-tecera e os nobres reuniam-se para desfrutar de um banquete farto, disposto numa mesa muito comprida. Homens e mulheres exibiam roupas caras e joias, um luxo que Thomas nunca tivera a oportunidade de ver de perto. O ambiente era animado por alguns menestréis. Um grupo de andarilhos fazia malabarismos com bolas e tochas de fogo, entre os risos e a conversa animada dos convidados.

Alix estava sentada perto do rei, muito ereta em um deslumbrante vestido branco. Pequenas pérolas estavam presas em seu cabelo escuro. Não era uma garota bonita e o excesso de timidez impedia que ela sorrisse com frequência, o que deixava seu rosto marcado por um toque melancólico. Jane, próxima a ela, distraía-se com a animação dos andarilhos. Sentado em frente às duas, Erec era o centro das atenções, principalmente dos olhares femininos. Ele, que não ostentava joias, vestia uma túnica negra, de veludo, que realçava seu corpo atlético. O corte no rosto estava protegido por um curativo discreto. Alix observava as mãos dele, notando hematomas e arranhões. “Ele deve ter se machucado por inteiro, principalmente no ombro”, pensou Thomas, acompanhando o raciocínio da garota. Erec fitou-a, constrangido. Alix corou até a raiz dos cabelos quando seus olhares se cruzaram e abaixou imediatamente a cabeça, mirando a salada que lhe enfeitava o prato.

Mark e o rei conversavam, acompanhados de longe por um carrancudo Rouen De Larc, que tinha a cabeça emoldurada por uma imensa bandagem. O olho esquerdo estava roxo e o nariz parecia mais torto do que o normal. Thomas estremeceu com o ar sinistro do cavaleiro ruivo, o que lhe trouxe lembranças daquela tarde desastrosa em York. O homem era mais jovem do que se lembrava, como o rei. Se estava conhecendo o passado de alguém ligado à sua mãe, o que não tinha certeza, aquilo fazia, sim, muito sentido. “O sr. De Durham ainda nem começou a ficar careca!”

— Que todos brindem à saúde de nosso novo campeão! — sugeriu Arnon em voz alta, suspendendo sua taça. No mesmo instante, os nobres imitaram-no, dirigindo-se a Erec. O rapaz agradeceu timidamente a gentileza, enquanto todos bebiam. Não se sentia à vontade no novo papel de herói.

Um menestrel aproximou-se de Alix, sentando-se em um tamborete atrás dela.

— Ora, menestrel, que tal cantar uma aventura? — propôs o rei.

— Se me permites, senhor, acho que já vimos muita aventura nestes últimos dias — argumentou uma dama, algumas cadeiras adiante.

— E o que sugeres, minha senhora?

— Talvez uma bela canção de amor...

Algumas mulheres apoiaram a escolha da dama. O rei pediu ao artista que cantasse a mais bela canção de amor de todos os tempos. Obedecendo à ordem, ele deslizou os dedos nas cordas do alaúde, obtendo o silêncio dos convidados. A música, lentamente, encheu o ar e os corações. Thomas não prestou muita atenção na letra, que falava de um amor trágico e impossível. Como as damas, os homens também apreciavam a melodia envolvente.

Alix criou coragem e olhou para Erec. O peito dela subia e descia, numa respiração curta e intensa. O rapaz retribuiu o olhar e sorriu. A garota, num movimento brusco, desviou a cabeça, querendo fugir daquela situação tão confusa para ela. Num gesto ainda mais nervoso e involuntário, suas mãos bateram na jarra de vinho à frente, derramando o líquido em cima de Erec. Os dois levantaram-se ao mesmo tempo. Ele, para tentar fugir do vinho que já lhe molhara a barriga e as pernas. Ela, assustada com o desastre que provocara, acabou derrubando a cadeira para trás, o que acertou em cheio o menestrel. Este deu um grito quando a madeira pesada desabou sobre seus dedos.

Refeitos do susto, os convidados começaram a cochichar e a rir. Alix, ainda em pé, encarava o chão. Jane não sabia como ajudá-la. Um olhar reprovador de Arnon silenciou a sala. No mesmo instante, outros dois menestréis começaram a tocar e os andarilhos voltaram a fazer novas peripécias.

— Deves perdoar a atitude de minha filha, sr. De Sutter — murmurou o rei. Os criados já haviam recolocado a cadeira no lugar e Alix sentara-se, encolhida, com as mãos tremendo.

— De minha parte não há problema algum, majestade.

Thomas piscou. “Filha?”, repetiu, incrédulo, olhando Alix e Arnon. Alix era filha de Arnon? O rei não tinha sucessores diretos. Era viúvo, perdera uma filha jovem e nunca mais se casara outra vez. A sucessão era um problema que ganhava a atenção de muita gente na época em que o garoto frequentava as ruas com o grupo de Jon. No Monastério, as questões importantes do reino nunca eram tratadas na frente dele. Com tantos deveres e estudos, Thomas praticamente esquecera-se do assunto. De uma coisa não tinha dúvidas. Se tudo aquilo fosse um sonho, ninguém poderia acusá-lo de falta de criatividade.

Um vento súbito, vindo das janelas altas do salão, apagou os imensos archotes que iluminavam o ambiente e fez os presentes temerem alguma ameaça invisível.

— É só uma tempestade que se aproxima — explicou Arnon. — Não há motivo para interrompermos a festa.

Enquanto os criados corriam para acender os archotes, o arauto anunciou a chegada de um visitante.

— Hugues De Angelis, o novo arcebispo de Britanya!

Thomas sentiu uma pontada de dor no estômago. Todos ficaram em silêncio para conhecer o estranho personagem que caminhava devagar até o rei. Ele parou e fez uma reverência exagerada. Os olhos negros, porém, não demonstravam submissão no rosto magro e moreno. A boca parecia desafiar qualquer autoridade. Mas, quando falou, o tom de voz era simples e encantador, como se desejasse enfeitiçar os presentes.

— Permita-me, majestade, interromper tua festa... Acabo de chegar a Brusk. Fui escolhido para ser o novo arcebispo do reino, em substituição ao meu estimado e falecido antecessor, o sr. De Wins.

— Sê bem-vindo, sr. De Angelis. É um imenso prazer te conhecer.

Erec, molhado de vinho da cintura para baixo, ainda não se sentara. Estava sério, outra vez senhor de seus sentidos. Avaliava, intrigado, o novo arcebispo. A noite não seria mais a mesma.

•••

A vontade de vomitar atormentava Thomas. A cabeça rodava loucamente, a percepção daquela realidade se enfraquecia, mas ele se esforçava ao máximo para permanecer imerso mais um pouco. Teve a impressão de que as horas voaram.

Um cheiro forte de flores deixou-o ainda mais tonto. Agora estava em um jardim. Era dia, mas ele não sabia se era manhã ou tarde. Em algum lugar, pássaros cantavam, felizes. Alix, agachada, recolhia flores, enquanto Erec se aproximava com cautela.

— Alteza... — chamou, baixinho, com medo de assustá-la.

Não obteve o efeito que esperava. Alix espalhou flores por todos os lados ao se levantar, assustada. Quando viu o cavaleiro, abaixou a cabeça e cruzou os braços nas costas. Erec não se intimidou.

— Preciso falar contigo — disse, controlando o nervosismo. — Teu pai quer que nos casemos...

Alix não se mexeu mais. Thomas suspeitou que ela já conhecia a decisão real.

— Gostaria de saber tua opinião, alteza... — continuou o rapaz. — Preciso descobrir o que pensas realmente de mim.

A menina continuou imóvel. Erec, criando coragem, segurou o queixo da dama.

— Alix...

Ela apertou os lábios, ainda encarando os pés.

— Olha para mim, Alix, eu te peço. Se me rejeitas, desobedecerei ao rei. Não quero te magoar.

Com suavidade, o rapaz ergueu-lhe o rosto. Alix não desviou seus olhos dos dele. Tremia.

— Tu queres ser minha esposa? — perguntou ele, emocionado.

— Eu te amo, sr. De Sutter — sussurrou Alix num fio de voz. — Eu te amo desde o momento em que te vi, no torneio, lutando contra o sr. De Larc...

Um sorriso iluminou o rosto do rapaz.

— Também sinto amor por ti, Alix De Brusk. Um amor que me acalma o coração. Que me faz ver que existe beleza no mundo e me mostra que vale a pena lutar por ele.

De dentro do gibão, tirou uma delicada corrente de ouro. Presa a ela, Thomas viu sua pedra opaca.

— Gostaria que isto ficasse contigo. Pertenceu à minha mãe.

Alix hesitou em pegar o presente.

— Sabes o que dizem de minha mãe — disse o cavaleiro, deixando que uma sombra de tristeza invadisse sua alma.

— As pessoas inventam muitas coisas, meu senhor.

Decidida, ela aceitou a pedra e buscou um sorriso charmoso. As sombras invadiram a mente de Thomas, forçando-o a deixar para trás aquele momento em Brusk. A imagem dos jovens apaixonados foi se apagando lentamente. O som dos pássaros soou como eco na cabeça do menino.

Fora do Monastério, a tempestade desabava sobre as Terras Ermas. Gotas pesadas de chuva batiam contra os vidros da janela. Thomas estava deitado, as costas contra o chão gelado, com dificuldade para focalizar os objetos em seu quarto. Os dentes chacoalhavam de frio. Procurou pela vela, que ardia tranquilamente ao seu lado. Parte da cera estava derretida. Quanto tempo estivera em transe? Com muita dificuldade, recuperou os movimentos e se arrastou para a cama, atrás do calor nos lençóis. Seguindo a intuição, escondeu a pedra opaca, que ainda segurava, debaixo do travesseiro. Uma sonolência invadiu-o, forçando-o a dormir.

A madrugada passou, assim como a chuva. Os monges encontraram uma manhã fria e nublada. O inverno viria em breve. Quando Michel veio despertar Thomas, apavorou-se com o seu

estado; o menino ardia em febre. Ele preparou um remédio com gosto horrível e o obrigou a tomá-lo. Como a febre não cedia, deu-lhe um banho, numa tentativa frustrada de baixar a temperatura.

— Queria que nosso mestre estivesse aqui — disse, pesaroso.

Dois dias depois, a febre, enfim, cedeu. E mais de uma semana depois, Thomas já se sentia novamente fortalecido. Retomara até algumas das tarefas no Monastério, apesar das advertências de Michel. Só era difícil mesmo controlar a ansiedade toda vez que procurava a pedra escondida sob o travesseiro. Relutante, calculou o estrago que um novo transe faria à sua saúde. A curiosidade, porém, venceu. Precisava, mais do que nunca, descobrir a história completa de Alix e Erec.

Numa noite, quando todos os monges dormiam, saiu da cama e se sentou sobre o piso da cela. Acendeu uma vela, como da outra vez, e deixou-a por perto. Com força, apertou a pedra opaca entre os dedos, buscando concentrar os pensamentos desta vez em Erec. O cavaleiro negro era uma figura misteriosa e, ao mesmo tempo, distante. Thomas queria saber mais sobre ele.

Foi difícil desligar a mente cheia de perguntas. No momento em que finalmente teve sucesso, deixou-se dominar mais uma vez pela familiar sensação de morte.

• • •

O garoto tossiu com o mau cheiro de uma taberna imunda. Estava atrás de uma parede de madeira coberta de limo, junto a uma mesa ocupada por dois homens, um deles oculto pelo capuz de uma capa velha e escura, irreconhecível. Mas Thomas sabia quem era. Espiou-o com cautela, esquecendo-se de que não poderia ser notado.

— Por que me chamaste aqui? — perguntou Erec, numa voz abafada.

— Pedi que viesse, senhor, porque tenho algo para te vender — murmurou o outro. Com os modos ágeis de um ladrão, retirou da manga um pequeno saco de couro. — É um objeto muito caro ao sr. De Angelis.

— És pago para espionar e não para roubar.

— Sou apenas um servo, meu senhor. Preciso de dinheiro para sobreviver... — disse, com uma risadinha. — Isto aqui vale, pelo menos, quinhentas moedas de ouro.

— Não trago esse dinheiro comigo.

— Repito que *isto* é muito importante para ele.

— Se é tão importante, como te apossaste disto? — zombou o cavaleiro.

— Tenho meus truques — retrucou o outro, irritado. — Se não queres esta perenthis, então encontrarei outro comprador..

— Como chamaste o objeto? — disse Erec, subitamente interessado.

— É como meu amo chama esta coisa: perenthis. Ela vale quinhentas moedas!

— Já te disse que não trago esse valor comigo. Pago-te cem.

O servo fingiu indignação e ameaçou guardar a tal perenthis. Erec prendeu-o pelo pulso.

— Posso te pagar mais cem da próxima vez que nos encontrarmos. Sabes que sou um bom pagador.

— Preciso de mais dinheiro. Devo ir para longe. Não posso mais trabalhar para o arcebispo. Quando ele sentir falta disto aqui...

— Receberás mais cem moedas quando me certificar de que este objeto é mesmo o que afirmas ser.

Thomas acompanhava, confuso, o diálogo. A cabeça doía. Estava desapontado por ver Erec frequentar aquele lugar horrível e barganhar o preço de um objeto roubado. Não correspondia à figura do herói que vira lutando em Brusk. Até a aparência do rapaz combinava com a taberna imunda. Vestia-se como os salteadores que os andarilhos tanto temiam. “Será que Alix sabe disso?”

Ao se lembrar da princesa, Thomas foi arrastado para longe. Fechou os punhos. Aquela sensação horrível deixava-lhe a boca seca. Quando a cabeça parou de rodar, descobriu que estava em um corredor iluminado por archotes. Não era o requintado castelo de Brusk, com certeza. As paredes de pedra clara estavam nuas, exceto por uma tapeçaria. Thomas ouviu a voz de Alix vindo de um quarto à sua direita. Aproximou-se, emocionado, sem reparar que descobria como se locomover dentro daquela realidade. A jovem lia uma das histórias do livro de capa azul.

— O jovem cavaleiro recuperou a espada para apontá-la contra o focinho do terrível dragão — disse, com doçura. Alix, sentada em uma confortável cadeira, segurava com uma mão o livro, enquanto com a outra acariciava os cabelos de um garotinho adormecido em seu colo.

Thomas perguntou-se quanto tempo se passara desde o encontro da princesa e seu noivo no jardim. Alix não era mais uma adolescente e sim uma jovem adulta.

Ao se certificar de que o filho dormia, ela se levantou para colocá-lo com cuidado no berço. Distraída, enfiou o livro em um dos bolsos de seu vestido largo e simples. Estava descalça e os cabelos soltos davam-lhe uma aparência de camponesa. Thomas sorriu. Naquele lugar, a princesa podia ser ela mesma, sem preocupação com protocolos.

O garotinho devia ter uns três anos. Tinha alguns traços do rosto de Erec, além da pele clara e dos cabelos loiros.

— Parece que hoje ele deu trabalho para adormecer — disse Erec. — Já é madrugada...

Eufórica, Alix correu até o marido, encostado contra a batente da porta entreaberta. O rapaz estava exausto. Não usava a capa, mas as roupas denunciavam que acabara de regressar de uma longa viagem. Alix puxou-o para fora do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Há quanto tempo, quanto tempo! Estava morta de saudades — murmurou ela, cobrindo-o de beijos.

— Também senti tua falta.

— Deves estar faminto! Eu mesma vou preparar alguma coisa para comeres.

— Isto pode esperar. Tenho algo para te falar.

Erec enlaçou-a e a conduziu para um segundo quarto. Sentaram-se na beirada de uma cama. O lugar era simples, apesar da decoração elegante.

— Deves partir de Sutter o mais rápido possível.

— Queres que eu volte para a corte? — surpreendeu-se a princesa. — Ora, sabes o quanto gosto da tranquilidade de Sutter. O verão aqui é tão bonito! Nosso filho gosta muito de brincar na praia. Sinto falta de meu pai, mas...

— Não quero que fiques com teu pai. Também é perigoso.

Erec tocou com carinho os cabelos da esposa. Queria dizer muito mais do que acabou revelando.

— Procura Moriarty.

— Por que não posso ficar contigo?

— Preciso que estejas em segurança, junto com nosso filho, para poder agir. A grande ameaça está chegando ao nosso mundo e irá nos destruir.

A jovem não conseguiu conter as lágrimas que, silenciosas, tomaram sua face.

— Amo-te mais do que a minha própria vida — disse Erec. — Esta família é meu ponto fraco, o único caminho que os inimigos têm para me atingir.

— Há algo que ainda não sabes, que não contei a ninguém porque queria que fosses o primeiro a saber.

Alix guiou a mão do rapaz até a barriga saliente que o vestido largo disfarçava com eficiência.

— O bebê é para o começo de novembro.

Emocionado, ele a abraçou como se temesse perdê-la naquele instante.

— Lembra-te — sussurrou-lhe aos ouvidos —, vai ao encontro de Moriarty. Não procures a ajuda de ninguém, nem mesmo de Mark De Durham.

— Mas ele é nosso amigo! — protestou Alix ao se afastar do marido.

Erec não deu seus motivos. Tomou-lhe as mãos e beijou-as.

— Há alguém que deves temer: Hugues De Angelis.

De súbito, o eco de um estrondo distante colocou-o imediatamente em pé.

— Estamos sendo atacados! Pega nosso filho e vai para a Praia dos Pelicanos. Lá encontrarás dinheiro, roupas e provisões para a viagem.

— Não vou te deixar!

— Alix, por favor, não me deixes vulnerável... Agora vai!

Erec saiu apressado do quarto, seguido por Alix. Thomas foi atrás da jovem, que retornou para o quarto do filho. O garotinho dormia, chupando o dedo. Ela se abaixou para pegá-lo no exato momento em que surgiu uma perigosa luminosidade. Thomas estremeceu.

Junto à janela aberta, uma criatura brilhante avançou sobre eles. Tinha a aparência de um anjo, com asas, porte alongado e traços suaves que pareciam humanos. Não havia, entretanto, bondade naquele ser. O garoto quis tirar Alix e a criança dali o mais rápido possível. Mas era apenas um observador, incapaz de qualquer interferência.

A jovem, rápida, agarrou o filho e tentou fugir. A criatura alcançou-a, enfiou garras, que surgiram do nada, em seus ombros. Ela gritou, caindo de joelhos; o filho, assustado, despertou chorando. “Tenho que ajudá-los. Preciso fazer alguma coisa!”, pensava Thomas, agoniado.

Velozmente, o brilho da criatura esgotou as forças de Alix, que mal reagiu quando o filho foi arrancado de seus braços. Satisfeita, a

criatura escondeu-o em seus braços e, ao retornar à janela, abriu as asas para se lançar em meio à noite.

...

Muito tempo se passou antes que a princesa recuperasse a consciência. Thomas não tivera coragem de deixá-la sozinha. De onde estava, ouvia os gritos dos soldados que lutavam para proteger o castelo. Não podia fazer nada para ajudar. Cambaleante, Alix levantou-se e foi para o corredor. Uma fumaça grossa e escura encobriu sua visão. O lugar estava em chamas.

Apalpando as paredes, Alix encontrou um lance de escada e desceu por seus degraus. Dois criados passaram por ela, apavorados.

— Onde está o sr. De Sutter? — perguntou, segurando um deles pelo cotovelo.

— Com os soldados, alteza. Destruíram o portão principal e puseram fogo em tudo. São muitos!

— E quem são eles? Quem nos ataca?

— Não sei, alteza, acho que são salteadores.

Alix largou o homem e, tossindo, desceu um novo lance de escada. O fogo estava próximo demais. Salteadores comuns não atacavam castelos, ainda mais uma fortaleza à beira de um precipício, como o castelo de Sutter. Nem tampouco ousariam destruir a residência da filha do rei Arnon. O local era muito bem guardado.

O grande salão também estava em chamas. Alix parou nos primeiros degraus da escada ao ouvir o som característico do choque metálico entre espadas. Thomas, que a seguia, viu Erec do outro lado do salão, sendo atacado por três homens. O rapaz lutava de modo feroz; seus adversários eram homens rudes.

— Mercenários... — deduziu Alix.

Um quarto homem uniu-se a eles. Estava coberto por uma capa e um capuz envolvia a sua cabeça. A um sinal seu, os mercenários suspenderam a luta e saíram. O fogo, que agora consumia a escada por onde Alix viera, aumentava de intensidade. Ela, porém, não se preocupou com as chamas. Seus olhos estavam fixos no marido.

— Tens algo que me pertence, sr. De Sutter — disse o recém-chegado.

A jovem sabia, como Thomas. O quarto homem era Hugues De Angelis.

— Isto não pertence a ti, nem a este mundo — respondeu Erec, mantendo a espada em posição de ataque.

— É o preço que pagamos pela paz, meu jovem.

— Por quanto tempo, Savac? Por quanto tempo achas que poderás mantê-los longe daqui?

— Então sabes quem sou?

— Desde tua chegada a Britanya. Teu rosto foi modificado, mas não conseguiste mudar tua essência.

— Tens a sensibilidade de tua mãe. Pena que não tenhas os poderes dela...

O arcebispo estendeu um dos braços, lançando uma luz que envolveu Erec. Alix tentou avançar, mas as chamas estavam entre ela e os dois homens. Apesar de a fumaça tornar difícil entender o que acontecia no salão, Thomas viu o momento em que uma esfera brilhante saiu flutuando das roupas do cavaleiro. O objeto, do tamanho de uma maçã, voou até o lugar onde Hugues se encontrava. Erec, de joelhos e ainda agarrado à sua espada, sofria dores horríveis.

— Farei com que tua morte seja digna de um cavaleiro, rapaz. Gosto de ti! — sorriu o arcebispo, ao mesmo tempo que guardava a esfera.

Alix conteve um grito. A espada de Erec ganhou vida e atravessou-lhe o corpo. O rapaz tombou, morto.

O fogo cobria todo o salão. Thomas, desesperado, procurou por Alix.

Ela desaparecera nas chamas.

CAPÍTULO 6

Visitante

— As chamas queimam meus braços! — gritou Thomas, em
- **A**pânico.

Dines segurou-o com força, enquanto o garoto se debatia na cama.

— Não há fogo aqui, no teu quarto — disse o abade, procurando fazer com que ele voltasse a si. Mas os olhos febris do menino não o reconheciam. Lutavam contra alguma imagem que somente ele enxergava. — Por favor, irmão Michel, preciso de ajuda.

Enquanto o monge prendia o corpo de Thomas junto ao colchão, o abade aproximou o rosto do garoto do seu, mantendo a cabeça dele firme entre suas mãos compridas. A testa ainda ardia numa nova febre que durava dias.

— Ouve-me, Thomas, deves retornar para a realidade, entendes? Deves voltar para nós!

— As chamas... — murmurou o garoto, respirando com muita dificuldade.

Sua aparência chocara Dines, que regressara ao Monastério no dia anterior. O menino perdera peso. O rosto moreno estava pálido, sem vida, consumido pelo desespero. Para piorar, as alucinações abatiam-no ainda mais, pois atacavam-no com frequência, principalmente à noite.

A mente racional de Dines tinha muita dificuldade para entender o que acontecera. O comportamento do aluno estava estranho há tempos, mesmo antes de sua partida. Apesar do conhecimento médico do abade ser amplo e avançado, não encontrara razões físicas para a doença que matava o menino aos poucos. Junto com

Michel, preparara diversos remédios com o objetivo de restaurar-lhe o organismo debilitado, o que se revelara inútil.

Quando Thomas parou de se debater, ele o ajeitou com cuidado.

— Se ele não reagir, Michel, irá morrer — avisou.

— É o espírito dele que está doente, mestre.

— Tens ideia do que o afetou deste jeito?

Michel meneou a cabeça.

— Em nossa última aula, ele teve um pesadelo — lembrou Dines.

— Thomas sempre fica inquieto quando a Noite dos Mortos se aproxima. Mas, este ano, a data afetou-o demais. Ele parou de se alimentar direito e, a seguir, veio a febre. O que não entendo é que ele estava se recuperando bem, mas teve esta terrível recaída...

— Eu o vi na Noite dos Mortos, sobre as muralhas — disse o abade, pensativo. — Achei que era melhor deixá-lo sozinho. Sabes o que pode tê-lo enfraquecido novamente? Algum fato que aconteceu na minha ausência?

— Não, mestre. Não houve nada.

Dines deixou a cela e se afastou, arrastando os pés. Fora do Monastério, o dia estava nascendo, frio. O abade protegeu-se sob o manto de lã. “Nunca me acostumarei com este clima.” Sentia o coração pesado. As chances de recuperação de seu aluno eram remotas e essa perda entristecia-o. Afeioara-se àquele garoto esperto e inteligente, que considerava um filho. Lamentava nunca ter lhe dito isso. “Agi com ele como agi com Mareen. E também a perdi antes de lhe falar o quanto ela era importante para mim.”

Alguns corredores adiante, entrou em outra cela.

— Como te sentes hoje? — perguntou ao seu segundo paciente.

— Melhor, apesar de fraco — murmurou um sonolento Mark De Durham, deitado confortavelmente sobre a cama.

— E a perna?

— Ainda adormecida, mas sinto que posso movê-la. Maldita criatura mutante!

Dines sorriu. O mau humor do cavaleiro jamais o abandonava.

— Quase perdeste a perna. Os tentáculos da criatura contêm um tipo de veneno corrosivo. Sorte que te encontrei a tempo de usar um antídoto.

— Salvaste-me a vida de algo bem pior, amigo. E ainda nem te agradeci!

O abade preferia não falar sobre o assunto em que Mark tocara a seguir.

— *Aquilo* que me atacou, lá no pântano... Era um deles, não é?

Dines olhou para as mãos e esticou os dedos. Seu corpo estava dolorido pela tensão dos últimos dias.

— Erec estava certo — continuou o cavaleiro. — *Eles* estão no nosso mundo.

— Acredito que aquele era o único. De alguma maneira, ele conseguiu passar pela nossa vigilância. Isto não acontecerá mais. A guerra que Erec tanto temia ainda está longe deste mundo.

— Tu o destruístes? — perguntou Mark, com um sorriso. — Como fizeste isso? Aquela coisa praticamente me cegou com seu brilho, sugando-me todas as forças. Não havia como reagir. Eu estaria morto agora se tu não...

— Há mistérios que devo manter, pelo bem de todos.

— Vai para o inferno, Dines! Falas como Erec! — brigou o cavaleiro, sentando-se abruptamente na cama. A dor na perna obrigou-o a engolir o orgulho e desabar sobre o travesseiro.

— Descansa, Mark.

— Quase morri diversas vezes e ainda não tenho direito de saber tudo? Conheço apenas fragmentos de uma realidade, pedaços que muitas vezes não fazem sentido.

— A ignorância é a chave de tua segurança e a de tua família.

— Achas que o que aconteceu com Erec e Alix está ligado a tudo? Sempre acreditei que o ataque a Sutter não foi obra de salteadores e...

— Não debes mais vir às Terras Ermas.

Mark ainda não estava preparado para aquele assunto.

— Mas tens de estar informado sobre o que acontece nos limites do reino! Como essa informação sobre o pó que eu te trouxe agora...

— E quase perdeste a vida por ela. A partir de hoje, outro fará esse trabalho.

O cavaleiro assentiu, contrariado. Desistira de argumentar com o inabalável abade.

• • •

Dias mais tarde, Mark já estava exercitando a perna em recuperação por todo o Monastério e atazanando os monges com sua impaciência, feito um lobo enjaulado. A tranquilidade que os religiosos tanto amavam ficava seriamente ameaçada com a sua simples aproximação. Era impossível meditar, trabalhar e até rezar! Ele praguejava em tempo integral, aflito para saber por quantos dias ainda teria que permanecer naquele lugar “sem sal”, como dizia. Dines suspeitava que o amigo fazia isso de propósito, apenas para receber alta mais depressa. “E, sem dúvida, quer testar até onde vai minha paciência.”

O abade ansiava pela tão costumeira paz de sua ilhota. Uma noite, buscou a solidão do amplo salão subterrâneo. Folheava um velho livro enquanto pensava em Thomas. As alucinações tinham desaparecido, levando o garoto a um coma profundo. Resignado, Michel não abandonava seu leito, apesar de não poder fazer mais nada por ele. O menino não reagia mais à medicação. Sua morte talvez fosse questão de horas...

— Mestre, posso falar contigo?

O coração de Dines quase parou. O livro caiu com estrondo, um som que repercutiu pelo salão. Thomas fitava-o, em pé, a alguns passos de distância. Estava corado, apesar de bem magro e com olheiras profundas. Constrangido, o garoto abaixou a cabeça.

— Eu não pretendia te assustar. Perdoa-me...

Dines lutou contra a vontade de saltar da cadeira e abraçá-lo. *Ele estava vivo!*

— O irmão Michel sabe que estás aqui? — perguntou, controlando a alegria.

— Eu não quis acordá-lo. Ele dormia numa cadeira, perto da minha cama. Parecia exausto. Acho que lhe dei muito trabalho.

— Sabes qual foi a gravidade de tua doença? — quis saber o abade, curioso pela reação do garoto. Ele se comportava como se tivesse saído de um simples resfriado.

— Estive muito mal?

— Digamos que todos ficaram muito apreensivos com tua saúde.

Era o Thomas de sempre, o mesmo que comia as unhas das mãos de tanta impaciência. O mesmo garoto que desconhecia o próprio poder de cativar as pessoas, que desvalorizava seus talentos e sua autoestima.

— Mestre, há algo que preciso te pedir — começou ele, remexendo-se sob o blusão. A peça de roupa estava estranhamente folgada.

O abade pediu que se sentasse numa cadeira próxima. Era sempre difícil para Thomas expressar o que sentia.

— Aqui, no Monastério, descobri um mundo fantástico, conheci pessoas que são a minha família — começou o menino. Ele inspirou muito ar, como se as palavras lhe doessem. — Peço tua permissão para partir.

Dines disfarçou a surpresa. Levantou-se e andou em direção às minúsculas pedras brilhantes, no centro do salão. Aquele pedido inesperado preocupava-o profundamente.

— Por quê? — perguntou, de costas para o garoto. Não sabia que sua atitude era interpretada como indiferença. Thomas encolheu-se na cadeira, mirando os pés inquietos.

— Preciso voltar para a Grande Ilha. É um assunto particular.

— Sabes que não posso permitir tua saída do Monastério. Ela só pode ser autorizada pelo andarilho que te trouxe aqui.

O abade sentiu o olhar furioso de Thomas. Virou-se a tempo de ver os olhos grandes ardendo com aquela energia explosiva que o garoto escondia dentro de si. Thomas desviou o rosto, contendo os pensamentos. “Se eu não permitir sua partida, ele fugirá”, deduziu o Dines, aflito. “Ele já tomou sua decisão e nada vai detê-lo. Quando enfia alguma coisa na cabeça...”

Era preciso decidir rápido. Sozinho, o garoto ficaria à mercê dos perigos das Terras Ermas. Havia ainda a travessia até a Grande Ilha. Apesar de nunca aceitar isso, ele era apenas uma criança. Mais culta e preparada do que a maioria, com certeza. Ainda assim, indefesa. Depois, ele fora enfraquecido por uma doença grave. Por outro lado, havia Mark De Durham. “Talvez eu possa aguentar o cavaleiro por mais alguns dias até Thomas se recuperar totalmente.”

— Tenho uma alternativa.

Thomas tensionou os ombros, surpreso e desconfiado.

— Há um visitante no Monastério, um homem que se recupera de um ferimento na perna. Quando jovem, ele estudou conosco. Foi nosso pior aluno.

Dines sorriu, lembrando-se do garoto briguento que custara horas e horas de rezas ao irmão Augustus. Nenhuma promessa do monge tivera algum resultado para melhorar aquele temperamento indisciplinado.

— Ele estudou aqui, contigo?

— Não, ele não sabe deste salão. Foi aluno do coitado do irmão Augustus.

— Queres que eu vá com ele?

— Quero que prometas que seguirás esse homem até a Grande Ilha. É para onde desejas ir, não?

Thomas hesitou.

— Gostarás do Mark. Ele...

— Mark De Durham? — perguntou Thomas, alarmado.

— Tu o conheces?

— Eu o vi em um torneio em York, quando tinha sete anos.

— Mark é um cavaleiro famoso. Mas não o julgues pelas palavras que disse há pouco. Ele é um homem corajoso, muito bom no que faz.

O menino mordeu os lábios, demonstrando o quanto a opção o intimidava. Depois, pediu licença para deixar o aposento.

— Tenho tua promessa? Obedecerás a Mark De Durham? — gritou o abade. Thomas já subira alguns degraus para ir à biblioteca.

— Seguirei o cavaleiro, mestre, se esse é o teu desejo.

Dines voltou a se sentar, pensativo. A melhora de Thomas era mais do que extraordinária. E o abade estava feliz demais com esse milagre para se preocupar com a sua partida. Alimentava ainda uma tímida esperança de que ele mudasse de ideia.

• • •

Thomas, no entanto, não mudou sua decisão. Também tinha resolvido se recuperar por completo para enfrentar a nova jornada. Comia todos os pratos saudáveis que Michel preparava para ele. Já o monge estava inconsolável. Depois da imensa felicidade em ver o pequeno assistente com vida, ficara inconsolável quando soube da novidade.

— Por que insistes em ir embora? Não gostas mais do Monastério?

— Sabes que adoro viver aqui, Michel. Não é isso.

— E o que é então?

Teve pena do amigo. Michel realmente se preocupava com ele. Pensou na indiferença de Dines na noite em que lhe falara sobre sua vontade de partir, o quanto ele se mostrara decepcionado com a decisão do aluno.

— Vou procurar uma cura para os pesadelos que tenho —
confidenciou.

— Nesse caso, devemos falar com o mestre. Ele talvez conheça
uma cura e...

— Não, Michel. É algo que preciso descobrir sozinho, longe daqui.

— E já sabes onde procurar?

— Sei, mas não posso te falar mais nada.

O garoto enfiou o garfo na batata cozida em seu prato, dando o assunto por encerrado. Tinha uma necessidade urgente em descobrir se as imagens que vira em transe eram verdadeiras ou apenas alucinações. Havia muitas questões sem explicação. Possuía apenas um nome: Moriarty. Se o encontrasse, poderia obter muitas respostas. Michel não insistiu e se afastou, saindo da cozinha para trabalhar na horta.

Thomas pensou em Mark De Durham. Já o vira perambulando pelo Monastério, sempre pronto a atrapalhar as tarefas dos monges e a irritar o tranquilo irmão Augustus. Mas o cavaleiro não reparara no garoto, que se perguntava se ele já sabia sobre a existência de um companheiro de viagem.

— Tu me farás companhia até a Grande Ilha? — disse Mark, parado na porta da cozinha.

O garoto assustou-se com a aparição inesperada, o que divertiu o cavaleiro.

— Será que conseguirás viver fora do silêncio tenebroso deste lugar, menino? — perguntou ele, debochado. — E o que esses monges te ensinaram? Sabes pelo menos montar a cavalo?

— O suficiente para me virar — devolveu Thomas, no mesmo tom.

Mark sorriu. O garoto imaginara muitas vezes como seria sua primeira conversa com o cavaleiro que o intimidava. Era óbvio que ele não se recordaria do incidente na tenda de Rouen De Larc, ocorrido tanto tempo antes.

— O abade me disse que estudaste aqui — arriscou Thomas.

— É verdade. Meus pais queriam que eu fosse monge... Mas do que eu sempre gostei foi de brigar.

E caiu na gargalhada, jogando a cabeça para trás.

Thomas estava surpreso com seu comportamento. Antes de reencontrá-lo, a imagem que fazia dele era a de uma pessoa contida e educada, incapaz de levantar a voz.

— Claro que não fiquei por muito tempo — explicou Mark, sério de repente. — Regressei para Durham e assumi as terras da família quando meus irmãos foram mortos pelos bárbaros.

O garoto tinha uma pergunta na ponta da língua, mas não se arriscou a expressá-la. Queria saber se Erec De Sutter realmente existira. Deu uma nova garfada no almoço.

— És de família nobre? O abade me falou pouco sobre ti.

Thomas ia responder, mas foi interrompido pela chegada de um monge, que trazia um recado de Dines para o cavaleiro. Queria conversar com ele em sua sala.

— Partimos amanhã, garoto. Encontra-me no portão, antes da missa — avisou Mark, e deixou a cozinha.

• • •

Thomas esperou que o cavaleiro saísse da sala de Dines para abandonar as sombras do corredor rumo à luz de um castiçal. Mark não o notou e se afastou, mancando levemente. O garoto descobrira que o visitante ficara sob os cuidados pessoais do abade, e não conseguira saber mais nada sobre o assunto. Talvez tivesse se ferido quando ia para casa e procurado a ajuda dos velhos professores. Era comum que cavaleiros, a serviço do rei, transitassem pelas Terras Ermas. Só que sua intuição lhe dizia que a história não era tão simples assim.

Ele se aproximou da grossa porta de madeira e bateu duas vezes. Esperou até que o abade autorizasse sua entrada. A seguir,

empurrou a porta e parou, indeciso. Era a primeira vez que visitava aquela sala desde o dia de sua chegada ao Monastério. A passagem do tempo não teve efeito sobre o local. Tudo estava exatamente igual. Até o espelho esquisito. Desta vez, Thomas não se interessou pelo objeto. Dines estava em sua cadeira, do outro lado da mesa, fitando-o, curioso.

— Não é melhor entrares de uma vez? — perguntou, gentil.

O garoto aproximou-se da mesa, mas não quis se sentar na cadeira que o abade lhe indicava.

— Vim me despedir, mestre — disse, num tom baixo, sem coragem de encarar seu rosto severo.

Dines, porém, não demonstrava a mesma indiferença do outro dia. Estava afável e, ao mesmo tempo, triste.

— Não gostaria que fosses embora, Thomas. No entanto, não me deixas alternativa.

Thomas levantou o olhar. Então ele tinha algum poder de decisão?

— Se eu impedisse tua partida, não resolverias fugir?

— Sim — admitiu o garoto. — Não me sentiria bem agindo dessa forma, depois de toda a atenção que recebi neste lugar.

— Acredito que tens um excelente motivo para deixar o Monastério. Não te farei perguntas. Quero apenas que saibas que aqui será sempre um lar para ti, um abrigo seguro se um dia estiveres em dificuldade.

Thomas nunca fora tão feliz quanto no Monastério.

— Não consegui te passar todo o conhecimento que gostaria — disse o abade, emocionado. — És um rapaz inteligente e talentoso. Espero que um dia retornes. Ainda há muito a aprender.

— Eu voltarei, mestre — prometeu o garoto, a voz trêmula.

O choro sufocou-lhe a garganta. Correndo, ganhou o corredor. Não conseguia mais controlar as lágrimas.

CAPÍTULO 7

Jornada

A estrada de pedra continuava do mesmo jeito. Nas suas margens, árvores altas e frondosas encobriam parcialmente a claridade do dia. Chovera na noite anterior e as pedras estavam escorregadias. O cavalo que Thomas montava era cauteloso e respondia bem ao seu comando. Mark surpreendera-se com a destreza do companheiro de viagem. O garoto e o cavalo entendiam-se às maravilhas, ao contrário dele e do animal arisco que Dines lhe emprestara.

— Quando chegarmos à Grande Ilha, comprarei cavalos decentes para nós — resmungou Mark. Os animais seriam deixados em um estábulo próximo ao porto, antes da travessia, para serem devolvidos ao monges.

Thomas não disse nada. Já era a terceira vez que o homem reclamava da montaria. Apesar disso, o humor de Mark melhorara sensivelmente desde que começara a respirar o ar livre do caminho. Haviam deixado a praia e o Monastério horas antes. Já o estado de espírito de Thomas era o pior possível. Os monges estavam na missa na hora em que partiu. Apenas Michel despedira-se dele, com um imenso abraço apertado.

— Então queres ser monge? — perguntou Mark, tentando puxar conversa.

— Eu? Ah, não! — respondeu Thomas, fazendo careta. Tudo o que queria naquela viagem era permanecer quieto com os próprios pensamentos.

— Como estes monges conseguem transformar crianças em pequenos adultos sombrios? Qual tua idade?

— Doze.

— E por quanto tempo moraste naquele lugar?

— Quatro.

— Tempo demais! Crianças têm necessidade de correr, de brincar. Não devem ficar presas entre livros e rezas.

O garoto não tinha vontade de discutir as vantagens e desvantagens de viver no Monastério. Encerrou a tentativa de conversa com um duradouro silêncio. Sem dúvida, aquela seria uma viagem longa demais.

Passou os dois dias seguintes respondendo laconicamente a novas perguntas. Não, não vinha de família nobre. Sim, era um andarilho. Não, não detestava o Monastério, mas também não queria ser monge. Não, ainda não tinha planos. Sim, tinha um assunto para resolver na Grande Ilha. Não, não queria comentar coisa alguma sobre o assunto.

O cavaleiro desistiu de conversar. Quando a noite do terceiro dia surgiu, os dois acamparam numa curva da estrada, sob o abrigo de um carvalho. Mark acendeu uma fogueira e permaneceu vigilante. Thomas ainda não o vira dormir. Enrolou-se em sua capa de viagem e acomodou-se perto das raízes da árvore. Estavam no início de dezembro e as baixas temperaturas retornavam à região. Mark pretendia chegar ao seu destino antes da primeira geada.

Thomas já estava sonolento no minuto em que um pressentimento o despertou, fazendo que se sentasse, alerta. O ar estava parado. Havia um terror invisível que deixava sua nuca arrepiada. Mark também notara alguma coisa estranha, erguera-se com a espada em posição de defesa. Os cavalos estavam inquietos.

— Sobe na árvore — sussurrou o cavaleiro. — Rápido!

Thomas pegou o arco e as flechas que descansavam a seus pés e, em segundos, estava escondido entre os galhos mais altos. Concentrou-se no que seu ouvido poderia captar, enquanto deixava a flecha em posição de ataque. Mark permanecia no mesmo lugar, protegendo os cavalos.

Sons assustadores encheram o ambiente. Criaturas estranhas, meio homens, meio lobos, deixaram a escuridão. As chamas da

fogueira revelaram seus corpos, equilibrados sobre as duas patas traseiras e cobertos por pelos negros. Os focinhos quadrados saltavam do rosto medonho, mostrando dentes enormes e pontiagudos. “Lupus!”, deduziu Thomas antes de fazer pontaria. Além de saber que eram criaturas carnívoras, conhecia pouco sobre eles. Alimentavam-se também dos infelizes que ousavam atravessar a Floresta Escura. O garoto e o cavaleiro, no entanto, seguiam outro percurso, considerado seguro para os viajantes.

Nada preocupado com limites territoriais, o grupo de feras cercou o carvalho, devagar. Rosnavam. Eram quase da altura de Mark. Os cavalos, assustados, lutavam para soltar suas rédeas presas a arbustos. O suor escorria pela testa do garoto, apesar do frio da noite. Ele havia contado treze lupus.

Não esperou sinal algum de Mark para atacar. A primeira flecha passou zunindo entre as folhas da árvore e atingiu a criatura mais próxima na altura do pescoço. Ela urrou de dor. Uma segunda a fez tombar de lado, imóvel. Os outros lupus atacaram, ainda mais ferozes. A espada do cavaleiro refletiu o luar ao obter altura para o primeiro golpe. Thomas derrubou mais dois com flechas certeiras. Faltavam dez.

O cavaleiro feriu uma das criaturas, espalhando mais sangue sobre as pedras da estrada. A fera uivou, cambaleante, antes de cair. Thomas lançou novas flechas e atingiu três. Desesperado, percebeu que a munição acabara. Quatro lupus cercavam Mark, que se protegia bravamente com a espada. Um deles abocanhara o braço. Os demais avançaram, aproveitando o segundo de hesitação do homem. Este, porém, reagiu após dispensar seu atacante com um chute no focinho.

Thomas tentou dominar o medo e deslizou para o solo. Dois lupus atacavam o cavalo que o garoto trouxera do Monastério. Não notaram o momento em que ele os contornou para retirar dois gravetos da fogueira.

— Volta para a árvore! — mandou Mark, aflito.

Um dos lupus decidiu atacar Thomas. O mais rápido que pôde, o garoto enfiou os gravetos em chamas direto nos olhos da criatura e pulou para a esquerda. Ela urrou, caindo. Thomas dobrou o joelho com força sobre a coluna do animal, enquanto sua mão enterrava-lhe uma adaga comprida no pescoço. Outro lupus saltava em sua direção. Um dos cavalos estava morto. O outro, o animal arisco de Dines, defendia-se loucamente do ataque, dando coices inúteis no adversário. Mark derrubara mais um.

Seguindo o instinto, Thomas rolou no chão para ir contra o atacante. O movimento surpreendeu a fera, dando tempo ao garoto de lhe chutar as pernas e derrubá-la. Ensandecida, ela dirigiu suas garras para ele, atingindo-lhe o rosto. Thomas mirou a adaga no pescoço da criatura, mas errou o alvo. Os dentes afiados rasgaram-lhe a mão. "Preciso desequilibrá-la..." Num gesto preciso, chutou o corpo do animal, obrigando-o a se curvar. Seu sangue quente espirrou nos olhos do garoto quando a adaga lhe cortou o pescoço.

Ofegante, o menino viu Mark enterrar a espada no corpo de uma das feras. A outra aproveitou a chance e derrubou-o. O lupus que atacava o cavalo desistiu da presa ao avistar Thomas, que corria para ajudar o cavaleiro. Cruzou em segundos a curta distância que os separava. O garoto só pressentiu o ataque quando era tarde demais. Os dentes afiados perfuraram-lhe o ombro esquerdo. Thomas fechou os olhos. A dor dilacerante impedia-o de pensar. A respiração do animal pesou-lhe sobre o pescoço. O garoto debateu-se, como louco, procurando se soltar, mas as garras rasgavam-no, provocando mais dor. O pesadelo que tivera dias antes se concretizava. Ia morrer.

— Não! Eu não vou morrer! — decidiu, com raiva.

Estava imobilizado pela criatura, que hesitou ao ver seu rosto. Os olhos dela eram esbugalhados e vermelhos, como sangue. Os dentes, por fim, tocaram o pescoço de Thomas. De repente, ela ganiu e relaxou. O garoto acabava de afundar-lhe a adaga entre as costelas.

Apesar da dificuldade, ele se livrou do peso sobre si. O lupus que Mark ferira havia pouco conseguira ganhar novo fôlego e agora o atacava. O outro, o que o arremessara ao chão, jazia morto.

Apesar da dor, o garoto conseguiu se levantar. Estava desarmado. Tentara, sem sucesso, arrancar a adaga do corpo da fera. Mark resistia, em visível desvantagem. O animal, mesmo ferido, era ágil.

Thomas virou-se para a fogueira e constatou, alarmado, que o vento frio a apagara. Sem saída, abaixou o olhar para o piso da estrada. Foi então que se agachou, pegou uma das pedras soltas e a atirou contra a cabeça do lupus. Isto o distraiu, a oportunidade de que Mark precisava. Com um golpe seco, ele arrancou a cabeça do animal, que voou rolando até cair aos pés de Thomas. Este não segurou o vômito. Tombou de quatro, tremendo de modo descontrolado. O pânico finalmente dominara-o ao lhe mostrar todo o horror que se desenrolara naquele canto deserto. Os treze lupus estavam mortos.

— Coloca tudo para fora, garoto — disse o cavaleiro, ao se aproximar. — Isto te fará bem.

Com suavidade, tocou a nuca do garoto que não tinha mais nada para vomitar. Thomas lutava agora para manter os sentidos despertos.

— Vejo que as aulas no Monastério foram extremamente proveitosas para ti. Terei de rever minha opinião — brincou Mark. — Vamos sair deste cenário deprimente.

A voz do cavaleiro pareceu distante. O garoto quis se levantar, sem sucesso. Não sentiu seu corpo bater contra o chão.

...

Alguma coisa pastosa esquentava a pele de Thomas. Seu ombro doía bastante. Abriu os olhos, confuso. Os viajantes estavam em outro trecho da estrada, longe o suficiente da curva onde ocorrera o

ataque. A poucos metros, o cavalo arisco devorava, tranquilo, um punhado de capim.

— Falta pouco para amanhecer — comentou Mark.

Ele passava um tipo de pasta na superfície de algumas folhas e as usava para cobrir os ferimentos do garoto. Este viu que seu companheiro de viagem também exibia uma grande folha amarrada contra o braço mordido pelo lupo.

— Não sou tão bom quanto Dines, mas sei me virar quando é preciso fazer um curativo — disse o cavaleiro, bastante atrapalhado. A folha que segurava caiu com a pasta virada para o chão. — Diabos! Esta meleca gruda nos dedos!

Thomas achou a cena muito engraçada: aquele homem enorme, com mãos gigantes extremamente ágeis numa luta, parecia um garotinho aprendendo a espalhar geleia no pão. Tentou rir, mas o lado direito de seu rosto, logo abaixo do olho, doeu terrivelmente.

— Não te mexas. Uma daquelas criaturas malditas cortou teu rosto — disse Mark. Conseguiu equilibrar, de maneira desastrada, a folha entre os dedos para aplicá-la sobre o corte. — Acho que ficarás com uma bela cicatriz para impressionar as meninas.

A pasta tinha um efeito analgésico. Thomas relaxou. Mais meio dia de cavalgada e estariam no porto.

— Senhor... — murmurou, descobrindo que precisava se esforçar bastante para falar. — Ainda pretendes me levar até a Grande Ilha?

Mark ficou em dúvida.

— Achas que podes cavalgar? — perguntou, após alguns minutos. Thomas assentiu, mas o cavaleiro continuou indeciso. — Levaríamos tempo demais para retornar ao Monastério. Tu não resistirias ao esforço. Pensei em ficarmos na estalagem, no porto, até te sentires bem para embarcar.

— Esperarias por mim, senhor?

— Prometi ao abade que te levaria, não foi? — respondeu ele, rindo. — Dines arrancará minhas tripas se eu não cuidar de ti como a um filho.

Depois, mais sério, olhou impressionado para o garoto.

— És bem mais forte do que aparentas. Nunca vi ninguém da tua idade lutar desse jeito.

— Os lupus não deveriam atacar só na floresta?

— É o que todos dizem. Acho que este grupo audacioso decidiu ir mais longe atrás de comida. Quero te agradecer por salvar minha vida. Não teria sobrevivido sem tua coragem.

Thomas desviou o olhar. Não se sentia um herói. Matar lupus e arrancar cabeças eram coisas que preferia varrer da memória para sempre. Mark guardou o restante da pasta numa pequenina bolsa de couro, fechando-a a seguir com um cordão.

— Isto aqui é maravilhoso contra mordidas e arranhões de lupus — admitiu ao fitar o remédio. Logo depois, lembrou-se de alguma coisa e começou a resmungar. — Aquele velhaco do Dines sempre adivinha tudo. Só me deixou sair do Monastério depois que guardei este remédio no bolso.

• • •

A estalagem era um lugar movimentado. Recebia viajantes de todos os pontos de Britanya, principalmente comerciantes que mantinham acesa a economia naquele canto do mundo. Os limites do reino, nas Terras Ermas, eram protegidos por nobres vassalos que detinham o controle sobre feudos em regiões estratégicas. Como esses senhores e exércitos direcionavam suas energias contra a invasão dos bárbaros, seu sustento era garantido pela renda gerada pelo povo das ilhas. Apesar disso, não levavam uma vida tranquila. Thomas passara os primeiros anos da infância ouvindo histórias sobre os monstros terríveis que habitavam lugares malignos nas Terras Ermas, evitados por qualquer ser humano com um pouco de juízo. Após sua experiência com os lupus, não ficaria surpreso se encontrasse criaturas piores do que aquelas. Era, no entanto, uma

longa época de paz, o que incentivava a presença de tantos viajantes na região remota e tão perigosa.

Thomas estava na janela do quarto que dividia com Mark, no andar de cima da estalagem, observando as embarcações que chegavam e saíam do porto. Acordara havia quase uma hora, sentindo o corpo pesado. Os ferimentos no ombro e no rosto ainda o incomodavam bastante.

— Bom dia, garoto! Pensei que não acordarias mais — saudou Mark ao entrar. Trazia um pão redondo, fresco e cheiroso, que atirou para Thomas. Num movimento instintivo, ele o agarrou no ar, sem esforço. — Teus reflexos continuam ótimos. Sabes quanto tempo dormiste?

O menino não tinha muita certeza. Lembrava-se de que a cavalgada até a estalagem fora dolorosa. As imagens confundiam-se em sua mente. Após despertar, demorou a perceber que não estava mais protegido pelas paredes do Monastério.

— Quase um dia e meio! — continuou Mark. — Os monges nunca te deixavam dormir?

Thomas não podia acreditar que dormira tanto. Efeito, com certeza, do remédio espalhado por todo o corpo. Deu uma mordida no pão e caminhou com dificuldade até a cama e seu colchão muito duro.

— Ainda não tens condições de enfrentar uma jornada solitária pela Grande Ilha — constatou Mark. — Que achas de ir comigo direto para a Ilha Média? Minhas terras ficam lá. São dois dias para a travessia de barco e mais três a cavalo até Durham. Então, poderás dormir o quanto quiseres. Há outra coisa que me preocupa. O clima está piorando. Daqui a pouco, será impossível encontrar um dia bom para cruzar o mar.

Em sua vontade desesperada de deixar o Monastério, o garoto não contara com o inimigo natural dos viajantes: o inverno. Além disso, se ficasse algum tempo em Durham, teria a oportunidade de

saber mais sobre o cavaleiro e seu passado. E talvez descobrir se certo torneio em Brusk acontecera de verdade...

— Posso passar o inverno em Durham? — perguntou, inseguro.

— Com certeza! Nem precisas de convite. Na primavera, prometo que te levo para a Grande Ilha. O que achas?

O garoto concordou com um movimento lento de cabeça. Algo lhe dizia que o cavaleiro não teria a oportunidade de cumprir a promessa.

...

Era difícil para Mark gostar daquele garoto estranho. Jamais conhecera uma criança tão melancólica. E também tão séria. Ainda não vira Thomas esboçar nem sequer um sorriso, apesar de todas as tentativas de fazê-lo rir. Era um garoto corajoso, sem dúvida, e sabia como agir sob pressão. Mas aquele excesso de silêncio não era nada comum para alguém tão jovem.

Riu sozinho ao pensar que Dines sabia tão pouco quanto ele sobre Thomas. Era impossível acreditar na descrição que o abade fizera: um aluno voluntarioso, cabeça-dura o suficiente para se meter em encrencas. Para Mark, o garoto era simplesmente apático.

— É importante mantê-lo ocupado. Thomas tem muita energia — aconselhara Dines.

O cavaleiro perguntava-se se o mestre não estava querendo lhe pregar uma peça. O garoto nem se mexia! Passara os dois dias da travessia de barco cochilando o tempo inteiro. Não mostrara interesse nem pela paisagem costeira da Ilha Média, exposta em sua beleza por uma manhã excepcionalmente clara.

Mark não conseguia se afeiçoar a Thomas, apesar de ter pena dele. Era visível que o menino guardava algum tipo de sofrimento, algo que devia atormentá-lo. Um sentimento que se agravara após o terrível encontro com os lupus. “Todos têm seus fantasmas”, pensou

Mark, enquanto mirava o sol da tarde gelada. Ao longe, nuvens carregadas tomavam o céu com velocidade.

Difícil mesmo era acreditar em tudo o que ocorrera nos últimos dias nas Terras Ermas, principalmente no ataque no Pântano do Terror. A lembrança dava-lhe calafrios. E Dines, que se negava a lhe confiar qualquer segredo, fazia a situação parecer pior. Mark sempre preferiu encarar os adversários, decifrando-lhes os pontos fortes e fracos. Mistérios, meias verdades, significados ocultos... Isso, com certeza, não era para ele.

Em instantes, desabaria um temporal. O cavaleiro esperava chegar à Estalagem Verde antes das primeiras gotas. Fez sinal a Thomas para acelerar a cavalgada e, a seguir, esporeou a montaria. Comprara dois cavalos fortes quando desembarcara, pela manhã. As patas pesadas dos animais levantavam a terra do caminho, diminuindo sensivelmente a distância até a estalagem, numa colina.

Por sorte, a chuva só despencou no instante em que os dois viajantes, carregando as mochilas, entraram pela porta principal. Um moleque de uns oito anos já levava os cavalos para o estábulo.

— Sr. De Durham, sê bem-vindo! — gritou uma mulher de cabelos vermelhos e rosto sardento, vindo ao seu encontro.

— Boa tarde, Fiona! — respondeu Mark, com um sorriso largo. — Hoje eu trouxe um amigo para conhecer a refeição maravilhosa que somente tu sabes preparar.

Fiona agradeceu o elogio e, ao reparar em Thomas, mostrou-se preocupada com o curativo no lado direito de seu rosto.

— Um pequeno acidente — esclareceu o cavaleiro. — Há quartos para nós?

— Claro, meu senhor. Devo mandar esquentar água para um banho?

— Depois, mulher, depois! Estou faminto!

Sem perda de tempo, Fiona acomodou-os junto a uma mesa. Rapidamente trouxe uma caneca imensa de cerveja para Mark e

espalhou sobre a mesa generosos pedaços de pão preto. Para Thomas, separou uma caneca de leite.

— Ainda és muito jovem para a cerveja, certo? — disse, com uma piscadela.

A seguir, sumiu em direção à cozinha para retornar logo depois, carregando inúmeros pratos. O aroma apetitoso fez o estômago de Mark rosnar.

— Experimenta esta carne, garoto. Aposto que jamais comeste nada tão saboroso — sugeriu o cavaleiro ao depositar uma imensa porção no prato de Thomas. — Ah, Fiona, um dia desses vou te levar para Durham... Cozinhas melhor do que as criadas de minha casa. E que elas nunca descubram que eu te confessei isso!

Os dois riram alto. Nesse momento, mais dois viajantes entraram na estalagem, encharcados pela chuva. Fiona pediu licença e foi atendê-los. Pelo canto do olho, Mark observou Thomas, que, perdido no meio de tanta comida, segurava o garfo de um jeito bastante indeciso. “Ele não sabe nem comer direito”, pensou, desanimado. Não tinha ideia de como lidar com aquele menino. E ele iria passar um inverno inteiro em seu castelo!

Mark repetiu o prato duas vezes antes de se dar por satisfeito. Só então percebeu que a atenção do garoto estava focada no que acontecia num dos cantos da sala. Uma cachorra amarela e branca amamentava vários filhotes, mas arreganhava os dentes para um cachorrinho que, desastradamente, tentava se aproximar. O coitado, cambaleante em sua aparência faminta, já dera uma dúzia de voltas, na expectativa de driblar a vigilância da mãe. Ela, no entanto, não cedia e continuava a afastá-lo.

— É o mais fraco da ninhada — explicou Fiona, que enchia novamente a caneca de Mark. — Por isso, foi rejeitado.

Thomas virou para ela seus olhos expressivos. Estava chocado.

— Uma mãe que rejeita o próprio filho?

— Já vi acontecer antes. O filhote está doente. Eu mesma já tentei alimentá-lo, mas ele não consegue comer. Não vai durar

muito.

O garoto espiou outra vez o cachorrinho, que escapava de uma nova mordida materna. Era um filhote muito frágil e pequeno, de pelo branco e manchas marrons. As orelhas triangulares caíam, desajeitadas, ao redor do focinho.

Thomas deixou o banco e chegou mais perto do cachorrinho. Gentilmente, colocou-o no colo e ofereceu-lhe minúsculos pedaços de carne que levava na mão. Para surpresa de Fiona, o filhote devorou tudo e queria mais.

— Dou minha palavra de que ainda hoje cedo tentei lhe dar o que comer! — disse ela, coçando a cabeleira ruiva.

Ainda com ele no colo, o garoto retornou à mesa e cortou mais alguns pedaços de carne.

— Este é um jack russel terrier, uma raça antiga muito comum aqui, na Ilha Média — explicou-lhe Mark. — Fiona, manda preparar um banho para mim e outro para o garoto. E deixa no quarto uma caneca de leite e um pouco de carne crua para o cachorro. Ele ficará conosco.

Surpreso, Thomas virou o rosto para ele. Depois, abriu um sorriso imenso, que iluminou todo o seu rosto. Mark, finalmente, estabelecera contato.

• • •

Após o banho, Mark trocou de roupa e foi bater à porta do quarto de Thomas, ao lado do seu. O garoto tinha uma aparência ótima. Também já se lavara e vestia roupas limpas. No rosto, apenas uma pequena cicatriz, logo abaixo do olho direito, lembrava o ataque, ocorrido apenas cinco dias antes.

— Aquela meleca que Dines me obrigou a trazer foi mesmo milagrosa contigo! — exclamou o cavaleiro. — Meus ferimentos nem começaram ainda a cicatrizar.

— Talvez a pasta saiba que tens má vontade com o abade — brincou Thomas.

— É, talvez — sorriu o homem, satisfeito com o bom humor do menino. — Seria a cara de Dines me entregar um remédio que não funcione comigo apenas com o objetivo de me irritar.

Ele se sentou na cama e se pôs a acariciar a cabeça do cachorrinho que dormia sobre o travesseiro.

— E teu ombro, como está?

— Não dói mais, senhor — respondeu Thomas. — Eu gostaria de agradecer por tua gentileza...

— Que gentileza?

— Deixar que eu ficasse com Oz.

— Então este é o nome do filhote! É bem estranho.

— Oz é uma terra mágica. Uma menina e seu cãozinho foram parar lá, uma vez.

O cavaleiro não entendeu nada. Thomas apenas sorriu.

— É uma história, senhor. Está em um livro que li no Monastério.

— Ah, sim — disfarçou Mark. Ele sempre detestara livros e, na época em que estudava no Monastério, costumava passar longe da biblioteca. — Sabes que este bichinho está doente, não?

A perda do animal era uma possibilidade concreta. Esticado sobre o travesseiro, ele respirava com dificuldade. Os ossos eram visíveis sob o pelo maltratado.

— Ele vai ficar bom — garantiu Thomas.

Mark admirava a fé infantil no impossível. Pelo bem do garoto, torcia para que o filhote se recuperasse. Os dedos de Thomas tocaram com cuidado o corpo do animal. “Crianças e cachorros foram feitos um para o outro”, pensou o cavaleiro.

■ ■ ■

Mark decidiu esperar mais um dia na estalagem antes de seguir viagem. Thomas amanhecera febril e vomitara duas vezes. O cachorrinho, ao contrário, renascera. Animado, corria de um canto a outro do quarto. Latia, jogava-se no chão e mordia uma das botas do garoto, jogada embaixo da cama, sem se cansar. Só parou na hora em que Thomas o pegou no colo para alimentá-lo. Um minuto depois, de barriga cheia, lambeu-lhe as mãos e adormeceu ao seu lado.

Na manhã seguinte, os três finalmente puderam partir. O garoto tivera uma rápida melhora. Na verdade, não tinha qualquer vestígio do mal-estar que o derrubara horas antes. Uma chuva fina impedia-os de cavalgarem com mais rapidez. A estrada estava enlameada e a paisagem, envolvida por um denso nevoeiro. Eles atravessavam campos arados em um imenso vale verde de uma beleza que o cavaleiro lamentou não poder admirar. A Ilha Média era um lugar excepcional.

— Levas jeito com os animais — disse, analisando Thomas e o novo cavalo, que se comportavam como velhos amigos. Escondido no bolso da capa de seu dono, Oz descobria, com curiosidade, o mundo ao redor.

— É só respeitá-los, senhor. São seres inteligentes.

— Erec também pensava assim.

— C-como disse, senhor?

A água da chuva espirrou no rosto de Mark, apesar da proteção oferecida pelo capuz. Ele passou o braço sobre os olhos e tentou mais uma vez enxergar através do nevoeiro. Se os dois chegassem antes do anoitecer ao outro lado do vale, poderiam dormir na casa do moleiro.

— Quem é Erec? — insistiu o garoto.

— Ah, perdoa-me. Meus pensamentos voaram. Erec foi meu escudeiro e meu melhor amigo. Sua família também era daqui, da nossa amada Ilha Média. Perceberás que nosso povo difere daquela

gente mal-humorada que vive na Grande Ilha. Somos alegres e fortes. Amamos a vida.

— Erec também era assim, feliz?

Mark não respondeu de imediato.

— Ele perdeu os pais quando era criança — disse, após quase um minuto. — Às vezes, ficava triste. Em outras, era alegre e gostava de rir, como é costume entre nosso povo.

— Seu escudeiro... Ele já morreu?

— Sim, garoto, há alguns anos.

Calou-se. A chuva tornou-se mais forte, impedindo-os de conversar. No seu íntimo, Mark agradeceu aos céus. Não queria se lembrar de fatos tão terríveis.

• • •

O povo da Ilha Média era realmente especial. E barulhento. A casa do moleiro estava cheia de crianças, filhos do homem barrigudo e alegre que recebera os viajantes na porta de casa. Elas passaram a noite em volta de Thomas, brincando com Oz. Como o marido, a esposa também falava alto. Mark riu muito com os dois, que conheciam todas as fofocas mais recentes da região.

Quando amanheceu, apesar do aguaceiro que caía, os viajantes seguiram caminho. Pararam para um lanche rápido algumas horas depois e só descansaram à noite. Dormiram ao relento, debaixo de uma chuva fina. Não era possível nem acender uma fogueira. Nada disso abalava o ânimo de Mark, que se comportava como se estivesse em um simples passeio pelo campo. Oz, impaciente por passar o dia inteiro no bolso da capa, divertia-se em pular as poças d'água. Quando se cansou, procurou o colo do garoto e adormeceu.

Aquela jornada era muito diferente de qualquer experiência que Thomas tivera até o momento. Passara muitos anos confinado na tranquilidade do Monastério e no silêncio da vida que os monges

tanto amavam. Mark falava sem parar, geralmente contando velhas histórias de sua gente. Não tocara mais em nenhum assunto relacionado a Erec, para desespero do garoto. Ouvir o nome do cavaleiro negro era a comprovação de que seus tranSES o transportaram para uma história real, que acontecera em algum ponto do passado. Precisava de mais provas concretas para decifrar o quebra-cabeça e, enfim, entender seu envolvimento com aqueles personagens.

Alcançaram o Vale de Durham na tarde seguinte. O tempo estava seco, sem qualquer sinal de chuva. Uma cadeia de montanhas verdes descia até eles, numa formação em meia-lua, como numa ousada tentativa de impedir a passagem de viajantes mais corajosos. A fortaleza de Durham ficava entre duas colinas, antes do semicírculo. Entre ela e a cadeia montanhosa, um lago gigantesco refletia a luz do sol. Adiante, um rio descia em curvas para desaparecer rumo ao oceano. Parte dele, numa trajetória curiosa, corria sob a fortaleza que se estendia para a esquerda. O local era muito bem protegido. Havia guardas circulando pelas torres e muralhas. Algumas pessoas atravessavam a ponte levadiça para conduzir ovelhas. De um lado e do outro, fora da fortificação, viam-se amplos campos arados.

— É um belo lugar, senhor — elogiou Thomas.

Mark sorriu e esporeou o cavalo.

— Vamos! Não vejo a hora de chegar em casa!

Quando cruzaram o portão principal da fortaleza, Mark foi saudado por seus guardas e por todos que encontrava pelo caminho. As paredes das muralhas escondiam uma cidade pequena, mas movimentada para o final de tarde. Os dois passaram por ruas largas, pavimentadas por pedras, e viraram para a esquerda, direto para o castelo. O cavaleiro acenou para o vigia em um enorme pátio interno. Thomas reduziu a velocidade do cavalo e acompanhou-o.

No local, algumas pessoas aguardavam ansiosas a chegada de seu senhor. Estavam na entrada de um edifício amplo, de dois

andares, ladeado por jardins. Mark saltou do cavalo para abraçar uma menina loira, muito parecida com ele, que corria para recebê-lo. O garoto aproximou-se devagar. Inquieto, Oz remexeu-se no bolso da capa.

— É melhor ficares escondido — sussurrou Thomas.

Uma dama, elegante em um vestido verde, caminhou até Mark, contendo-se para não correr. Devia ter uns trinta anos. Era alta, bonita, com cabelos loiros presos numa trança longa. Thomas já a vira antes em algum lugar... Ele desceu da montaria e esperou. O cavaleiro abraçou e beijou a dama, ainda com a menina no colo. Cumprimentou os criados e, a seguir, virou-se para ele.

— Thomas, estas são minha filha Erin e minha esposa Jane, as duas mulheres mais importantes da minha vida — apresentou, feliz. O garoto sentiu a cor sumir de seu rosto. Acabara de reconhecer a dama. Era Jane, a prima da princesa Alix. — Meninas, este é um aluno do Monastério que o bom abade pediu que ficasse sob minha proteção.

Thomas fez-lhes uma reverência.

— És um nobre? — perguntou Jane, encantada com seu gesto.

— Não, senhora — disse ele, humilde.

A dama mostrou-se um pouco decepcionada. Sem perder mais tempo, chamou os criados, despejando ordens para que os recém-chegados recebessem cuidados. A menina loira, outra vez no chão, mal escondia a curiosidade em relação ao garoto. Devia ter a idade dele e era da mesma altura.

— És da Grande Ilha? Nunca conversei com alguém de lá.

Ele assentiu. Uma mulher idosa aproximou-se das crianças, a passos ligeiros.

— Eu cuidarei de ti, menino. Segue-me! — ordenou ela.

Thomas procurou por Mark, mas ele sumira de vista. Ao pensar que o menino hesitava, a mulher examinou-o de cima a baixo. Não parecia acostumada a ter suas ordens questionadas.

— É melhor que a acompanhes — sorriu Erin, zombeteira. — Arla quer te preparar para o jantar.

O garoto franziu a testa e seguiu a mulher para dentro do castelo. Não pôde conter a comparação entre ela e Jon.

• • •

Arla conduziu-o por um longo corredor à direita, afastando-o de Erin e do restante das pessoas. Subiram uma escada e continuaram o caminho por outro corredor. Thomas passou por tapeçarias de uma beleza ostensiva, um imenso tapete e diversos quadros pendurados nas paredes. Mark era um senhor poderoso e a decoração da casa, escolhida pela esposa, refletia sua posição e riqueza. Quando a aia virou novamente à direita, o garoto parou, confuso. Diante dele, uma pintura pendurada na parede retratava uma conhecida jovem de cabelos escuros e seu sorriso cheio de vida: a princesa Alix De Brusk. “Ela é real”, descobriu Thomas, com o coração apertado.

Impaciente, Arla pigarreou. Ele abaixou a cabeça e foi encontrá-la. Não era o momento para perguntas.

— Não debes tocar na mobília desta casa — recomendou a mulher, num tom rude.

E repetiu a mesma frase quando entraram em um dos quartos de hóspedes, tão luxuoso quanto os demais aposentos. A cama grande, protegida por cortinas, ficava ao centro. Um criado apareceu trazendo dois baldes cheios de água quente, seguido por uma jovem que carregava roupas limpas para o hóspede.

— Logo ali encontrarás uma tina — disse Arla. — Quero que tires esta roupa imunda. Vou te dar um banho.

— Sei me lavar sozinho, aia.

A mulher ignorou o comentário e mandou o criado despejar a água na tina para só então arregaçar as mangas do vestido e

avançar em direção a Thomas, pronta para lhe tirar a capa. Nesse instante, Oz pôs a cabeça para fora do bolso, latindo furiosamente. Com o susto, ela pulou para trás.

— Não preciso de ajuda — disse o garoto. — Obrigado.

Ela se recompôs. Lançou um olhar de ódio para o filhote e, depois, para Thomas.

— Tenho ordens de Lady Jane para te deixar limpo e apresentável.

— Pois Lady Jane terá um hóspede limpo e apresentável — disse o menino, depositando a mochila no chão. — Trago comigo algumas roupas sujas que precisam ser lavadas. Posso confiá-las a ti?

Arla bufou. O criado, que já enchera a tina, pareceu surpreso com a situação. Era incomum ver alguém enfrentando a aia.

— Depois do banho, deixarei também as roupas que uso agora. Podes pedir para alguém vir buscar tudo mais tarde? — perguntou Thomas, mirando-a direto nos olhos. Ela estava cedendo, apesar da raiva. — Tu já podes sair. Agradeço-te a gentileza.

O garoto, então, se pôs a ajudar Oz, que lutava para sair do esconderijo. A mulher ficou parada por uns instantes, indecisa. Finalmente saiu, acompanhada pelos dois criados. Antes de fechar a porta, porém, dirigiu uma expressão de desdém para o hóspede. Ele ganhara apenas a primeira batalha.

• • •

Quando Thomas desceu, dirigiu-se para o salão principal, onde encontrou a família pronta para o jantar. Mark acomodou-se no assento principal, na ponta da mesa comprida, enquanto Jane ocupou o outro lado. Erin e o garoto sentaram-se um de frente para o outro. Em instantes, os criados depositaram sobre a mesa uma imensa travessa oval com carne assada, acompanhada por tigelas de batatas cozidas, verduras e legumes, além de jarras de vinho.

Também despejaram generosas porções no prato de seu senhor. A um sinal de Jane, serviram as crianças, para deixá-la por último.

— Onde está o filhote, Thomas? — perguntou Mark, após tomar um interminável gole de vinho.

— Deixei-o no quarto, senhor.

— Pois manda buscá-lo! Há sempre cachorros espalhados pela casa — disse, indicando com o queixo os dois cãezinhos peludos que dormiam a seus pés.

Thomas ia se levantar, mas foi detido por um gesto de Jane. Arla, a meio metro da mesa, enviou um criado para cumprir a ordem. O garoto concentrou-se na refeição, à procura do garfo e da faca. Somente uma colher estava ao seu alcance.

— Algum problema? — perguntou Jane ao notar seu constrangimento.

— Senhora — disse, em voz baixa —, preciso de um garfo e de uma faca.

Jane virou-se para Arla, interrogando-a com o olhar. Sem escolha, a aia tirou os talheres do bolso do avental para entregá-los a Thomas.

— Deduzi que um garoto que não tem sangue nobre comesse com as mãos, como é costume entre o povo. Achei que teria dificuldade até com uma colher.

— Thomas é meu convidado, Arla — reforçou Mark. — Deve receber o melhor tratamento possível.

— E será assim, senhor — disse ela, fingindo-se magoada.

— Meu marido me contou que fazias parte de um grupo de andarilhos — comentou Jane, esboçando um sorriso para Thomas.

— Andarilhos? Tão poucos aparecem aqui, em Durham! — lamentou Erin. — Sabes fazer alguns dos truques circenses que eles dominam tão bem?

— Lembro-me de alguma coisa — sorriu Thomas.

— E podes me ensinar?

— Com prazer.

— Teus pais também vivem na Grande Ilha? — perguntou a senhora.

— Meus pais morreram há anos — disse Thomas. — Fui levado para o Monastério pelos andarilhos. Minha mãe adotiva tem um irmão que é monge, por isso fui para lá.

— E por que esse grupo de andarilhos nunca veio até nossas terras? — quis saber a menina.

Thomas remexeu os legumes com o garfo.

— Existe muita miséria entre o povo da Grande Ilha — respondeu, por fim. — Há mais alimentos nesta mesa do que meu grupo de andarilhos consegue ver em meses. Viagens longas custam muito dinheiro e nem sempre se conseguem moedas suficientes para sobreviver.

— Existe fome também ao norte da Ilha Média — completou Mark. — Vivemos numa região privilegiada. Em outros lugares, os altos impostos que pagamos para manter as fronteiras do reino empobrecem cada vez mais o povo.

— Senhor, sempre tive curiosidade em relação aos bárbaros. Como eles são? — arriscou o garoto. Já descobrira que seu anfitrião não gostava de tocar em assuntos que o entristeciam.

Mark descansou os talheres sobre o prato e apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçando as mãos. Jane também parou de comer.

— Estive vezes sem conta nas Terras Ermas, principalmente no período anterior à longa paz que temos agora — disse o cavaleiro, em tom sombrio. — Já combati os bárbaros, matei vários para defender Britanya, fui ferido por eles e quase morri. Mesmo assim, até hoje não posso dizer que os conheço. O que posso te falar, Thomas, é que eles são violentos, filhos de uma miséria inimaginável para nós. Não têm um líder único, como o rei Arnon, mas vários. Atacam ferozmente, como animais. Às vezes, penso que não são mais seres humanos. Erec explicava que os bárbaros são como pessoas famintas e abandonadas que cobiçam um banquete

exuberante através do vidro de uma janela, impedidas de usufruir dele. Para elas, Britanya é este banquete.

Erin olhava para o pai com um misto de espanto e preocupação. Seu mundo perdera parte da beleza. Existiam outras realidades além das terras de Durham.

O silêncio não durou muito. Oz, com seu latido fino e o rabo balançando de entusiasmo, acabara de chegar, o que devolveu o tom alegre ao primeiro jantar de Thomas em um mundo que ele aprenderia a amar.

...

Após o jantar, a família reuniu-se junto à lareira para jogar cartas. Thomas perdeu todas as jogadas de que participou.

— Não sabes blefar! — ria Erin, imbatível no baralho. Jogava melhor até do que o próprio pai.

Jane, tão ruim no jogo quanto Thomas, resolveu tecer uma tapeçaria, acomodada em um tamborete. Oz, cansado de brincar com os cãezinhos peludos, dormia perto das crianças, no chão. Mark cochilava esparramado numa imensa poltrona, com as pernas esticadas para a frente.

— Bati! — gritou a menina, empolgada com a quinta vitória da noite.

Thomas sentia-se cansado. A refeição e o calor da lareira deixaram-no sonolento. Apreensivo, reparou que Jane tinha os olhos vermelhos e respirava com dificuldade.

— Não devias mexer em lâ — disse. — Esse material te faz mal.

Jane mostrou-se surpresa com o comentário.

— Já estou acostumada — respondeu, simpática.

— Devias tirar as tapeçarias e os tapetes. Eles acumulam poeira e machucam teus pulmões — insistiu ele, articulando lentamente as palavras. Um leve torpor ameaçava sua mente.

— Mark contou-te que sofro com meus pulmões?

O cavaleiro não comentara nada sobre o assunto, mas Thomas entendera os sintomas. O que o preocupava eram os sinais fortes, terríveis, que pairavam como uma sombra sinistra. Piscou, aturdido. Mas a sombra ainda estava lá, ávida para sugar a vida de Jane. Ele estremeceu ao reconhecer a presença da morte naquele ambiente feliz.

— Tu estás bem? — perguntou Erin ao cutucar-lhe o braço.

Thomas espantou o torpor. Foi Arla, sempre arrogante, quem encerrou a noite.

— Senhora, peço permissão para colocar as crianças na cama. Já passou, e muito, da hora de dormir.

• • •

Thomas dormiu mal. Acordou antes de o dia nascer e ficou deitado, olhando para o teto. Oz, encostado em sua barriga, também já despertara. Lambeu-lhe o rosto e se pendurou na beirada da cama muito alta para ele. Certo de que evitava algum acidente, Thomas deixou-o no chão e levantou-se.

Algum tempo depois, já no corredor, foi atraído pelo quadro de Alix De Brusk. Ela continuava lá, mirando quem ousasse encará-la. Thomas calculou que a jovem estivesse com uns quinze anos. Usava os cabelos soltos, enfeitados por uma tiara de pérolas. E sorria, muito doce em seu vestido branco, delicadamente bordado. Devia ter sido difícil para ela, sempre tão envergonhada, expor-se para que o pintor a retratasse.

Thomas sentiu alguém atrás dele e virou-se, apreensivo.

— Esta é minha pintura preferida — murmurou Erin. Curioso... a menina estava de calça comprida e não de vestido.

— Quem é? — perguntou ele, quase num sussurro.

— É a princesa Alix De Brusck, uma prima distante de minha mãe. As duas foram criadas juntas quando meus avós morreram. Eram como irmãs.

— E onde ela está agora?

— A princesa já morreu. Queria muito tê-la conhecido. Minha mãe adorava-a.

— E como ela morreu?

— Meus pais não gostam de falar no assunto. Mas descobri que o castelo da princesa e do marido, em Sutter, foi atacado por salteadores. Todos morreram.

— E o marido dela era Erec, o grande amigo do teu pai.

— Como sabes?

— Escutei isso em algum lugar.

Erin não ficou muito convencida com a explicação.

— Vamos tomar o desjejum! — convidou, puxando-o pela mão.

Em minutos, estavam na cozinha. Um enorme fogão queimava várias toras de lenha para assar pães cheirosos. Os criados serviram o desjejum, sem se esquecerem de alimentar Oz, que corria de um lado para o outro. Erin, entusiasmada para mostrar ao novo amigo o restante do castelo, engoliu a refeição com pressa. E Thomas, claro, não via a hora de começar a explorar o local.

No pátio, teve uma surpresa. Não percebera que, durante a noite, a primeira geada chegara a Durham, cobrindo tudo de branco. Ele ia perguntar alguma coisa a Erin quando uma pesada bola de neve amassou-lhe o nariz.

— Ora, sua... — começou ele, tirando o gelo do rosto. Abaixou-se para pegar o maior punhado de neve que cabia na mão e fazer pontaria na garota que escapava, rindo.

Erin era rápida e, deslizando na neve, escapou da boa mira de Thomas. Ele ia pegar mais neve, porém teve que se jogar no chão para desviar de uma nova bolada.

— Aposto que não me acertas! — provocou a garota.

Oz latiu sob o batente da porta da cozinha, incentivando-o. Ainda criava coragem para avançar sobre o gelo.

Com raiva, Thomas amarrou a cara. Não ia perder para uma garota! Rapidamente, pegou uma nova porção de neve e ameaçou atirar. Erin correu para a esquerda e, ao descobrir que o garoto tentava enganá-la, agachou-se a tempo de escapar mais uma vez de um golpe certo. “Ela é mesmo boa”, admitiu, contrariado. Após quase meia hora de tiroteio, os dois, cobertos de neve e cansados de tanto rir, já nem lembravam mais quem começara a guerra.

...

— Este aqui é um dos meus lugares preferidos — anunciou Erin, pendurando a metade do corpo para fora de uma janela.

Os dois estavam numa parte incomum do castelo. Ao longo de uma ponte, haviam sido construídos vários aposentos, anexos ao edifício principal, que estava em terra firme. Isso causava um efeito engraçado: parte do prédio ficava sobre o rio.

— Dá para subir para o telhado, pelo lado de fora? — quis saber o garoto, também pendurado, estudando a parede externa do aposento. A geada da noite anterior deixara as pedras escorregadias. Abaixo, o rio batia contra as colunas que sustentavam a ponte.

— Hum, tentei uma vez. Não fui muito longe.

Oz, que estava no bolso do blusão de Thomas, escapuliu para o peitoril da janela, atraído por uma pomba branca que cochilava em um nicho externo.

— Oz, volta aqui! — pediu o garoto, esticando-se para capturá-lo.

Mas o cachorrinho escapou ao pular para uma saliência na parede, grande o suficiente apenas para comportá-lo. Thomas colocou todo o corpo para fora e pendurou-se no peitoril. Procurou

um apoio para os pés na parede externa e escorregadia, sem sucesso.

— Vou tentar pegá-lo pela janela do lado — avisou a menina.

O garoto tentou de novo apoiar os pés. O direito encontrou um vão apertado entre duas pedras, o que lhe forneceu o apoio para que se aproximasse de Oz. Nesse instante, Erin saiu pela janela próxima, também pendurando-se no peitoril. O cachorrinho latiu para ela, balançando o rabo. A pomba acordou assustada e, batendo as asas, passou voando pela cabeça de Thomas. Ele se desequilibrou, escorregando para o rio que parecia aguardá-lo.

Num movimento rápido, com uma de suas mãos agarrou a pedra lisa, conseguindo manter um equilíbrio delicado, com o corpo colado à superfície gelada. Thomas olhou para cima e viu que Erin puxava Oz pelo rabo. O filhote protestou. O garoto moveu lentamente os pés suspensos, em busca de um novo ponto de apoio. Para sua sorte, aquele trecho da parede tinha um buraco, fundo o bastante para lhe dar uma oportunidade de retornar à segurança da janela.

Erin mantinha Oz preso em um dos braços, junto ao peito. Com cuidado, ela equilibrou metade do corpo sobre a janela e empurrou o filhote para dentro do aposento. Agora era fácil para o menino subir até lá. “O pior já passou”, pensou, calculando o próximo movimento. Nesse instante, um grito assustou-o. Erin acabara de perder o equilíbrio e, indefesa, caía no rio.

Sem pensar, Thomas mergulhou logo atrás dela. Não estava preparado para a violência das águas. Afundou alguns metros com o peso das roupas de inverno, engolindo bastante água. Era impossível enxergar qualquer coisa debaixo de tanta turbulência. Tentou nadar; a correnteza jogou-o para o lado oposto ao que pretendia alcançar. Com muita dificuldade, conseguiu emergir, encher os pulmões e mergulhar numa nova busca. Não vira nenhum sinal de Erin na superfície.

Não foi muito longe. A correnteza lançou-o de novo para o fundo, impedindo-o de nadar. Engoliu mais água. Sem força, afundou mais

e mais. Não conseguia se mexer. Foi no último segundo que alguém agarrou seu pulso e guiou-o para fora daquele turbilhão. Logo pôde sentir o ar invadindo seus pulmões ao retornar à superfície.

Erin sorriu para ele e continuou a puxá-lo, dessa vez para a margem direita do rio. Agarraram-se à vegetação, saíram da água e, cambaleando, deitaram-se no chão.

O garoto tossiu várias vezes, engasgado. Tremia desesperadamente de frio. Erin também estava congelando.

— Acho que não precisavas ser salva...

— Nado neste rio desde pequena — explicou a menina, nada preocupada com o resultado da travessura. — Conheço todos os segredos da correnteza.

Os dois riram, fracos demais para sair do lugar. Foi então que ouviram gritos vindos da ponte. Arla, em uma das janelas, gesticulava enfurecida para eles.

As crianças foram carregadas de volta ao castelo por dois guardas, cada uma diretamente para seu quarto. Thomas, sem protestar, acabou mergulhado numa tina de água quente por um dos criados. Oz, instalado sobre a cama, espiava-o, com cara de culpado. Erin tivera o mesmo destino, mas ficara com a pior parte. Era a aia quem cuidava dela. O garoto sabia que também não escaparia de um longo sermão e, com certeza, de algum castigo. Quando o banho terminou, secou-se, vestiu-se correndo e fugiu para o corredor, seguido por Oz. Deu três passos e acabou frente a frente com Mark De Durham. Permaneceu de cabeça baixa, sem coragem de enfrentá-lo.

— A senhora quer te ver — comunicou o adulto.

Em silêncio, eles se dirigiram até o salão principal. Chamas acolhedoras crepitavam na lareira, aquecendo Erin. Arla, de modo brusco, trançava seus cabelos ainda úmidos. Jane, em sua poltrona, acompanhava tudo em silêncio. Oz viu o que o aguardava e, com o rabo entre as pernas, desapareceu sorrateiramente.

— Ai, machucas minha cabeça! — reclamou a menina. — Mãe, por que não posso cortar meus cabelos? Eles são finos demais e o pente sempre me machuca.

— Pelo mesmo motivo que não deves ficar por aí, pendurada nas janelas — disse Jane, com a voz cansada. — Não és um menino.

Thomas afligiu-se com a aparência pálida da senhora e suas olheiras profundas.

— Minha filha me contou que salvaste a vida dela — disse Jane para o garoto. — Quero te agradecer.

Ele ia desfazer a confusão, mas a menina o impediu.

— Nosso hóspede tentou me avisar sobre os perigos de me pendurar na janela. Acabei escorregando e deu no que deu! — explicou Erin, com um olhar significativo para Thomas. — Aprendi a lição, mãe, e peço perdão por minha imprudência.

— Estás perdoada.

— Devas castigá-la, senhora! — criticou Arla. — Ela deve aprender a se comportar como uma dama e não como um moleque.

Um olhar severo da senhora fez a outra mulher fechar a boca.

— Ajuda-me, aia, gostaria de retornar ao meu quarto — disse Jane, por fim. — Almoçarei hoje lá em cima.

— Não preferes que te leve no colo? — sugeriu Mark.

— Não, meu querido, não será necessário. Andar me fará bem.

Apoiando-se em Arla, Jane caminhou devagar para fora do salão. Quando as duas estavam longe demais para ouvi-lo, Mark voltou-se para as crianças.

— Afinal, quem salvou quem? — perguntou, rindo.

— Ela me salvou — disse Thomas, espantado com aquela reação.

— Quando vier a primavera, eu mesmo te ensinarei a mergulhar no rio, como ensinei minha princesa.

Erin enlaçou o pescoço do pai para lhe dar um beijo estalado na bochecha.

— O que acham de irmos até a cozinha arrumar alguma coisa para comer? — convidou Mark, com uma piscadela. — Um mergulho

sempre abre o apetite.

Sem a senhora por perto, a postura do cavaleiro era bem informal. Na cozinha, ele abriu tampas de panela, reclamou que a galinha estava salgada e, com fome, sentou-se à mesa protestando contra a quantidade insuficiente de batata assada que a criada colocara em seu prato. Depois, simpático, elogiou a aparência do bolo de frutas à sua frente, pronto para virar sobremesa.

Os criados pareciam acostumados com as broncas de Mark. Thomas descobriu que esse sentimento ia além: eles simplesmente adoravam o senhor e se desdobravam para fazer todas as suas vontades. Mark tinha um charme especial que atraía as pessoas. E elas confiavam no homem sempre pronto a arriscar a vida para protegê-las.

— Lady Jane toma algum remédio para combater a doença? — perguntou Thomas para ele, depois de comer metade de uma fatia de bolo de frutas, logo após o almoço. Oz, de barriga cheia, dormia com as patas para cima, junto a seus pés.

— Um padre, que cuida de doentes na corte do rei, esteve aqui no último verão — explicou o cavaleiro, com tristeza. — Mas as crises pioram nos dias de inverno, quando fica impossível buscar alguém na Grande Ilha. Minha senhora toma chás que o padre receitou.

— Feito de que ervas?

Erin esticou o braço e abriu a gaveta de um armário de madeira, mostrando ao garoto uma bolsa de couro. Em seu interior, havia várias folhas secas.

— É Arla quem prepara os chás — contou. — Ela pode te contar como faz.

— Não é preciso — dispensou Thomas ao estudar as ervas. Após alguns segundos, separou três tipos diferentes sobre a mesa. O restante, depositou na bolsa.

— Estas três não servem para nada — explicou para a garota e o pai que, curiosos, não entendiam por que ele fizera aquilo. — Elas

amenizam o poder curativo das demais. E falta também um elemento principal. Senhor, onde posso encontrar folhas do mago?

— Não faço ideia — disse Mark, ainda intrigado. — Para que queres isso?

— Para secar e moer. O pó das folhas do mago, misturado ao chá, libera os brônquios e estimula a respiração. No Monastério, eu costumava preparar esse remédio para as crises de asma do irmão Augustus.

Mark coçou a cabeça.

— Folhas do mago? Nunca ouvi falar.

— Como elas são? — perguntou Erin.

— São como uma erva daninha, que atrapalha o crescimento das verduras. As folhas são arredondadas, com o caule arroxeadado...

— Folhas da preguiça! — decifrou uma das criadas, que escutava a conversa enquanto mexia um caldo no fogão. — Conheço a erva, meu senhor, é comum no norte, onde moram meus primos.

— Posso encontrá-la aqui em Durham? — perguntou Thomas, levantando-se da mesa.

— Vi algumas na estufa, hoje cedo. Ia arrancá-las depois do almoço. Estão acabando com os pés de alface.

— Eu te levo até a estufa — ofereceu Erin, também pulando da mesa.

As crianças já estavam na porta da cozinha quando Thomas se dirigiu a Mark.

— Senhor, tenho tua permissão para preparar o remédio e ministrá-lo à tua esposa?

Mark hesitou. Era difícil acreditar que um garoto de doze anos conhecesse mais sobre medicamentos do que o padre que servia à corte do rei Arnon. Por outro lado, Thomas estudara no Monastério e Dines era especialista em remédios esquisitos, mas eficazes.

— Prepara o remédio. A senhora decidirá se o toma ou não.

O menino abriu seu melhor sorriso e agradeceu, sumindo no encalço de Erin.

• • •

— Como disseste que se chama esta erva? — perguntou Jane, bastante enfraquecida.

Ela estava em seu quarto, acomodada na cama, com as costas apoiadas em vários travesseiros. A crise respiratória impedia que se deitasse.

— Folhas do mago. Aqui, na Ilha Média, são conhecidas como folhas da preguiça — respondeu Thomas, incomodado com a falta de circulação de ar no aposento. As janelas estavam fechadas para proteger a paciente da nevasca. Havia ainda tapeçarias de lã e tapetes pesados em todos os cantos.

— Se queres saber minha opinião, senhora, sou contra a presença deste andarilho em teu quarto — disse Arla, instalada perto da senhora. — E não acho que devas confiar em um remédio feito com ervas daninhas.

Jane fez de conta de que o comentário da mulher não ocorrera. Continuava a fitar Thomas, ajoelhado próximo a ela. Erin estava em pé, logo atrás dele.

— Mãe, este remédio te fará bem — incentivou a menina.

Thomas não ousou afastar os olhos do olhar penetrante de Jane. Ela o analisava, decidindo se poderia ou não confiar nele. Havia um sentimento grande de amor naquela mulher, uma vontade de se agarrar à vida e continuar junto à família que tanto valorizava.

— Este remédio devolverá minha força para respirar?

— Eu te prometo que sim.

Jane, enfim, concordou e Thomas, cuidadoso, ajudou-a a beber da caneca de chá. Arla resmungou qualquer coisa, irritada.

— Tem um gosto horrível! — disse Jane.

Ela pediu a Erin que sentasse na cama ao seu lado e esticou a mão para Thomas. O garoto sentiu seus dedos gelados e estremeceu, lembrando-se da sombra da morte que vira na noite anterior. “Não deixarei que a leves!” E desejou do fundo do coração que os sintomas malignos abandonassem a senhora. “Vinde até mim!”, ordenou, fechando os olhos. Erin acariciava os cabelos da mãe, que logo adormeceu.

Era noite quando Thomas despertou, bastante enjoado. Erin adormecera abraçada à mãe. Arla cochilava, sentada, ereta, numa cadeira. O garoto soltou a mão de Jane e se levantou, moído de dor. Estivera ajoelhado durante horas, com a cabeça e os braços acomodados sobre o colchão. Aproximou-se do rosto da senhora e verificou, aliviado, que ela respirava com facilidade, estava corada e parecia bem. Tivera sucesso em afastar a sombra maligna.

O garoto caminhou meio tonto até a porta e saiu do quarto. Oz recebeu-o, abanando o rabo. Arla não deixara o cachorro entrar e ele permanecera no corredor, à espera do dono. Thomas, no entanto, não lhe deu atenção. Correu com a pouca energia que ainda lhe restava para o pátio externo. Ali, sob a neve que ainda caía, vomitou. Dobrou-se de dor, respirando com dificuldade. Seu estômago ardia. Permaneceu um bom tempo sem se mexer. Só se levantou ao sentir Oz, inquieto, cutucando seu braço com o focinho.

— Estou bem, amigo — mentiu.

Caminhando com dificuldade, Thomas rumou até seu quarto. Sabia que estava novamente ardendo em febre.

• • •

— Bebe tudo! — ordenou Arla ao lhe empurrar o conteúdo de uma caneca enorme.

Thomas obedeceu. Um líquido com gosto azedo escorreu por sua garganta. Estava deitado na cama, fraco demais para rechaçar

qualquer atitude da aia.

— Este é o preço que se paga por um mergulho nas águas daquele rio — continuou ela. — Minha pequena senhora é que é forte. Não será um banho gelado que derrubará sua saúde de ferro.

O garoto tossiu, sentindo o peito doer. Depois, fez um esforço para perguntar sobre o estado da senhora.

— Lady Jane está totalmente recuperada. Teu remédio é mesmo eficaz — admitiu a mulher, contrariada.

— Ela deve tomá-lo outra vez agora pela manhã. Deixei o restante do pó com Erin. Podes dar o remédio para a senhora por mim?

— Qual é a quantidade?

— Uma colher de sopa. É preciso misturar o pó com o chá feito com as ervas da bolsa de couro.

— Sei, sei — concordou a aia, fazendo o garoto engolir mais meia caneca do líquido horrível. Mostrava um prazer indescritível ao ver seu sofrimento. Oz, com medo, enfiou a cabeça debaixo do travesseiro.

• • •

A manhã seguinte surgiu fria e indiferente. Pelo vidro da janela mais próxima, Thomas admirou as terras de Durham cobertas de branco. Tinha uma visão completa do lago congelado e das montanhas. Realmente, de tirar o fôlego.

O garoto lavou-se, trocou de roupa e desceu para o salão principal. A febre abandonara-o havia horas e sua força voltara. Oz foi na frente, latindo para os cãesinhos peludos. A família, que tomava o desjejum, não esperava encontrá-lo tão bem. Bastante constrangido, o menino parou, indeciso em ocupar um lugar à mesa.

— Arla nos fez crer que estavas à beira da morte — riu Mark. — Estás corado e disposto!

— Senhor, eu quis dizer... — tentou explicar a criada. Erin escondeu um sorriso.

— Não há explicação, aia. Thomas tem uma capacidade de recuperação surpreendente.

— Junta-te a nós, meu amigo — convidou Jane.

O garoto obedeceu, ainda sentindo as bochechas arderem.

— Como estás, senhora? — perguntou, tentando controlar a timidez.

— Curada, graças ao teu remédio.

— Não estás curada, senhora. Tuas crises podem retornar se não tomares alguns cuidados...

Jane abriu a boca, mas não disse nada.

— Deves tirar os tapetes e as tapeçarias do teu quarto — prosseguiu ele. — As cortinas de tua cama, como os lençóis, devem ser trocados e lavados todos os dias. Também não podes mais fazer trabalhos manuais com lã ou outro tipo de material que acumule pó...

— Por Deus! — riu a senhora. — Nem o padre me deu tantas recomendações!

— É para teu bem.

— E estes conselhos evitarão que minha doença retorne?

— Eles ajudarão bastante.

— Então, farei o que me pedes. Arla, poderias providenciar agora o que meu pequeno conselheiro sugere?

A aia assentiu e chamou dois criados para ajudá-la na tarefa. Thomas sorriu, num esforço para esconder a tristeza inexplicável que rondava seu coração. Usaria tudo o que estivesse ao seu alcance para manter a morte afastada da jovem senhora.

• • •

Várias nevascas atingiram Durham com uma violência incomum. Mark quase não parava em casa, desdobrando-se em esforços para proteger sua gente do rigor do inverno. Estava em todo lugar, ora para mobilizar pessoas na reconstrução de um telhado atingido, ora para ajudar a desobstruir o caminho tomado pela neve. Ele era o primeiro a arregaçar as mangas, sempre mantendo o bom humor.

Thomas já se acostumara com aquele lugar barulhento. Os criados falavam alto, sempre rindo e brincando. Até a cara feia de Arla não os impressionava. Só se mostravam mais discretos na presença elegante e simpática de Jane.

Na cidade, que o garoto visitava diariamente com Erin, o povo também era bem humorado. Usufruindo da posição de convidado do sr. De Durham, Thomas era tão paparicado quanto Erin, a pequena senhora, como a chamavam.

A neve não impedia as crianças de se divertirem pelas redondezas. Aproveitavam cada dia de céu limpo para patinar no lago congelado, um passatempo que o garoto aprendera a adorar, como Erin. Ela o ensinara a se equilibrar sobre duas lâminas presas em um pedaço de couro, uma amarrada em cada pé. Era fascinante deslizar sobre o gelo, criando movimentos cada vez mais complicados.

Thomas cumpriu a promessa de mostrar à garota alguns truques dos andarilhos. Ela ficou encantada com a possibilidade de se andar sobre uma corda, como o velho Tuc o ensinara.

— Também quero aprender a escalar as muralhas — pediu a garota.

— Posso te ensinar na primavera. Não quero que quebres o pescoço.

O Natal foi uma ocasião maravilhosa para Thomas. Nunca, em sua vida, passara a data em meio a tanta festa. Junto com Mark, Jane e Erin, visitou cada morador em Durham. O cavaleiro deixava um punhado de moedas para os mais pobres. Sua esposa oferecia

pães e biscoitos para as crianças. A família era sempre recebida com cerveja e muitos sorrisos.

A ceia também foi especial. Mark e Jane dividiram a mesa com todos os criados, servindo-os pessoalmente. As crianças ajudaram, com prazer. Antes da meia-noite, cada criado ganhou um presente.

— Tudo isso é pouco perto do que todos representam para mim e para a minha família — disse o cavaleiro, sem esconder a emoção.

Foi aplaudido de pé. Muito vinho e cerveja circularam pela mesa, aumentando a alegria. Não demorou para que todos cantassem as famosas canções da Ilha Média, até mesmo a sisuda Arla. A senhora, sóbria como as crianças, divertia-se com as brincadeiras.

Aos poucos, as pessoas foram se retirando. Quando Jane se viu a sós com o marido e as crianças, fez aparecer alguns presentes. Entregou o primeiro para Oz, que, sem conter a empolgação, ficou em pé, apoiado nas patas traseiras. Era um bolo de carne, assado em formato de osso. O cachorrinho vibrou.

Erin, que ganhou um bonito vestido azul, bordado com fios prateados, teve dificuldade em esconder sua decepção. Ela detestava usar saia. A mãe sorriu, mostrando-lhe um segundo presente. Ansiosa, a menina desenrolou de um tecido brilhante um arco de madeira flexível e uma dúzia de flechas.

— Agora Thomas pode te ensinar como usá-lo — disse Mark. — Espero que tenhas uma pontaria tão boa quanto a dele.

A garota pendurou-se no pescoço dos pais. Thomas, aturdido, descobriu que havia um pequeno embrulho para ele. Não se lembrava de ter recebido algum presente antes. No Monastério, o Natal era comemorado com missa, orações e uma ceia mais caprichada. Não havia troca de presentes nem tampouco cerveja e canções.

— Teria te feito um blusão para o frio, mas meu conselheiro me proibiu de chegar perto da lã — brincou Jane antes de lhe entregar o presente.

Era leve demais. Ao abri-lo, o garoto encontrou as rédeas de um cavalo. Não conseguiu entender o que ganhara.

— Teu presente está lá fora — explicou Mark, empurrando-o gentilmente para o pátio gelado.

Erin e a mãe pararam na porta, abraçadas para se protegerem do frio noturno. Um criado segurava um magnífico cavalo negro, de pelo reluzente. Era um animal de raça, jovem e altivo. Thomas aproximou-se dele, ainda sem acreditar. Tocou-lhe o focinho, mirando-lhe os olhos espertos.

— Pégasus... — murmurou, com um sorriso.

— Esse era o nome do meu cavalo preferido — surpreendeu-se Mark.

Thomas piscou e virou-se para o cavaleiro.

— Não sei como te agradecer, senhor.

— Que tal me agradecer indo para dentro? Vamos congelar aqui fora.

Mark apoiou a mão em seu ombro e reconduziu-o para o conforto do castelo.

• • •

Dezembro foi embora e janeiro trouxe um inverno mais ameno, o que deu a Mark algum tempo livre para se dedicar às crianças. Numa manhã tranquila, ele as levou até o alto de uma das torres voltadas para o lago. Era um lugar amplo, cercado por uma muralha de pedra quase da altura de Thomas. O garoto ficou em pé sobre ela, olhando para baixo. Erin ia imitá-lo quando o pai a segurou pelo cotovelo.

— Thomas, desce daí! — mandou. — Não te trouxe para brincaremos com a morte. Sabes qual é a distância daqui até o chão, lá embaixo?

Apesar de considerar exagerada aquela preocupação, o garoto obedeceu. Outra vez animado, Mark mostrou duas espadas de madeira que escondia sob o casaco de lã.

— Iremos lutar, pai? — perguntou Erin, eufórica.

— Sim, minha princesa. Claro que tua mãe desconfia do que fazemos aqui em cima, mas ela sabe o que penso. Lady Jane quer te educar para ser uma grande senhora, com belos modos. E eu prefiro que sejas uma grande senhora que saiba se defender!

Mark jogou uma das espadas para Thomas, que a agarrou no ar.

— Não devias ensinar um andarilho a usar a espada como um cavaleiro — disse o garoto.

— Conhecimento nunca é demais. Não é o que mestre Dines pensa?

O garoto sorriu. Pensar no Monastério invocava ótimas lembranças. Além disso, sentia falta da companhia de Dines e Michel.

Com a segunda espada, Mark demonstrou movimentos básicos de ataque e defesa. Fascinada, Erin não perdia nada. O pai, então, entregou-lhe a espada de madeira e pediu que repetisse tudo. A garota, sem errar, mostrou que sabia bem mais do que o cavaleiro imaginava. Ela crescera assistindo a seu treino diário e, como ele desconfiava, devia praticar os movimentos em segredo.

— Agora é tua vez — disse Mark para Thomas.

O garoto tivera oportunidade para memorizar a sequência de exercícios. Repetiu tudo com certa facilidade. Impressionado, o cavaleiro achou que já era hora de fazer uma simulação de combate.

— Só não abusem da força. Não quero ninguém machucado — recomendou, afastando-se. As crianças, viradas uma de frente para o outra, seguraram as espadas com firmeza.

Erin atacou primeiro. Ágil, o garoto pulou para a direita, pensando em desequilibrá-la. Ela resistiu, à procura de um ponto fraco no adversário. Certa de que iria acertá-lo, investiu sua força num golpe que pretendia pegá-lo de surpresa. Thomas

simplesmente jogou-se no chão, derrubando-a com as pernas. Erin caiu de costas, com um estrondo.

— Perdoa-me! — pediu o garoto, preocupado em socorrê-la.

Ela dispensou a ajuda e se sentou, massageando as costas doloridas.

— Preciso aprender a lutar desse jeito.

Ao constatar que a filha estava bem, Mark dirigiu sua desconfiança para o garoto.

— Quem te ensinou a lutar assim?

Thomas não sabia o que responder. Não queria mentir, mas também não podia entregar o segredo que Dines lhe pedira para guardar.

— Foi aquele abade, não foi? — riu Mark. Ele se sentou no chão, entre as crianças. — Até hoje, só conheci dois homens com domínio sobre esse tipo de luta: Dines e Erec.

Uma suspeita cresceu na mente de Thomas.

— Seu amigo Erec... Ele também estudou no Monastério?

— Não. Ele aprendeu a ler e a escrever com a mãe. Era uma mulher que sabia até como lutar. Impressionante, não?

A pedra, escondida sob a roupa de Thomas, esquentou sua pele. Num impulso, ele a pendurara ao pescoço somente naquela manhã, antes de descer para o salão principal. Desde a partida do Monastério, mantinha o objeto sempre escondido em algum bolso, com receio de usá-lo.

Bruscamente, o garoto levantou-se para se desviar da atenção que recebia de Mark e Erin. A cabeça estava zozna, o corpo pesava. Olhou para a inacreditável vista do lago e respirou fundo, lutando para manter a lucidez. A velha sensação gelada e mortal apossava-se dele. Ouviu Erin chamando seu nome, mas não conseguiu responder. Ela se ergueu, mas foi impedida por Mark de se aproximar.

Envolvido pela escuridão, Thomas não conseguiu se mexer. Uma voz clara e profunda ressoou em seus ouvidos.

— Brilho e poder semeiam morte por onde passam. O ódio os move, seres destruidores de estrelas. A esperança deve ser protegida até que o Herdeiro chegue.

— A guerra virá a este mundo? — perguntou Mark.

— Ela não tardará, apesar da aliança de Savac.

— Como podemos evitar a guerra?

— O cavaleiro negro falhou. O destino dos inocentes está nas mãos do Herdeiro.

— Quem é Savac?

— O inimigo da Sacerdotisa Hannah e do Guardiã Moriarty.

— Como vou saber quem ele é?

— Saberás quando o pássaro cruzar a noite de lua cheia.

Thomas respirou fundo novamente. Chacoalhava de frio e a pedra fazia sua pele arder no ponto em que a tocava. Ele caiu de joelhos, fraco demais, desesperado em evitar o vômito. Os braços de Mark ampararam-no, ajudando-o a se sentar, e depois cobriram-no com o casaco de lã que tirou do próprio corpo. Ainda tremendo, Thomas criou coragem de olhar para ele, que o observava com uma expressão indecifrável.

— O que quiseste dizer com essas palavras? — perguntou Erin, assustada.

— Que palavras? — murmurou Thomas.

— Ora, o que acabaste de falar sobre guerra e um tal de Savac.

— Eu falei?!

Foi então que Thomas entendeu. Era dele a voz estranha que ouvira.

• • •

A sensação de enjoo foi sumindo sem pressa. Thomas continuou encostado à muralha por quase uma hora. O desespero tomava conta dele. De esguelha, viu Mark mirando o horizonte. Erin brincava

com as mãos, distraída. O garoto tinha certeza do que iria acontecer. Seria rejeitado por ser estranho, por falar palavras que não pertenciam a ele. Teria de deixar o lar tranquilo que encontrara em Durham. Doía-lhe imaginar o rosto horrorizado da senhora ao descobrir tudo.

O cavaleiro abaixou-se e tocou de leve o braço de Thomas.

— Estás melhor? — perguntou. — Quando começaste a falar coisas estranhas?

— Desde que era pequeno — disse o menino, sentindo o olhar amedrontado de Erin. Não aguentaria por mais tempo aquela situação. Ele se levantou, tirou o casaco e o devolveu a Mark. — Senhor, prometo partir de Durham ainda hoje.

— Por quê?

— Porque sou maldito! — explodiu. — Não entendes, senhor, que sou diferente? Eu nasci à meia-noite, na Noite dos Mortos! Vejo e falo coisas estranhas desde que comecei a andar. Os andarilhos tinham medo de mim e me hostilizavam, dizendo que eu era filho do demônio.

Andava de um lado para o outro, agitado. Erin e Mark nunca o tinham visto daquele jeito.

— Por que achas que os andarilhos me deixaram no Monastério? — continuou o garoto, desesperado. — Porque queriam se ver livres da maldição que trago comigo. Tive sorte durante os anos que passei com os monges. As visões deixaram-me em paz. Mas, antes do meu último aniversário, elas voltaram. Eu estava na missa quando previ como seria a terrível sensação de ser atacado por um lupo.

— Por isso deixaste o Monastério? — perguntou o cavaleiro. — Mestre Dines sabia das tuas visões?

— Não, nunca contei nada. Ele me expulsaria se soubesse.

— Se tivesses falado, ele te diria que tens um talento raro e quase desconhecido.

O garoto parou de andar, estupefato. Erin, de boca aberta, não perdia nenhum detalhe da conversa.

— Tens apenas o azar de viver numa época de ignorância, com um povo infeliz e supersticioso.

— U-Um talento?!

— Um talento que já foi muito apreciado pelos poderosos. Dizem que nosso primeiro rei, Arthur, o criador do reino de Britanya, não saía de seu castelo sem consultar as profecias de seu conselheiro.

— Era um padre? — perguntou Erin.

Mark olhou-a como se a visse pela primeira vez. Esquecera-se de sua presença.

— Não exatamente. Era um tipo de feiticeiro. Uma pessoa que possuía o dom de falar com o lado oculto da vida.

— Thomas pode falar com espíritos?

— Talvez. Não sei de onde vem esse talento. Ele apenas existe. Não é bom nem ruim.

Thomas sentou-se, agora mais calmo. O cavaleiro dera-lhe muito em que pensar.

— Senhor, como posso lidar com isso? — perguntou.

— Gostaria de te ajudar. Não sei mais nada.

— E que guerra é esta que tanto te amedronta?

— Não posso dizer, pois é um segredo que não me pertence. Agora, filho, deixa de tolices e esquece esta história de ir embora. Já está na hora de almoçarmos, isso sim! É melhor descermos antes que a senhora mande nos procurar. E quanto a ti, Erin, não comentes com ninguém o que ocorreu aqui. Nem mesmo com tua mãe.

— Isto é óbvio, meu pai — sorriu a menina, estendendo a mão para Thomas.

• • •

Janeiro também deixou as terras de Durham, assim como fevereiro. No meio de março, a primavera decidiu, enfim, mostrar seus primeiros sinais. O tempo melhorou sensivelmente. Para Thomas, foram meses felizes. As visões deram-lhe uma trégua. Mark e Erin não comentaram mais nada sobre o episódio. Era como se nunca tivesse acontecido.

Mark levou as crianças outras vezes para a torre, com a ideia fixa de ensiná-las a se defender como cavaleiros, mas as aulas não aconteciam como previa. Os velhos golpes que dominava, em geral, caíam por terra com a agilidade e destreza de Thomas. Erin era uma aluna aplicada e aprendia rápido, tanto os métodos antigos do pai quanto a luta que Thomas utilizava, com seus golpes inusitados para desequilibrar o adversário.

— Não uses a força, Erin — defendia Thomas. — Se és mais fraco do que teu inimigo, deves descobrir uma maneira de vencê-lo. Para atacar, ele usará alguma parte do corpo como apoio. Encontres esse ponto e o derrube.

Eram horas divertidas. Às vezes, Oz seguia os três até a torre. Ele não crescera muito. Continuava sendo o menor dos cachorros em Durham.

Numa manhã, ainda nos primeiros dias de primavera, Mark e Jane, acompanhados por alguns guardas, prepararam-se para viajar. A senhora estava ansiosa para visitar uma amiga em Bach que tivera um bebê na época do Natal. Thomas e Erin ficariam no castelo, sob os cuidados de Arla.

O garoto despertara com dor de cabeça, a mesma que o atacara havia tempos no Monastério. Ele sentiu uma tristeza imensa ao ver Jane e os homens a alguns metros do portão que os levaria para fora da fortaleza. Teve medo de decifrar o que a intuição lhe dizia.

— Senhora! — gritou, correndo alucinado até ela.

Preocupada, Jane segurou as rédeas de seu cavalo. O garoto tomou-lhe uma das mãos.

— Não vás, por favor! — pediu, engolindo a vontade de chorar.

— Thomas, é apenas uma viagem curta — explicou ela. — E fica tranquilo quanto à doença. Levo meus remédios, inclusive aquele pó que sempre me preparas, e tenho certeza de que meus amigos não se importarão em remover tapetes e tapeçarias no quarto onde pretendem me acomodar.

Ainda hesitante, o garoto libertou-a. Jane, com suavidade, dobrou-se na sela e deu-lhe um beijo na testa.

— Fica com Deus — murmurou ela antes de se afastar.

CAPÍTULO 8

Ruínas

Uma onda veio na direção de Mark e estourou perto de seus pés, trazendo-lhes espuma. Ele não se abalou. Era interessante observar o Monastério daquele ângulo, nos rochedos junto ao mar. Viu Dines saindo pelo portão para descer o caminho estreito até o atracadouro.

Em minutos, o abade, com seu sorriso maroto, estava à sua frente.

— Eu te disse para não voltares às Terras Ermas — lembrou, estendendo-lhe a mão.

— Não queres saber notícias do teu aluno? — perguntou Mark ao retribuir o cumprimento.

— Por que não sobes para almoçar conosco?

— Tenho pressa, Dines. Deixei minha esposa e minha escolta em Bach, na Ilha Média, e pretendo regressar o quanto antes.

Mark estava preocupado com Jane. Ela demonstrava boa saúde quando a deixara, mas o homem não esquecia a reação desesperada de Thomas, dias antes, na partida de Durham. Descobrira o quanto era importante confiar na intuição do garoto. Pensou em Erin, a única filha que a senhora conseguira lhe dar. Houvera outros bebês, em épocas diferentes, mas ela não conseguira levar as gestações até o fim. A exceção fora um recém-nascido que vivera apenas algumas horas. Sempre foi o sonho de Mark ver a casa repleta de crianças. O destino, o mesmo que lhe negara esse desejo, deixara em suas mãos um garoto surpreendente como Thomas. Finalmente entendia por que o abade demonstrava tanto interesse por ele.

— E como está Thomas? Já partiu para a Grande Ilha?

— Então sabes que ele foi comigo para a Ilha Média?

Dines tinha o próprio sistema para se manter informado. Mark encarou-o, muito sério. Sabia que suas próximas palavras o surpreenderiam. E queria saborear cada detalhe da expressão chocada que ele faria.

— Brilho e poder semeiam morte por onde passam. O ódio os move, seres destruidores de estrelas. A esperança deve ser protegida, até que o Herdeiro chegue.

Dines ficou ainda mais pálido do que já era. Mark não aguentou e caiu na gargalhada. Ele conseguira, enfim, abalar aquele homem sempre tão seguro de si.

— O-Onde ouviste isto?

— É a tão secreta profecia, certo?

— Sim, é parte dela. Não devias rir de assuntos tão perigosos.

— Tens razão.

— Onde ouviste estas palavras antigas?

— Thomas recitou-as para mim.

— C-como é possível?

— Não sabias que teu aluno entra em transe e fala como um maldito oráculo grego?

O abade desviou o rosto para o mar. Parecia ter encontrado explicação para algumas coisas.

— Não, não percebi. Crianças costumam ter pesadelos...

— Mas elas não têm premonições! Esse garoto possui o mesmo talento de Merlin, filho de Arthur, como contam as lendas. E Thomas fugiu de ti, achando que irias expulsá-lo se descobrisses tudo.

Mark teve pena de Dines. Seu aspecto atormentado mostrava a culpa pela falta de sensibilidade e de experiência para lidar com o pequeno andarilho.

— Ele está bem. Não te preocupes — garantiu o cavaleiro.

— Achas que não irá mais para a Grande Ilha?

— Penso que foi uma desculpa que arrumou para deixar esta vida sem graça de rezas.

Dines sorriu, ainda apreensivo.

— Seria melhor que ele voltasse para cá.

— Talvez depois de algum tempo. Thomas é uma criança carente de atenção. Acho que já sofreu muito na vida. Em Durham, tem uma família que o adora. É bem tratado e pode dispor de todo o carinho e amor de que precisa.

— Ele deve continuar os estudos.

— Livros e livros! Com os diabos! Só isso não basta para uma criança se desenvolver e ser feliz! — gritou Mark, sem paciência. O abade não ia lhe tirar Thomas de jeito nenhum!

Foi a vez de Dines cair na gargalhada.

— Ainda me lembro do quanto reclamaste no dia em que pedi para levares o garoto em tua viagem. Hoje, temes que eu o tire de ti.

O cavaleiro também não pôde deixar de rir. Agora seria muito difícil viver sem aquele garoto inteligente por perto.

— Thomas tem uma mente brilhante, Mark, que não deve ser desperdiçada — explicou o abade, com a mão erguida para que o outro lhe permitisse terminar o raciocínio. — Faremos o seguinte: em alguns dias, mandarei um dos meus monges para Durham. Ele deverá ser o professor de Thomas. Tua filha também será beneficiada, se não te opuseres.

Mark coçou o queixo. Seria divertido ter um monge carrancudo em suas terras. Arla detestaria ver ameaçado seu poder sobre Erin. E a filha adoraria aprender assuntos diferentes. Era uma garota esperta.

— Não irás me explicar o sentido da profecia? — arriscou Mark, certo de que não obteria nenhuma explicação. Era mais fácil obrigar uma parede a falar.

— Esquece o que ouviste. E garante que Thomas nunca mais repetirá as palavras antigas.

• • •

Erin pulou cedo da cama, antes que Arla viesse chamá-la. Seus pais estavam fora há quase quatro semanas e ela não aguentava mais de saudades. Claro que Thomas era um ótimo amigo, sempre pronto para brincar. Mesmo assim, seu coração ficava apertado, principalmente ao pensar na mãe. Thomas não explicara sua atitude no portão, no dia da partida. Passara as horas seguintes quieto, contemplando as chamas da lareira. A menina temera que ele se comportasse do mesmo modo estranho do outro dia, mas nada acontecera. Um dia depois, já estava bem de novo, correndo com ela pelos campos de Durham.

A menina adorava a primavera. A região ficava tomada pelas flores, assim como os jardins de que a mãe cuidava tão bem, na entrada do castelo. Além disso, nessa estação ela completaria treze anos.

— Nasci em 1º de maio. Faço aniversário primeiro! — dissera uma vez para Thomas, provocando-o. Mas ele achara graça em ser o caçula. Nunca se dera conta disso.

Seu amigo não conseguia permanecer quieto por muito tempo e sempre inventava alguma coisa diferente para fazer. Com a chegada do tempo bom, passara a escalar as muralhas da fortaleza, para desespero dos guardas. Erin não ia tão alto quanto ele. Era apenas uma aprendiz e conhecia seus limites. Os dois nunca brigavam, o que era estranho para a menina. Ela achava que, se tivesse um irmão, arrumaria, pelo menos, uma briga por dia. Adorava ser filha única. Com Thomas, não se sentia ameaçada. Era um grande companheiro de aventuras. E a menina o admirava.

Quando desceu o corredor, pensando em ir à cozinha, viu o amigo diante do quadro da princesa Alix. Estava tão envolvido em algum pensamento que não se mexia. Oz latiu, feliz em vê-la. Só nesse instante que o garoto voltou de onde estava e se surpreendeu com sua presença.

— Há uma coisa que tenho que te perguntar.. — começou ela, indecisa.

— E o que é?

— Lembras de todas as palavras que disseste naquele dia, no alto da torre?

O garoto fez uma careta, depois assentiu.

— Falaste que um tal de Savac era inimigo da Sacerdotisa Hannah...

— É, eu sei.

— Sabes como se chamava a mãe do escudeiro de meu pai, Erec De Sutter?

— Queres dizer...

— Quero dizer que pode ser a mesma mulher.

Thomas pareceu assustado e, logo depois, sorriu. “Ele é um garoto bonito”, pensou Erin.

— Vem comigo! Aqui não é um lugar seguro para conversarmos — sugeriu a menina, arrastando-o pelo cotovelo.

O lugar seguro nada mais era do que o alto da torre onde treinavam, cercada pela paisagem da Ilha Média.

— Cresci escutando histórias fantásticas sobre uma famosa feiticeira. Seu nome era Hannah — explicou Erin, ansiosa. Uma ideia para um passeio divertido agitava sua cabeça.

— Nunca ouvi ninguém falar sobre ela desde que cheguei aqui.

— Meus pais não gostam destas histórias e nos proibem de comentá-las. Queres ou não ouvir?

O garoto apoiou os braços na mureta de pedra, como se estivesse cansado. Oz, deitado no chão, distraía-se em roer um graveto.

— Dizem que Hannah tinha poderes incríveis. Podia controlar os raios durante uma tempestade e desaparecer quando bem entendesse. Há pessoas que falam que era uma bruxa do bem, pois sempre cuidava de pessoas doentes. Vivia metida na floresta, à procura de ervas que só ela conhecia.

A garota beliscou o braço do amigo.

— Estás me escutando?

— Estou.

— Pois bem. Hannah era a senhora De Sutter, esposa do poderoso nobre Kirian, o melhor cavaleiro do rei James, pai do nosso Arnon. Contam que, numa noite, uma violenta tempestade de raios caiu sobre o castelo deles. Dava para ver daqui.

— Como assim?

— Ora, Tom, Sutter fica do outro lado destas montanhas!

O garoto, pálido, prendeu a respiração.

— Meu pai e Erec eram vizinhos — prosseguiu ela, agora preocupada com ele. — Hannah foi atingida por um dos raios e morreu. Kirian ficou cego de desespero e definhou até morrer. Erec era criança quando tudo aconteceu. Meu pai ficou com pena dele, trouxe-o para morar aqui, em Durham, e o treinou como escudeiro. O rapaz tornou-se um grande cavaleiro...

— No torneio, em Brusk.

— É. Como sabes?

— E o rei Arnon ofereceu a mão da filha em casamento.

— Exatamente! Alguém te contou esta história?

— Não. Eu vi parte dessa história.

Thomas buscou alguma coisa dentro da roupa. Erin viu uma pedra sem graça, pendurada por um cordão de couro.

— Uma vez, no Monastério, ouvi a voz de uma aia chamando a princesa Alix para se apressar, senão ela perderia o torneio — explicou Thomas, mirando-a com olhos penetrantes. Erin estremeceu. Havia fogo naquele olhar, algo capaz de aterrorizar um adversário. — Horas antes, tinha visto o reflexo de Alix, ainda criança, no vidro da janela da biblioteca. À noite, desejei muito ter uma visão. Sabes, ter algum controle sobre ela. Chamei por Alix e mergulhei na escuridão. Quando despertei, estava em Brusk, no dia do torneio que Erec venceu. Erin, eu o vi vencer! Vi tua mãe, junto a Alix! E vi teu pai, apresentando seu escudeiro ao rei Arnon...

O garoto arrependeu-se do que dissera quase sem tomar fôlego. Despejara as palavras sem pensar. Erin pressentiu que era a primeira

pessoa a escutar o desabafo. Sorriu.

— Aqui, na Ilha Média, os mais velhos acreditam no Livro do Tempo.

Thomas meneou a cabeça, sem entender.

— É um tipo de registro que existe além do alcance de nossa visão, ninguém sabe bem onde. Deus anota tudo o que está acontecendo, minuto após minuto. Assim, o registro permanece para quem tem o poder de consultá-lo. Acho que, de alguma forma, tu fazes isso. Olhas o livro e vês todo o passado que está escrito nele.

— O livro também traz o futuro? Não acredito que nosso destino já esteja traçado. O futuro é uma decisão que depende de cada um.

— Talvez ele mostre apenas possibilidades do que pode acontecer — refletiu.

— Já viste esta pedra antes? — perguntou o garoto, mostrando-lhe o objeto que segurava. A amiga balançou a cabeça de modo negativo. — Erec a deu a Alix, no dia em que a pediu em casamento.

— E como foi parar na tua mão?

Thomas sentou-se no chão. Erin fez o mesmo. Então, ele lhe contou sobre a mãe ladra que tivera, seu nascimento na Noite dos Mortos e os objetos que herdara — o livro de capa azul e a pedra opaca. Depois, lembrou em detalhes tudo o que vira e ouvira nos dois transes. Quando terminou, fitou a amiga, aflito pela reação dela. Parecia abandonado, perdido. Erin sentiu orgulho por merecer sua confiança. Ela também experimentou um forte sentimento de ternura. Teve vontade de abraçá-lo, de protegê-lo. Tocou de leve os cabelos escuros que caíam em sua testa, colocando-os para trás. O cachorrinho desistiu de brincar com o graveto e pulou para o colo do dono, abanando o rabo.

— Sempre te achei parecido com a princesa Alix. Acho que és filho dela.

— Não, não sou. O filho dela era um garoto loiro. Não sei o que me liga à história dessa gente.

— Alix estava grávida, não é? Um bebê que deveria nascer no começo de novembro, mas que pode muito bem ter vindo ao mundo no dia 31 de outubro.

— Erin, a princesa morreu naquele incêndio.

— Tu a viste morrer?

— Não exatamente...

— Tu a viste desaparecer nas chamas.

— Achas que ela sobreviveu? Tolice, ela nunca sairia de lá. A não ser...

Os olhos do garoto brilharam.

— ... que houvesse uma passagem secreta! — completou a menina. — Castelos sempre têm passagens secretas. Escuta, acho que Alix escapou por algum túnel subterrâneo que terminava na Praia dos Pelicanos. Este devia ser o plano de fuga de Erec.

— Faz sentido. De lá ela seguiu para a Grande Ilha, à procura desse tal Moriarty.

— Pensa, Tom. Alix era uma princesa criada entre as paredes de um castelo. Não sabia se virar sozinha. Estava com medo, desesperada. Deve ter se perdido, passado fome, roubado para sobreviver...

— E acabou morrendo no acampamento de um grupo de andarilhos. É uma história um tanto maluca, não achas?

— Tanto quanto ter um amigo que consulta o Livro do Tempo!

Thomas riu da comparação. Depois, mais sério, apertou as mãos da menina contra as suas.

— Preciso ir até Sutter.

— Eu te levarei amanhã cedo. Fica a meio dia de cavalgada daqui, cruzando uma trilha nas montanhas — explicou a garota, empolgada. — Já estive lá uma vez, com meu pai. Ele não gostou muito de me levar, mas eu não o deixei em paz até me mostrar as ruínas.

— Poderei descobrir se há mesmo alguma passagem que ligue o castelo até essa praia.

— A praia é um lugar inacessível. Não existe uma passagem conhecida. Só os pelicanos moram por lá.

— Há um problema: precisamos pensar em uma maneira de sair sem Arla perceber...

A solução caiu do céu. Arla foi chamada às pressas para ajudar no parto da esposa do moleiro, que ganharia o nono filho. Ficaria, no mínimo, quatro dias ausente. Para os criados, as crianças inventaram a desculpa de que iriam passar o dia no lago, numa agradável pescaria. Partiram nas primeiras horas da manhã.

Pégasus era um cavalo rápido, assim como a égua castanha de Erin. Eles contornaram parte do lago e, a seguir, tomaram uma trilha estreita de pedras, oculta entre a vegetação. Era um caminho praticamente tomado pelo mato. Os cavalos tiveram dificuldade para avançar. A trilha subia junto à encosta de uma das montanhas, em curvas perigosas que exigiam toda a atenção das crianças. Erin parou na borda, estudando o abismo que, a centímetros de sua montaria, dava a impressão de despencar para o infinito.

— Não olhes para baixo — aconselhou Thomas. A menina não tinha a mesma fascinação que ele por lugares altos.

Seguiram em silêncio, redobrando os cuidados. Uma pedra rolou sob uma das patas de Pégasus, amedrontando-o. Thomas segurou com firmeza as rédeas para acalmá-lo, enquanto escutava o eco da pedra rolando pelo desfiladeiro. Oz, protegido no bolso de sua capa, remexeu-se e voltou a dormir. Erin mostrou-se indiferente, mas o garoto sabia que ela controlava o medo muito bem. O cenário era pior do que os dois imaginaram. O caminho mal dava passagem para os cavalos, obrigados a seguir um atrás do outro. Acima deles, as montanhas zombavam, inatingíveis, da audácia das crianças.

— Eu estava com oito anos quando meu pai me trouxe aqui. Vim na sela do cavalo dele e não me lembro deste trajeto estar tão abandonado — justificou a menina, com a voz trêmula.

Thomas fitou o céu azul, tranquilo e limpo, além dos picos montanhosos. “Pelo menos não vai chover”, tranquilizou-se. A trilha

tornou-se mais fácil no instante em que atingiram seu ponto mais alto e começaram a descer. Thomas ficou apreensivo. A qualquer momento, em alguma curva, ele veria as terras de Sutter pela primeira vez.

Quando as ruínas surgiram, ele sentiu uma pontada no coração. Elas revelavam que, outrora, um castelo imenso e poderoso existira ali, à beira de um imponente precipício. Quilômetros abaixo, o mar batia furioso contra os rochedos. O barulho das ondas veio trazido pelo vento. Um lugar inóspito, amaldiçoado, solitário. Por que Alix gostava tanto desse mundo assustador? “Talvez porque lhe trouxesse a paz que tanto amava”, pensou o garoto, admirando cada detalhe do cenário quase selvagem. Notou, sem evitar o medo, que não havia gaivotas no céu ou qualquer outro ruído que revelasse a existência de vida em Sutter.

Os cavalos continuavam a descer a trilha. Era mais de meio-dia quando as crianças se aproximaram do que restou do antigo castelo. Quase não havia nada em pé, exceto poucas paredes, semidestruídas, e pedras de tamanhos variados em alguns pontos do local.

— Olha, Tom, daqui sai uma trilha para uma praia, ali embaixo — apontou Erin logo que desceu de sua montaria. — Aposto que Alix levava o filho até lá para brincar.

Thomas também desmontou. O cachorrinho, incomodado por passar tanto tempo no bolso, choramingou. Assim que foi solto, saiu correndo. Com tristeza, o garoto procurou recriar mentalmente os aposentos, os corredores, a escada e o salão principal que percorrera durante o transe.

— Aquela não é a Praia dos Pelicanos — continuou Erin. — Ela fica para o sul, em direção a Durham.

Um tipo de vegetação seca cobria o lugar em vários pontos. Nada florescera ali; nem o mato conseguira se manter. A atmosfera era tão opressiva que Thomas teve a impressão de que poderia tocá-la. Erin juntou-se a ele, também apreensiva.

— Lembra de como era este local? — perguntou a menina.

— Acho que o salão principal ficava atrás daquele monte de pedras... — disse ele, sem muita convicção.

Os dois deram a volta e pararam. Nenhuma pedra parecia ter sido parte, um dia, de um salão. O filhote cheirava tudo ao seu alcance. Escalou facilmente um punhado de pedregulhos amontoados e, impaciente, começou a escavar com as patas, jogando terra para os lados. Erin e Thomas entreolharam-se, esperançosos.

— O que tens aí, amigo? — perguntou o garoto.

Ele empurrou algumas pedras pequenas, ajudando o cachorro em sua busca. Então, seus dedos tocaram uma superfície lisa e dura. Involuntariamente, Thomas recuou. Oz, medroso, escondeu-se atrás de suas pernas. Parte de um crânio humano surgira para intimidá-los.

— Viemos de tão longe para os dois terem medo de uma simples caveira? — zombou Erin.

Com raiva, o garoto segurou uma resposta malcriada. Não tinha tempo para brincar. Ele, ao contrário da garota, passara os últimos anos no meio de adultos. Além disso, sentia a cobrança de Dines para que se comportasse como um. Às vezes, esquecia que Erin era apenas uma menina de quase treze anos e tão gozadora quanto Mark De Durham. Quando os dois se uniam, Thomas sempre virava o alvo das brincadeiras. Era difícil para ele encarar a vida com tanto bom humor e de maneira tão despreziosa.

Com a cara amarrada, atravessou para o outro lado, procurando se concentrar em uma parede que devia ser um pouco mais alta do que ele. Se pudesse encontrar os degraus da escada que Alix descera aquela noite, talvez...

Oz latiu para o crânio, ainda assustado. Thomas virou-se e viu Erin caminhando até o cachorrinho para tentar acalmá-lo. Ela avançou sobre uma laje...

— Erin, não! — gritou ele, correndo para impedi-la.

Tarde demais. A garota sumiu, com um grito desesperado.

A laje, frágil demais para aguentar seu peso, rachara ao meio. Thomas ajoelhou-se, tomando cuidado para não forçar a base de pedra. Esticou o corpo para o buraco que surgira, sentindo os pedaços da laje cederem alguns centímetros. Não conseguiu ver o fundo, tomado pela escuridão.

— Erin? — gritou. Só teve o eco como resposta.

Desesperado, chamou a menina de novo. Dessa vez, teve a certeza de ouvir um gemido.

— Vou descer!

O mais rápido que pôde, foi até Pégasus. Retirou uma corda de sua mochila e voltou correndo. Oz aguardava-o, dando voltas ao redor da laje. Thomas amarrou, firmemente, uma ponta da corda em um pedregulho, jogando o restante dentro do fosso escuro.

— Fica aqui, Oz. Vou buscá-la. E não arrumes mais nenhuma confusão!

O cachorrinho, amuado, choramingou. O garoto passou parte da corda sob um dos braços, enlaçando a cintura. Quando os pés tocaram a base de pedra, ela estalou. Ele a contornou com cuidado, deslizando, enfim, para dentro do fosso. Os pés logo acharam apoio nas paredes de pedra, cobertas de limo.

— Erin?

Não teve resposta. Ele tossiu, enquanto o cheiro de mofo penetrava-lhe nos pulmões. Estava mais do que arrependido por tê-la arrastado até Sutter. Era óbvio que o lugar era perigoso demais para ela.

— Tom? — murmurou uma voz logo abaixo dele.

Agradeceu aos céus, aliviado. Ela estava viva!

— Onde estás?

— Aqui...

Thomas desceu mais um pouco. Os pés tocaram numa reentrância. E depois outra. E mais outra. “Degraus!”, descobriu, entusiasmado. Encontrara uma escada subterrânea. Desceu, ainda seguro pela corda, e chamou novamente pela amiga.

— Aqui — respondeu ela, a menos de um metro.

Tateando no escuro, encontrou-a, espremida numa curva da escada.

— Estás bem? — perguntou, aflito.

— Acho que torci meu pé.

— Consegues sentar?

— Consigo.

O garoto ajudou-a a erguer parte do corpo, amparando-lhe as costas. Logo depois, apalpou seu pé, com cuidado. A menina gemeu.

— Não conseguirei te seguir pela escada, nem voltar para a superfície — disse ela, engolindo a vontade de chorar. — Deves me deixar aqui e procurar ajuda.

— Há uma opção.

Ele pousou as mãos sobre o pé machucado e esperou. Sabia que, de modo inexplicável, poderia reverter a situação. Bastava apenas transferir a dor da menina. Então, em seu próprio corpo, ele travaria uma luta, como já acontecera em outras oportunidades. Não tinha ideia de como fazia aquilo, apenas que fluía instintivamente dentro dele.

Aos poucos, a dor e o cansaço de Erin invadiram seu organismo. Ele estremeceu, sentindo-se muito pesado. Lentamente, encostou-se na parede e fechou os olhos.

— Tom, o que aconteceu?

— Preciso de alguns minutos. Apenas isso — sussurrou, com esforço. Iria enfrentar a pior fase do processo.

Foi de quase meia hora o tempo que levou para se recuperar. Seus olhos já tinham se acostumado à escuridão.

— Estás melhor?

— Estou curada, sabes disso — respondeu a menina. — Foi o que fizeste com minha mãe, não foi? Aquele pó de folhas de não-sei-o-que não é tão bom assim!

— O remédio é muito eficaz! — defendeu Thomas, querendo mudar o rumo da conversa.

— Tu entendes muito bem o que quero dizer. Livraste minha mãe da crise como acabaste de fazer comigo agora. E depois, quando todo mundo achava que estavas doente por ter caído no rio, tu apenas te recuperavas por tê-la ajudado.

Não havia mais o que esconder.

— Não me peças para explicar o que faço — disse ele, nervoso.
— Apenas... acontece!

Erin não insistiu. Ergueu-se para analisar o percurso sinistro que a escada fazia para baixo.

— Trouxeste a tocha? — perguntou.

De um bolso da capa, Thomas tirou um pedaço de madeira, envolto em tecido, além de pedrinhas para fazer o fogo.

— Ah, antes que eu me esqueça... — disse a menina, pronta para a aventura. — Obrigada por me curar.

...

Após mais de uma hora de descida, a escada desembocou em um piso plano, de pedra. O túnel era apertado, suficientemente alto e largo apenas para a passagem de um adulto por vez. Thomas ia na frente, seguido por Erin.

— Percebeste que não há ratos? — perguntou ele, expressando em voz alta sua preocupação.

— Ratos? — repetiu a garota, estridente.

— É, ratos! Passagens subterrâneas estão cheias deles. Assim como baratas, formigas e outros insetos...

Erin apertou-lhe o braço com força.

— Lá em cima, não há gaivotas, nem qualquer outro sinal de vida — continuou ele, sem reparar no medo que a garota sentia. — Achas que é algum tipo de maldição?

— N-não sei. Contam histórias terríveis sobre este lugar. Nunca acreditei nelas.

— Que histórias?

— Já te falei da feiticeira. Na época em que ela vivia no castelo, aconteciam fatos estranhos, como o surgimento de luzes e estrondos noturnos. Quando Hannah e Kirian morreram, o lugar foi abandonado. Anos depois, Alix pediu para vir para cá quando meus pais se casaram. Acho que queria ficar perto da minha mãe. Tudo foi reformado e ampliado para receber a princesa. E, então, houve o ataque e o castelo acabou destruído. Todos morreram, Tom. E havia soldados, criados, pescadores e muitas famílias aqui.

— A fortaleza não era tão grande quanto a de Durham.

— É verdade, mas abrigava dezenas de pessoas. Muita gente trabalhava com a captura e a venda de pescados para outras regiões da Ilha Média. Sutter já foi muito próspera. Era considerada também uma região estratégica, que oferecia proteção contra um possível ataque inimigo vindo do mar.

Erin parou para tomar fôlego. O ar abafado dificultava a caminhada.

— Dizem que a feiticeira é responsável pela desgraça que se abateu sobre Sutter. Que ela veio numa noite escura para se apossar das almas de todos os que tentavam viver neste lugar amaldiçoado.

— Já te contei o que aconteceu de verdade — resmungou Thomas, sem paciência. Agora que começava a aceitar a possibilidade de Hannah ser sua avó, não queria pensar nela como um ser maligno.

— Fatos que somente tu sabes. Não sobrou ninguém para contar o que aconteceu. Claro que o povo tem que inventar suas próprias histórias! — justificou Erin. — Há algo que descobri sobre aquele conselheiro do rei Arthur...

— O que fazia profecias?

— Sim. Sabes que terras ele ganhou por seus serviços?

— Sutter?

Erin sorriu. “Todos os caminhos do mundo levam a Sutter”, pensou o garoto, irônico. As crianças seguiram em silêncio por muito tempo. A chama da tocha ardia sem pressa. Apesar do ambiente opressivo, uma leve corrente de ar incentivava a jornada. Em certo ponto, o piso inclinava-se para baixo, escorregadio com o limo.

— Segura-te em mim — pediu a Erin. A garota obedeceu, prendendo-se à sua mão.

Com cuidado extremo, os dois avançaram mais alguns metros. A mão livre do garoto buscava apoio na parede. De repente, seu pé direito derrapou. Erin segurou-o, com firmeza, impedindo-o de cair. Thomas tentou se concentrar novamente, um passo de cada vez. A parede era frágil demais.

Um pouco adiante, os pés do garoto escorregaram. Erin também se desequilibrou e os dois deslizaram pelo túnel cada vez mais inclinado. As costas de Thomas bateram contra a parede de uma curva. Com o impacto, parte do chão se abriu, jogando-os buraco adentro. A tocha apagou-se.

As mãos do garoto procuraram desesperadamente uma forma de impedir aquela descida vertiginosa. Sem sucesso, elas apenas arrancavam pedaços das paredes. Erin também caía, bem atrás dele. Num baque, ele tombou contra o chão duro e foi arremessado para o vazio. Caiu de barriga sobre uma superfície de terra. Com um grito, Erin espatifou-se ao lado dele. Um barulho ensurdecido vinha logo atrás.

Rápido, Thomas agarrou os braços da garota e puxou-a para longe. Em segundos, uma avalanche de pedras, vindas do túnel, cobriu o local onde haviam aterrissado.

— Parece que vivo caindo, não é mesmo? — murmurou Erin. Espiava, incrédula, a pilha de pedras que, por pouco, não esmagara os dois.

Estavam sentados no meio de uma caverna ampla e surpreendentemente iluminada. Thomas, ainda sem fôlego, olhou Erin com atenção. Um corte fundo sangrava em sua testa. Outro

menor marcava o canto dos lábios e ainda havia um hematoma na bochecha direita. A garota estava imunda. Na altura do joelho, a calça comprida rasgara, expondo pequenas escoriações. Thomas também sabia que não estava muito melhor.

— Perdoa-me por ter te colocado nesta situação — disse, baixinho. Ele tocou o ferimento na testa da amiga, estancando automaticamente o sangue. Ia tocar-lhe os lábios no segundo em que a garota o deteve.

— Tom, eu estou bem — garantiu. — Posso aguentar! Essa história de ficares curando todo mundo acaba com tua saúde. Não quero te carregar depois.

O garoto riu.

— És muito corajosa. Uma verdadeira guerreira! — elogiou, admirado. Ela estava se saindo muito bem naquela aventura perigosa.

— Desde que eu não tenha que enfrentar ratos... Agora vamos! Precisamos descobrir de que lugar vem a luz que ilumina esta caverna.

Eles se ergueram com um pouco de dificuldade. Desolado, Thomas avaliou a abertura do túnel por onde tinham escorregado.

— Não podemos voltar — disse. A passagem fora obstruída por dezenas de pedras.

O teto da caverna era baixo. Um adulto teria de atravessá-la levemente encurvado. As crianças andaram vários metros em direção à luz, que se tornava cada vez mais forte. Thomas descobriu, à esquerda, que o caminho revelava outra passagem, só que esta os levaria para um túnel escuro. A esperança cresceu na mente dele. Talvez tivessem uma opção para sair daquele lugar. O barulho de ondas precedeu a visão de uma minúscula praia de rochedos negros e areia branquíssima: a Praia dos Pelicanos. Uma brisa refrescante recebeu-os do lado de fora. No céu, alguns pelicanos batiam as asas contra o sol. Thomas calculou que fosse por volta de 4h da tarde.

Erin foi até o mar azul-claro, de águas transparentes. Lavou as mãos, com cuidado. Depois, retornou para perto do garoto e entregou-lhe a água doce que carregava numa garrafa de metal.

— Bebe primeiro — disse ele, e também foi lavar as mãos no mar. Elas arderam, esfoladas. Havia um corte numa delas.

A menina tomou o líquido e, a seguir, passou a garrafa para Thomas. Os dois sentaram-se na areia e esticaram as pernas para a frente.

— Eu trouxe um lanche — avisou a menina, risonha. Do bolso, tirou pães, frutas secas e queijo, acondicionados numa bolsa quadrada. — Acho que só está um pouquinho amassado...

Erin, como o pai, adorava comer. Devia ter sido um sacrifício para ela ficar até aquela hora sem colocar nada no estômago. Thomas deu apenas uma mordida no pão, ansioso demais para se interessar por comida. Sua mente imaginava Alix naquela mesma praia, anos antes, olhando desesperada para o mar.

— Acho que ela pensou em se afogar...

— Pode ser — concordou a amiga, seguindo-lhe o pensamento. — Acho que ela pensou em ti, ainda na barriga dela, e resolveu lutar para viver. Tu lhe salvaste a vida.

— E depois a tirei, na Noite dos Mortos.

— Tom, sê objetivo! — disse a garota, sacudindo os ombros dele. — Fatalidades como essa acontecem. Quando eu tinha dez anos, minha mãe quase morreu durante um parto. Meu irmãozinho não teve sorte e viveu apenas algumas horas.

O garoto respirou fundo, tentando relaxar.

— Alix deve ter vindo até aqui — disse. — Descansou um pouco e, então, seguiu viagem.

— Erec disse que havia roupas, provisões e dinheiro na praia, não foi?

— Sim. Acho que já sei que caminho ela tomou.

Novamente de pé, Thomas foi até a abertura da caverna. Ia entrar, mas parou, espantado. Algo lhe chamara a atenção. Uma

cavidade profunda na superfície rochosa revelava a forma de um objeto muito familiar. Curiosa, Erin levantou-se para observá-lo. Ele retirou o cordão de couro e fitou durante alguns segundos a pedra opaca. Depois, encaixou-a na cavidade. No mesmo instante, a pedra abandonou a aparência sem graça e foi se tornando cada vez mais brilhante e poderosa.

Um arrepio percorreu o corpo do garoto. Atrás das crianças, junto ao mar, uma jovem deslumbrante dirigia-lhes palavras que não entendiam.

Ela falava um idioma desconhecido. Vestia uma blusa negra, de gola alta e mangas longas. A calça comprida, justa e da mesma cor, era coberta parcialmente por um par de botas de couro, de salto fino. Os cabelos loiros e ondulados quase atingiam os cotovelos. Apesar das roupas esquisitas, o que mais impressionou Thomas foram os olhos: azuis e assustadores. Ela era atraente, com traços perfeitos, um tipo de beleza estonteante que o garoto nunca vira.

A jovem avançou para as crianças. Na defensiva, Erin apontou-lhe uma adaga. A outra parou e riu, zombando de sua atitude.

— Não creio que ela nos fará mal — disse o garoto, pedindo que a amiga abaixasse a arma.

— Mas Tom...

— Confia em mim, Erin.

Enquanto as crianças falavam, a jovem cerrou as pálpebras.

— Britanya, sotaque da Ilha Média. Já o garoto usa um sotaque misto, com elementos distintos da Grande Ilha e das Terras Ermas — disse a jovem, fitando-os novamente. — Muito bem, agora que já ajustei o idioma podemos conversar. O que fazeis aqui?

— Viemos pela passagem secreta do castelo de Sutter e saímos por esta caverna — explicou Thomas, cada vez mais fascinado.

— Não é isso que estou perguntando. Quero saber quem vos mandou!

Erin e Thomas entreolharam-se, sem entender.

— Como conseguiste esta pedra, garoto? — intimou a jovem, impaciente, apontando para o brilho que vinha da parede externa da caverna.

— Pertenceu ao meu pai.

— E como ele a conseguiu?

— Era da mãe dele, uma mulher chamada Hannah.

A jovem ergueu uma sobrancelha.

— Em que ano estamos?

— Em 834 da Era Arthur.

— Se estás aqui, então é porque Erec falhou. Ele morreu?

As crianças assentiram. A jovem, pensativa, cruzou os braços.

— Então, és o neto de Hannah?

— Sou.

— E sabes o que sou? — continuou, desafiante.

— Não és real — murmurou Thomas, com um sorriso.

Já vira pequenas imagens holográficas, geralmente reproduções de animais e plantas, no salão subterrâneo do Monastério, mas nada comparado àquela tecnologia. A jovem parecia real, com movimentação extremamente convincente. O garoto, porém, podia sentir a ausência de vida na imagem que se mostrava tão verdadeira. Se ele se aproximasse, não poderia tocá-la. A mão atravessaria o vazio, através do corpo dela, como acontece quando se brinca com fumaça.

— És uma projeção, gerada por algum programa de computador, que eu acionei ao encaixar a pedra de Hannah na parede.

Erin abriu a boca, sem compreender o que ele dizia. Arregalou os olhos e fitou-o, mordendo os lábios.

— Sabes muito sobre tecnologia — disse a jovem, surpresa. — És o único ou o mundo ignorante de Britanya se abriu para o conhecimento neste tempo em que estive aqui?

— Sou uma exceção.

— E quem te ensinou tudo isso?

— Um professor inteligente que conserva parte de uma tecnologia extinta.

— Não respondeste a minha primeira pergunta. Quem vos mandou?

— Viemos sozinhos, à procura de respostas.

— E quem é ela? — perguntou a jovem, com desprezo, ao se referir a Erin. A menina empertigou-se, orgulhosa.

— É uma amiga.

— Ela não entendeu nada do que dissemos. É ignorante e descartável.

Erin avançou contra ela. Thomas deteve-a com dificuldade.

— É uma garota inteligente, que aprende rápido. Quanto a ti, és um holograma, uma imagem da Hannah verdadeira — apostou. — Só não entendo por que ela te deixou aqui.

— O plano B — disse Erin, ainda com raiva. — Hannah deixou uma parte dela para trás, caso seu plano, qualquer que fosse, falhasse.

— A pedra é um tipo de chave — deduziu Thomas. — Hannah deixou-a com Erec para que ele continuasse o que ela começou.

— Sim, eu treinei Erec durante muito tempo — admitiu o holograma. — Ele sempre vinha até aqui. Esse é o meu trabalho. Sou um programa de computador, criado à semelhança de Hannah, a sacerdotisa, para dar continuidade à sua missão. Tenho também sua personalidade, seu padrão de comportamento e suas reações, além de poder de decisão, baseado no tipo de raciocínio que a mente de Hannah desenvolvia.

— Mas tu não tens sentimentos... — disse Thomas.

— Tens razão. Sou um programa holográfico.

— Alix sabia da tua existência?

— A esposa de Erec? Não, claro que não.

— Então tu não a viste na noite em que o castelo de Sutter foi atacado?

— Na última vez em que vi Erec, ele me pediu para identificar um objeto...

— A perenthis? — perguntou Thomas, ansioso.

Tudo se encaixava. Seu pai, após comprar o estranho objeto do servo de Hugues De Angelis, fora conversar com o programa holográfico para ter certeza do que trazia. Depois, deve ter feito o caminho secreto até o castelo, onde encontrou uma noite de sofrimento e morte.

— O que sabes sobre as perenthis? Isto é informação altamente confidencial.

— São mais de uma? — disse o garoto, sem pensar. Hannah reservou-lhe um olhar inquisidor. Acabara de descobrir que Thomas sabia muito pouco para dar continuidade à conversa.

Sorriu, com desdém. O garoto não estava preparado para substituir Erec. Ela deveria aguardar até que a pessoa certa a procurasse.

— Deves partir, garoto, com tua amiga, e esquecer o que viu e ouviu nesta praia.

— E quem mais achas que está preparado para vir até aqui, Hannah? — gritou Erin. — Thomas é o único...

— Não repetirei o que vos disse.

— Posso te fazer uma pergunta? — pediu Thomas. A imagem iria desaparecer em segundos.

— Não.

— Por que eu anunciei uma profecia, sem nunca ter lido ou ouvido nada a respeito dela?

Hannah, que observava o mar, distraída, voltou-se para ele.

— Por que eu vejo fatos do passado, que aconteceram antes de eu nascer? Por que tenho premonições? — insistiu Thomas, começando a se desesperar. Tinha medo, depois de chegar tão perto, de retornar para Durham sem uma única explicação.

O holograma não quis responder. Apenas fixou os olhos nos do garoto, como se quisesse lhe arrancar a alma.

— E quando essas coisas acontecem comigo, eu passo mal, vomito, tenho dor de cabeça... — disse ele.

— Tu evitas e temes essas manifestações. Claro que elas acabam te fazendo mal. Precisas aprender a lidar com isto.

— E o que são exatamente essas manifestações? E... como consigo curar doentes e feridos?

— Tudo no universo está conectado entre si. Há uma ligação que vai desde a estrutura de um minúsculo grão de areia até a estrela de uma galáxia distante. De forma inconsciente, decifreste essa conexão.

— E por que fico doente?

— Disseste que era apenas uma pergunta. Já fizeste seis — reclamou ela. — Por que não transferes o que extrais de teus pacientes para um objeto?

— N-não sei como fazer...

— Por que não o ensinas? — perguntou Erin.

— Não é responsabilidade minha — respondeu Hannah.

— Se ele não aprender a lidar com essas, essas manifestações, como chamas, o que irá acontecer?

— O garoto morrerá.

— Se Thomas tem a pedra e veio até aqui, como podes dizer que isso não é tua responsabilidade? Ele é herdeiro da sacerdotisa Hannah e precisa da tua ajuda. Que belo programa sei-lá-o-que tu és! Não serves para nada!

A jovem girou o rosto para a menina.

— Uma avó abandonaria o neto? Hannah faria isso? — insistiu Erin.

A brisa do mar soprou com mais intensidade. Um grupo de golfinhos surgiu ao longe, mas ninguém se interessou por eles.

— És realmente o neto de Hannah. A pedra só funciona para quem carrega os genes da sacerdotisa — murmurou a jovem. — Erec sabia qual era a missão, conhecia o que estava em risco. Só posso transmitir essa informação para quem está autorizado.

— E quem pode me autorizar? — perguntou Thomas, com o coração batendo mais forte. — Moriarty?

— Sim, apenas ele. Tu o conheces?

— Não.

— Então não posso fazer nada por ti, exceto te ensinar a lidar com as manifestações. Queres começar agora?

O garoto sentiu-se tentado a aceitar o convite. No entanto, hesitou. O sol avançava para o oeste, logo o dia chegaria ao fim. E ainda precisavam sair daquele lugar.

— Posso voltar outro dia?

Hannah fez um sinal afirmativo com a cabeça e sumiu no ar. A pedra, presa à parede, parou de brilhar.

• • •

A passagem na caverna dava para outro túnel, mais curto do que o primeiro. Cerca de uma hora de caminhada mais tarde, as crianças encontraram facilmente uma segunda caverna, menor e espremida, abaixo de uma queda-d'água. Passaram pela água, saindo para a floresta. O rio continuava, batendo nas várias pedras que surgiam abaixo, como uma escadaria natural.

— Esta é a nascente do rio de Durham — constatou Erin, feliz. — Estamos a uma hora a cavalo de casa. Tanto trabalho à toa! Poderíamos ter descoberto antes esta passagem.

— Temos de buscar Oz e os cavalos.

— Tu te lembras do Joe, o homem que cuida do moinho, logo adiante?

— Sei.

— Posso pedir para ele ir a Sutter pela trilha nas montanhas. Joe me deve um favor. E é de confiança.

Thomas aceitou a sugestão. Olhou para o céu, que começava a receber as nuvens escuras da noite.

— Precisamos correr... — disse, com um mau pressentimento.

...

Já era noite quando as crianças entraram pela cozinha, imundas e cheias de arranhões, cortes e machucados. Tinham voltado o mais rápido possível, sem trocar nenhuma palavra durante o percurso. Só havia uma criada no local. Ela chorava, debruçada sobre a mesa.

— O que está acontecendo, Maria? — perguntou Erin.

— Lady Jane...

Sem esperar qualquer explicação, a menina disparou para o quarto da mãe.

— O que tem Lady Jane? — quis saber Thomas, temendo a resposta.

— Ela teve uma crise em Bach, na casa dos amigos. Chamaram um padre, mas ele não conseguiu salvá-la. O senhor acabou de chegar, trazendo-a de volta para as terras que tanto amou...

O garoto seguiu os passos de Erin. A porta do quarto de Jane estava entreaberta. Deitada sobre a cama, a senhora jazia, pálida. Os cabelos soltos estavam espalhados sobre o travesseiro. Em pé, Mark De Durham, com o rosto transtornado, abraçava Erin. A menina soluçava. Thomas fez um movimento para sair, mas o cavaleiro o deteve, chamando-o com um gesto. O garoto aproximou-se, lentamente. Mark passou o braço livre sobre seus ombros e puxou-o contra si. Só então Thomas permitiu que a tristeza o consumisse.

Afundou o rosto nas roupas do cavaleiro e libertou as lágrimas que sufocava desde a manhã em que soubera que a morte finalmente venceria uma luta desigual.

PARTE II

Traidor

"All the pictures have all been washed in black, tattooed everything
All the love gone bad turned my world to black
Tattooed all I see, all that I am, all I will be^[1]"

(Eddie Vedder e Stone Gossard)

1. Todas as imagens foram banhadas em preto, tatuando tudo / Todo o amor tornou-se mal, transformou meu mundo em escuridão / Tatuando tudo o que vejo, tudo o que sou, tudo o que serei (*Black*, Pearl Jam – tradução livre)

PRÓLOGO

Hannah

Ano 794 da Era Arthur

Britanya era muito diferente do que Hannah imaginara. Antes de ir para aquele mundo distante e atrasado, estudara cuidadosamente todo o material que os guardiões tinham reunido após anos e anos de observação. Mas, desde que chegara, percebera que a realidade ultrapassava suas previsões. Sua maior dificuldade ainda era o idioma. O minúsculo tradutor simultâneo, instalado sob seu ouvido, não estava completo nem atualizado. Hannah suspirou e tentou novamente entender o que o comerciante lhe dizia enquanto sinalizava com duas moedas estendidas sobre a palma da mão. “Ah, sim, ele quer mais dinheiro.” Entregou-lhe outra moeda. A jovem pegou as frutas que comprara e desceu a rua, passando pelas barracas coloridas do mercado.

Brusk intrigava-a. A cidade mais importante do reino ostentava uma riqueza que Hannah não encontrara em nenhum lugar da Grande Ilha. As construções conservadas destacavam-se nas ruas limpas e cheias de gente. A jovem ainda não vira nenhum mendigo, presença inevitável nas estradas e nos vilarejos que já percorrera.

Ficara fascinada com a beleza da Grande Ilha, com suas florestas extensas e montanhas inexploradas. O mar, que conhecera havia alguns dias, após deixar as Terras Ermas, também a conquistara. “Como podem chamar este planeta azul de Terra, com toda esta água incrível cobrindo sua superfície?”

A jovem não tinha um destino definido. Viera até Britanya seguindo um sonho estranho, desacreditado pelos outros sacerdotes. Agora estava sozinha. Todos haviam sido mortos. Hannah pensou em Tolkien, o último dos guardiões. Sabia que o

rapaz também carregava uma responsabilidade imensa. Talvez não conseguisse cumprir a missão que ela lhe confiara, pois a liberdade em seu mundo fora acorrentada pelo Novo Conselho. E ainda havia os nergals. A jovem estremeceu ao pensar na ameaça distante, uma promessa de extinção para tantas raças.

Após entrar numa rua estreita e deserta, franziu o nariz para as paredes que a cercavam, sem reconhecer o caminho. Tomara a direção errada para a estalagem. Já ia dar meia-volta quando ouviu risadas infantis vindas do alto. Dois meninos brincavam em cima de um dos telhados.

— Enfrenta-me, cavaleiro! — gritou um deles, empunhando um pedaço de madeira que fazia o papel de uma espada.

— Sou o grande senhor De Durham. Não podes me derrotar! — respondeu o outro, um loirinho que pareceu a Hannah ser bem travesso.

O primeiro menino avançou com a espada de mentira, tocando o amigo na altura da cintura.

— Estás morto, cavaleiro! — comemorou.

Talvez não tivesse mais do que onze ou doze anos. Era moreno, com cabelos castanho-escuros e compridos.

— Não pretendo me entregar! — respondeu o garoto loiro. Devia ser mais novo do que o outro. Era gordinho, com bochechas vermelhas que realçavam a pele clara.

Hannah ficou algum tempo parada, admirando a alegria das crianças. No seu mundo, elas também se divertiam, inocentes, sem desconfiar do futuro. Os garotos pularam para o telhado vizinho, ainda empolgados com a luta imaginária. A jovem seguiu seu caminho, alcançando em minutos uma rua movimentada. Andou mais um pouco, deu mais uma volta e virou uma rua à esquerda, sem muita certeza de ter acertado o trajeto. Após três passos, ela parou, preocupada. Logo adiante, espremidos em um beco mal iluminado pela claridade do dia, os dois meninos, os mesmos que há

pouco brincavam sobre o telhado, eram ameaçados por um homem imundo.

— Já vos disse que quero todo o dinheiro que trazeis nos bolsos — disse ele, com raiva, apontando uma faca para as crianças.

— É como te expliquei. Nós não temos nem uma moeda — respondeu o garoto moreno.

— Mentira! Usais roupas boas e botas novas! Talvez alguma moeda de ouro apareça se eu furar um de vós, hein?

— Meu conselho é deixar estas crianças em paz — disse Hannah enquanto caminhava até os três.

O garoto moreno aproveitou a distração e pulou sobre o homem, lutando para desarmá-lo. A reação veio imediatamente. Ele bateu no menino e o empurrou para o chão.

— Deixai este ladrão comigo! — gritou Hannah.

O loirinho não a ouviu. Levantou o braço e, com toda a força, atacou o homem com a espada de madeira, atingindo-o na barriga. Ele berrou de dor. Decidido, o menino avançou, pronto para desferir outro golpe. Mas o ladrão, ágil com a faca, fez um rasgo em seu braço antes de voltar a atenção para a jovem que o alcançava.

— Fica fora disto, mulher! — rosnou ao lhe mostrar a faca.

A jovem parou diante dele e sorriu. Num movimento rápido, apossou-se de seu pulso e torceu-o com firmeza.

— Maldita! — xingou ele.

Sem se abalar, continuou torcendo o braço do ladrão, um sujeito quase duas vezes maior do que ela. Sem poder se soltar, ele ficou de joelhos. A faca caiu de sua mão. Hannah só o liberou após escutar o som de ossos estalando.

— Quebraste meu braço... — choramingou ele.

— Some daqui! — sussurrou ela, mirando-lhe o rosto com frieza.

Apavorado, o homem levantou-se com dificuldade antes de desaparecer em segundos. Os meninos estavam boquiabertos.

— Obrigado — disse o garoto moreno.

— Também te agradeço — sorriu o amigo loiro. Não parecia muito abalado com o perigo que correra. — Meu nome é Mark. E este é Arnon. Como te chamas?

— Sou Hannah — respondeu ela, enquanto examinava o corte no braço de Mark. Para seu alívio, ele fora atingido de raspão. — Onde estão vossos pais?

— Na missa. Nós fugimos de lá. Só queríamos dar um passeio pela cidade.

A jovem tirou algumas folhas de uma bolsa de couro. Separou duas e depois as espremeu contra o corte. Um líquido verde pingou sobre a pele ferida.

— Ai, isto arde! — reclamou Mark.

— É para teu bem — disse ela, ríspida. Nunca tivera muita paciência com crianças. — Devemos sair logo do beco. Esse tipo de ladrão sempre tem amigos.

— És um tipo de curandeira? — perguntou Arnon, desconfiado.

— Podes dizer que sim. Pesquiso as plantas do teu... deste mundo.

— Tu vieste das Terras Ermas? — perguntou Mark, ainda com dor. — Falas de um modo tão esquisito...

— Tenho algum sotaque? — disse a jovem, decepcionada. O tradutor realmente não funcionava direito. Mas, pelo menos, entendia quase tudo o que as crianças falavam.

— Eu vou para as Terras Ermas em breve — resmungou Mark, fechando a cara. — Meus pais vão me mandar para o Monastério. Eles querem que eu vire um monge. Bah!

— Precisas ver meu pai — pediu Arnon. — Ele está muito doente e os padres não sabem como tratá-lo.

Hannah pensou duas vezes. Não viera de tão longe para cuidar de doentes. Seu objetivo era encontrar os sinais de seu sonho e realizá-lo. O garoto de olhos grandes e tristes, no entanto, esperava ansioso por uma resposta. "Hannah, tu tens o coração mole."

— O que teu pai tem?

— Ninguém sabe. Temo pela vida dele.

Menos de uma hora depois, os três cruzaram os portões do castelo de Brusk. Nenhum guarda impediu-lhes a passagem. Eles seguiram pela entrada principal e cruzaram vários corredores até um grande salão. Hannah surpreendeu-se com a riqueza que encontrou naquela construção, repleta de tapeçarias finas, móveis trabalhados em madeira e objetos de ouro. Criados e nobres passaram por eles, sem importuná-los. O pai de Arnon devia ser um homem poderoso.

A jovem arregalou os olhos ao ouvir o arauto anunciá-los, à porta do salão.

— Príncipe Arnon, sr. Mark De Durham e uma convidada! — gritou ele para o grupo de pessoas que rodeava um homem abatido, sentado em um trono de madeira maciça, no alto de alguns degraus. Todos pararam de conversar para descobrir quem era a estranha.

Hannah empinou o queixo, pronta para enfrentar a situação inesperada. Para quem pretendia atravessar a Grande Ilha sem chamar a atenção, ela ia de mal a pior. Simplesmente, estava caminhando até James, o rei de Britanya. Sentiu os olhares de admiração sobre ela. Achava que sua beleza atrapalhava sua vida, que desejava que fosse a mais discreta possível.

— Senhor, trouxemos uma pessoa que pode ajudar tua saúde — disse Arnon, depois de fazer uma reverência ao pai. — Esta é Hannah, uma estudiosa de plantas muito famosa nas Terras Ermas.

A jovem espiou o menino, surpresa com as palavras que ele inventava para obter a atenção paterna.

— Uma curandeira? — perguntou, num tom depreciativo, um homem gordo e careca, vestido de púrpura, que se esticava à direita do rei. As pessoas ao redor se entreolharam, apreensivas.

— Não, arcebispo De Wins. Ela é exatamente o que eu te disse — respondeu secamente o menino.

O homem ficou vermelho e esperou pelo apoio do rei. Este, porém, sorria, apesar da aparência esgotada. Devia ter um fraco por mulheres bonitas.

— Vem, minha jovem. Vê de perto este ferimento...

Hannah obedeceu e, de joelhos, examinou a perna que James mantinha esticada à frente, sobre um tamborete. Ela ouviu alguns comentários em voz baixa. Esquecera-se de fazer a reverência ao rei.

— O que aconteceu exatamente, majestade?

— Uma criatura estranha me mordeu na última vez que estive nas Terras Ermas, lutando contra os bárbaros. Era um ferimento pequeno, não dei muita importância. Só que ele cresceu, trazendo muita febre e um cansaço indescritível.

— A criatura parecia um rato, só que maior — explicou um rapaz, também ao lado do rei.

Hannah girou o queixo para ele, com uma pergunta em mente, mas apenas engoliu saliva. O rapaz era alto e forte, com a pele bronzeada pelo sol. Os cabelos eram loiros e o olhar brilhava em um charmoso tom de azul. Não fora a beleza do nobre que a impedira de falar. A jovem reconhecera-o. Ele fazia parte do sonho que tivera havia anos, quando ainda era uma menina ansiosa para dominar os segredos da casta.

— Acho que se assemelhava mais a um gato. Era uma criatura muito grande e arisca — disse James, com um suspiro. — Ela entrou na minha tenda uma noite e provocou este estrago ao me atacar.

Ainda sem se levantar, a jovem tirou da bolsa várias ervas e espalhou-as sobre o chão, ao pé do trono. Refletiu por alguns segundos antes de escolher algumas folhas e guardar as restantes.

— Tu foste atacado por um ser mutante, majestade — disse a jovem, calmamente. — Há um tipo de veneno em sua mordida que pode levar à morte.

— Conheces um remédio? — perguntou James, esperançoso.

Hannah assentiu. Sem se preocupar com a imensa curiosidade que despertava, sentou-se em um dos degraus abaixo do trono, colocando sobre os joelhos uma pequena tigela que tirou da

mochila. Rapidamente amassou as folhas com uma colher para transformá-las em um estranho creme amarelado.

— Majestade, é meu dever te avisar sobre o perigo que corres ao ficares sob os cuidados desta mulher desconhecida — protestou o arcebispo.

— Sr. De Wins, esta moça sabe o que faz.

Com cuidado, ela espalhou a pasta sobre o ferimento. No mesmo instante, o homem respirou aliviado.

— Deus te trouxe aqui, minha jovem — murmurou, ignorando a expressão irada do arcebispo. — Este remédio me alivia o sofrimento...

Arnon e Mark sorriram para Hannah, que piscou para eles. O rapaz não tirava os olhos dela. Os demais cochichavam entre si, com exceção do arcebispo, que continha sua raiva com muito esforço. A jovem desconhecida obtivera mais sucesso do que os melhores padres treinados nas artes da cura.

— Esta pasta deve ser aplicada três vezes por dia, durante uma semana — orientou Hannah, colocando-se novamente em pé.

— Cuidarias de mim durante esse tempo? — quis saber James.

— Sim, majestade.

— Podes tomar conta desta jovem para mim? — Dirigia-se ao rapaz que impressionara Hannah. Ele assentiu, sem conseguir disfarçar a felicidade que aquelas palavras produziam nele. — Hannah, este é Kirian De Sutter, o melhor cavaleiro de Britanya. Creio que apreciarás a companhia dele.

CAPÍTULO 1

Sinais de tempestade

Ano 834 da Era Arthur

Alguns dias após a morte de Lady Jane, Thomas e Erin descobriram que teriam um professor. Irmão Tenorius, tão sisudo quanto Arla, chegara carregando malas num dia claro, sem nuvens no céu. Ele devia ter mais de trinta anos, era magro e ossudo. O garoto já o conhecia do Monastério, onde o monge trabalhava como copista. Entretanto, não se lembrava de ter trocado mais de duas palavras com ele.

As aulas eram bem diferentes daquelas que tivera com mestre Dines. As crianças tinham poucos livros à disposição e não contavam com as pedras de energia, uma tecnologia restrita ao salão subterrâneo e secreto. Apesar destas limitações, as aulas conquistaram os alunos. Tenorius era inteligente e sabia como estimular sua curiosidade. Claro que o conhecimento de Erin era bastante limitado, principalmente em comparação a Thomas. Mas a menina aprendia depressa, para satisfação do monge. E, quando ela descobriu que podia se dedicar à matemática e à física, decidiu abandonar definitivamente os bordados que Arla insistia em ensiná-la.

Parte do dia a dia das crianças era ocupada pelas aulas. Havia tempo livre para brincar e, com certeza, para o treinamento no alto da torre. Às vezes, Mark acompanhava-os. Ainda não superara totalmente a morte precoce da esposa. Era difícil para ele manter o interesse por alguma atividade. Estava sempre em movimento, andando para cima e para baixo em seus domínios.

Duas vezes por semana, Thomas escapulia secretamente para a Praia dos Pelicanos. Hannah cumpria a promessa de ensiná-lo a lidar

com as estranhas manifestações que o atormentavam desde pequeno.

— Elas estão fora de controle agora porque vives a fase da puberdade — explicou o holograma, na segunda vez em que o encontrara. — A adolescência é um processo de transformação. Como és mais sensível, ele se torna mais intenso e doloroso.

A recomendação era para que o menino controlasse a ansiedade e buscasse concentração. Thomas passou a aprender técnicas de meditação e exercícios de relaxamento, o que era uma verdadeira tortura para ele. As idas à praia só ficaram mais interessantes quando conseguiu que Hannah concordasse em lhe mostrar novas técnicas de luta.

Às vezes, Erin acompanhava-o, apesar de o holograma ser abertamente contra sua presença. Thomas, entretanto, descobria que o programa não era tão difícil assim de se dobrar. Se era projetado para ter as reações da Hannah original, então talvez a feiticeira não fosse uma mulher tão inflexível.

A alegria do povo de Durham foi retornando aos poucos. Afinal, a melancolia não fazia parte de sua natureza. Até Mark mostrava-se menos deprimido. Voltara a falar alto e a mexer nas panelas da cozinha, resmungando o tempo todo quando não conseguia o que queria. Erin intercalava momentos alegres com outros tristes. Às vezes, Thomas flagrava-a chorando baixinho. Nestas ocasiões, deixava a timidez de lado e abraçava-a. Sabia o quanto a garota precisava dele. E confortá-la era mais importante do que qualquer coisa.

Quando o final de outubro chegou, Thomas passou a ficar inquieto. Nem as técnicas de meditação de Hannah ajudaram-no a relaxar.

O dia 31 começou de maneira inesperada. Logo que acordou, o garoto recebeu de Erin um presente.

— Feliz aniversário! — exclamou ela, com um sorriso ansioso.

O menino nem sabia como reagir. Nunca, em treze anos, ganhara um presente naquele dia tão agourento.

— Abre! — encorajou a garota.

Ele desenrolou o tecido que envolvia uma corrente de ouro.

— Erin, tu não podes...

— Pertenceu à minha mãe. Tenho certeza de que ela gostaria que ficasse contigo. Agora, empresta-me aquela pedra esquisita.

Habilmente, Erin substituiu o cordão de couro pela corrente, pendurando-a no pescoço do garoto. Thomas sorriu, ainda desconcertado.

No final da manhã, nuvens escuras invadiram o céu, prometendo uma tempestade que só veio no início da noite. As crianças passaram a tarde com o irmão Tenorius, numa aula que pareceu interminável a Thomas. Olhava a todo instante pela janela, como se esperasse que algo acontecesse.

O povo de Durham era tão supersticioso quanto os outros habitantes de Britanya. O velho padre que morava na cidade celebrou uma missa especial, com o objetivo de fortalecer a vontade de seu rebanho contra o mal que dominava a Noite dos Mortos. Erin e Thomas não compareceram, assim como Mark, ocupado demais em vistoriar suas terras para detectar possíveis prejuízos trazidos pela tempestade.

Raios cruzavam o céu quando Thomas escapuliu da cama, antes da meia-noite, louco para respirar ar puro. Vestiu-se sem fazer barulho para não acordar Oz. A ansiedade queimava-lhe o estômago.

Foi até o alto de sua torre preferida. A chuva caiu pesadamente sobre ele, reforçada por rajadas de vento, mas o garoto não se importou. Um raio cortou o vazio, sem assustá-lo. Thomas sabia que era meia-noite.

Ele respirou fundo, pensando em Alix e Erec. Exatamente um ano antes, implorava por informações sobre seus pais. Desde então, tivera estranhas visões, conhecera Mark e sua família, as ruínas de

Sutter e, finalmente, Hannah. Thomas sorriu. Nunca, em seus sonhos mais malucos, pudera adivinhar que encontraria a avó em forma de holograma. E não era uma mulher idosa, de cabelos brancos, mas uma jovem atrevida, como a verdadeira Hannah fora na juventude. Ele lamentou a morte daquela mulher especial, atingida por um raio como o que surgira havia pouco. Adoraria tê-la conhecido.

Thomas ficou sob a chuva durante muito tempo, até que as nuvens resolveram partir para trás das montanhas. Quando desceu, não tomou o corredor até o quarto. Saiu do prédio principal, atravessando o caminho de pedra que conduzia à entrada do castelo. O ar da madrugada estava gelado, o que lhe fez bem. A inquietação abandonara-o.

Desistiu de voltar para o quarto ao ouvir o som de cascos de cavalos. Protegido pela escuridão, esgueirou-se pelo jardim para descobrir quem eram os três recém-chegados. Parado no meio do pátio, Mark recebia-os. O garoto tentou escutar o que o cavaleiro e um dos visitantes, o único que descera da sela, diziam em voz baixa, mas não entendeu as palavras.

A um sinal de Mark, os outros dois homens guiaram os cavalos para o estábulo. Thomas estremeceu. O visitante que sobrara e o cavaleiro vinham em sua direção. Rapidamente, escondeu-se atrás de um grupo de arbustos. Os dois homens passaram por ele, sem trocar uma palavra. Iam para a cozinha. Assim que desapareceram, o garoto seguiu-os, colando-se ao batente da porta, do lado de fora.

— És maluco em vir até aqui, meu amigo, com esta tempestade — dizia a voz forte de Mark.

— Precisava te ver — respondeu outra voz que Thomas não reconheceu. — Aproveitei minha viagem às Terras Ermas para passar primeiro pela Ilha Média. Minha comitiva está a caminho de casa. Vim apenas com dois guardas para não despertar atenção.

— Vou preparar um chá quente. Há pão fresco, queijo e frutas sobre a mesa. E ainda este bolo divino que sobrou do jantar.

O visitante riu, satisfeito.

— Estou faminto! Viemos cavalgando desde cedo, mal paramos para o almoço.

— Faz anos que não vinhas a Durham, não é mesmo?

— Lembras de quando éramos crianças? Eu sempre passava os verões nesta terra maravilhosa.

— E eu não perdia uma oportunidade de te visitar na Grande Ilha.

— Tempos inocentes, Mark. E eu, o caçula de três irmãos, herdei uma responsabilidade que não era destinada a mim...

— Muitos jovens morreram nas Terras Ermas, defendendo Britanya. Meus irmãos também foram vítimas dos bárbaros, como os teus.

— A paz saiu vitoriosa, afinal, mas pagamos um preço alto demais por ela. Ainda hoje enfrento minha própria consciência.

Os dois pararam de falar por alguns minutos. Foi o visitante quem quebrou o silêncio.

— Estou para vir até aqui desde a morte de Lady Jane. Preocupo-me contigo. Não participaste do Torneio da Primavera.

— Já estou velho. Não tenho mais ânimo para participar dessas coisas.

— Velho, tu? — brincou o outro. — Imagino-te, com mais de cem anos, ainda empunhando uma espada e desafiando o inimigo, enquanto tua outra mão se apoia numa bengala. Por Deus, Mark, tu és a criatura mais briguenta que já conheci!

— Um velho de bengala e careca — divertiu-se o cavaleiro. — Estou bem perto disso. Já tenho quase cinquenta anos!

— Três motivos me trazem a Durham, na verdade. O primeiro é saber como estás.

— Triste, meu amigo, e com muitas saudades dela — murmurou o cavaleiro. — Os nobres casam-se movidos por alianças políticas e econômicas. No meu caso, tive o privilégio de ganhar o amor de uma mulher especial.

— Lady Jane era uma pessoa adorável. Sei como te sentes. Também perdi pessoas que me eram queridas. O segundo motivo tem a ver com uma nova aliança política.

— Queres dizer... Um novo casamento?!

— Sim, sabes que decidir estas alianças entre os nobres é uma das minhas obrigações, por mais que eu deteste fazer isso.

— Queres que eu case de novo?

— Exatamente.

— Não, não e não! Com os diabos, Arnon, não pretendo colocar outra mulher na mesma cama que foi de Jane!

Arnon, o todo-poderoso rei de Britanya, estava ali, na cozinha do castelo de Durham, a quilômetros de sua terra, Bruski! Thomas nunca suspeitara que o soberano e Mark fossem tão amigos. Só que isto não era motivo para o pânico que ganhava espaço em seu espírito. *Ele estava a apenas alguns passos do pai de Alix De Bruski!*

Arnon esperou tranquilamente que o cavaleiro enumerasse todos os motivos que o levavam a permanecer viúvo.

— Ela se chama Claire e mora nas Terras Ermas. É filha de Francis De Roths.

— E por que eu? Não existe nenhum jovem nobre que precise de uma esposa? Quantos anos tem esta garota?

— É dois anos mais velha do que tua filha.

— O quê? Estás maluco, com certeza!

— Preciso de ti, Mark — retrucou Arnon, com firmeza. — O terceiro motivo está relacionado a esta aliança política. Sabes que minha posição é frágil junto aos senhores das Terras Ermas e que Francis é um dos meus poucos aliados.

— Este casamento te fortaleceria.

— Acredito que...

Um espirro de Thomas denunciou seu esconderijo. A roupa encharcada fazia que tremesse de frio. O garoto nem se moveu. Não adiantava fugir de Mark. Bastaram alguns segundos para que o

cavaleiro viesse buscá-lo, empurrasse-o gentilmente para o calor aconchegante da cozinha e servisse-lhe uma caneca de chá quente.

Thomas fitou o conteúdo da caneca que apertava entre as mãos. Não tinha coragem de encarar o avô.

— Quem é este? — perguntou Arnon. O garoto sentiu seu olhar, mas permaneceu imóvel. Ainda estava em pé, a centímetros da mesa que ele ocupava.

— Seu nome é Thomas — apresentou Mark. — Ele está sob minha proteção.

— A Noite dos Mortos não é a ocasião ideal para ficares perambulando por aí — zombou o rei. — Devias estar na cama como um bom menino.

— Um bom menino? Ah, esta é interessante! — sorriu o cavaleiro, espalhando com a mão os cabelos molhados do garoto. — Thomas não é uma criança comum.

Mark conduziu-o até a mesa, obrigando-o a se sentar de frente para o rei que agora o estudava com curiosidade.

— Ele parece bem comum para mim — disse Arnon. — Tens língua, garoto?

Thomas desviou lentamente o olhar da caneca para Arnon. Sentia o rosto quente, apesar do frio da noite. Uma raiva inexplicável tomava conta dele. Não desejava ser alvo de piadas naquele momento tão difícil. Queria o impossível. Queria receber o carinho da primeira pessoa de sua família que conhecia na vida. Não havia mais ninguém tão próximo, tão ligado a ele no mundo. Reconheceu traços de Alix no rosto envelhecido do homem. Os mesmos olhos grandes e negros, os mesmos cabelos escuros, agora tomados por inúmeros fios brancos. Arnon sorria, irônico. Para o rei, ele não passava de um garoto irresponsável que vagava pela madrugada para escutar conversas atrás da porta.

— Tenho língua e bons ouvidos — disse Thomas, entre dentes.

— Palavra, Mark! Onde encontraste este garoto? — perguntou Arnon ao descobrir a fúria em seus olhos.

— Nas Terras Ermas. Um amigo me pediu que tomasse conta dele. Acreditarias se te contasse que Thomas matou vários lupus, sozinho, usando apenas flechas e uma pequena adaga?

O rei abriu a boca, pasmo.

— Qual é tua idade? — quis saber.

— Treze.

Mark, que puxava uma cadeira para se sentar, voltou-se, surpreso, para Thomas. Pela sua cara, o garoto podia apostar que ele acabara de se lembrar do seu aniversário.

— E quantos lupus mataste?

— Não contei.

— Enfrentar aquelas criaturas já é uma proeza e tanto — comentou o rei, sorrindo. Depois, dirigiu-se a Mark. — Ainda há muito o que conversar. E quero partir antes do dia nascer. Sabes que não desejo ser reconhecido.

O cavaleiro deu um tapinha camarada no braço do garoto.

— É melhor que tu vás direto para a cama, Tom.

Este deixou o banco e saiu da cozinha.

O coração doía de raiva e frustração.

CAPÍTULO 2

Partida

Ano 838 da Era Arthur

O dia estava quase tão escuro quanto a noite. Mal dava para enxergar o sol, escondido entre nuvens sinistras. Os prédios muito altos e estreitos, uns próximos aos outros, deixavam a atmosfera sufocante. Ao seu redor, pessoas estranhas andavam apressadas. Usavam roupas pesadas e escondiam os rostos sob máscaras de oxigênio. Thomas sabia que o ar era irrespirável. Ele passou por uma pilha de ferro-velho. Não era a única. A rua por onde transitava mostrava lixo e sucata em vários pontos. Uma chuva fina começou a cair de repente, o que obrigou as pessoas a procurarem abrigo. Um cachorro amarelo e magricela, que perambulava perdido próximo a Thomas, ganiu quando as gotas o atingiram. A chuva era corrosiva. Um tipo de veículo sobre rodas cruzou a via, em alta velocidade. Thomas já vira algo parecido nos livros do Monastério. Era um carro, usado pelas pessoas para locomoção. O veículo emitia um ruído ensurdecedor...

— O que vê? — perguntou a voz de Hannah.

Thomas descreveu a cena. Quando terminou, as imagens foram ficando mais escuras até desaparecer. Ele ergueu lentamente as pálpebras para reencontrar a claridade da manhã. Estava sentado à direita de Hannah sobre um dos rochedos negros da Praia dos Pelicanos, em mais uma das aulas que o ajudavam há quatro anos, desde que descobrira o local.

Um pouco afastada, na areia, Erin divertia-se jogando uma pequenina bola de couro para Oz. Thomas passou a palma da mão sobre a testa. Estava suando.

— Finalmente controlei uma visão, Hannah — murmurou, trêmulo. — Ela veio quando pedi e mantive o controle o tempo todo!

— Pelo que me descreveste, acredito que viste algum período final da Era da Tecnologia. Foi no que pensaste antes de pedir pela visão?

— Sim. Se o homem dominava a tecnologia neste período, por que o mundo estava tão...?

Não conseguia encontrar uma palavra para expressar o que vira.

— Poluído? A palavra é poluição, rapaz. Água, terra e ar contaminados por uma tecnologia usada sem preocupação com a natureza. Pode ser devastador se não há critérios em sua utilização. Naquela era, o ser humano extrapolou limites em seu egoísmo e sua ganância pelo poder. A genética, por exemplo, desestabilizou ecossistemas, alterou plantas e animais sem medir as consequências dessas mudanças. Doenças foram criadas em laboratórios com o objetivo de destruir nações inimigas e até etnias atingidas pelo preconceito.

— Como pessoas negras? Não há nenhuma delas em Britanya.

— Esse grupo étnico, junto de outros, foi extinto neste mundo. Só restaram os considerados brancos.

— E no teu mundo, elas existem? — arriscou Thomas. Jamais conseguira tantas informações sobre a Era do Caos.

— Sim, elas existem. Meu mundo tornou-se uma esperança de salvação para a raça humana. Os antepassados da sacerdotisa partiram deste planeta antes que a Era do Caos o devastasse.

A cabeça de Thomas fervilhava de ideias. Pesou bem as palavras antes de formular a próxima pergunta.

— Como tu chamas teu mundo?

— Gaia.

— Arthur também era de lá?

A imagem piscou antes de analisá-lo com frieza. “Ela não vai responder!”, apostou Thomas.

— Sim, ele veio de Gaia, há mais de oito séculos.

— E criou uma civilização aqui, nas terras que chamou de Britanya.

— Arthur é considerado um poderoso líder em seu mundo e, no meu, um louco fanático, obcecado por mitologia arturiana. Ele e seu grupo de seguidores deixaram Gaia por questões religiosas. Encontraram aqui um terreno fértil para suas ideias entre pessoas solitárias e sem rumo. Usaram a tecnologia que dominavam para restaurar a saúde destas terras, da fauna e flora. E demoliram em Britanya cada pedaço de história que pudesse denunciar a existência de um passado anterior à Era do Caos.

— Mas não estenderam o poder para além das ilhas, não foi?

— Correto. As Terras Ermas foram conquistadas por seus descendentes, séculos depois. Elas refletem o que sobrou deste planeta triste, que pagou o preço da ambição dos homens.

— Então, os bárbaros...

— São seres humanos, Thomas, abandonados à própria sorte. Descendem dos poucos que sobreviveram à Era do Caos.

Estudar seu mundo sob aquela perspectiva era assustador. Graças a Arthur e seus cavaleiros, *existia* um povo em Britanya. Thomas agora entendia de onde vinha o medo de tudo que fosse apenas diferente. O povo era mantido ignorante para ser controlado. Uma pessoa que não aprende a pensar não faz perguntas, não critica, não incomoda. Sem referências sobre seu passado, não questiona o futuro. E aceita pacificamente o papel que lhe é imposto para toda a vida: ser apenas um servo, um andarilho ou um cavaleiro.

O rapaz não conseguia imaginar como seriam os bárbaros. “São violentos, filhos de uma miséria inimaginável para nós. Atacam ferozmente, como animais. Às vezes, penso que não são mais seres humanos”, dissera-lhe Mark no dia em que chegara a Durham.

— Onde se localiza Gaia, Hannah?

— Já te dei muito para pensar.

O holograma desfez-se. Involuntariamente, Thomas levou o dedo mindinho à boca. “Preciso parar de roer as unhas”, pensou, antes de

afastar a mão. Ainda era difícil controlar a ansiedade. Graças a ela, tivera pouco progresso nas inúmeras visitas que fizera à Praia dos Pelicanos. Por sorte, as manifestações tinham lhe dado um amplo período de paz, permitindo que fosse apenas um adolescente normal. Somente poucas semanas antes obtivera algum resultado, ao aumentar a concentração. Visualizara tempos distantes, pessoas desconhecidas. Mas não ousara pensar em Alix ou Erec. Não estava preparado para explorar novamente o passado de sua família.

O olhar deteve-se nas ondas que batiam contra os rochedos, com o pensamento no período em que vivera no Monastério. Nunca mais tivera notícia de mestre Dines ou de Michel. Às vezes, tinha vontade de ir até as Terras Ermas para cumprir a promessa que fizera ao abade. Mas ainda não era o momento de retornar. Havia muito o que aprender com Hannah.

O rapaz tocou a pedra junto ao peito. Não precisava mais dela para ativar o programa holográfico, que agora obedecia ao seu comando de voz, da mesma forma que Erec devia ter feito durante anos.

O dia estava quente. Thomas tirou as botas e o blusão antes de mergulhar. O contato com o mar ajudava-o a relaxar. Deu algumas braçadas antes de avistar Erin, que caminhava distraída, com os pés na água. A calça comprida estava dobrada, na altura do joelho, para que não se molhasse. O rapaz não resistiu. O mais silenciosamente que pôde, aproximou-se por trás, espirrando a maior quantidade possível de água em cima dela.

— Tom, seu maluco! — gritou ela, pulando para longe.

Ele deu uma gargalhada e se jogou outra vez no mar. O convívio com o povo de Durham melhorara seu espírito melancólico. Quando resolveu voltar para a areia, tinha certeza de que Erin iria lhe dar o troco.

O cachorro surgiu, latindo e abanando o rabo. Assim que o rapaz se abaixou para acariciá-lo, a amiga atacou-o.

— Não vale fazer cócegas! — argumentou, tentando proteger a barriga.

Erin era imbatível e conhecia muito bem seus pontos fracos. Mas Thomas também conhecia os dela. Ele a empurrou e os dois rolaram, rindo, pela areia. O rapaz enfim imobilizou-a, prendendo o corpo dela sob o dele.

Foi então que uma sensação diferente o invadiu. Erin não era mais uma menina. Ela crescera e seu corpo mudara, como Thomas podia sentir intensamente naquele momento. Muitas vezes, ele se obrigava a disfarçar a atração pela nova aparência da amiga de infância. Ela completaria dezessete anos em maio, apenas seis meses antes que ele também fizesse dezessete.

Erin também estava constrangida. Parecia ter percebido, naquele mesmo instante, que os dois já não eram mais crianças.

— É melhor irmos embora — disse ele, secamente, ao soltá-la. — Há algo que preciso te contar sobre Arthur.

Oz, sentado na areia, observava os dois, com uma das orelhas em pé.

• • •

Durante o percurso até o castelo, Thomas contou em detalhes tudo o que vira e cada palavra do que Hannah lhe dissera.

— Onde achas que Gaia fica? — perguntou a jovem.

Thomas parou o cavalo, assim como ela. Levantou o dedo indicador e fez um sinal em direção ao céu.

— Q-Queres dizer... Em outro pla-planeta?

— E onde mais poderia ser, Erin?

A jovem demorou a absorver a informação.

— Hannah me disse que nossos antepassados se separaram na época em que este planeta estava um caos — prosseguiu ele. — Um

grupo partiu em busca de esperança em outro lugar, enquanto o restante permaneceu aqui...

— É, faz sentido.

Em silêncio, os dois retomaram a cavalgada até o edifício principal. O mundo, de repente, tornara-se grande demais para eles.

...

Erin não conseguia dormir. Virou para o outro lado da cama, procurando varrer qualquer pensamento da mente. Era impossível não pensar no que Thomas lhe contara naquela manhã. Tudo parecia tão absurdo! No entanto, fazia, sim, muito sentido. Explicava tantas coisas no mundo em que viviam...

Seria interessante se pudesse tocar no assunto com o pai, sem que ele desconfiasse de como a filha e Thomas sabiam tanto sobre o assunto. O cavaleiro conhecia as Terras Ermas muito bem, talvez pudesse dar uma descrição mais detalhada sobre o modo de vida dos bárbaros e falar sobre os seres mutantes que habitavam aquela região assustadora. Entretanto, ele não estava em Durham. Partira havia uma semana para o norte da Ilha Média, a negócios. Deixara a insuportável esposa para trás.

Erin amarrou a cara ao se lembrar do jeito insosso de Claire, uma jovem incapaz de qualquer tipo de pensamento inteligente. Sua maior ambição era encher a casa de filhos. E estava tendo sucesso. Os gêmeos tinham nascido no último verão e ela já estava grávida outra vez. Arla derretia-se em cuidados com ela e os bebês. Deixara até de implicar com Thomas e com a filha mais velha de Mark. Esta, então, era considerada um caso perdido, uma nobre que jamais seria uma dama prendada e obediente. Nesse ponto, Claire era perfeita. Vivia para agradar o senhor de Durham. Além disso, bordava admiravelmente bem e era competente para administrar a

casa e os criados. Seu maior desafio: escolher qual seria o prato principal para o jantar.

Nervosa, Erin puxou a coberta até o nariz. Havia um detalhe que a perturbava. Era difícil esquecer o que sentira quando Thomas a tocara, na praia. Definitivamente, os dois não eram mais crianças. Tinham perdido a inocência.

“Agora ele confia mais em si mesmo”, refletiu, satisfeita. A aparência dele também estava diferente. A vida ao ar livre e os exercícios diários haviam deixado seu corpo forte e flexível. Não era um rapaz grandalhão, como Mark fora na juventude, nem excepcionalmente bonito. Era apenas um pouco mais alto do que ela, além de esguio e ágil, como um gato. A jovem gostava de admirar o rosto moreno, marcado por uma leve cicatriz abaixo do olho direito. Ele mantinha os cabelos ondulados sempre curtos, na altura da orelha. A garota pensou em seu sorriso. Thomas podia ser encantador quando queria.

Uma leve batida na porta fez com que se sentasse na cama. Era madrugada. “Tom!”, pressentiu ela, jogando um casaco por cima da camisola antes de correr para a porta. O rapaz, pálido e transtornado, carregava Oz debaixo do braço. Rapidamente Erin colocou-os para dentro.

— O que houve contigo? — perguntou, enquanto fechava a porta.

— Tive uma visão.

A jovem olhou-o de cima a baixo. O rapaz vestia roupas de viagem e levava no ombro a velha mochila.

— Pretendes viajar?

— Vou para a Grande Ilha.

— Por quê? — perguntou a jovem, alarmada.

— Erin, me escuta. Hoje à tarde, durante a aula, pensei muito nos andarilhos...

— Os mesmos que te criaram?

Thomas assentiu. O cachorro, triste, lambeu suas mãos.

— Quando fui para o quarto, tentei saber o que tanto me preocupava. Peguei a pedra e me concentrei. Então, eu a vi, Erin. Eu vi Shannon. Morta.

— Achas que previste o futuro?

— Tenho certeza de que posso evitar o que vai acontecer.

— Voltarás para nós?

— Eu quero voltar — disse ele, procurando sorrir. — Diz ao teu pai que precisei partir, mas que não vou demorar.

— Espera! Deves levar algum dinheiro.

Erin foi até a arca de madeira ao lado de sua cama. Tirou de lá um saquinho de couro, cheio de moedas e, a seguir, entregou-o a Thomas. Ele agradeceu.

— É apenas um empréstimo. Depois te devolvo. Há outra coisa que me preocupa. Podes ficar com Oz?

O cachorrinho, magoado, choramingou. Erin sorriu e pegou-o no colo. Lutava contra o choro que machucava sua garganta. Num gesto instintivo, levantou a mão e tocou de leve o rosto do amigo. Não queria perdê-lo. Os olhos de Thomas encontraram os seus. Ela o sentiu tremer.

O rapaz, então, aproximou o rosto ao dela e seus lábios se tocaram. Uma onda de prazer e felicidade percorreu Erin por inteiro. Ela o puxou para si e o beijou com intensidade. Os braços de Thomas envolveram-na, enquanto seus corpos se colavam. Espremido entre eles, Oz reclamou. Os jovens não pareciam notá-lo.

Erin não calculou quanto tempo durou aquele beijo. Perdera a noção de tudo. Quando o rapaz se afastou, uma pontada atingiu-a no peito. Ele ia partir.

Sem dizer nem sequer uma palavra, seu amigo de infância deixou o quarto.

CAPÍTULO 3

Andarilha

— **V**ê como é bela... — murmurou Rouen De Larc, com um meio sorriso.

Só então Vince De Angelis reparou na jovem andarilha que arrancava aplausos da multidão reunida na praça principal de York, por onde os dois homens circulavam após tomar algumas canecas de cerveja numa taberna próxima. Sim, realmente era uma jovem muito bonita. O rapaz admirou o corpo sedutor, o rosto alegre, de traços delicados, e os cabelos negros que atingiam a cintura. O velho menestrel que a acompanhava começou a tocar uma nova música. A andarilha ergueu os braços e, seguindo o ritmo da melodia, mexeu o corpo em movimentos perfeitos. Sua dança era capaz de hipnotizar qualquer mortal. O cavaleiro ruivo, ao lado de Vince, estalava a língua de prazer.

— Ela será minha — cobiçou ele.

— Estás enganado, Rouen. O sobrinho do arcebispo leva a preferência — começou o rapaz, rindo.

O ruivo não gostou da brincadeira. Vince recuou. Conhecia bem demais seu gênio ruim.

— Vamos apostar — sugeriu, tirando do bolso um par de dados de madeira.

Rouen concordou, sombrio. Vince jogou os dados no chão, obtendo um seis e um cinco. Tinha boas chances. Já pensava numa maneira de abordar a bela andarilha quando o amigo conseguiu dois seis.

Vince engoliu em seco. O outro homem arreganhou os dentes de satisfação. A multidão aplaudiu mais uma vez. A moça, sorridente, fez uma reverência para agradecer.

• • •

No fim do dia, o movimento na praça diminuiu. Shannon parou de dançar e se abaixou para massagear os pés doloridos. Jon juntou-se a ela, sorrindo de satisfação. A apresentação permitira arrecadar uma considerável quantidade de moedas.

— Podes conseguir ainda mais dinheiro se quiseres, andarilha — disse um garoto magricela e sardento.

— Que queres dizer? — perguntou Shannon, estudando-o.

— Meu senhor quer vê-la imediatamente — sussurrou ele ao colocar uma moeda de ouro em sua mão.

— O que está acontecendo? — quis saber Jon.

— Nada, meu pai — disse ela após devolver o dinheiro. — Diz ao teu senhor que não sou o que ele pensa.

O garoto pareceu apavorado. Olhou para trás e depois pegou-a pelo cotovelo.

— Tu não entendeste. Ele te quer!

— E eu não o quero! — disse ela ao se libertar.

— Afasta-te de nós, moleque! — avançou Jon, vermelho de raiva.

O garoto desapareceu em segundos. Jon puxou-a pelo braço para tirá-la rapidamente da praça. A noite começava a cair. Shannon já havia recebido propostas como aquela antes, mas sempre conseguira recusar sem problemas. Alguma coisa na expressão de pânico do garoto, entretanto, deixou-a preocupada.

Numa das ruas, os dedos de Jon, num reflexo provocado pelo medo, apertaram o braço da filha. Da penumbra, um grupo de cinco guardas avançava em direção a eles, enquanto tirava as espadas da bainha. Shannon reconheceu nos uniformes a rosa prateada sobre

listras azuis e brancas. “Rouen De Larc!” Uma velha que caminhava por perto viu o grupo e, assustada, entrou na primeira porta que encontrou aberta, fechando-a em seguida. Ninguém iria ajudá-los, ninguém iria contra os homens do poderoso cavaleiro do rei. Os dois andarilhos estavam cercados.

Um dos homens atacou Jon com a espada, quase lhe cortando a barriga. Shannon pulou sobre o agressor para defendê-lo. No mesmo segundo, várias mãos imobilizaram-na. O guarda voltou a atacar Jon, que segurava debilmente uma faca enferrujada. Não teria qualquer chance contra a lâmina que se preparava para matá-lo.

Nesse instante, uma flecha atravessou o campo de visão de Shannon e atingiu o guarda em pleno pescoço. Ele cambaleou, o sangue escorrendo, e tombou no chão. O guarda ao lado da andarilha gritou, atingido por outra flecha na altura do coração. Uma terceira atravessou um dos homens. Aproveitando a confusão, Shannon soltou-se e correu até o pai. Ele olhava fixamente para o alto, sem reação. A andarilha acompanhou seu olhar. Em cima de um dos telhados, um jovem arqueiro atacava os guardas sem lhes dar tempo para defesa.

Um dos homens que restavam agarrou Shannon, tocando-lhe o pescoço com a espada.

— Desce daí, arqueiro! — berrou ele.

Em segundos, o rapaz estava a poucos passos do grupo.

— Coloca esse arco no chão! — ordenou o guarda. Foi obedecido.

A andarilha estremeceu. Sabia quem era aquele jovem. Ele crescera, estava mais alto e forte, mas ela reconheceria seus olhos em qualquer lugar do mundo. Naquele momento, o olhar negro era aterrador. Um ódio indescritível alimentava-o. Outro guarda atacou-o, golpeando-o com a espada. Ágil como uma fera, o arqueiro agarrou-o pelo pulso, que torceu com facilidade. A espada voou para longe antes que seu dono fosse jogado pesadamente contra o solo,

recebesse um soco e ficasse inconsciente. A lâmina no pescoço da jovem quase a cortou. Seu agressor estava com medo.

O rapaz deu um passo em sua direção.

— É melhor que tu a soltes — disse o arqueiro, num tom de voz frio. — Nós sabemos que teu senhor não a quer morta nem tampouco ferida. Siga teu caminho em paz.

O guarda hesitou.

— Se não levá-la, meu senhor me matará!

— Se não soltá-la agora, eu te matarei.

O arqueiro sorriu, ameaçador. Shannon sentiu medo. Começou a duvidar de que aquele jovem fosse realmente o garoto assustado que conhecera. A pressão sobre sua garganta desapareceu. O homem ainda segurava a espada, mas ela pendia de sua mão, inofensiva.

— Esquece o que aconteceu aqui — continuou a voz sem emoção. — Vós fostes atacados por ladrões. Há muitos aqui na Grande Ilha...

— Sim, há muitos ladrões — repetiu o guarda, apático.

— E não encontraram nenhum andarilho.

— Nenhum andarilho...

— Leva teu companheiro e vai em paz. Ele também esquecerá o que aconteceu aqui.

O guarda passou pelo rapaz e abaixou-se para pegar o outro homem, que segurou pelo tronco e arrastou para longe.

Quando os dois sumiram de vista, Shannon encarou o arqueiro. Não havia mais sinais de fúria. Era apenas um rapaz comum que os fitava, inseguro. Jon, que assistira a tudo sem se mover, tremia de ódio e pavor.

— Como temia, moleque, tu te transformaste em um bruxo! — disse ele.

Thomas, aborrecido, desviou o rosto.

— Ele salvou nossas vidas, pai — reforçou a jovem. — Vamos, devemos retornar ao acampamento o mais depressa possível.

...

Já era noite quando os três alcançaram o acampamento, montado na clareira – a mesma que o grupo sempre ocupava em York. Os carroções estavam organizados em semicírculo, como o rapaz se lembrava. Os cavalos pastavam adiante, à esquerda. Ao centro, uma fogueira ardia, cozinhando algum ensopado dentro da mesma panela grande e amassada. Os olhos de Thomas procuraram em vão pela presença do velho Tuc, cochilando encostado à roda de sua carroça velha.

Os gêmeos estavam conversando. Tinham se transformado em adultos grandes e desengonçados. Como era mesmo o nome deles? Thomas gastou alguns segundos para se lembrar. “Teo e Leo”, pensou, amargo. Sofrera muito nas mãos daqueles dois. Narcisa, a mãe deles, mexia a panela com uma comprida colher de madeira. O rapaz sabia, mais tarde, que o marido dela morrera um ano antes. O irmão de Jon e a esposa, também parte do grupo, haviam se unido a outros andarilhos. Ao lado de Narcisa, o rapaz reconheceu sua mãe adotiva.

Ao ver as expressões assustadas do marido e da filha, Sabina foi, com pressa, ao seu encontro. Os gêmeos e a mãe também se aproximaram para saber mais sobre o estranho que trazia pelas rédeas um admirável cavalo negro.

— O que aconteceu? — perguntou Sabina.

Ela envelhecera bastante. Vários cabelos brancos substituíam os fios escuros. A vida dura dos andarilhos consumira-lhe a juventude. Nesse momento, ela reparou na presença do rapaz.

— Mas... quem é este?

— Tu não o reconheces, mãe? — sorriu a filha.

Sabina estreitou os olhos. Thomas abaixou a cabeça. Não queria pensar na possibilidade de Sabina ter se esquecido dele.

— Thomas? Oh, meu Deus, não pode ser! — exclamou, radiante, pendurando-se nele para abraçá-lo.

Emocionado, o rapaz retribuiu o carinho.

— Como crescestes! — disse Sabina, na ponta dos pés para alcançá-lo. — Pensei que estiveste no Monastério. Como está meu irmão?

— Michel está bem.

— Onde roubaste este cavalo? — perguntou um dos gêmeos.

— O nome dele é Pégasus.

O gêmeo tentou tocar o animal, que recuou, altivo.

— Tens um sotaque estranho — reparou Narcisa, desconfiada. — Estiveste na Ilha Média? O povo de lá fala assim, meio cantado.

Sabina afastou-se para avaliá-lo. Thomas nem pensou em responder. Foi Jon quem veio em seu socorro.

— Isso não importa. Devemos partir imediatamente.

— Por quê? — perguntou Sabina.

— O moleque matou três guardas há pouco, na cidade. — Os andarilhos, apreensivos, tiveram a certeza de que o garoto voltara para trazer mais desgraças ao grupo. — Ele fez isso para nos defender. Um dos guardas ia me matar.

Thomas olhou para ele, surpreso com a defesa inesperada.

— E por que um guarda te atacaria? — perguntou um dos gêmeos.

— Recusei um convite para encontrar o sr. De Larc — explicou Shannon, com o rosto vermelho. — O cavaleiro não aceitou e mandou seus homens atrás de nós. Meu pai tentava me defender, mas foi Thomas quem nos salvou.

Os andarilhos ficaram em silêncio por alguns instantes, digerindo a gravidade da situação. O outro gêmeo foi o primeiro a falar.

— Tens razão, Jon. Nossa melhor chance é cair na estrada e nos misturarmos a outros andarilhos na Grande Ilha.

— Concordo — disse o irmão. — Rouen pode vir atrás de Shannon. Aquele homem é o diabo. Não acho que vá desistir tão facilmente.

Em minutos, o acampamento foi desarmado. O grupo, então, escapou pelo caminho de terra para fora dos limites de York, atravessando a escuridão da noite que nascia sem lua.

Viajaram por quase um dia sem parar. Seguiam para o norte, atrás da proteção oferecida pela grande e movimentada Brusk. Thomas estivera lá algumas vezes com o grupo, numa época em que não podia imaginar o quanto aquela cidade fora importante para o passado de seus pais. Seria interessante revê-la. Por outro lado, pressentia que Rouen De Larc faria outra tentativa para tomar Shannon. Precisava estar por perto.

Rever Shannon despertara nele sentimentos antigos. Sempre fora fascinado pela andarilha. Quando criança, fazia-lhe todas as vontades, mesmo correndo o risco de levar uma surra de Jon se acabasse metido em alguma encrenca, o que quase sempre acontecia. A beleza da jovem também conquistara os gêmeos, como o rapaz já reparara.

O grupo fez uma pausa para um almoço rápido na floresta. Thomas aproveitou o intervalo para cuidar de Pégasus. Evitava permanecer junto aos andarilhos. Também não queria ficar a sós com Sabina. Haveria muitas perguntas sobre sua saída do Monastério a que ele não gostaria de responder.

Um movimento atrás dele alertou-o sobre o perigo. Apostando na agilidade, virou-se a tempo, desviando com a mão o soco dirigido a suas costas. Com um chute, derrubou as pernas do gêmeo que o atacava, arremessando-o contra a terra. O irmão pulou em cima de Thomas, que se jogou para o lado, desequilibrando o andarilho. Nem precisou golpeá-lo. Apenas empurrou-o para cima do outro que tentava se levantar.

— Vós ainda não aprendestes nada diferente? — perguntou Thomas ao cruzar os braços.

O cavalo relinchou, encostando carinhosamente a cabeça negra em seu ombro. Aquele tipo de ataque era o que os gêmeos costumavam usar quando queriam amedrontá-lo na infância. Chegavam por trás, aproveitavam sua distração e socavam-lhe as costas. Fora numa daquelas oportunidades que os irmãos haviam se apossado do livro de capa azul que Thomas herdara de Alix e que lhe ensinara a decifrar as letras do alfabeto.

— Queres o livro da mamãe? Então vem pegá-lo! — gritara-lhe um dos gêmeos antes de jogar o objeto na fogueira.

Lembrava-se de ter se debatido como louco, lutado muito para se livrar do outro gêmeo que lhe prendia os braços. Este só o soltara depois que o livro se desmanchara sob a ação do fogo.

— Agora acredito que tenhas matado três homens — disse o primeiro gêmeo que o atacara, rindo, enquanto massageava os joelhos doloridos.

— Onde aprendeste a lutar dessa maneira? — resmungou o outro, zozzo.

Thomas controlou a raiva que aumentava dentro dele. Não queria arrumar mais confusão. Voltou-se para Pégasus e acariciou a cabeça do animal.

— Ora, amigo, ainda sentes falta daquele livro? — perguntou um dos gêmeos. — Fizemos um favor! Aquilo era um objeto proibido. Costumam enforcar quem mantém um desses dentro de casa, sabias?

— Éramos crianças! — justificou o outro. — Só queríamos te ensinar a se defender.

A conversa foi interrompida por Sabina, que chamou os irmãos para ajudarem Jon com uma carroça. Quando os rapazes sumiram de vista, a andarilha plantou-se diante de Thomas.

— Não achas que é hora de conversarmos? — perguntou, prendendo-o pelo queixo.

— O que queres saber?

— Por que deixaste o Monastério?

— Não posso te dizer — disse Thomas, sem olhar para ela.

— Está bem, se é o que queres... Mas não gostarias de me fazer perguntas sobre tua mãe, agora que voltaste?

— E o que há para perguntar sobre ela? Já não me contaste tudo?

Sabina tirou do bolso do vestido um anel de ouro.

— Existe isto — disse ao lhe entregar a joia.

Era uma aliança. No lado interno, havia uma inscrição gravada no metal: *Alix e Erec, verão de 817*. Possivelmente, a época do casamento de seus pais.

— Alix amava teu pai. Mesmo passando fome, ela se recusou a vender esta joia. Não acredito que tenha roubado este anel, nem o livro e a pedra.

— Como sabes o nome dela? — perguntou o rapaz, aturdido. Sabina era analfabeta, como o restante dos andarilhos. Nunca poderia ter lido a inscrição na aliança.

— Naquela noite terrível, tua mãe me contou algumas coisas. Coisas que nunca repeti a ninguém, como prometi a ela. Nem Jon sabe deste anel. Se descobrisse, já o teria vendido há muito. O objeto pertence a ti, como pertence apenas a ti o que vou te contar. Esperei que tu crescesses o suficiente para entender...

Sabina afastou-o do acampamento. Quando teve certeza de que ninguém escutaria a conversa, recordou os fatos que colocaram Alix em sua vida.

— O dia em que nasceste amanheceu frio. Lembro-me de que estávamos a poucas horas de Brusk. Eu estava cozinhando para o jantar um caldo de galinha, uma iguaria que tínhamos conseguido no último vilarejo que tínhamos visitado. Havia apenas um dia que eu enterrara meu bebê, morto depois de sofrer com a febre e a diarreia...

Thomas enlaçou-a pelos ombros. Ela fraquejava.

— Começava a anoitecer. Shannon era pequena e estava brincando com Tuc perto de um dos carroções. O cheiro da sopa ia

longe, acho que isso atraiu Alix. Ela também se dirigia para Brusk. Caminhava assustada pela estrada, suja e enrolada numa enorme capa de viagem. Tua mãe, Thomas, era uma mulher quase tão baixinha quanto eu. Ela se aproximou para pedir comida. Estava muito magra e abatida, com uma aparência doentia. Shannon foi até ela, oferecendo-lhe um pedaço de pão. Jon apareceu na hora. Sabes que ele não tolera que entreguemos o pouco alimento que temos aos miseráveis. São muitos, não podemos cuidar de todos. Jon gritou com Alix para expulsá-la do acampamento. Narcisa também veio para chamá-la de ladra. Para eles, Alix estava roubando o pão de uma criança! Jon virou uma fera. Não houve tempo para defender tua mãe. Ela começou a passar mal. Só naquele momento percebi que Alix estava nos últimos dias de gravidez. Tinha sangue escorrendo por suas pernas. Alguma coisa estava muito errada...

Sabina continuou se apoiando no rapaz como se fosse bem mais velha.

— Ninguém quis me ajudar a socorrê-la. Todos estavam com medo. Aquele era um dia maldito e havia sangue no acampamento. A noite chegou. Então, Tuc e eu a levamos para a floresta, apesar da escuridão à nossa volta. Teu parto durou horas e foi muito difícil. Reconheço que fiquei com medo por estar na floresta, não apenas pelo fato de ser a Noite dos Mortos, mas porque temia o ataque de algum animal selvagem. Mas o luar nos protegeu. Era meia-noite quando te segurei pela primeira vez nos meus braços. Eu soube no momento em que te vi que eras uma criança especial. Tua mãe lutou muito para te trazer ao mundo. Ela te amava demais. E só se entregou à morte depois que te deu a vida. Acho que Alix sabia que ia morrer. Estava muito doente...

Thomas controlava-se para não chorar. A última vez em que havia chorado fora no dia em que soubera da morte de Lady Jane.

— Antes de morrer, tua mãe disse algumas palavras para mim e para Tuc. Contou-nos que se chamava Alix e que tinha enfrentado uma jornada difícil. Ela escolheu teu nome e pediu para que te

entregássemos o anel, o livro e a pedra. E que falássemos o quanto ela te amava e o quanto amara Erec, teu pai. E ainda fez outro pedido: queria que nós te deixássemos com Moriarty, no Monastério das Terras Ermas.

— No Monastério? — repetiu o rapaz, surpreso. — Há alguém com este nome por lá?

— N-não.

— Estranho, pensei que este homem te reconheceria... Talvez tenha ido embora. De qualquer forma, nunca tivemos a oportunidade de te levar antes dos teus sete anos. Uma viagem como essa sai caro. E me afeiçoei a ti. Era como ter meu filho de volta. Além disso, ainda havia tanto leite em meu peito... Não consegui aceitar a ideia de deixar um bebê nas mãos de um bando de monges insensíveis.

O rapaz afastou-se da mãe adotiva, virando o rosto para a floresta. Seu peito doía terrivelmente.

— Ela falou como o pai dela se chamava? — perguntou Thomas, numa voz que soou distante.

— Não, ela morreu antes de me explicar tudo o que queria. Mas há uma ideia que sempre me torturou. Naquela mesma época, o castelo da filha do rei Arnon, na Ilha Média, foi atacado por salteadores. Nunca vi a princesa, mas sabia que o nome dela era Alix e que seu marido se chamava Erec. Este eu vi, uma vez, num torneio. Era um cavaleiro que adotava a cor negra e que lutava de modo excepcional. O povo adorava-o. Tuc achou que devíamos procurar o rei e lhe mostrar os objetos que estavam com tua mãe. Eu ri da ideia. O que achas que fariam conosco se aparecêssemos com um livro embaixo do braço? Além disso, como um grupo de andarilhos maltrapilhos consegue uma audiência com o rei? Se Alix fosse mesmo a princesa, não estaria perambulando sozinha por aí. Se ela tivesse sobrevivido ao ataque a seu castelo, teria procurado abrigo entre os vizinhos, não achas? Era uma possibilidade muito absurda para ser verdadeira. Toda vez, entretanto, que olho para

esta aliança, uma joia que somente os nobres usam, imagino se não tomei a decisão errada.

Thomas não sabia o que responder. Talvez se Sabina e Tuc tivessem procurado o rei para lhe mostrar ao menos a aliança... Os dois não sabiam ler a inscrição, mas Arnon... Por outro lado, havia Savac, próximo demais ao monarca em seu papel de poderoso arcebispo. Ele matara o pai do rapaz, seu irmão e, claro, também iria matá-lo. A permanência com os andarilhos salvara a vida do segundo filho de Alix.

— Ainda tens a pedra? — perguntou Sabina.

O rapaz tirou a corrente que Erin lhe dera. A mulher não pôde deixar de admirá-la. Thomas também notara que suas roupas chamavam a atenção. Apesar de sujas e empoeiradas pela longa viagem desde Durham, denunciavam que ele vivera em um ambiente rico. Sua aparência física também contrastava com a magreza do povo, provocada pela miséria. Habilmente, Sabina abriu o fecho e pendurou o anel na corrente. A seguir, recolocou-a ao redor do pescoço do rapaz.

O som de cascos de cavalos, vindo do acampamento, assustou os dois. Com raiva de si mesmo, Thomas lembrou que deixara o arco e as flechas na sela de Pégasus. Também esquecera a adaga.

— Fica aqui, Sabina.

A mulher ia protestar, mas Thomas não lhe deu tempo ao correr até o acampamento. Não conseguiu chegar perto de Pégasus. O animal relinchava, louco para se livrar de três guardas que o dominavam. Shannon, Jon, Narcisa e os gêmeos, cercados por mais de trinta homens, estavam espremidos uns contra os outros.

Escondido atrás do tronco de uma árvore, o arqueiro avaliou seus inimigos. Pelo uniforme, não eram homens de Rouen De Larc e...

Do nada, a lâmina afiada de uma espada tocou-lhe a nuca. Fora descoberto.

— Por que ficar espiando se tu podes participar da nossa festa?
— zombou a voz rouca que pertencia ao dono da arma.

Thomas girou lentamente a cabeça para a esquerda. O movimento custou-lhe um corte na nuca e um filete de sangue que escorreu até o pescoço. Seus olhos encontraram o rosto cínico de quem o surpreendera por trás: um cavaleiro que não devia ter mais de vinte anos, alguém mais alto e bem mais forte do que ele. Sem alternativa, Thomas foi obrigado a obedecê-lo.

...

— Este é o arqueiro que te atacou, Greyson? — perguntou o cavaleiro para um dos guardas. O novo prisioneiro caminhava à sua frente, a lâmina da espada ainda próxima demais à sua cabeça para qualquer tentativa de defesa.

Todos olharam para os dois. Greyson era o mesmo homem que ameaçara Shannon em York. E o único que vestia o uniforme com as cores do cavaleiro ruivo.

— N-não, senhor, não é ele...

— Acho que estás enganado. Também disseste que esta não é a andarilha que o sr. De Larc convidou para jantar, mas eu sei que é ela. E este velho a acompanhava na cidade — disse o cavaleiro, apontando a mão livre para Jon. — Acredito que estejas mentindo para mim.

— Não, meu senhor, não é mentira!

— Queres apostar quanto que aquele cavalo negro pertence a este garoto? As flechas são do mesmo tipo daquelas que encontramos encravadas nos corpos dos três infelizes.

— Foram ladrões que nos atacaram, senhor.

O cavaleiro riu, sem perder o controle sobre Thomas. Um cutucão da lâmina o mandou interromper o passo, além de lhe tirar mais sangue.

— Este garoto tem um cavalo caro e usa roupas que um andarilho não teria condições de comprar — disse para o guarda de

Rouen. — Meu palpite é que ele não passa de um escudeiro, a serviço de algum nobre abastado. Com quem mais aprenderia a manejar o arco e as flechas?

Depois, com o tom de zombaria que reservava a Thomas, acrescentou em voz baixa:

— Diz-me, arqueiro, o que fizeste com a cabeça deste pobre homem e do companheiro? O outro também insiste num ataque de ladrões. Lançaste algum feitiço? Pois saibas que não tenho medo de bruxos...

— Mas, sr. De Angelis... — tentou explicar o guarda.

— Cuidado, Greyson — disse o cavaleiro, entre dentes. — Não me provoques!

Apavorado com a ameaça que vislumbrava nas entrelinhas, o guarda não abriu mais a boca. Então aquele cavaleiro era Vince De Angelis...

— Este arqueiro irá conosco. E ela também! — disse ele, com um sorriso maldoso, indicando Shannon. — Os outros ficam.

Jon tentou proteger a filha, mas foi empurrado quando os guardas a agarraram. Shannon foi amarrada e jogada sobre um dos cavalos. Um dos homens aproximou-se de Thomas e prendeu-lhe os pulsos e tornozelos com uma corrente de ferro. O rapaz também foi içado para cima de um dos animais. Não havia nada que pudesse fazer sem arriscar a vida de Shannon e dos andarilhos.

— Quanto a vós, eu vos perdoo por dar abrigo a estes assassinos — avisou o cavaleiro para os andarilhos, enquanto montava em seu cavalo. — Mas estais proibidos de ir a York. Pagareis com a vida qualquer desobediência às minhas ordens.

Vince De Angelis esporeou sua montaria para sumir na estrada. A imagem do garoto que salvara Thomas de ser atropelado por uma carruagem, havia anos, veio à mente do arqueiro. Sim, aquele era o escudeiro de Rouen De Larc. Um garoto que se tornara um cavaleiro cruel e arrogante. "O sobrinho de Hugues De Angelis", lembrou Thomas.

Finalmente conheceria Savac, o assassino de sua família.

CAPÍTULO 4

Fogo

O retorno para York foi doloroso para Thomas. Não apenas pela humilhação de estar preso por correntes e ser prisioneiro de Vince De Angelis, mas pela culpa que o atormentava. Cometera vários erros, como deixar para trás as flechas que utilizara no ataque aos guardas de Rouen De Larc. E não parara por aí. Jamais passaria despercebido usando roupas caras em um ambiente miserável. Trouxera um animal de raça como Pégasus para a Grande Ilha, chamando a atenção do mundo... Devia, de alguma maneira, ter colocado Shannon a salvo. Falhara. Pelo menos, aparecera a tempo para evitar sua morte. No último transe, vira-a ser acidentalmente morta pela espada de um dos guardas que atacavam Jon.

York não mudara muito. Ainda era uma cidade de casas amontoadas umas nas outras, ruas estreitas e malcheirosas, dezenas de pessoas circulando durante o dia. À noite, o local ficava praticamente deserto. Os guardas chegaram de madrugada ao castelo, cavalgando em alta velocidade. O sobrinho do arcebispo tinha pressa.

Thomas e Shannon foram levados por uma escada em caracol até um pavimento inferior. Atravessaram vários corredores até atingirem o calabouço. O cheiro fétido do local revirou o estômago do rapaz. Os guardas empurraram-no para dentro de uma cela escura, sem janela, e fecharam uma porta pesada de metal atrás dele.

— O que farei contigo? — perguntou Vince do lado de fora, falando com Shannon. — Pertences ao sr. De Larc ou a mim?

— Sou livre, senhor.

— Não és mais, andarilha. Estás envolvida na morte de três guardas. Ou preferes atribuir o crime a este jovem arqueiro?

— Não somos responsáveis por nada, senhor. Deixa-nos partir, eu te imploro!

— E o que darias em troca dessa liberdade?

Thomas controlou o ódio a muito custo. Era melhor permanecer em silêncio para não piorar a situação. Shannon esperou alguns segundos antes de responder.

— Se a morte é a única saída, eu a prefiro.

O riso de Vince foi a resposta. Ele se divertia muito com toda aquela situação.

— Não quero tua morte — acrescentou. — Tudo o que eu quero sempre vem até mim, livremente. Tu também virás.

— Então deixa-nos partir — implorou Shannon.

— Uma vez liberta, cairás nas mãos do sr. De Larc. Ele está louco atrás de ti. Por outro lado, podes ficar sob minha proteção.

— Se eu permanecer contigo, libertarás meu amigo?

Thomas chegou até a porta, mas quase caiu com as correntes que lhe apertavam os tornozelos. Novamente, precisou de muita força de vontade para manter a boca fechada.

— Uma proposta tentadora — considerou o cavaleiro. — No entanto, não posso aceitá-la. Teu amigo assassinou três homens e deve pagar por isto. Ele terá que responder pelos seus crimes ao arcebispo, o senhor responsável pelas terras de York. Agora, quanto a ti, posso conseguir que fiques comigo. Precisas de alguém que te defenda contra as investidas do sr. De Larc. O que achas?

— Ainda prefiro a morte — sussurrou a andarilha. Thomas mal a ouvia.

— Ah, tu és uma cabeça-dura! Posso te dar vestidos bonitos, refeições decentes...

Shannon não respondeu. Thomas encostou um dos ouvidos contra a porta, querendo adivinhar o que viria.

— Uma noite no calabouço te fará pensar — disse Vince para encerrar a conversa.

Thomas escutou o barulho de uma porta de metal sendo arrastada ao lado de sua cela. Shannon também estava encarcerada. Os passos afastaram-se cada vez mais, sumindo no fim do corredor. A voz rouca de Vince, trazida pelo eco, dizia aos guardas para não tocarem na andarilha.

— Ela me pertence — reforçou, ameaçador.

...

Logo que o silêncio dominou o calabouço, Thomas concentrou-se nas correntes. Hannah dissera-lhe que tudo no universo se conectava entre si. Estava na hora de comprovar essa tese. Mas era difícil para o rapaz se manter calmo naquele momento. A raiva atormentava-o mais do que qualquer outro sentimento. Na cela ao lado, Shannon chorava.

Thomas encostou-se na parede de pedra e escorregou para o chão, procurando se desligar de tudo. O som abafado do choro da andarilha foi desaparecendo aos poucos para dar lugar a uma paz reconfortante. A mesma sensação que o invadia ao buscar a concentração na Praia dos Pelicanos, momentos em que o rapaz se sentia parte da natureza. Seus sentidos eram ampliados de uma maneira que não podia imaginar. Um estalo metálico trouxe-o à realidade. Thomas admirou as correntes, caídas a seus pés. Conseguira se libertar.

Agora era a vez de se concentrar na fechadura. A porta foi destrancada em segundos. Silencioso, moveu-se para o corredor vazio. A fechadura da cela de Shannon também cedeu com facilidade.

— Como abriste a porta? — estranhou a andarilha.

— Depois te conto... — cochichou ele antes de puxá-la pela mão.

— Precisamos sair daqui agora!

Os dois avançaram pelo corredor mal iluminado por archotes, retornando pelo caminho que haviam percorrido antes. Um guarda vigiava a primeira saída. Thomas golpeou-o, colocando-o a nocaute, e tomou-lhe a espada.

Não tinha ideia de onde ir depois que deixassem York. Voltar para os andarilhos seria o mesmo que jogá-los diante de um perigo ainda maior. Talvez pudesse usar o nome de Mark De Durham para chegar até o rei e tentar explicar a situação. Uma andarilha indefesa não poderia ficar à mercê da cobiça de dois nobres.

Alguns metros adiante, os jovens ouviram um grupo de guardas conversando em voz alta. Pelos cálculos do rapaz, os homens estavam perto da escada em caracol, o que lhes bloqueava a passagem. Shannon tremia, pressionando-lhe a mão.

As vozes foram ficando cada vez mais próximas. Os dois jovens estavam encurralados, sem tempo suficiente para retornar ao calabouço. Em pânico, Thomas olhou para cima, à procura de um milagre. E ele existia na forma de uma reentrância entre o teto e a parede, larga o suficiente para o rapaz se pendurar. Ele indicou a descoberta à andarilha, ajudou-a a subir e depois escalou a parede.

Estavam pendurados no segundo em que os guardas passaram por eles.

— Aposto dez moedas como aquele arqueiro vai estar pendurado numa forca assim que o dia amanhecer — comentou um dos guardas.

— Não achas que o sr. De Larc vai preferir furá-lo com a própria espada? — perguntou o outro.

Os guardas afastaram-se e Thomas não escutou a resposta. Quando os últimos sons desapareceram no corredor, os dois pularam de volta ao chão. Chegaram à escada e subiram com cautela.

A dois passos da saída, um guarda impediu-lhes sem querer a passagem. Espantado com a presença dos jovens, demorou para tirar a espada da bainha. Foi a chance de Thomas. Ele chutou suas

pernas e o lançou degraus abaixo. Mais dois guardas apareceram no alto da escada. Desta vez, estavam preparados para enfrentá-lo.

Thomas usou a espada que roubara para se defender dos golpes. Shannon e ele foram obrigados a retroceder. Um dos homens atingiu o braço do rapaz, rasgando-lhe o blusão. Num movimento rápido, Thomas atacou-o na lateral do corpo e desequilibrou-o. O outro guarda avançou, pronto para lhe enterrar a lâmina no peito. Shannon gritou, apavorada. O rapaz desviou-se e surpreendeu o adversário ao lhe agarrar o braço em pleno ar. Ele o torceu e empurrou um guarda sobre o outro. A jovem colou-se à parede, dando passagem aos homens que rolaram escadaria abaixo.

Thomas puxou-a para fora. Uma flecha passou zunindo rente à sua cabeça enquanto eles corriam pelo pátio ainda escuro. A nova manhã nascia ao leste. O rapaz identificou o vulto de um arqueiro, iluminado pela luminosidade tímida do sol, em guarda no alto da muralha do castelo. Mais homens surgiram à direita, alertados pelos gritos do vigia. Os fugitivos haviam sido descobertos.

“Se eu conseguir chegar até Pégasus...”, pensou Thomas, ao avistar o estábulo. “Poderia desviar a atenção dos guardas...” Uma série de flechas passou raspando pelos dois. O rapaz obrigou Shannon a correr mais rápido. Novas flechas atingiram a porta do estábulo um segundo depois que os dois entraram no local.

Thomas parou de repente, obrigando a andarilha a fazer o mesmo. Um olhar escuro recebia-o nas sombras.

• • •

Hugues De Angelis não parecia ter envelhecido desde a primeira vez que Thomas o vira no interior de uma carruagem na ponte norte de York. O rapaz não pôde impedir o pânico. Estava frente a frente com Savac. Olhou desesperado para os lados, à procura de uma

saída. Os guardas e as flechas lá fora pareceram uma excelente alternativa.

O arcebispo não estava sozinho. Ao lado de sua figura sombria, estava Vince.

— Comentava agora com meu tio que tens um magnífico cavalo, arqueiro — disse o rapaz, com um sorriso cínico.

Um calafrio percorreu o corpo de Thomas. Hugues dirigia-lhe um olhar fixo, como se quisesse ler seus pensamentos. O rapaz não se moveu, procurando esvaziar a mente. O arcebispo não arrancaria nada dele.

— Tio, o que deve ser feito? Entrego ou não este garoto ao nosso bom e velho sr. De Larc?

Os guardas surgiram atrás dos fugitivos, mas pararam ao descobrir a presença dos nobres. Uma ordem de Vince dispensou-os.

— O que me intriga é como este rapazinho escapou de nossas celas com sua jovem amiga — disse Hugues. Sua voz era macia, agradável aos ouvidos, como Thomas escutara em um de seus tranSES.

— Acho que é um ladrão. Deve ter roubado as chaves dos guardas.

— Podes estar certo, Vince.

O arcebispo foi até Thomas. Para se proteger, o rapaz apontou-lhe a espada. Apesar de seus esforços, a raiva retornara. A arma, porém, foi arrancada bruscamente de sua mão. Atônito, o rapaz viu quando Vince agarrou-a no ar. *A espada simplesmente voara para ele!* O sobrinho do arcebispo era capaz de mover objetos à distância apenas com a mente...

— Quem tu pensas que és para ameaçar o sr. Hugues De Angelis? — perguntou o cavaleiro, secamente. O sorriso desaparecera.

— Não te preocupes. Não acho que ele quisesse me atacar — avaliou o arcebispo, examinando Thomas mais de perto.

O rapaz reprimiu a raiva com dificuldade, impondo ao rosto a expressão mais idiota que encontrou. Preocupava-se com Shannon,

que não parava de tremer. Estava assombrada com toda a cena.

— Tens razão, Vince. Acho que ele não passa de um ladrãozinho — disse Hugues, após alguns minutos.

O cavaleiro aproximou-se da andarilha.

— Esta eu quero para mim, tio.

— Podes ter todas as mulheres do reino. Deixa esta para Rouen. Vê quanta confusão esta garota já arrumou!

— É por isso que eu a quero. Gosto de um desafio. Por que não dizes a Rouen que a jovem está sob tua proteção? Ele te deve alguns favores junto ao rei, não é mesmo?

— É verdade que nosso amigo está sempre metido em alguma confusão. Já intercedi demais por ele. Mas, quanto a isso...

O arcebispo não concluiu sua justificativa. Vince mostrava um sorriso adorável, igual a uma criança que pedia um brinquedo novo para o Natal. O estômago de Thomas dava voltas, enojado.

— Está bem, podes ficar com ela — cedeu Hugues.

— Vem, minha cara — disse o cavaleiro, estendendo a mão gentilmente para Shannon. — É hora de me acompanhar.

Thomas não aguentou. Avançou para cima de Vince, visando encher de socos aquele rosto cínico. Não conseguiu nem ao menos se aproximar. Uma dor terrível percorreu-lhe desde a ponta dos dedos das mãos até os cotovelos. O rapaz gritou, apavorado. Seus braços estavam em chamas. Hugues apenas sorria. Viera de sua mente poderosa o ataque que incendiaria Thomas.

— Deves aprender a respeitar os poderosos, arqueiro — disse o arcebispo.

O rapaz dobrou-se de dor. As chamas estavam subindo pelos seus braços. E ele não tinha como escapar. A morte, uma velha conhecida, alcançava-o.

• • •

Vince rapidamente tirou a capa e usou-a para abafar o fogo nos braços do arqueiro. Depois, voltou-se para o tio.

— Ele é só uma criança! — defendeu. — Para que torturar alguém desse modo?

— Ah, meu caro, preciso exercitar minha mente ociosa! — riu o outro.

O cavaleiro agachou-se para examinar o garoto, que jazia sem vida sobre o chão de terra batida do estábulo. O infeliz não devia ter mais do que quinze ou dezesseis anos.

— Ele morreu — confirmou para a andarilha, que chorava.

Com a capa, Vince cobriu-o. Ninguém merecia ser vítima de uma brincadeira brutal como aquela.

— O que o matou? Um coração fraco demais para emoções intensas? — perguntou o arcebispo, curioso. — Um garoto medroso, isto sim. Que pena! Acho que perdemos um ótimo arqueiro.

Foi até a porta do estábulo e chamou um dos guardas. As primeiras luzes do dia chegavam até ele. A manhã prometia ser quente.

— Leva o cadáver para a fornalha — ordenou para o guarda. — Assim ele acaba de queimar de vez.

CAPÍTULO 5

O sobrinho do arcebispo

A música não saía da cabeça de Vince. Ele foi assobiando até o quarto para memorizá-la. Assim que entrou no aposento, pegou uma das folhas espalhadas sobre a cama e marcou as notas musicais com uma pena umedecida no tinteiro que mantinha numa mesa próxima. Sorriu, satisfeito. Finalmente conseguira achar um final para a melodia que vinha compondo há tempos.

Procurou pelo alaúde no meio da bagunça que era seu quarto. Além das folhas espalhadas sobre a cama, havia pilhas de livros em um canto, roupas jogadas em outro e, por todos os lados, objetos estranhos que encontrara em suas viagens às Terras Ermas. Um deles deixara-o fascinado: um sistema de lentes de aumento acondicionadas em um tubo de metal com quase um metro de comprimento. Era um objeto antigo e milagrosamente intocado pela ação do tempo. Após alguma pesquisa, o cavaleiro descobrira que o equipamento era chamado de telescópio. Com ele, passara a observar o céu nas noites claras, estudando cada estrela e planeta ao seu alcance. A lua revelara-se fantástica, com suas crateras misteriosas.

O alaúde estava escondido debaixo de uma camisa que tirara na noite anterior. Vince jogou-se na cama, sentou-se e esticou as pernas compridas para a frente. Tocou as cordas do instrumento, produzindo uma melodia suave. Uma tristeza imensa invadiu seu espírito, uma dor que não lhe pertencia. Ele interrompeu a música e empurrou o alaúde para o lado. Só então percebeu que a andarilha, carregando uma pilha de roupa limpa, entrara no quarto e estava parada junto à porta.

— O que desejas? — perguntou ele, mal-humorado. Detestava aquela sensação de tristeza que perturbava seus pensamentos.

— Vim trocar os lençóis — explicou a jovem, abaixando a cabeça.

O rapaz arrependeu-se do modo brusco com que a tratara. Shannon estava abatida há dias, desde que o arqueiro fora morto. Ele mal a vira durante este tempo. Estivera ocupado demais num treino intenso para o Torneio da Primavera, que aconteceria em breve. Ele não podia decepcionar o rei. Deveria ser o melhor. Sempre fora assim, desde que se tornara cavaleiro, três anos antes. Na verdade, não se lembrava de nenhum dia de sua vida em York em que não fosse obrigado a ser simplesmente o mais inteligente, o mais ágil, o mais forte... Seu tio não o deixava esquecer suas obrigações.

— Podes arrumar a cama — resmungou antes de se levantar. Precisava com urgência de um cigarro.

Caminhou até a janela, remexendo os bolsos. Em segundos, montou um cigarro de palha, acrescentando uma pitada de pó amarelo ao fumo. Duas tragadas mais tarde e já se sentia bem melhor. Shannon esticava-se para ajeitar uma coberta limpa sobre a cama. Era difícil desviar o olhar daquela moça atraente. Ela usava um vestido cinza, o mesmo modelo adotado pelas criadas.

— Escutaste a música? — perguntou o cavaleiro, um pouco tonto. Exagerara na quantidade de pó amarelo.

— É uma bela melodia, embora seja muito triste.

— Gostaste dela?

Ela assentiu, sem erguer a cabeça. Parecia conformada com sua nova situação. Tinha mais regalias do que uma prisioneira, que ficaria confinada ao calabouço. Entretanto, usufruía menos vantagens do que uma criada. A andarilha agachou-se para pegar a roupa suja jogada sobre o piso.

— Posso arrumar teu quarto, senhor? Espalhaste tudo o que coloquei em ordem ontem.

Nunca recebera qualquer crítica vinda de um criado em York. Todos temiam-no, como temiam o arcebispo. O rapaz, divertido com o atrevimento da andarilha, apoiou os braços sobre o parapeito da janela. Lá fora havia um bonito dia de primavera.

— Arruma o que quiseres.

A tontura deixou-o em minutos. Espiar a andarilha era melhor do que contemplar a paisagem de sempre. Naquele momento, ela empilhava alguns livros largados em um canto.

— Sabes que não te farei mal, Shannon?

A jovem levantou os olhos para ele. Era a primeira vez que fazia isso, desde a morte do amigo. Olheiras profundas tiravam a beleza de seu rosto pálido.

— Entendes que a única maneira de te deixar a salvo é te manter sob minha proteção? Conheço o temperamento ruim do sr. De Larc há muito tempo. Ele pode ser muito violento com uma mulher.

— Há opção, senhor? Eu era livre, vivia com meus pais e amigos...

— É a lei do mais forte. O que achas que o povo pode fazer contra a vontade dos nobres? Apenas rezar para que o senhor que responder pelas terras onde cada um vive tenha algum bom sentimento no coração.

A porta do quarto abriu-se de repente. Hugues De Angelis entrava, com uma expressão dura no rosto.

— Devias bater antes — criticou o rapaz, enquanto escondia o cigarro entre os dedos.

Tarde demais. Hugues farejava o cheiro de fumaça.

— Entrega-me o que escondes! — ordenou ele.

— É só um cigarro, tio.

O arcebispo estendeu o braço para ele, numa cobrança autoritária. Vince obedeceu. O outro homem levou o cigarro de palha até o nariz. Com a mão, o cavaleiro fez sinal para que Shannon deixasse o quarto. Não a queria por perto durante o iminente acesso de fúria do tio.

— Misturaste pó amarelo ao fumo? — disparou Hugues, fuzilando-o com o olhar.

— Foi só um punhado. Não virei dependente do pó...

— Isto não é para um garoto nobre, educado para ser o melhor dos cavaleiros! — gritou, ensandecido. — Com o tempo, esta droga inibe pensamentos, ações e força de vontade, debilitando a saúde. Queres acabar como aqueles infelizes nos limites de Britanya? Este pó é para eles e não para um cavaleiro briton!

Parada junto à porta, Shannon hesitou em ir para o corredor. Estava preocupada com o rapaz.

— Estás proibido de acender outro cigarro. E quero todo o material que tens aí contigo.

Sem questionar a ordem, o cavaleiro entregou tudo o que trazia no bolso: as folhas de palha, o fumo e a pequena bolsa de couro com o pó amarelo. Hugues deu-lhe as costas, mas, antes de sair, notou o telescópio. Vince pressentiu o castigo.

— Não, tio, eu te peço... — tentou, sem muita esperança.

O arcebispo dirigiu o olhar para o objeto. No mesmo instante, este foi erguido e arremessado com violência contra a parede, espalhando pedaços de vidro no ar. O tubo bateu no chão com um estrondo.

— Tu me deves obediência, Vince. Nunca te esqueças disso — disse o homem, ignorando Shannon ao abandonar o quarto.

Vince não reagiu. Um misto de ódio e revolta queimava-lhe o espírito. Shannon, indecisa sobre o que fazer, apenas o fitava.

— É melhor que deixes a arrumação do quarto para depois — disse o rapaz, mantendo a calma, como sempre fazia.

A jovem retomou a postura submissa e saiu, carregando a pilha de roupa suja.

• • •

Dines estava sem sono. Ouviu mais uma vez a mensagem de Tenorius, reproduzida numa das pedras de energia, relatando a misteriosa partida de Thomas. Temia pelo garoto. Que motivos o teriam levado a deixar a segurança de Durham? Desde a última visita de Mark, quatro anos antes, uma dúvida martelava os pensamentos do abade. Se Thomas fora capaz de citar a profecia sem conhecê-la, talvez...

Não, ainda era muito cedo para saber. Ele ainda era uma criança. Precisava estudar mais e amadurecer para a vida. O importante era mantê-lo protegido, sob a vigilância paternal de Mark De Durham. O garoto, porém, escapara da vigilância de Tenorius. Dines apenas rezava para que Thomas não acabasse nas mãos de Hugues De Angelis.

Espreguiçou-se na cadeira, no salão subterrâneo. Olhou para a pilha de livros adiante, lembrando-se com saudades do garoto curioso que o enchia de perguntas. "Ele esteve aqui comigo e eu o perdi."

Ia se levantar quando parou, estático. Thomas estava bem diante de seus olhos. Não era o menino que conhecera, mas um adolescente alto e magro, de dezesseis anos. Seu rosto mostrava preocupação. O rapaz tentava lhe dizer alguma coisa.

— Thomas, o quê...? — disse o abade.

No mesmo instante, a imagem de Thomas desfez-se no ar.

• • •

A escuridão atordoava Erin. Sentia os pés pesados, como geralmente acontece nos sonhos. O caminho parecia não ter fim. "Preciso acordar", pensou, agitada. "Detesto pesadelos." Sua força de vontade não estava ajudando em nada.

— Erin... — chamou Thomas, ao seu lado.

A garota pendurou-se no pescoço dele.

— Onde posso te encontrar, Tom?
— Estou em York... Encontrei Savac!
Aflita, a jovem apertou seus ombros.
— Estás vivo?

Bruscamente, a escuridão sumiu. Erin abriu os olhos, confusa. A luz do dia entrava pela janela do quarto. Ela se sentou na cama e esfregou os olhos. Oz, aos seus pés, mirava-a com atenção.

— Sonhei com Thomas, meu amigo. Ele precisa de nós — sussurrou, ao acariciar-lhe as orelhas.

...

A noite fora agitada para Vince. Intercalara cochilos com longos momentos de insônia. Há quatro dias, desde que fora descoberto, lutava para controlar a necessidade voraz de fumar. Sentou-se pela milésima vez na cama, saiu de lá, andou pelo quarto, sem conseguir se acalmar. Pouco antes de o dia nascer, retornou para os lençóis, onde encontrou um sono mais profundo.

Seu antigo pesadelo reencontrou-o após uma merecida trégua de meses. Ele se viu novamente preso a uma luz incessante, que lhe sugava as forças. O corpo estalava de dor. Os gritos desesperados de uma mulher encheram-lhe a cabeça...

Havia um toque suave sobre seus cabelos... Instintivamente, Vince abriu os olhos e agarrou a mão que o tocava, sentando-se. Levou alguns segundos para perceber que Shannon estava à sua frente, com medo, tentando soltar o pulso que ele aprisionara. Já deviam ser mais de 9h da manhã. A andarilha, que fora até o quarto para arrumar a bagunça diária, ficara espantada ao encontrar o rapaz ainda dormindo.

— Estavas tendo um pesadelo. Pensei em te acordar... — justificou a jovem, sem esconder uma careta de dor. Vince machucava-a.

— Perdoa-me — disse ele após libertá-la.

Shannon massageou o pulso enquanto se afastava para a porta.

— Voltarei mais tarde, senhor.

— Fica — pediu ele, cansado demais para disfarçar a própria angústia. — Vigia meu sono. Não quero ter outro pesadelo.

A andarilha hesitou. O cavaleiro mordeu os lábios. Tinha certeza de que ela o deixaria. Para sua surpresa, Shannon sentou-se na cabeceira da cama. Vince deitou-se outra vez, descansando a cabeça sobre seu colo. Adormeceu quase imediatamente, saboreando o toque carinhoso da mão da andarilha sobre seus cabelos.

• • •

Depois de muito tempo, Shannon sentiu as pálpebras pesadas e cochilou com as costas apoiadas na cabeceira da cama. Ainda com a cabeça sobre seu colo, Vince dormia. A andarilha teve um sonho confuso, onde se via numa cidade com prédios de cristais, cantando para uma multidão incalculável.

Acordou com um sobressalto. O cavaleiro, que despertara antes dela, estava sentado ao seu lado, com os braços cruzados. Ele tremia de modo compulsivo. Os cabelos castanho-claros e longos, na altura dos ombros, estavam encharcados de suor. As roupas colavam em seu corpo molhado.

— Senhor?

Ele fixou nela seus olhos castanhos. As pupilas estavam dilatadas.

— Meu tio... — disse, com dificuldade.

Apesar do medo que a dominava apenas em pensar que o arcebispo estava por perto, Shannon sabia o que deveria ser feito. Teve sorte em encontrar um criado no corredor.

— Diz ao sr. de Angelis que seu sobrinho precisa vê-lo com urgência! — gritou ela.

O coração de Shannon disparou ao se aproximar novamente de Vince. O poderoso cavaleiro tinha uma aparência vulnerável. Ele se deitara outra vez, encolhido, agarrando os joelhos com os braços na tentativa de controlar a tremedeira.

— Senhor, há mais alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou a jovem.

O cavaleiro abriu os olhos. Tinha dificuldade em focalizá-la.

— Não vá embora...

— Não me afastarei mais, meu senhor — sussurrou ela, acariciando-lhe a face. Nunca vira um rapaz tão bonito em sua vida.

Hugues De Angelis logo apareceu no quarto. Shannon saiu de seu caminho para que ele pudesse cuidar de Vince. E, admirada, constatou o quanto ele temia perder o sobrinho. Não podia imaginar que existisse algum tipo de sentimento naquele coração além de crueldade.

— Por que tu não me chamaste antes? — perguntou Hugues a Vince.

— Detesto admitir... quando estás com a razão... Eu me viciiei... no pó amarelo...

— Trago o antídoto — disse ele ao tirar do bolso uma garrafa de vidro escuro.

Shannon ajudou-o a segurar a cabeça do rapaz, enquanto ele o fazia beber algumas gotas de um líquido transparente.

— Agora deves dormir — disse Hugues, num tom paternal. — Ficarei aqui.

O rapaz cerrou as pálpebras e relaxou. Parara de tremer.

— Traz mais cobertores, andarilha — mandou o arcebispo, sem desviar a atenção do sobrinho. — Ele sentirá muito frio nas próximas horas.

CAPÍTULO 6

Cura

A manhã ocupou aos poucos o ambiente escuro e úmido da velha capela de madeira. As janelas quebradas facilitavam a entrada da luz. Parte do teto estava podre também, com vários buracos entre as telhas. O local fora abandonado havia anos. A vegetação ao redor avançava sem qualquer cerimônia.

Para Tenorius, era o esconderijo perfeito. Ficava a apenas alguns quilômetros de York, oculto o suficiente por uma floresta densa e afastada. O monge não pudera levar Thomas para mais longe. Seu estado ainda inspirava muitos cuidados. Não tinha esperanças de que os braços se recuperassem das queimaduras.

Foi quando o garoto começou a se mexer, como se despertasse de um sono que durara tempo demais.

— Sê bem-vindo à vida, garoto! — sorriu Tenorius. O aluno espiava-o, confuso. Escapara por um triz da morte.

— Onde estou?

Tentou se sentar, mas a dor nos braços devia ser intensa. Desistiu, apoiando outra vez a cabeça sobre a mochila que exercia a função de travesseiro.

— Estamos numa capela abandonada.

— Ainda estamos em York?

— Sim. Quando estiveres melhor, partiremos para o Monastério. O abade quer te ver.

— E o que fazes aqui?

— Vim atrás de ti, desde Durham. Minhas ordens são para te manter longe de encrencas. Pena que não contei com tua ideia de desaparecer no meio da noite.

— Ordens de quem? De Moriarty?

Tenorius espantou-se ao descobrir que o aluno conhecia aquele nome.

— Quem te falou sobre ele?

— Por que Moriarty se preocupa comigo?

— Isto tu deves perguntar a ele. Meu trabalho é cuidar de ti.

— E como me achaste?

— Estava a duas horas de viagem atrás de ti. Poderia ter chegado antes e, com certeza, te impedido de colocares a vida em risco, mas tua amiga Erin não quis revelar teu destino.

O rapaz sorriu.

— Não é engraçado, Thomas. Acabaste metido numa enorme confusão com o arcebispo.

— Tu estavas lá, no castelo? — duvidou ele.

— Sim, estava pensando em um modo de te tirar do calabouço. Só que, mais uma vez, antecipaste-me.

— Aquele homem queimou meus braços.

— Eu vi quando te tiraram do estábulo e te levaram até a fornalha. Só então pude te resgatar. A princípio, pensei que estivesses morto. Depois, entendi o que acontecia contigo. Permanecias em um tipo de coma, sem respirar, como uma pessoa morta.

— É, eu sei como provocar isso.

— Sabes muitas coisas.

— Por isso me vigias?

— Por isso te protejo.

— Protegias-me de Savac?

Tenorius, pensativo, avaliou o rapaz. Ele estava blefando para lhe arrancar mais informações. Seu conhecimento sobre o assunto era limitado.

— Deves conversar primeiro com o abade — explicou o monge. De uma mochila de viagem, tirou pão e frutas. — Precisas comer e se recuperar. A viagem até o Monastério é longa e cansativa.

• • •

Após dois dias, como as provisões estavam no fim, Tenorius aproveitou uma tarde para ir até um vilarejo próximo, com o objetivo de comprar comida. Deixara seus trajes de monge na mochila. Chamava menos atenção viajar com roupas comuns, bem surradas. Thomas ficara deitado no chão, imóvel, mirando o vazio. Preferia permanecer calado a conversar. As queimaduras, sem dúvida, causavam-lhe muita dor.

Já era madrugada quando o monge retornou silenciosamente à capela. Thomas, porém, não estava mais lá. Era impossível que ele tivesse conseguido ficar em pé, quanto mais deixado o esconderijo para trás! Também não havia pegadas registrando a chegada de outra pessoa. Não, ele não fora capturado. Tenorius encontrou alguns rastros que denunciavam somente a nova fuga de seu aluno. “Como ele fez isso? Mal podia se mexer!”

A resposta encontrava-se numa pedra, junto a um altar semidestruído. Estava calcinada.

— Ele se curou sozinho — deduziu Tenorius, perplexo. Já ouvira histórias sobre essa habilidade incomum.

Era preciso avisar imediatamente seu mestre.

CAPÍTULO 7

Revelações

A meio dia de cavalgada de York havia uma estalagem. Além de refeições, oferecia também hospedagem para quem pretendesse chegar à cidade pela manhã após uma noite tranquila em um quarto confortável. Fora esta a opção de Mark De Durham e sua comitiva, que se dirigiam a York para assistir ao Torneio da Primavera.

Thomas seguia-os de longe, sem ser notado, desde o fim da tarde, indeciso em procurar o amigo. Estava encrocado demais para envolver mais gente no assunto. Deixara Tenorius para trás com a ideia firme de resgatar Shannon e Pégasus. Já falhara antes. Pretendia ser mais cuidadoso desta vez.

Para confundir ainda mais sua cabeça, o jovem não parava de pensar em Erin, após vê-la cavalgando ao lado do pai. Sabia que a garota estava preocupada com ele desde o contato que fizera através do sonho. Também intrigava-o o fato de Mark ter trazido a filha pela primeira vez a um torneio. Fazia anos que ele próprio não assistia a um.

O rapaz esperou a noite cair por completo. Quando o burburinho dos fregueses no interior da estalagem diminuiu, entrou com cautela pela cozinha. Não havia ninguém no local. Subiu a escada até o pavimento superior, onde ficavam os quartos. Mark devia estar dormindo sozinho em um deles. Sua esposa, Lady Claire, permanecera em Durham com as crianças, novas demais para aguentarem uma viagem tão cansativa. Não precisou descobrir em qual quarto a amiga estava hospedada. Oz latia atrás da segunda porta à direita, arranhando a madeira para sair.

— Queres passear a esta hora? Já é tão tarde... — disse Erin, dentro do quarto.

Quando ela abriu a porta, o cachorro pulou direto no colo de Thomas para lambê-lo o rosto. Erin, ao vê-lo, correu para abraçá-lo.

— Pensei que estivesse morto — cochichou ela.

— Preciso falar contigo.

Só então o rapaz reparou direito nela. A jovem usava um delicado vestido rosa. Os cabelos loiros e lisos estavam soltos, atingindo a altura dos cotovelos. Thomas habituara-se a vê-la sempre de trança e de calça comprida. Erin estava perturbadoramente bonita.

— Que foi? — perguntou, com uma sobrancelha erguida.

— Estás... de vestido!

— Ora, Tom, só estou experimentando a roupa que usarei no banquete que teremos com o rei — justificou, vermelha até a raiz dos cabelos.

Thomas escondeu Oz no bolso de sua capa de viagem e levou Erin pela mão para fora da estalagem. Foram caminhando em silêncio até a margem de um campo arado. Não havia árvores por perto, nem outro tipo de vegetação que pudesse esconder a presença de alguma pessoa. Poderiam conversar à vontade, sem medo de serem ouvidos. O rapaz deixou o cachorro no chão, livre para perambular ao redor deles. Acima de suas cabeças, a lua cheia iluminava a noite.

Erin escutou com atenção tudo o que Thomas lhe narrou sobre o que acontecera desde sua partida de Durham. Era a única pessoa em quem ele confiava. Além disso, sua mente incrivelmente lógica sempre o ajudava. Não escondeu nenhum detalhe, nem o encontro com o irmão Tenorius.

— Se eu conhecesse a missão secreta do nosso professor, teria dado uma ajuda — brincou Erin, com um meio sorriso. — Não imaginava que tu eras tão importante para o abade.

— Queres dizer, importante para Moriarty.

— Moriarty e Dines são a mesma pessoa. Quem diria!

Era uma ironia enorme para Thomas ter saído do Monastério à procura de alguém que, na verdade, passara anos ao seu lado. A única pessoa que poderia lhe explicar todo o mistério que envolvia sua família.

— E como estão teus braços?

— Curados — disse Thomas, puxando as mangas da capa e da camisa. Não existia qualquer cicatriz. — Lembras do que Hannah me disse sobre transferir energia de nosso corpo para objetos? Foi o que fiz...

— Fascinante! — exclamou ela após um assobio. — Estás a cada dia mais poderoso, Tom. Mas ainda não estás preparado para encontrar outra vez o arcebispo. Concordo com o irmão Tenorius. Deves ir antes ao Monastério.

— Shannon precisa de ajuda.

— Esta andarilha deve ser muito bonita para atrair a disputa de dois cavaleiros — disse a jovem, franzindo a testa.

— Ela é mesmo muito bonita.

— Tu a amas?

Thomas arregalou os olhos, aturdido.

— Isso não é importante...

— Claro que é! — gritou Erin, tão vermelha quanto ele.

— O que quero dizer é que Shannon corre perigo.

— Tu a amas ou não?

— Que droga, Erin! Não sei!

A jovem ficou de costas, com raiva demais para encará-lo. Oz, deitado aos pés de Thomas, levantou o focinho para ele. O rapaz demorou a entender... *Ela estava com ciúme!* Uma felicidade deliciosa apoderou-se de seu peito. Lembrou-se do toque dos lábios de Erin, naquele primeiro e único beijo em Durham.

— Só quando deixei tua casa é que percebi o quanto era difícil passar um dia sem falar contigo... — começou ele, tímido. As palavras fugiam-lhe da mente.

A amiga, intrigada, voltou a olhá-lo. Não ajudava ver o rosto dela. Thomas mirou os pés. Disparou as palavras seguintes na maior velocidade que conseguiu.

— Quando o arcebispo me atingiu e eu deixei meu corpo, pensei desesperadamente em te encontrar. Precisava ouvir tua voz, tuas ideias... Acho que não teria feito tantas bobagens, como deixar umas flechas estúpidas para trás, se estivesses ao meu lado. Tu sempre completas meu raciocínio. Sou distraído demais, minha cabeça vive nas nuvens. Tu pensas em tudo, em cada detalhe. Sinto-me completo quando estou contigo...

— Queres dizer que me amas? — perguntou ela, sem esconder a ansiedade.

— Desde que me atiraste aquela bola de neve no nariz.

Erin segurou o queixo dele, obrigando-o a fitar seu olhar azul.

— E eu te amo desde que mergulhaste no rio para me salvar.

— Mas foste tu que acabaste me salvando, lembra?

Resistir ao sorriso feminino era impossível. A jovem aproximou os lábios aos dele para tocá-los com paixão. Thomas envolveu-a em seus braços. Um beijo levou a outro e a outro, cada um mais audacioso do que o anterior. As mãos do rapaz percorreram as costas da jovem e ficaram perdidas entre os cabelos macios e perfumados. Um canto da mente de Thomas registrou o momento em que Oz começou a latir, alertando-o da presença de uma terceira pessoa.

— Erin... — chamou Mark De Durham.

Abruptamente, os jovens separaram-se. O cavaleiro observava-os com uma expressão indecifrável.

— Deves voltar para o quarto agora — disse ele, sem emoção.

Erin, com as bochechas ardendo, evitou olhar para o rapaz. Este preferiu enfrentar novamente os pés, sem coragem de abrir a boca. A jovem pegou Oz no colo e correu para a estalagem. Thomas e Mark ficaram sozinhos.

— Nobres relacionam-se com nobres, Tom. É a lei. Sabes que gosto de ti como um filho. Nada me faria melhor do que ver a tua felicidade e a da minha filha...

A situação era injusta demais. Thomas ainda se enxergava como um andarilho, um garoto sem família que vivera de favor na casa de um nobre. Não conseguia aceitar a ideia de ser príncipe, o neto de um rei. Para piorar, saber que era um nobre e não ter como provar essa verdade também o magoava.

— Por que deixaste Durham sem falar comigo?

— Tive uma visão. Minha amiga ia morrer se eu não chegasse a tempo — explicou Thomas, erguendo o olhar para Mark.

— Que amiga?

— A filha da andarilha que me criou.

Resumidamente, Thomas explicou a disputa de Rouen De Larc e Vince De Angelis pela posse de Shannon, o ataque dos guardas e a captura da andarilha pelo sobrinho do arcebispo. Omitiu seu encontro com Hugues e tudo o que ocorrera depois.

— Então é melhor para ela permanecer com Vince — disse Mark.

— Rouen é um monstro. E está ficando cada vez pior. Nem o rei o suporta mais.

— Mas ela deve ser livre para escolher o próprio destino!

— Pessoas do povo não têm direitos, Tom.

— Podias falar com o rei e...

— Arnon não se preocupa com este tipo de questão.

— Que *ótimo* rei ele é! — resmungou Thomas.

— Arnon é um nobre briton e os nobres consideram-se superiores por descender de Arthur e seus cavaleiros. O povo deve-lhes gratidão eterna por ter sido resgatado da Era do Caos. E isto implica submissão total.

— Um bando de fanáticos vem de outro planeta e se acha no direito de escravizar os outros! — gritou o rapaz, sem pensar.

— O... *quê?*

Thomas notou tarde demais o erro que cometera.

— Onde ouviste isso? — quis saber Mark ao agarrá-lo pelos ombros. — Quem te falou sobre Gaia?

Foi a vez de o rapaz ficar surpreso. O cavaleiro também sabia sobre Gaia?

— Onde ouviste isso, Thomas? — insistiu Mark, sacudindo-o com violência.

O cavaleiro, mais alto e muito mais forte do que ele, nunca o tratara daquela forma truculenta. O rapaz teve uma boa ideia de como era ser um inimigo do sr. De Durham.

De repente, Mark suspendeu o interrogatório e arrancou a corrente que o garoto usava no pescoço. De modo inesperado, ela ficara à vista.

— Onde encontraste esses objetos? — disse, incrédulo. Sobre a palma de sua mão imensa estavam a pedra opaca e a aliança de Alix. — Sabes a quem pertenciam?

— O anel era de Alix De Brusck — respondeu Thomas, encurralado. Não conseguia mais mentir. — Verão de 817 deve ter sido a época de seu casamento. A pedra também pertenceu à princesa. Foi um presente de Erec De Sutter. Ele a herdou da mãe, a feiticeira Hannah.

— *Onde encontraste estes objetos?*

— É uma longa história, senhor. Não acreditarás em mim.

— Podes tentar.

• • •

Thomas começou a contar sua história a partir da Noite dos Mortos, quase dezessete anos antes. Relembrou brevemente sua vida com os andarilhos, a ida para o Monastério, as visões que tivera — entretanto, sem revelar detalhes — e por que partira em busca de respostas. Não citou os nomes de Moriarty, Savac e Hugues De Angelis, nem a existência do salão subterrâneo. A lembrança de Erec

proibindo Alix de procurar a ajuda de Mark o incomodava. O sr. De Durham podia ser um traidor? Por que Erec não confiara a esposa aos cuidados do amigo?

Mark ficou de queixo caído quando o rapaz lhe falou da visita às ruínas de Sutter e da descoberta do holograma. Teve dificuldade para entender o que era um programa holográfico. Nunca imaginara nada parecido. Fora através da imagem de Hannah que Thomas soubera da existência de Gaia.

— Acreditas em mim, senhor?

— E tu acreditas nessa história?

— O holograma me disse que apenas quem descende de Hannah pode acionar a pedra. E eu fiz isso.

E então contou sobre a conversa que tivera com Sabina, quando recebera a aliança e descobrira detalhes sobre a morte da mãe.

— Se Alix escapou, por que não foi nos procurar em Durham? — perguntou Mark, que parecia conversar consigo mesmo.

Thomas avaliou-o. Sua intuição dizia-lhe que o cavaleiro não era um traidor. Quem sabe Erec só quisesse poupar a vida do amigo, de Lady Jane e de Erin, apenas um bebê na época? Savac destruiria Durham num piscar de olhos, como fizera com Sutter.

— Quem matou Erec?

— Savac — revelou Thomas, outra vez sem saída.

— E quem é esse Savac, afinal? Depois que falaste o nome dele naquele dia, na torre, eu fiquei pensando. E me veio à mente a imagem daquele arcebispo odioso...

O grito de um pássaro noturno veio até eles. Mark e Thomas olharam para o alto no instante em que a ave cruzava o céu. O cavaleiro estremeceu.

— “Saberás quando o pássaro cruzar a noite de lua cheia” — disse, repetindo parte do que o transe do rapaz lhe revelara havia anos. — Então Savac é mesmo Hugues De Angelis! Isto explica algumas coisas. Não debes ir a York, Tom. É perigoso.

— Acreditas que eu seja mesmo filho de Erec e Alix?

— E por que não confiaria em ti? Jane dizia que tu a fazias se lembrar de Alix, com teu jeito tímido. Claro que também te pareces fisicamente com ela. Jane costumava ficar intrigada, imaginando o porquê de tantas semelhanças. Mas nós não podíamos imaginar que havia um segundo filho. Ah, se soubéssemos! Devias ter me contado tudo antes. Eu conversaria com Dines e...

— O que o abade tem a ver com isso? — perguntou Thomas, fingindo ingenuidade.

— Há muitas coisas acontecendo, filho. Erec vivia para uma grande missão, uma responsabilidade que herdara da mãe. Hannah foi uma mulher poderosa em Gaia, que veio até Britanya atrás de alguém que pudesse ajudá-la a derrotar o mal que ameaçava o mundo de onde viera. O tal do Herdeiro de que falaste na profecia. Não conheço a profecia completa, nem sei de que tipo seria essa ajuda. Descobri algumas coisas por acaso, por ter Erec como amigo. Ele confiava em mim e eu queria colaborar de algum modo, mesmo sem saber detalhes da missão, porque descobri que este mal que provocou a fuga de Hannah também ameaça Britanya.

— A tal guerra?

— Sim. Erec dizia que ela virá até nós. E trará o fim da raça humana.

— E o abade...?

— Erec trabalhava com Dines. O abade é um homem de bem, Tom. Alix devia ter ido até ele e não corrido para Brusk.

— Acho que ela queria avisar o pai sobre o perigo que o arcebispo representa.

— É, deve ter sido esse o motivo — refletiu o cavaleiro, com tristeza. — O conhecimento que tens agora pode colocar a tua vida, a minha, a de Dines e a de outras pessoas em perigo. Ainda insistes em viajar para York?

— Se nem Arnon pode fazer nada por Shannon, então eu devo ir.

Mark desistiu de argumentar. Conhecia muito bem o temperamento teimoso do garoto.

— Erec também tinha essa cabeça-dura — disse, com um sorriso.

• • •

Já era madrugada quando Thomas e Mark regressaram para a estalagem. O cavaleiro foi direto para o quarto, pensando em descansar antes que o sol nascesse. Thomas retornou para o local apenas para se despedir de Erin. A jovem puxou-o para dentro do quarto assim que ele bateu à porta.

— E...? — perguntou, aflita. Seus olhos estavam vermelhos.

— Teu pai agora sabe quem sou — disse, tocando de leve as olheiras provocadas pelo choro.

A seguir, explicou o que combinara com Mark.

— Irei para York apenas para tranquilizar Shannon. Teu pai proibiu-me de me expor. Em troca, ele tentará passá-la para sua proteção.

— E irás seguir o que ele te pediu? — perguntou a jovem, desconfiada.

— Eu tentarei. Não quero enfrentar Savac outra vez.

E era verdade. Temia o arcebispo mais do que podia calcular. A dor que atingira seus braços era indescritível. E havia a lembrança ainda mais dolorosa da morte de Erec.

— Não chores mais, Erin.

— Nem sei por que chorei! Mulheres são bobas mesmo...

Thomas sorriu e abraçou-a para beijá-la. Depois, despediu-se do cachorro e desapareceu no corredor.

• • •

Foi fácil para Thomas passar despercebido no meio da multidão que invadira York para o torneio. A agitação era exatamente igual

aos tempos de sua infância. Pessoas de todos os pontos de Britanya encontravam-se na cidade, abarrotando ruas e passagens para assistir ao evento anual, o mais importante do reino. A imensa arquibancada de madeira já estava pronta para receber o público no dia seguinte, na abertura do torneio. Thomas avistou os cavaleiros na área de treinamento, no mesmo local de sempre.

Seu pensamento foi para Erin, que naquele instante estava na estrada, com a comitiva de seu pai. Thomas partira na frente, ainda de madrugada, em um dos cavalos que tomara emprestado de Mark. O animal fora deixado em um estábulo, a dois quilômetros da entrada de York, como combinado. Era melhor que nenhum detalhe ligasse o garoto ao cavaleiro. Havia uma coisa, no entanto, que Thomas não incluía no trato. Não pretendia partir da cidade sem Pégasus, que considerava tão importante quanto Oz.

À noite, encontrou o melhor momento para entrar no castelo vigiado por dezenas de guardas. As comitivas de vários nobres entupiam o pátio principal, congestionando o espaço com criados apressados, cavaleiros, damas, carruagens, bagagens e cavalos. Era obrigação do anfitrião hospedar toda a nobreza. Este ano, a honra pertencia a Hugues. No ano anterior, fora trabalho para o próprio rei, na capital do reino, Brusk.

Encontrar Shannon naquela agitação revelou-se muito complicado. A intuição informava-lhe que ela não voltara para o calabouço. Também não poderia estar junto à nobreza que se apoderara de quartos e aposentos no imenso castelo. Só restava procurá-la entre a criadagem.

Thomas escapuliu para a cozinha, onde viu um movimento ainda mais intenso. Ninguém prestou atenção no intruso. Uma infinidade de pratos diferentes estava sendo preparada por cozinheiras sobrecarregadas. Criados corriam transportando louças e outros objetos. Não, a andarilha não estava na cozinha. O rapaz perambulou por vários corredores, procurando usar novamente a intuição como guia. Aprendera a confiar nela.

Deu certo. A voz de Shannon veio até ele em um dos corredores. Ela conversava com alguém. Uma tapeçaria, pendurada numa parede, escondeu o rapaz a tempo de evitar um encontro desastroso. A andarilha caminhava ao lado de Vince De Angelis.

— Se me permites dizer, senhor, não acho que devas participar deste torneio.

— Não te preocupes. Já estou bem.

— Senhor..

— Shannon, ouve-me — disse o cavaleiro, detendo o passo. Thomas viu, com raiva, quando ele pôs a mão sobre o ombro da andarilha. — Não há escolhas para ninguém, entendes? Nem para andarilhos, nem para nobres.

Thomas sentiu ainda mais raiva ao perceber a relativa intimidade que existia entre os dois. Vince era um sujeito odioso. Como Shannon podia nutrir qualquer simpatia por ele?

— Agora pede a um dos criados para preparar meu banho — continuou o cavaleiro, cansado. Ainda usava partes de sua armadura, que estava suja e enlameada. Passara o dia no campo de treino. — Vou conversar com meu tio antes de ir para o quarto.

Vince seguiu o corredor, deixando a andarilha a sós. Era a chance de Thomas. Quando a jovem girou os calcanhares, ele a chamou, saindo do esconderijo. Apavorada, ela recuou.

— Estou vivo, Shannon — sussurrou ele, aproximando-se devagar. — Não sou nenhum fantasma...

— Não pode ser! — disse ela, dando outro passo para trás. Estava muito pálida.

— Usei um truque. Só isso!

— És um bruxo, como o arcebispo!

— E tens medo de mim?

Shannon olhou para os braços do rapaz.

— E-Eles estão curados!

Thomas desistiu. Não havia tempo para lhe explicar assuntos complexos como transferência de energia.

— Usei bruxaria, se preferes chamar assim.

As palavras tranquilizaram-na. Com certeza, a jovem, que já vira muitas coisas estranhas nos últimos dias, estava começando a considerar tudo muito normal.

— Thomas, sofri tanto por ti!

— Vim apenas te dizer que estamos agindo para te devolver a liberdade.

— Tu falaste com meus pais? Eles estão bem?

— Não os vejo desde o dia da captura...

— Só me preocupo com eles. Prometa-me que irás procurá-los para lhes dizer que estou bem.

Uma dúvida ocupou os pensamentos do rapaz.

— Queres ser livre de novo, não é mesmo?

A andarilha mordeu os lábios.

— Tenho agora a proteção do sr. Vince De Angelis — murmurou ela, corando como um tomate.

— Não queres ser salva?!

— Prefiro permanecer junto ao cavaleiro.

— Tu és louca? Esse rapaz é um monstro!

— Estás enganado! — defendeu ela, ardentemente. — Ele é gentil, educado, inteligente...

— Ele é igual ao tio!

— Tu não o conheces para dizer isso! Não vês que ele me capturou apenas para me proteger do sr. De Larc? Podia ter matado todos os andarilhos, mas preferiu apenas afastá-los da cidade.

— A mim ele prendeu! E estava louco para me pendurar numa forca.

— Mas tu mataste três guardas.

— Para te defender!

O rapaz não podia acreditar no que estava ouvindo. Mulheres eram realmente as criaturas mais imprevisíveis do mundo.

— Eu sei que te devo a vida — retomou a jovem. — E te agradeço por isso. O cavaleiro tem um coração orgulhoso, mas não é

uma pessoa ruim. Sabias que foi ele quem apagou o fogo em teus braços naquela noite, no estábulo?

— Não.

— Pois eu vi quando ele tirou a própria capa e foi te ajudar. Não acredito que Vince concorde com as crueldades do tio. E não esqueças que ele já salvou tua vida uma vez, aqui mesmo, em York.

Apesar das palavras da andarilha, o ódio por Vince não diminuiu. De qualquer forma, era inútil argumentar com Shannon. Ela lutaria até o fim para defender o homem que a impressionava.

— Vou procurar teus pais, se é o que queres...

— Obrigada! — sorriu a jovem antes de sumir depressa pelo corredor.

Thomas pensava também em avisar Mark De Durham. Não foi muito longe. Estava atravessando um jardim interno, procurando uma saída para o pátio principal, no instante em que se viu rodeado por um grupo de guardas.

— O que fazes aqui, garoto? — perguntou um deles.

Se estivesse na presença de um número menor de guardas, poderia tentar dominar suas mentes, como já fizera antes. Não era um processo difícil, desde que a pessoa se deixasse dominar. Fugir também não era uma boa saída. Chamaria a atenção de todo mundo e acabaria outra vez nas mãos de Hugues De Angelis. Ainda procurava a melhor desculpa possível na hora em que ela caiu do céu.

— Então tu estás aqui! — disse um rapaz que surgiu à sua direita.

— Este é nosso irmão, meus caros guardas, um andarilho como nós — acrescentou outro jovem, que se plantou à esquerda de Thomas.

— Ele não veste roupas coloridas — retrucou o guarda.

Eram os gêmeos Leo e Teo, que usavam e abusavam de cores extravagantes, o modo como os andarilhos que frequentavam a corte costumavam se apresentar.

— É que ele não teve tempo de se trocar — justificou um dos irmãos. — Nós o perdemos nesta confusão toda. O castelo parece um formigueiro!

Como o guarda ainda desconfiava de Thomas, o gêmeo tirou do bolso três bolas e atirou-as para o rapaz. Ele as agarrou no ar para executar o truque batido de jogá-las para o alto, trocando as mãos de lugar agilmente. O guarda ficou satisfeito.

— Vamos vos escotar até o aposento onde estão os outros andarilhos — disse. — O arcebispo não ficará nada feliz se encontrar um de vós perdido por aí.

Thomas aceitou a escolta sem protestar. Foram para um aposento abafado, próximo ao grande salão onde Arnon e o arcebispo receberiam os convidados. O local já estava tomado por outros andarilhos, ocupados demais em ensaiar truques para as apresentações que começariam em breve. Um menestrel afinava o alaúde, sentado sobre um tamborete. Quando o rapaz se virou para a porta, ela se fechou quase em cima dele. A entrada estava muito bem guardada.

— Depressa, Thomas, coloca estas roupas — disse um dos gêmeos, empurrando-o em direção a um baú.

— Espera! Tu és o Leo ou és o Teo?

— Sou o Leo — riu o rapaz.

— Precisas te vestir depressa. Podem desconfiar de nós — disse Teo enquanto separava algumas peças do baú.

— O que vós fazeis aqui? — perguntou Thomas. — Arriscais vossas vidas!

— Shannon é nossa amiga, moleque.

— Mas ela não quer ser salva.

Os gêmeos fitaram-no, espantados.

— É verdade! Acabei de falar com ela.

— Ainda não nos contaste como fugiste da prisão — cortou Teo.
— Pensamos que tu tivesses sido enforcado.

— E quase fui. Um amigo me ajudou a fugir. Voltei para ajudar Shannon, mas ela não quer sair daqui. Está apaixonada por Vince De Angelis.

— Ela e todas as mulheres de Britanya — debochou Leo. — As jovens damas rezam para se tornar a esposa do bonitão.

— Mulheres! Quem vai entendê-las? — filosofou o irmão. — Hum... Uma vez que entramos no castelo, que tal aproveitarmos a oportunidade para ganhar algumas moedas de ouro?

— Por falar nisso, como vós conseguistes entrar? — quis saber Thomas. — Só os andarilhos famosos participam de uma festa como esta...

— Demos nomes falsos — piscou Leo.

— E Sabina? E Jon?

— Convencemos os dois a nos esperarem fora da cidade. Estão seguros — garantiu Teo. — Agora, debes trocar de roupa. A propósito, ainda te lembras de algum truque?

— Pensamos em mostrar alguns malabarismos com tochas de fogo — completou o irmão.

— Não, nada de fogo para mim — dispensou Thomas.

— Fica apenas ao nosso lado, sem arrumar confusão — sugeriu Teo.

— Podemos usar máscaras. O que achais? — perguntou Leo, agora remexendo no baú.

Thomas vestiu um imenso blusão vermelho, quase duas vezes maior do que ele, e ocultou o rosto com uma máscara multicolorida, feita de couro. Escondeu os cabelos escuros numa boina, também vermelha, enfeitada por uma exagerada pena roxa. Bem, usar aquilo não era sua melhor definição para passar despercebido. O plano era, na verdade, muito simples. Acompanharia os andarilhos até o salão e fingiria algum truque até o fim da festa. Depois iria embora com os gêmeos e encontraria Jon e Sabina para cumprir a promessa que fizera a Shannon. Durante o torneio, daria um jeito de mandar um recado para Mark, desobrigando-o de resgatar a andarilha. “Então, é

só pegar Pégasus e ir para o Monastério”, pensou o rapaz, tranquilizando-se. Poderia até encontrar Tenorius na estrada. Tudo daria certo.

Demorou bastante até que os andarilhos fossem conduzidos ao salão amplo e confortável, já tomado pelos convidados nas várias mesas disponíveis. Arnon estava numa cadeira mais alta do que os demais, no melhor ponto da mesa principal. Mark sentara-se ao lado direito do rei, enquanto Hugues ocupava o esquerdo. Thomas procurou por Erin. A jovem, com seu vestido rosa, bebericava uma caneca de vinho, analisando cada detalhe ao redor sem demonstrar interesse. “Bem típico dela”, pensou Thomas. O intragável Vince, com seu eterno tédio, olhava superficialmente para as pessoas. Sua mente devia estar a quilômetros de distância. Thomas sentiu uma pontada de ciúme ao descobrir que o cavaleiro se sentara ao lado de Erin.

O menestrel, convocado para o salão antes dos andarilhos, parou de tocar. As apresentações começaram de modo simultâneo. Enquanto Teo e Leo esbanjavam talento ao jogar tochas de fogo um para o outro, fazendo malabarismos no ar, outros dois andarilhos andavam sobre uma corda esticada entre cavaletes de madeira. Mais três equilibravam várias pilhas de pratos. Thomas pegou as três bolas de couro e ficou reinventando o velho truque que já mostrara aos guardas.

Depois de alguns minutos, ouviu a gargalhada estridente de Rouen De Larc atrás de si. Na primeira oportunidade, virou-se ligeiramente para observá-lo. O cavaleiro ruivo estava mais feio do que se lembrava. Envelhecera mal. O nariz largo parecia ainda maior.

— Ei, andarilho, não sabes fazer outra coisa? — gritou para Thomas. De onde estava, o rapaz podia sentir o cheiro forte de vinho que ele exalava. — Estou falando contigo, andarilho!

O rapaz interrompeu o número e fez-lhe uma reverência, afastando-se o mais discretamente que conseguiu. Já dera três passos quando a mão pesada de Rouen agarrou-o pelo ombro.

— Não tens língua? — gritou, girando Thomas como a um boneco.

O rosto naturalmente vermelho do cavaleiro estava da cor púrpura. O salão ficou em silêncio. Era melhor responder.

— Que truque desejas ver, senhor? — perguntou o rapaz, humildemente, num tom baixo de voz.

— Ah, temos aqui um andarilho da tua terra, Mark De Durham! — gritou Rouen. — Nunca entendi por que tua gente fala com esse sotaque esquisito. Nosso amado rei devia proibi-lo por agredir a tão graciosa sonoridade da língua britã.

Thomas escutou alguns comentários. Além de Mark, havia outros nobres da Ilha Média entre os convidados. Erin olhava para o rapaz, um tanto confusa. Quando seus olhos encontraram os dele, ela empalideceu. Reconhecera-o.

— Minha gente fala cantado, sr. De Larc, porque tem alegria no coração — disse Mark, sorrindo, apesar do olhar furioso.

— Pena que os andarilhos da Ilha Média não sejam tão bons quanto os nossos. Este aqui só sabe brincar com bolinhas. Ou estou enganado, hein, rapaz? Sabes fazer outra coisa?

— Ele tem uma ótima pontaria no arco e flecha — disse Leo, tentando salvar a noite.

Todos no salão, inclusive os andarilhos, acompanhavam a cena. “Isso não vai dar certo...”, pensou Thomas.

— Um arqueiro! Que interessante! — exclamou Rouen. — Será que existem bons arqueiros em tua terra, sr. De Durham?

— Os melhores, sr. De Larc — respondeu Mark, que ainda não reconheceu Thomas. — Deixa o rapaz te mostrar.

Arnon assistia tranquilamente à cena, com ar divertido. O arcebispo, empertigado, demonstrava total indiferença. Vince bocejou, jogando as costas para trás.

— Preciso de arco e flechas — ordenou o cavaleiro ruivo. Em segundos, dois criados trouxeram o material. — Só falta o alvo...

Seus olhos maliciosos recaíram sobre Erin.

— Já que o sr. De Durham confia tanto nos arqueiros da Ilha Média, com certeza confiará sua filha ao talento de um deles.

— O que pretendes, sr. De Larc? — gritou Mark ao se levantar da mesa, nada contente com a sugestão.

— Não te preocupes, pai — disse Erin, sem perder a calma. — Aceito o desafio do nobre senhor da Grande Ilha.

— Não quero que te machuques, Lady Erin — preocupou-se o rei. — Todas as brincadeiras têm limites.

— Esta não deixa de ser interessante, majestade — comentou Vince, agora desperto para o que acontecia no salão. — És mesmo tão corajosa, senhora?

Erin sorriu e contornou a mesa para ir até Thomas.

— Onde queres que eu fique, sr. De Larc? — perguntou.

— Lá, próxima à porta — resmungou o homem. A distância era relativamente grande de onde estavam. — Mas, antes, segure isto na mão. Será o alvo — acrescentou ele ao lhe atirar uma maçã que estava em outra mesa.

Com seus modos rudes, o cavaleiro ruivo posicionou Thomas ainda mais distante, quase em frente ao rei. O rapaz testou a flexibilidade do arco e avaliou as flechas. O material era de qualidade. Armou o arco no momento em que Erin parou junto à porta e se virou para ele, segurando a maçã ao lado do ombro. Thomas procurou não pensar em nada, principalmente no frio em sua barriga. A tensão no ambiente era terrível.

Mirou o alvo e atirou. A flecha disparou através do salão, pregando a maçã contra a porta de madeira. No mesmo segundo, a fruta rachou ao meio. Uma parte caiu, enquanto a outra se manteve pendurada à seta de metal.

Palmas e vivas alegraram o salão, principalmente da parte dos nobres da Ilha Média. As mãos de Thomas estavam úmidas.

— Isso não tem graça! — gritou Rouen, nervoso. — Acho que podemos complicar a situação. Que tal se o arqueiro ficar de olhos vendados?

— Já chega, sr. De Larc — dispensou Arnon, com dureza.

Rouen engoliu a humilhação. Erin voltou sem pressa ao seu lugar.

— Meus cumprimentos, Lady Erin — disse o rei, novamente simpático. — Representaste muito bem a coragem dos nobres da Ilha Média.

Os convidados daquela região de Britanya aplaudiram com entusiasmo suas palavras.

— Quanto a ti, andarilho, acredito que farias melhor se estivesses a meu serviço, junto aos arqueiros reais.

— Agradeço-te o convite, majestade, mas agora devo partir — disse Thomas, com uma reverência a Arnon. Mark ficou transtornado. Finalmente reconhecia sua voz.

O rapaz sentiu o bafo de Rouen atrás dele. Tentou se desvencilhar, mas o cavaleiro segurou-o outra vez pelo ombro.

— Ninguém nega nada ao meu rei, andarilho — rosnou ele, arrancando a máscara e a boina de Thomas. — Nem tampouco esconde o rosto.

O rapaz olhou direto para o arcebispo, mal controlando o pânico. Ouviu a risada abafada de Vince. Hugues estava boquiaberto.

— Deixa o garoto em paz, Sr. De Larc — disse o rei, em tom amigável. — Para de provocar o sr. De Durham e vem tomar comigo outra caneca de vinho.

O cavaleiro ruivo soltou o rapaz e cambaleou até o banco. Era a oportunidade de Thomas para sair de cena.

— Música, menestrel! — pediu um dos nobres.

Em instantes, retornaram a conversa e a animação nas mesas. Os andarilhos reiniciaram as apresentações. Thomas bem que tentou sumir dali o mais rápido possível. Quando pisou no corredor, dois guardas barraram-lhe a passagem.

— Estava esperando por ti, Thomas, filho de Alix e Erec — disse Hugues De Angelis, surgindo atrás dele.

CAPÍTULO 8

A segunda criança

Hugues dispensou os guardas e, com um gesto, convidou Thomas a acompanhá-lo pelo amplo corredor iluminado por archotes. Os dois caminharam lado a lado, em silêncio. O rapaz aproveitou para analisá-lo de esguelha. O arcebispo era da sua altura. Tinha um rosto muito magro e pálido, nariz grande e queixo fino. Os cabelos grisalhos e compridos, com mais fios brancos do que negros, estavam presos em um rabo de cavalo junto ao pescoço. A túnica púrpura, o hábito tradicional usado pelos arcebispos, era comprida e pesada. Ele parecia um velhote frágil, encurvado pelo peso da idade. Thomas, entretanto, não se enganava quanto ao poder daquele homem. Tivera uma boa amostra.

Minutos depois, Hugues parou em frente a uma porta, abrindo-a para que Thomas entrasse no aposento.

— Luz! — pediu o homem ao fechar a porta atrás de si.

Instantaneamente o ambiente tornou-se iluminado, revelando vários móveis luxuosos e uma gigantesca estante com livros. O arcebispo passou pelo rapaz e aproximou-se da mesa. Puxou uma gaveta, de onde tirou uma caixa de madeira.

— Já a viste antes? — perguntou após abrir a tampa. No interior da caixa, estava a esfera brilhante que fora tirada de Erec havia muito tempo.

O rapaz fixou a mente no objeto. Ele o atraía, irresistível, como se fizesse parte de seu espírito desde o princípio do mundo. Era como participar de um reencontro. A esfera flutuou, deixando a caixa para se posicionar a centímetros do rosto de Thomas.

— Mithrrah... — murmurou o rapaz. Sentia-se estranhamente feliz. A esfera brilhou com mais intensidade, girando sobre o próprio eixo.

— Então esta é Mithrrah — comentou Hugues. — Não consegui identificá-la. Pensei que fosse sua irmã Menethrrah...

A voz suave do arcebispo devolveu o rapaz à realidade. O medo retornou, inibindo-lhe a intuição. A esfera parou de brilhar e despencou no chão, rolando a seguir para os pés de Thomas. Ele se abaixou para pegá-la. Hugues, porém, foi mais rápido. A um gesto seu, o objeto retornou voando para a caixa.

— Não deves ter medo de mim, Gotihan — sorriu o arcebispo. — Todos nós estamos do lado da paz.

— Por que me chamaste assim?

— Porque tua volta é aguardada há milênios, conforme previram sábias palavras antigas, hoje consideradas lendas sem importância.

— Eu não sou esse aí! — protestou Thomas, cerrando os dentes para trancar o medo em algum canto perdido de seu espírito. Estava com a desagradável sensação de ser confundido com um personagem de conto de fadas.

— Conheces a profecia? “Brilho e poder semeiam morte por onde passam. O ódio os move, seres destruidores de estrelas. A esperança deve ser protegida, até que o Herdeiro chegue. O Herdeiro do espírito de Gotihan renascerá sob as marcas de Scorpius, Leo e Cancer. Ele trará morte e vida.”

— Quem é Gotihan?

— O líder de um povo extinto. Um ser poderoso, capaz de reunir poderes ilimitados.

— Não me parece tão poderoso assim. Nem consegui evitar a extinção do próprio povo — disse Thomas, irritado. A cada nova pergunta, ouviria mais respostas confusas. — E as marcas? O que são?

— Tuas marcas: a meia-noite da Noite dos Mortos, em 821.

— Estás falando em... astrologia? — perguntou, quase rindo. Lembrava-se de livros sobre o assunto, no Monastério. Era uma ciência mística que apontava características específicas de personalidade, de acordo com a data de nascimento de cada pessoa. Seu signo solar era escorpião, com ascendente em leão e lua posicionada em câncer.

— Símbolos, Thomas, eles é que têm importância. Os símbolos aparecem em várias culturas, de formas diferentes, só que a essência é a mesma. Há outras relações que independem de tua data de nascimento. Mithrrah está relacionada a Scorpius, à força oculta e intuitiva de cada um.

— Tudo no universo está conectado entre si.

— Vejo que o programa holográfico te preparou bem.

Thomas prendeu a respiração. O que mais Savac sabia sobre ele? Como se escutasse o pensamento do rapaz, o arcebispo tirou de um dos bolsos do hábito uma pedra de energia. Depositou-a sobre a mesa e ativou-a. Pequenos hologramas, do tamanho de uma caneca, surgiram no vazio. Thomas reconheceu a si mesmo e a Erin, durante a conversa na noite anterior, sob o céu estrelado.

“— Se eu conhecesse a missão secreta do nosso professor, teria dado uma ajuda. Não imaginava que tu eras tão importante para o abade.

— Queres dizer, importante para Moriarty.

— Moriarty e Dines são a mesma pessoa. Quem diria!”

Hugues tocou novamente a pedra e as imagens se adiantaram numa espantosa velocidade. Pararam milésimos de segundos depois, reproduzindo agora um trecho da conversa com Mark.

“— Acreditas em mim, senhor?

— E tu acreditas nessa história?

— O holograma me disse que apenas quem descende de Hannah pode acionar a pedra. E eu fiz isso.”

O arcebispo congelou a imagem, fitando Thomas com um ar de triunfo. *Ele sabia tudo!* Todos os segredos revelados um dia antes

estavam em seu poder. O coração do rapaz bateu desordenadamente.

— Acompanho tua vida desde teus sete anos, na época em que foste para o Monastério — explicou Hugues. — Intrigou-me o fato de Moriarty ensinar pessoalmente um garoto simplório, abandonado por um andarilho. Imaginei que devias ser muito inteligente, se não o abade não se daria a tanto trabalho. Anos depois, partiste com Mark De Durham para a Ilha Média. Fiquei realmente surpreso quando Moriarty designou um de seus melhores homens para vigiá-lo de perto. Que tipo de criança despertaria tanto cuidado? Pude comprovar minha teoria sobre tua inteligência privilegiada ao receber diversos relatórios sobre teus avanços nos estudos. Teus conhecimentos em Biologia, por exemplo, são notáveis para alguém tão novo. Não pude deixar de me perguntar se o abade não estaria pensando em um sucessor para Erec De Sutter. Ele já contaminara a mente do jovem cavaleiro com suas ideias distorcidas, o que lhe provocou a morte prematura.

Thomas empertigou-se ao ouvir o nome do pai.

— Falaremos de teu pai em outra ocasião — disse Hugues ao notar sua reação. — Então, numa noite, sumiste de Durham. Nunca, em toda a minha vida, poderia imaginar que tu eras o arqueiro que atacara os homens do sr. De Larc. O que ocorreu no estábulo foi um indesculpável engano. Podes imaginar como me senti há algumas horas, no momento em que assisti a esta gravação? Ao mesmo tempo, fiquei impressionado pelo que descobri sobre teus poderes. Além das premonições, és capaz de transferir energia. Um talento incrivelmente raro, eu diria. Somente o Herdeiro pode fazer uso dele. É através dessa transferência de energia que apenas tu podes acionar Mithrrah e as outras duas perenthis de Alzabir.

— Eu não entendo o que dizes.

Não se sentia bem o suficiente para imaginar mundos distantes e descobrir o significado de palavras esquisitas. Sua cabeça detinha-se em detalhes. Como Savac poderia ter acompanhado sua vida

durante tanto tempo? Quem lhe passara tantas informações? Quem traíra Dines? Mark De Durham? Não, ele não sabia da existência do salão subterrâneo. Somente uma pessoa poderia ter elaborado relatórios sobre seus progressos nos estudos.

— Irmão Tenorius...

— Um bom homem, não achas? — sorriu Hugues. — Ele trabalha para Moriarty, faz todo o trabalho sujo. Mas, quando finalmente descobriu o talento raro que dominas, sabia que não poderia deixar seu verdadeiro mestre sem essa valiosa informação.

Tudo se encaixava. Tenorius seguira-o até a estalagem, onde gravara a conversa com Mark e Erin. E, enquanto Thomas perdia tempo procurando uma oportunidade para entrar no castelo, ele se antecipava, revelando tudo a Savac. O arcebispo já esperava pelo rapaz. Só não tinha ideia de que iria encontrá-lo sob o disfarce de um andarilho. Uma situação muito exibicionista para quem pretendia se infiltrar sorrateiramente em York.

Uma leve batida na porta sobressaltou Thomas. Sem esperar por autorização, Vince entrou e, parando diante do rapaz, analisou-o de cima a baixo.

— É a segunda criança? — disse, indiferente.

— Sim, é ela — confirmou Hugues, satisfeito. — E ainda acionou a perentis.

— Mesmo? Então a busca terminou. É conveniente que a segunda criança também seja o Herdeiro.

— Um presente do destino, não concordas?

— A segunda criança? — repetiu Thomas. — Queres dizer o segundo filho de Erec e Alix?

— Exatamente. Foi uma grata surpresa saber que a jovem princesa tinha sobrevivido ao ataque a Sutter — disse Hugues. — Rouen De Larc encontrou-a por acaso, no dia em que ela se preparava para fazer uma travessia de barco rumo às Terras Ermas.

Thomas tremeu. O estômago revirava ao imaginar o cavaleiro ruivo colocando as mãos imundas sobre sua mãe.

— Ele foi gentil em trazer a princesa até York — disse o arcebispo. — Uma pena que, infelizmente, eu estivesse ausente de minhas terras.

— E por que ele não a levou para o pai?

— Há tanto que ainda desconheces! Alix De Brusck era uma jovem ingênua, apaixonada pelo marido. Não tinha ideia da traição que ele tramava. Arnon também não sabia. Rouen esperava que eu regressasse de viagem para explicar tudo a ela, mas a princesa não nos deu tempo. Alix aproveitou uma oportunidade para fugir da proteção que oferecíamos. Foi quando a perdemos. Há quase dezessete anos eu a procuro, como procuro o filho que ela carregava no ventre.

— Tu contas mentiras! — gritou Thomas, sem conseguir se conter. — Tinhas a intenção de matá-la desde o ataque a Sutter, quando mataste meu pai!

— Meu tio realmente matou Erec De Sutter — disse Vince, friamente. — O cavaleiro traiu o povo de Britanya, colocando em risco todos os seres humanos deste planeta.

— Já ouviste falar dos nergals, Thomas? — perguntou o arcebispo. — São seres de mundos distantes, que tentam se aproximar dos humanos há séculos. Eles oferecem possibilidades infinitas, poderes que ninguém jamais sonhou obter. Já fizeram algumas alianças com o povo de Gaia. Pois eu estive com os nergals e consegui fazer um pacto que garante vantagens para todos. Britanya só tem a lucrar com isso. O primeiro passo foi estabelecer a paz com os bárbaros.

Vince desviou o rosto, cruzando os braços.

— Tu deves conhecer os nergals e tirar tuas próprias conclusões — argumentou Hugues.

— Por que mataste meu pai?

— Ele não me deu escolha. Tentei lhe mostrar a verdade, sem sucesso. Então, ele roubou Mithrrah, que estava sob minha proteção.

As palavras do arcebispo não batiam com as visões que tivera. Hugues, sim, era um homem cruel, que agora tratava Thomas como se ele fosse apenas uma criança inocente e manipulável. Bater de frente com aquele velho poderoso não estava ajudando em nada. E ainda havia muito a descobrir.

— Meu tio não teve escolha — endossou Vince. — Ele fez o que podia por Alix e pelo primeiro filho dela. Eu estou aqui, não estou?

Thomas encarou-o, incrédulo. Lentamente, seu cérebro absorveu os traços do rosto do cavaleiro, que lembravam Erec e, ao mesmo tempo, Hannah. Era uma característica dela aquele jeito petulante e desafiador que o cavaleiro exibia.

— Este é William De Sutter, teu irmão mais velho — apresentou Hugues, como se estivesse se divertindo numa tranquila reunião familiar. — Eu o resgatei de Sutter para deixá-lo a salvo, junto ao avô.

— A-Arnon sabe de tudo? — estranhou Thomas.

— Nosso rei conhece todos os meus movimentos e me apoia...

O estômago de Thomas embrulhou de vez, enojado por participar de um momento como aquele, em que suas certezas eram minadas, e crenças profundas que nutria desde pequeno se distorciam. Hugues De Angelis envenenava-lhe o espírito ao destruir suas referências, enrolando-o numa teia em que tinha dificuldades em distinguir o falso do verdadeiro. Para piorar, Thomas não dominava toda a história sobre mundos distantes, guerras, seres estranhos e esferas voadoras. Só conseguia pensar na paz que sempre encontrava ao se refugiar no alto de uma torre.

— Deves descansar agora, Thomas — recomendou o arcebispo, gentilmente. — Amanhã conversaremos.

O rapaz deixou-se conduzir para um quarto de hóspedes. Hugues desejou-lhe boa-noite e se afastou pelo corredor, conversando com Vince. Thomas tirou o blusão e jogou-se na cama.

Agora ele era um dos convidados do arcebispo.

CAPÍTULO 9

Torneio

Uma batida na porta obrigou Thomas a se sentar. Ele não conseguira dormir durante as longas horas que se seguiram à conversa com o arcebispo e seu sobrinho, Vince. Pensamentos confusos dominavam-lhe a mente cansada. Ela pedia por respostas que o rapaz não tinha conhecimento suficiente para lhe dar. Se tivesse descoberto antes que Dines e Moriarty eram a mesma pessoa... Havia dúvidas demais. Em quem confiar? Tenorius fora um traidor, Erec também era acusado de trair seu povo. Vince, seu próprio filho, condenava-o. Thomas lembrou-se de um momento, em um dos tranSES que tivera no Monastério, quando vira Erec negociando com o criado do arcebispo a compra da perenthis Mithrrah. Aquilo lhe causara uma impressão muito desagradável.

Também questionava seus sentimentos. Odiava Vince desde que o vira, no acampamento dos andarilhos. Era estranho pensar nele como o irmão que julgava morto. “Ah, se eu pudesse conversar com Erin”, desejou Thomas. Tinha a sensação de que, se não desabafasse com alguém, iria explodir. Também gostaria de avisar a garota e o pai sobre o perigo que corriam. Eles agora se encontravam tão vulneráveis quanto ele. Suas vidas dependiam de Hugues De Angelis. A batida na porta repetiu-se.

— Quem está aí?

— O criado, senhor. Gostaria de fazer os preparativos para teu banho.

Thomas autorizou a entrada do criado que, junto com mais dois garotos, dispôs algumas peças de roupa sobre a cama e encheu de água quente a tina no aposento adjacente.

— Prefiro ficar sozinho — pediu o rapaz. Foi atendido.

A água relaxou seu corpo exausto. Há dias que não sabia o que era tomar um banho decente e ter roupas limpas. Quando terminou de se vestir, examinou a elegante túnica bege, a camisa branca por baixo dela, a calça comprida escura e o par de botas novas. Eram peças caras, usadas apenas pela nobreza. Estava colocando no bolso a pedra e a aliança quando ouviu outra batida na porta. O criado retornara, dessa vez trazendo uma bandeja com alimentos para o desjejum. O rapaz não quis tocar em nada. Em momentos de tensão, era incapaz de sentir fome.

— Estás pronto, senhor? — perguntou o criado ao constatar que o rapaz não pretendia se alimentar. — Nesse caso, debes me acompanhar.

Thomas seguiu-o até o hall, onde encontrou Arnon e Hugues. Eles pararam de conversar ao perceberem sua aproximação. O rapaz hesitou. Sentiu uma vontade enorme de fugir dali, de se refugiar em qualquer ponto distante de Britanya.

O rei estudava-o com interesse.

— Aproxima-te, garoto — pediu.

Thomas cedeu, dando alguns passos até ficar frente a frente com Arnon. Não tinha coragem de encará-lo. Sentia-se como o garoto tolo de treze anos que, na Noite dos Mortos, encontrara o avô pela primeira vez.

— Olha para mim.

O rapaz obedeceu e viu o rosto envelhecido do rei de Britanya, mas não encontrou a ironia do homem que rira dele anos antes. Havia uma emoção contida com muito esforço no jeito como Arnon o analisava.

— É como rever os olhos de Alix — murmurou, por fim.

Thomas desviou o rosto, muito trêmulo. Sonhara por tempo demais em achar sua família. Quando era pequeno e ainda vivia com os andarilhos, costumava imaginar seu pai chegando em um cavalo tão maravilhoso quanto Pégasus para resgatá-lo daquela vida dura. Apanhara demais, sofrera muito por ser o filho estranho de uma

ladra. Seu pai seria um cavaleiro corajoso, como um dos personagens do livro de capa azul. Ele gritaria para Jon e para os outros: “Este é meu filho! E o perdi há muito e agora não vou mais me separar dele!” E os dois partiriam para um reino distante, um lugar onde não existissem miséria e ignorância. Thomas sorriu, amargurado, espantando da mente os sonhos infantis.

— Houve muito sofrimento em tua vida... — disse o rei, comovido. Ele acompanhara cada detalhe do rosto atormentado do neto. — Gostaria de ter evitado essa separação, Thomas. Fiz tudo para te ter junto a mim depois que soube que Alix esperava um segundo filho. E ela poderia estar conosco, se, naquela época, eu não estivesse tão longe, nas Terras Ermas. Minha filha fugiu de quem queria apenas protegê-la. Por muitos anos nutri a esperança de encontrá-la, de revê-la outra vez. Mas, neste momento, sinto-me feliz por ver a imagem dela refletida em ti.

Arnon apoiou as mãos sobre os ombros do rapaz, como se quisesse protegê-lo. Ele era quase da altura de Thomas.

— Quero te agradecer, sr. De Angelis — disse o rei. — Primeiro, me trouxeste William. Agora é a vez de Thomas.

— É meu trabalho servir-te, majestade — disse Hugues, com uma reverência.

— Irás me acompanhar na abertura do torneio, Thomas?

— Mas... devo ir, senhor? — questionou o rapaz, indeciso. Não se achava no direito de ficar ao lado do rei de Britanya.

— És meu convidado especial.

Thomas abriu um sorriso imenso, permitindo que a felicidade o invadisse. Estava finalmente junto ao avô, junto à família que tanto desejara conhecer. E este homem não o rejeitava. Pelo contrário, parecia curioso em conhecê-lo, em recuperar os anos perdidos. O rei, sorridente, conduziu-o para a claridade daquele surpreendente dia de primavera.

Quando entraram no camarote, o povo explodiu em palmas e vivas. Thomas registrou, constrangido, os diversos olhares em sua

direção. Os nobres reconheceram o arqueiro da noite anterior e perguntavam-se o porquê de um andarilho ser alvo da atenção real. Arnon chamou-o para se sentar ao seu lado. Do outro, estava Hugues De Angelis.

Enquanto o rei pronunciava as palavras que oficializavam a abertura do torneio, obtendo o silêncio dos presentes, Thomas procurava Erin e Mark. Descobriu os dois na fileira de trás, algumas cadeiras à sua direita. A jovem interrogava-o com o olhar. Mark estava quieto, vigiando os movimentos do arcebispo. O rapaz fez um sinal discreto para que Erin se tranquilizasse. Estava bem, pelo menos por enquanto.

Assim que o soberano parou de falar, o público voltou a aplaudi-lo. Novas palmas recepcionaram os vários cavaleiros que se posicionavam em pontas opostas na imensa arena. Após a autorização real, a luta começou. Rouen De Larc foi um dos primeiros a cair do cavalo, derrubado pela lança de um cavaleiro que utilizava cores verdes e brancas. Saiu inconsciente da arena, carregado pelos pajens.

— Ele não percebe que está velho e fora de forma — comentou Arnon, sorrindo para Thomas. — Acho que é difícil para nós aceitarmos a velhice.

A atuação arrebatadora de Vince ao lançar dois cavaleiros simultaneamente ao chão fez a plateia delirar, desviando a atenção do rei. O sobrinho do arcebispo vestia uma armadura branca. Sobre o manto da mesma cor, havia o desenho de uma flor em chamas, o símbolo que Hugues adotava.

— Acabei de me lembrar onde vi esta cicatriz antes — disse Arnon para Thomas.

— Que cicatriz?

— A que tens no rosto. Tu és o matador de lupus, não?

O rapaz corou. O avô enfim se recordara da noite chuvosa em Durham.

— Por que não me disseste nada naquele dia? Por que não me contaste quem eras?

— Acho que eu não sabia como fazer isso.

— É, tens razão. Seria um pouco complicado — sorriu o homem, cúmplice.

— E como podes ter certeza de que sou realmente quem o arcebispo afirma?

— Porque ouvi a tua conversa com o sr. De Durham gravada na pedra de energia — respondeu ele, sério. Com certeza, Arnon vira apenas alguns trechos da gravação, nada que comprometesse o arcebispo no ataque a Sutter. O que o rei sabia realmente sobre a morte de Erec? — E, depois, examinei teu coração há pouco. Tu és tão transparente em tuas reações quanto tua mãe.

Thomas imaginou se o rei também assistira à declaração de amor a Erin, mas não ousou expor nenhuma das dúvidas que o preocupavam.

Savac sabia que a filha de Mark era o ponto fraco do rapaz.

...

Horas depois, tão logo o primeiro dia do torneio terminou, os nobres deixaram o camarote para se dedicar aos preparativos de outra festa que aconteceria naquela noite. Arnon chamou Mark quando passava pelo amigo.

— Já sei de tudo — disse, demonstrando sua felicidade. — Vem, preciso conversar contigo!

Mark olhou para ele sem entender nada, mas não se opôs a acompanhá-lo no trajeto até o castelo. Thomas aproximou-se de Erin. O arcebispo estava longe, trocando algumas palavras com um casal de nobres.

— O rei sabe quem sou — cochichou ele.

— Foi o que imaginei. Ontem à noite, nós te procuramos por todo o castelo. Temíamos pelo pior. Meu pai descobriu que estavas bem, instalado em um quarto protegido por guardas. Ele tentou falar com o rei, mas não conseguiu.

Os dois foram ficando para trás, enquanto os nobres passavam por eles. Um grupo barulhento de pajens apareceu de repente, isolando-os do restante dos convidados. Os jovens aproveitaram a oportunidade para se afastar dali. Thomas ansiava por liberdade, nem que isso significasse apenas alguns minutos longe da presença opressiva de Hugues.

A multidão, que agora se dissipava lentamente, acompanhara os lances emocionantes do torneio. Vários ambulantes vendiam de tudo, desde água até crucifixos. Thomas e Erin deixaram a agitação para trás, caminhando até o campo de treinamento, deserto àquela hora.

Em rápidas palavras, o rapaz contou tudo o que ocorrera nas últimas vinte e quatro horas. Erin ficou estupefata ao saber da traição de Tenorius.

— Acho que devemos procurar Moriarty e descobrir a versão dele sobre os fatos — recomendou ela. — Por enquanto, faz a vontade do arcebispo. Apenas toma cuidado com as armadilhas dele. Percebes como o homem tenta te pegar?

— Pela emoção.

— Sim. Ele notou o quanto sentes falta da atenção e do amor de uma família de verdade.

— Não sou vulnerável assim!

Erin suspirou. Os homens nunca admitiam a fragilidade da natureza humana.

— Quero dizer que é importante manter a mente alerta, Tom. Acho que já está na hora de voltarmos.

Os dois retomaram o trajeto até o castelo. Ao passarem pela arquibancada, um vulto despertou o interesse de Thomas.

— Vai na frente! — disse, ao se afastar de Erin.

O vulto era Jon, o pai de Shannon.

— Tu a traístes, não foi? O que eles te ofereceram? Dinheiro? Quanto vale minha filha? — vociferou o andarilho antes de atacá-lo com um bastão de madeira.

Thomas conseguiu evitar o golpe. Não era mais a criança indefesa que servia de saco de pancadas. Com um movimento preciso, imobilizou-o, prendendo o braço do andarilho contra as costas.

— Escuta, Jon, vou falar apenas uma vez. Não sou convidado, mas um prisioneiro. Shannon está viva e bem. Tu podes colocá-la em problemas se insistires em permanecer em York. Volta para junto de Sabina.

— Sabina foi capturada — murmurou Jon, sem fôlego.

— *O quê?*

— Os guardas do arcebispo levaram-na. E eu não pude impedi-los.

Jon relaxou o corpo, abandonando a postura agressiva. Thomas libertou-o.

— É tudo culpa tua, moleque! Se machucarem minha esposa e minha filha, eu juro que te mato!

Thomas esperou que o andarilho partisse antes de retornar para perto de Erin, que decidira não sair do lugar até vê-lo seguro. Não disse nada. Sentia-se impotente, consumido pelo ódio. Dois minutos mais tarde, encontrou Hugues De Angelis, que o aguardava com um sorriso maroto.

• • •

Logo após os exaustivos combates, Vince dirigiu-se a uma das tendas destinadas aos cavaleiros. Dois pajens ajudaram-no a se livrar da armadura. Apesar de imundo, o rapaz não quis tomar banho ali. Preferia o conforto de seu quarto, no castelo. Vestiu

roupas velhas e saiu, já imaginando o efeito tranquilizador da água morna para o corpo tenso e dolorido. Tinha pequenos cortes e hematomas, uma rotina comum após um dia de torneio.

— Ei, Vince, não queres um? — gritou Rouen ao avistá-lo. O cavaleiro ruivo, sentado em um tamborete diante de sua tenda, fumava um cigarro de palha. Pelo ar alienado, era óbvio que misturara pó amarelo ao fumo.

— Não, obrigado.

— Aposto como o titio descobriu teu segredinho, não foi? Estás com medo dele? Ora, vem! Uma tragada não te fará mal!

Vince chegou mais perto. Hugues estava certo sobre os malefícios do pó amarelo. Rouen era apenas uma lembrança desbotada do homem destemido que conhecera na infância. O vício destruíra seu organismo, como agora lhe destruíra a mente.

— Já te disse que não quero.

— Ah, garoto, estás sempre seguindo todas as vontades do titio! Como permites que ele te domine, hein? És o cavaleiro mais poderoso de Britanya, podes fazer qualquer coisa. Até roubar de mim a andarilha...

Os olhos de Rouen revelaram-se assassinos.

— Tu tiveste tua chance — disse Vince, com desprezo.

O rapaz sabia o quanto sua indiferença o provocava. Em vez de explodir em fúria, o outro cavaleiro deu uma gargalhada.

— Ela é mesmo bonita — disse Rouen quando o riso cessou. — Mas acho que tua mãe era muito mais interessante. Sabes que tive a oportunidade de conhecê-la intimamente...

Mentia, mas as palavras acertaram Vince com violência. Com um gesto rápido, ele chamou para si a espada de Rouen, que estava caída a alguns passos dele. O objeto voou para sua mão e, em segundos, a lâmina afiada tocava a garganta do cavaleiro ruivo.

— Teu tio não te proibiu de usar estas bruxarias por aí? — perguntou Rouen, exibindo os dentes num sorriso perverso. Tivera sucesso em atingir o jovem rival.

— Cortarei teu pescoço se ousares falar de minha mãe — ameaçou Vince, na voz indiferente de sempre. — E fica distante da andarilha.

— E se eu não fizer tua vontade? Pretendes acabar com a vida deste dedicado colaborador? O arcebispo me deve vários favores. Sei muito sobre ele.

— Isso não me impede de te matar. Fica preparado!

Rouen continuou sorrindo, sem abalar outra vez o autocontrole aparente do rapaz, que arremessou a espada para longe antes de se afastar. Alguns passos depois, longe o suficiente do alcance do adversário, Vince começou a tremer de ódio. O cavaleiro ruivo soubera exatamente como atingi-lo.

Ao chegar ao castelo, não subiu direto para o quarto. Foi para a cozinha, que estava em mais um momento conturbado com a proximidade do jantar. O rapaz não se abalou com a movimentação dos diversos criados. Deu uma boa olhada em tudo. Achou a mesa de doces, coberta por tipos diferentes de bolos e sobremesas. Pegou uma faca largada em um canto e usou-a para cortar um imenso pedaço de torta de limão.

— Não, meu senhor! Este prato está reservado ao banquete! — explicou, desesperada, uma das cozinheiras.

— Faz outro! — retrucou o rapaz, com a boca cheia. O doce estava simplesmente divino.

— Não há tempo, senhor. E esta é a torta preferida do rei...

— Tu não entendes? Fui proibido de fumar!

A mulher não entendeu nada. Apenas olhou-o de cima a baixo, em reprovação ao que enxergava. Vince era conhecido por sua elegância. O jovem cavaleiro parado no meio da cozinha estava imundo. O rosto e o pescoço estavam cobertos parcialmente com sangue ressecado, vindo de um dos adversários.

Sem paciência, Vince agarrou o prato com a sobremesa e levou-o para longe. Estava farto de só fazer o que as pessoas esperavam dele.

Em um dos jardins internos, sentou-se num banco. Após devorar mais dois pedaços de torta, relaxou. Livrar-se da dependência do pó amarelo fora relativamente fácil, pois contara com a ajuda do antídoto. O desafio era resistir à vontade de fumar, principalmente nas horas de muita tensão.

Custou a descobrir que não estava mais sozinho. Shannon viera atrás dele.

— Queres um pedaço? Já comi o suficiente por hoje — ofereceu ele, indicando a metade da torta que sobrara no prato.

— Não devias comer doces durante o torneio, senhor. O arcebispo disse...

— Eu sei o que ele disse, Shannon. Nada do que faço é bom o suficiente para ele.

A andarilha não comentou mais o assunto. Apenas fitou-o com seus olhos impressionantes. Ah, como era linda!

— Não queres mesmo a torta?

— Aceito, sim — disse, tímida, decidindo se servir de uma fatia pequena.

— Torta de limão é o meu doce favorito. Minha mãe sabia preparar esta receita maravilhosamente bem e...

Vince parou de falar. Era muito pequeno quando Alix morrera, mas, apesar disso, guardava lembranças marcantes dos momentos que vivera ao seu lado. Vê-la espalhar ingredientes sobre a mesa da cozinha era um deles. Sua mãe não tinha o jeito afetado e superficial da maioria das damas britãs que conhecera até agora. Era simples e espontânea, capaz de rolar na areia da praia só para fazê-lo rir. Ainda podia ouvir sua voz doce contando histórias sobre dragões e príncipes corajosos.

— Ela já morreu — disse o rapaz.

— Teu pai também?

Ao pensar em Erec, Vince fez uma careta. Levantou-se do banco, impaciente, quase pisando nas flores do jardim. Era graças àquele traidor que sua mãe morrera. Era por causa dele que não podia

assumir sua condição de neto de Arnon, nem usar seu título de nobre da região de Sutter. Vince De Angelis não passava de um nome falso para proteger o filho de Alix. O rapaz odiava Erec mais do que podia calcular.

— Também sinto falta dos meus pais — disse Shannon.

A tristeza não a abandonara. Ainda sofria bastante, apesar da vida segura que a cercava.

— Quando acabar o torneio, irei procurá-los — prometeu o rapaz. — E lhes direi que poderão entrar outra vez em York para te ver.

Shannon exibiu um sorriso divino, que espantou a melancolia para longe.

• • •

Vince odiava banquetes como aquele de que participava por obrigação. Tivera um dia cansativo. Sua ideia para um passatempo agradável nada mais era do que pegar o alaúde e trabalhar numa nova música. Um ritmo com batidas fortes dominava-lhe os pensamentos. Não via a hora de deixar aquela gente chata e barulhenta para se refugiar no quarto e rabiscar mais notas musicais na partitura que deixara sobre a cama.

Apesar de rodeado por vários nobres, sentia-se mais solitário do que o habitual. Arnon mal o notara. Dedicava-se inteiramente ao segundo neto, que ocupava um assento à sua esquerda. A atenção excessiva que o arqueiro também ganhava de Hugues deixava-o ainda mais enciumado. O garoto era o tão esperado Herdeiro. E prometia ser poderoso, muito mais do que o próprio Vince. Não conseguira voltar da morte com os braços curados?

À frente do cavaleiro, estava a intrigante Erin de Durham. Não era uma jovem bonita, parecida demais com Mark De Durham para o gosto de Vince. Lembrar-se de que aquele homem fora amigo de seu pai lhe causava uma inevitável aversão. Por outro lado, admitia que

a garota era bem diferente das outras nobres. Tinha personalidade e parecia ser muito inteligente.

As horas arrastavam-se. Nem mesmo a música que um andarilho tocava próximo ao rei distraiu Vince. Sem se dar conta, ele pegou duas colheres de madeira, usadas para a salada, e começou a reproduzir na mesa o ritmo que não lhe saía da cabeça. Estava com dificuldade para terminar um dos trechos da música. Repetiu duas vezes as batidas ritmadas, sem descobrir o que faltava. Na terceira vez, para seu espanto, a filha de Mark encontrou o ritmo certo. Também munida com duas colheres de madeira, a jovem repetiu a sequência, desta vez completa.

Vince sorriu, impressionado. Ora, uma mulher que entendia de música! Uma novidade entre nobres britãs que só pensavam em agarrar um marido.

— És uma mulher perigosa, Lady Erin. Agora entendo por que o novo convidado do rei morre de amores por ti.

Erin corou intensamente. Ao lado de Arnon, o arqueiro não perdera nenhum detalhe da conversa entre os dois. Vince não pôde evitar a satisfação de constatar que o garoto se mordia de ciúme.

— Minha cara senhora, estou muito feliz em revê-la — disse Rouen De Larc, puxando um tamborete para ficar à direita de Erin.

A presença do cavaleiro ruivo incomodou Mark, sentado na outra ponta da mesa. Thomas reservou um olhar de ódio para Rouen. Arnon, distraído, conversava com o arcebispo.

Vince espantou-se com a tranquilidade da jovem em lidar com o sujeito inconveniente.

— O sentimento não é recíproco, senhor — comentou ela.

— Ah, senhora, magoa-me o coração. Diria que estou enfeitado por tua beleza...

Rouen mantinha uma postura selvagem sobre Erin, como se devorasse cada pedaço do corpo da garota. Ele agarrou um pedaço de pão e o levou à boca. No momento em que começou a mastigá-lo, engasgou, tomado por um constrangedor acesso de tosse. Cobriu

a boca, tentando sem sucesso deter as dezenas de migalhas que cuspia para todos os lados.

Vince espiou Thomas e entendeu o que estava acontecendo. O olhar dele sobre o cavaleiro ruivo era enigmático. Erin também se virou para ele. Após alguns segundos, Thomas, satisfeito, liberou-o. No mesmo instante, Rouen parou de tossir, engolindo o pão com dificuldade. Estava mais vermelho do que nunca.

— Perdoa-me, senhora, pelo inconveniente — disse, com dificuldade para articular as palavras. — Onde estávamos?

Não ia ser fácil se livrar daquele assédio. Um jarro cheio de vinho, bem à frente de Rouen, veio bem a calhar. Vince concentrou-se no objeto, que tombou no instante seguinte. Ao sentir o vinho molhando suas roupas, o ruivo deu um pulo para trás, praguejando em voz alta.

Apenas nesse momento Arnon descobriu-o perto da mesa.

— É melhor trocares de roupa, sr. De Larc — recomendou, ríspido. A reação grosseira do cavaleiro silenciara o salão.

Quando ele, possesso, saiu, Vince voltou a olhar para Thomas, que lutava para abafar o riso. Vince adorava provocar Rouen e ver a cara enfezada que este fazia ao se dar mal. Seu irmão, pelo jeito, compartilhava da mesma ideia. Quando o garoto não aguentou mais e começou a rir, Vince seguiu-o, escondendo o rosto com as mãos. Erin, a única a perceber os truques dos jovens bruxos, não fez nenhum comentário.

• • •

Na manhã do último e mais importante dia do torneio, Oz escapou bem cedo, assim que Erin abriu a porta para sair do quarto. Vince De Angelis e Tobyas De Roths, irmão da insuportável Claire, disputariam o título de melhor cavaleiro de Britanya daquele ano. Os dois tinham chegado ao final da disputa após três dias de lutas

contra os vários cavaleiros britons, vindos da Ilha Média, das Terras Ermas, além da própria Grande Ilha.

— Ei, volta aqui! — chamou Erin.

O cachorrinho desapareceu, veloz, no corredor. Estava cada vez mais difícil deixá-lo preso no quarto. Ela temeu pela segurança dele naquele castelo cheio de gente. Thomas não a perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa.

Erin desceu a escadaria para o pavimento térreo. Iria encontrar seu pai para um rápido desjejum no salão principal. Passava por uma das alas do castelo quando escutou a voz desagradável de Rouen De Larc.

— Eu vou te pegar de volta, andarilha — ameaçava ele. — Tu me pertences!

O cavaleiro ruivo estava, com certeza, pressionando a amiga de Thomas. Era preciso fazer alguma coisa. Erin correu até os dois. Rouen encurralara Shannon contra uma parede, perto da porta de acesso ao pátio externo.

— Deixa-a em paz, sr. De Larc! — mandou Erin.

Espantado, o cavaleiro ruivo virou-se para ela. Era a chance para que a andarilha escapasse pela porta.

— Maldita filha de Mark De Durham! — gritou ele ao reparar que sua presa fugira.

Erin descobriu tarde demais o quanto fora imprudente. O cavaleiro, duas vezes maior do que ela, parara à sua frente. A jovem estava desarmada e, para piorar, usava um vestido que, com certeza, atrapalharia seus movimentos se precisasse lutar.

— Estás com medo de mim, bela senhora? — perguntou Rouen, sinistro.

— Não tenho medo de ti.

Os olhos do cavaleiro deixaram o rosto da jovem para confrontar a uma sombra que surgira atrás dela. Eles brilharam de satisfação.

— Bom dia, sr. De Angelis.

Erin sentiu medo ao pensar que o arcebispo estivesse tão perto. O sentimento dissipou-se ao ouvir a voz rouca de Vince.

— Algum problema, senhora? — perguntou ele.

Vince não olhava para ela. Elegantemente vestido em sua túnica branca, vigiava o outro homem.

— Estávamos apenas conversando, meu amigo. Esta jovem é muito gentil — justificou o cavaleiro ruivo ao passar por Erin e, a seguir, por Vince.

Ao se ver atrás do jovem cavaleiro, Rouen, num movimento inesperado, golpeou-o com truculência na altura dos rins. Vince gemeu, caindo de joelhos.

— Tu não prestaste atenção aos meus ensinamentos, escudeiro? — zombou Rouen. — Nunca fiques de costas para um adversário.

E desapareceu em segundos. Erin amparou Vince. Havia sangue em sua túnica.

— Ele tinha uma faca ou alguma coisa cortante?

— Um cortador — murmurou o rapaz.

— Um o quê?

— Uma sequência de anéis cortantes... Uma arma-surpresa para os descuidados.

— Não podes mais participar do torneio. Devemos avisar o rei e...

— Não te preocupes, senhora — dispensou ele ao se erguer com dificuldade. — Estou bem.

— Estás ferido, isso sim!

— Todos nós temos responsabilidades a cumprir. E eu fui criado para lutar.

Cambaleante, Vince dirigiu-se à porta para desaparecer no pátio. Erin não o impediu.

• • •

No camarote, Thomas ocupou mais uma vez a confortável cadeira ao lado do rei. A companhia do avô fazia-lhe bem e mostrava-lhe fatos que desconhecia. Arnon falava muito de Alix, de como fora uma criança inteligente, mais do que a maioria dos homens que conhecera. Ela devorava os livros da biblioteca real, apesar da proibição do pai. Por esse interesse pelos estudos, Arnon fora obrigado a expandir a educação que deveria dar a uma jovem britã. Além de receber instruções sobre afazeres domésticos, que incluíam orientações diversas como costura e culinária, Alix assistira às aulas de um padre designado para ministrar temas que normalmente se ministrava aos meninos, como matemática e ciências.

— Ela foi meu tesouro mais precioso, Thomas — dissera-lhe o rei.
— A única filha que minha adorada esposa Julia me deu.

O rapaz também descobrira que Arnon conhecia Moriarty.

— Ele tem liberdade para permanecer em Britanya. Afinal, é um abade responsável e faz seu trabalho com competência. Divergimos sobre a questão dos nergals, mas eu o respeito desde que não se intrometa nos meus assuntos. Cumpro uma promessa ao não expulsá-lo de meu reino.

— Uma promessa feita a quem? — perguntara Thomas, intrigado.

— À Senhora De Sutter.

— Hannah?

— Sim, foi ela mesma quem indicou Dines para o cargo no Monastério. E eu sempre respeitei suas sugestões.

— Tu a conheceste, então?

— Uma mulher linda, profunda conhecedora dos mistérios da cura e das ervas. Não me perguntes mais, está bem? Este assunto leva a outros e não quero me recordar dessa parte do passado.

O terceiro dia do torneio amanhecera quente. Quando Vince De Angelis e Tobyas De Roths entraram na arena com seus cavalos de raça, a multidão vibrou. Os cavaleiros posicionaram-se, cada um segurando sua lança, em cantos opostos do terreno. A um sinal do

rei, eles se defrontaram. O choque das lanças foi brutal, derrubando os dois cavaleiros da sela.

Tobyras colocou-se agilmente em pé, correndo para atacar Vince com a espada. O sobrinho do arcebispo teve dificuldade de se levantar. O público gritou para avisá-lo do ataque iminente.

Thomas procurou por Erin. Ela ocupava o mesmo lugar do primeiro dia, com Mark ao lado. O rapaz estranhou sua ansiedade. Ela apertava as mãos, nervosa. Thomas voltou a acompanhar a luta, enciumado. Erin demonstrava preocupação demais com o sobrinho do arcebispo. E eles estavam a cada jantar mais próximos...

Arnon retesou-se na cadeira no momento em que Tobyras golpeou seu oponente com a espada diretamente nas costas, na altura dos rins. Vince, que mal se equilibrava, errara ao tentar atingi-lo. O povo fez silêncio ao ver seu cavaleiro preferido tombando indefeso para frente. Tobyras parou, ofegante, mas Vince não se deu por vencido.

Outra vez em pé, mirou a espada na direção das pernas de Tobyras, que, no entanto, foi mais rápido, desviando-se para o lado enquanto o golpeava novamente. Vince tombou de joelhos, vulnerável. O público gritou pela segunda vez. Então, Tobyras fez um movimento que pareceu estranho para Thomas. O cavaleiro deu a volta para atingir o sobrinho do arcebispo na altura dos rins, no mesmo lugar que o atacara antes. "Por que dar uma volta tão demorada para usar a espada somente em um ponto específico?" Tobyras parecia saber algo que o restante do público desconhecia. Hugues De Angelis, próximo ao rei, respirava com dificuldade. Havia ódio e frustração em seu olhar escuro.

Os golpes acertaram Vince com mais violência ainda. Caído de bruços, ele não se movia mais. Nervoso, Arnon ordenou que o torneio fosse encerrado. Britanya tinha um novo vencedor.

• • •

Vince foi retirado da arena por seus pajens, que o carregaram para a tenda. O ferimento doía bastante. Os pajens colocaram-no sentado sobre a cama e retiraram cada pedaço da armadura. Deixaram escapar exclamações de horror ao descobrir o ferimento medonho nas costas do rapaz. A carne estava cortada, derramando uma grande quantidade de sangue.

— Não é possível que o sr. De Roths tenha te atingido desta maneira, senhor — deduziu um dos pajens. — Tua armadura te protegeria de um corte assim.

— O senhor já estava ferido antes do combate? — quis confirmar outro. — Por isso não nos deixou colocar sua cota de malha.

— Devemos chamar o arcebispo.

— Eu estou bem... — interveio Vince, lutando contra a vontade de desmaiar. — Não é preciso chamá-lo.

— Mas, senhor...

— Cobre o ferimento. Eu mesmo falo com meu tio.

Os pajens seguiram as ordens e enfaixaram as costas de Vince com um tecido grosso. Eles o ajudavam a vestir uma túnica rústica, de algodão, na hora em que Hugues entrou na tenda. O humor do arcebispo não podia ser pior.

— Nosso rei me pediu para vir saber notícias tuas — disse, entre dentes, após ordenar a saída dos pajens. — Que desculpas pretendes dar a ele? Sabias muito bem que Arnon só esperava tua vitória no torneio para anunciar a todos que serás seu herdeiro.

Não adiantava argumentar com o tio. O rapaz falhara, decepcionara-o profundamente.

— Foste preparado durante tua vida inteira para este momento. E falhaste! Por quê? Pois eu te respondo. Porque foste negligente. Abusaste do pó amarelo quando te proibi de chegar perto dele. Encheste teu pulmão com a fumaça daquele cigarro, minando tua resistência física. E, claro, não treinaste o suficiente. Porque só pensas em música! Teu coração nunca está nos treinos, nunca se

envolve nos detalhes que diferenciam um cavaleiro de um verdadeiro campeão.

Hugues parou de despejar as broncas, num esforço monumental para não espancá-lo. Seu rosto concentrava um ódio aterrorizante. Nunca, em toda a sua vida, levantara a mão para agredi-lo fisicamente.

— És um fraco igual a teu pai — murmurou ao se virar de costas para o rapaz. Antes de sair da tenda, acrescentou: — Direi aos teus pajens para te deixarem em paz. Precisas de tempo para refletir sobre os motivos que te levaram à derrota.

Ao se ver sozinho, Vince conseguiu sair da cama. Pensou em chegar até seu quarto e, lá, finalmente, descansar. Mas o ferimento lhe sugava as forças e fazia uma pressão insuportável. O rapaz deu um passo e caiu, gritando de dor.

...

— Ainda não consigo entender teu interesse em me trazer até aqui — cochichou Thomas, contendo a muito custo a raiva.

— Já te disse que teu irmão está ferido — argumentou Erin, também em voz baixa. — Por isso ele perdeu o torneio. E o irmão daquela sonsa da minha madrastra sabia muito bem onde acertá-lo. Aposto como o sr. De Larc planejou isso para se vingar do ex-escudeiro. E claro que o sr. De Roths aceitou uma vantagenzinha...

— Tu já me contaste a história toda — retrucou o rapaz. — Só não entendo por que estás tão preocupada com o sobrinho do arcebispo.

— Queres dizer: preocupada com teu irmão!

— Quero dizer isso mesmo: preocupada com o sobrinho do arcebispo!

— Falando no diabo...

Os jovens prenderam a respiração ao descobrir que Hugues vinha em sua direção. Esgueirando-se entre as tendas dos cavaleiros, esconderam-se atrás de uma delas. Por sorte, o arcebispo não os viu.

— Vince está ferido e precisa da tua ajuda — insistiu Erin assim que o homem sumiu de vista.

— Agora não é mais sr. De Angelis? É apenas Vince? Muito íntimo, não?

— Thomas...

— E eu não sou mais Tom? Essa é boa!

— Eu não...

— Os dois divertiram-se bastante nos últimos jantares? Anteontem, ficaram brincando com colheres de madeira. Ontem, passaram o tempo todo conversando. O que tanto vós cochicháveis?

— Nós não cochichávamos! Só trocamos ideias sobre música. Sabes que gosto do assunto.

— Uma noite inteira apenas falando sobre música?!

Inesperadamente, Erin sorriu e, antes que Thomas pudesse reagir, beijou-o com paixão. O rapaz tentou resistir à atração, sem êxito. Quando seus lábios se afastaram, ela sorriu de novo.

— É a ti que eu amo — disse, acariciando-lhe o rosto com ternura.

Thomas relaxou, apesar da ameaça que o sobrinho do arcebispo representava. Não queria perder alguém que realmente adorava para um bonitão qualquer. O pior é que Vince impressionara o rapaz com sua coragem durante o torneio. Tirando o péssimo desempenho do último dia, o cavaleiro era simplesmente o melhor. E, para completar, era inteligente, culto, refinado e irresistível para as mulheres. E adorava música, justamente um assunto em que Thomas era um completo ignorante.

— Nenhum pajem foi para a tenda — observou Erin, segurando o rapaz pela manga do blusão. — Acho que podemos ir até lá, só para dar uma espiada...

— E o que vamos dizer para Vince? “Olá, muito interessante tua luta de hoje. Que pena que saíste perdedor!”

Erin arrastou-o até a tenda. No fundo, o rapaz sabia que a jovem estava certa. Ao entrar, ele fechou os olhos por um instante. Acabara de sair da intensa luz do dia, direto para a obscuridade do lugar. O ambiente era simples e não lembrava em nada o luxo que vira havia anos na tenda de Rouen De Larc. Erin cutucou-o, apontando para o chão. Vince estava caído sobre um tapete.

— E-Ele está morto? — disse a jovem.

Preocupado, Thomas foi examiná-lo.

— Está morrendo.

Ao contrário do que imaginava, a morte iminente do cavaleiro não lhe trouxe qualquer alívio. O filho mais velho de Erec e Alix estava ali, precisando de sua ajuda. Alguém do seu próprio sangue, um quase desconhecido a quem temia se afeiçoar. Seu irmão.

— Podes ajudá-lo? — perguntou Erin.

O rapaz procurou algum objeto que pudesse aguentar a energia que pretendia transferir. Reparou na lâmina da espada do cavaleiro, deixada sobre um baú.

— Vou precisar da espada.

Erin trouxe a arma até ele. Thomas depositou-a sobre o tapete, junto a Vince. Num movimento lento, apoiou a mão direita sobre o ombro do irmão e, com a outra, tocou a lâmina.

Fechou os olhos. Seu tempo era curto, Vince estava partindo. Estremeceu. A dor veio a seguir, insuportável e assustadoramente mortal, mas Thomas já vira a morte muitas vezes para temê-la. Então, chegou a pior parte, que ele ainda não dominava por completo. A mão esquerda pressionou a superfície da lâmina. Era o momento de liberar aquela energia que não lhe pertencia. Uma onda gelada atravessou-lhe o corpo e rumou para a espada. Os dedos aqueceram-se em contato com o objeto. Após alguns segundos, a temperatura de seu corpo voltou ao normal. Tivera sucesso.

Thomas abriu os olhos, bastante tonto. A velha sensação de enjoo lhe dizia que seu corpo se enfraquecera durante o processo. Erin veio por trás para abraçá-lo.

— Como estás?

— Só me sinto zozzo...

Ela o ajudou a se levantar. Thomas encheu os pulmões de ar, recuperando o controle aos poucos. O enjoo também passou, deixando no lugar uma fome voraz. Quando fora a última vez que colocara algum alimento na boca?

Vince espreguiçou-se, como se despertasse de um sonho. Ergueu as pálpebras e espantou-se com a presença dos jovens. Sem pressa, sentou-se sobre o tapete e massageou as costas. Neste instante, as recordações da última hora vieram-lhe à mente. Ele arregalou os olhos, perplexo. Olhou para Thomas e depois para a espada. A lâmina estava horrivelmente distorcida.

Antes de ser obrigado a responder a perguntas constrangedoras, Thomas deu um puxão em Erin e empurrou-a o mais rápido possível para fora da tenda.

Nunca mais desejava encontrar aquele rapaz insuportável.

• • •

Thomas almoçou sozinho no quarto. Hugues deixava-o em relativa liberdade para escolher o que fazer, pois se sentia seguro quanto a ele. O rapaz não fugiria enquanto tantas pessoas queridas estivessem ao alcance de seu poder. Havia Erin, Mark, Shannon e, agora, Sabina. O homem também sabia que Thomas se apegara muito ao avô. Qualquer tentativa de não seguir as ordens de Hugues significava decepcionar Arnon, que confiava a vida e o reino ao conselheiro. O rapaz perguntava-se o porquê do rei depender tanto do velho bruxo.

No final da tarde, antes de escurecer, saiu do quarto e foi pegar uma fruta na cozinha. Começava a sentir fome outra vez. Não esperava encontrar o tumulto que tomava conta do local. Toda aquela agitação de pratos, panelas, criados e cozinheiras, na verdade, era absolutamente normal para o último grande jantar do torneio.

Thomas pegou uma maçã e ia dar meia-volta quando Vince o chamou, parado perto da mesa de doces. O arqueiro bufou, aborrecido. Não pretendia conversar com ele.

— Não preferes um pedaço de torta? — perguntou o cavaleiro, num tom simpático que o irritou.

A aparência de Vince era a melhor possível. O rosto estava corado, sem qualquer escoriação que lembrasse o envolvimento com os combates dos últimos três dias.

— Esta torta é de limão — insistiu, com uma piscadela para uma das cozinheiras. — Hoje prepararam duas, com medo de que eu roubasse a sobremesa preferida do rei.

— Não gosto muito de doces — recusou Thomas, indo para a porta.

— Alix preparava esta receita melhor do que ninguém...

Thomas deteve o passo, sem se voltar para o irmão.

— Vem comigo. Quero te mostrar uma coisa — convidou Vince.

Os dois deixaram a cozinha e cruzaram em silêncio alguns corredores antes de invadir um pequeno jardim fechado por um portão de metal. Havia tipos diferentes de flores, dispostas ao redor, o que formava um arranjo harmonioso.

— Ela adorava flores — murmurou Vince antes de indicar um quadro.

Thomas sentiu um nó na garganta. Alix, a garotinha que vira refletida no vidro da janela havia anos no Monastério, estava retratada naquela pintura. O mesmo ar alegre e descontraído, uma criança esperta que ainda não temia o mundo.

— O rei me deu este quadro quando fiz dez anos, em outubro de 828. Desde então...

— Que dia? — interrompeu Thomas.

— Que dia o quê?

— Qual o dia do teu aniversário?

— Dezesseis de outubro. Por quê?

— Por nada.

Vince retomou o pensamento.

— Desde 828 eu mantenho este espaço para ela. Tentei me lembrar das flores que nossa mãe gostava, mas só consegui pensar em flores do campo. Ela as usava nos cabelos.

— Tens muitas recordações dela?

— Algumas.

— Eu não a conheci — disse Thomas, emocionado, mais uma vez admirando o quadro. — Só a vi nos transe que tive. Esta história tu já deves saber, não? Conte para Mark De Durham. Viste a gravação?

— Claro. E desejei também *viajar* no tempo, saber mais sobre Alix...

— Não contei em detalhes o que assisti em Sutter, durante o ataque.

— Isto eu não quero saber.

— Eu quis poupar Mark de descobrir como a morte de Erec foi dolorosa. Poupá-lo de saber até onde vai a maldade de Hugues De Angelis.

— Chega — disse o irmão em sua aparente calma.

— Cresceste acreditando em mentiras.

— Eu te mandei parar.

Aquele jeito impassível de Vince era realmente irritante. Ele nunca alterava a voz nem perdia o controle?

— Quando quiseres enxergar a verdade, me procura — resmungou Thomas ao deixar o pequeno jardim para trás.

Onde estaria Hugues De Angelis? Thomas não sentiu a presença do arcebispo por perto. Era a chance que esperava para ir ao

calabouço, onde tinha certeza de que encontraria Sabina. Conseguiu passar despercebido por um grupo de guardas, que jogava dados no chão. Avançou com cautela, sem fazer barulho.

— Sabina? — sussurrou.

— Thomas, estou aqui! — respondeu a andarilha, atrás da porta da cela mais próxima.

— Estás bem?

— Sim. E Shannon?

— Tua filha está em segurança. Vince De Angelis a protege.

— E ela sabe que estou aqui?

— Acho que não. Ainda não pude conversar com ela.

— Não digas nada. Não quero preocupá-la.

Thomas não sabia mais o que falar. Era por sua culpa que Sabina estava presa, sofrendo por ser inocente.

— Filho, perdoa-me! — disse ela. — Fui obrigada a contar tudo sobre tua vida para aquele homem odioso.

— O arcebispo?

— Sim. E ele me fez perguntas sobre o dia do teu nascimento e sobre tua mãe... Oh, Deus, acabei revelando todo o segredo!

— Ele já sabia de tudo, mãe. Só te usou para confirmar as informações que recebeu antes. Eu é que te peço perdão. A culpa é minha.

— Não te culpes.

O som de passos alertou Thomas. Era preciso sair dali.

— Escuta, Sabina, eu voltarei. Juro que vou te colocar em segurança.

Ele deixou rapidamente o calabouço. Usou o mesmo truque em que pensara na outra vez, pendurando-se no teto para que os guardas não o descobrissem. A seguir, passou como um raio entre os homens que discutiam uma jogada duvidosa de dados. Em minutos, já estava na escadaria, perto do quarto que ocupava. Uma discussão próxima demais fez com que reduzisse a velocidade.

— Já te falei que detesto banquetes! Não irei participar deste! — gritou Vince.

Thomas pisou no último degrau e parou para acompanhar a cena. Ainda não vira Vince alterado daquela maneira. Hugues, que estava de costas para a escadaria, não o notou.

— É tua obrigação! — explodiu ele.

— Não é mais! Agora tu tens um novo brinquedo. Diz a ele o que fazer. Eu já estou farto!

— Vince, eu te proíbo...

— O que mais irás me proibir? Tudo o que eu faço está errado, não é mesmo?

— Afinal, descobriste o que te levou à derrota? — perguntou Hugues, sarcástico. — Aliás, o que dirás ao nosso rei? Nem podes inventar que estiveste doente. Tua aparência é ótima.

— Não pretendo dizer nada.

— Vince, o que está acontecendo contigo? Nunca te vi tão nervoso assim. Sei que a derrota no torneio te afetou, mas...

— Achas que é por causa de um torneio estúpido?

— Não fales assim — ameaçou o outro homem.

— Se não o quê? Vais me matar como fizeste com Erec De Sutter?

— Já te expliquei essa história...

— Parece que existem versões diferentes para o fato — disse Vince, indicando Thomas.

Surpreso, Hugues virou-se para ele.

— Quanto a mim, só desejo muita diversão — disse o cavaleiro antes de tomar a direção oposta.

O arcebispo passou por Thomas, sem olhá-lo, para descer as escadas. O rapaz encostou-se à parede, subitamente amedrontado. Sentira um ódio quase palpável dirigido a ele.

Um pouco tonto, teve dificuldade em chegar até seu quarto. Após entrar, fechou a porta e escorregou para o chão, onde sentou-se. Seus dedos buscaram a pedra que, junto à aliança, voltara a

pendurar no pescoço. Os objetos estavam seguros por um cordão de couro, pois a corrente que pertencera a Jane fora quebrada por Mark.

A pedra ardia em sua mão. Thomas cerrou os olhos, desejando controlar a ansiedade. Hannah ensinara-lhe a não impedir as visões. E essa veio tão intensa e dolorosa quanto as outras.

Várias ruínas surgiram, uma profusão de edifícios destruídos e abandonados, semelhantes aos que eram erguidos na Era da Tecnologia. Thomas caminhava entre eles, tentando descobrir que cidade fora aquela. Teve a sensação de andar por muitas horas até avistar uma ilha. Sobre ela havia partes de uma estátua gigantesca. Onde vira aquele monumento antes? Com certeza, em algum livro. O rapaz pensou em Menethrrah, uma das perenthis mencionada por Hugues. Subitamente, luzes assustadoras atingiram-no, o que lhe provocou uma dor alucinante.

Thomas despertou, ofegante. A pedra opaca brilhava, quase queimando-o. Ele a escondeu sob a roupa. Não entendia sua relação com aquelas esferas. E havia a história maluca de um tal Gotihan, uma lenda que o arcebispo acreditava firmemente ser verdadeira.

— Mithrrah... — chamou, baixinho.

Para seu espanto, a esfera surgiu flutuando diante de seu rosto. Ela brilhou de forma intensa até desaparecer, o que causou no rapaz uma estranha sensação de força que percorreu todo o seu corpo em milésimos de segundos.

Três batidas seguidas na porta obrigaram-no a se erguer.

— Quem és?

— O criado, senhor. O arcebispo deseja vê-lo imediatamente no alto da torre leste.

■ ■ ■

Os primeiros pingos de uma chuva fraca encontraram Thomas na torre mais alta do castelo. Ele foi até o arcebispo, que o aguardava próximo ao baixo muro de pedra. Estavam a sós.

— O que disseste a Vince? — perguntou Hugues, com sua voz agradável. Os olhos, no entanto, traíam sua ira.

— A verdade.

— A única verdade que existe é a minha, Thomas. Já devias saber disso.

O arcebispo desviou o rosto para baixo. Thomas olhou na mesma direção. Sobre a plataforma de uma das torres mais baixas, um guarda conduzia um prisioneiro. Na verdade, uma prisioneira. Um frio mortal atingiu o rapaz. Era Sabina.

— Quando entenderás que somos superiores? Que merecemos este mundo por nossa força e inteligência? — disse Hugues, ainda contemplando a cena. — Os seres inferiores são úteis apenas quando há interesse em seus serviços. Caso contrário, podem ser dispensados.

O guarda forçou Sabina a se ajoelhar. Deu dois passos para trás, puxando a espada da bainha.

— Não a mates, senhor, eu te imploro — pediu Thomas, apavorado.

— Implorar? O Herdeiro não deve implorar por nada. Nem tampouco preocupar-se com estas criaturas. Não entendes, Gotihan? Tu retornaste para algo maior, uma glória inimaginável para as limitadas mentes humanas.

— Deves poupá-la, senhor! A andarilha não tem nada a ver com o que eu disse a Vince...

— E o que disseste a ele?

— Apenas que tu mataste Erec — explicou o rapaz, engolindo o orgulho. — Nada que teu sobrinho já não soubesse, não é mesmo?

— Tu semeaste a desconfiança em seu espírito. Isso eu não posso permitir. É preciso que entendas de uma vez a quem pertence

este mundo insignificante, mantido vivo apenas por que os nergals esperam por ti há anos.

O guarda mantinha-se à espera da ordem do arcebispo, que assentiu com um movimento de cabeça. O homem ergueu a espada, preparando-se para decapitar Sabina. Thomas foi tomado pelo terror.

Sua mente não acompanhou o que aconteceu. No mesmo segundo, ele segurava com firmeza o pulso do guarda que, ao descobrir o rapaz de repente entre ele e a andarilha, deu um grito e, largando a espada, desvencilhou-se para fugir correndo. Thomas viu a si próprio, imóvel, ao lado de um estupefato arcebispo. Quando piscou, sua consciência estava novamente na torre leste. Não podia explicar como fizera aquilo.

A chuva caía com mais intensidade. Alguns raios nasciam no horizonte.

— Como fizeste isso? — disse Hugues, dando alguns passos para trás.

Seguindo a intuição, o rapaz abriu os braços para se conectar à força da natureza ao redor. Ele não pensava, apenas agia, guiado pela fúria que o controlava. Um raio riscou o céu escuro. O rapaz captou sua energia e canalizou-a contra o arcebispo. O impacto tremendo que o atingiu arremessou Thomas para longe.

A torre leste foi invadida pelas chamas.

CAPÍTULO 10

Incêndio

Antes de encontrar Mark para o último jantar do Torneio da Primavera, Erin resolveu procurar por Oz. Não o via desde a manhã. Já estava quase desistindo quando um grupo de guardas passou correndo por ela. E depois outro se dirigindo na mesma direção. Curiosa, Erin seguiu-os até um dos corredores, onde trombou com o pai.

— Proteja-te! — gritou ele ao segurá-la pelos ombros. — A torre leste está em chamas e o incêndio pode se alastrar para outras partes do castelo...

— Hum?!

— Vou lá agora para ajudar.

Ele sumiu, sem lhe dar mais explicações. Erin ficou parada por alguns segundos, decidindo o que fazer. Claro que ela também precisava fazer alguma coisa para ajudar! Não era mais criança.

A jovem quase tropeçou na barra de seu vestido ao correr atrás do pai. Não foi muito longe. Alguém a puxou violentamente pelos cabelos e a jogou contra a parede mais próxima.

— Podes gritar, se quiseres — disse Rouen De Larc, com a cara assassina de sempre. As pupilas estavam fora de foco. — Todos estão apavorados demais, pensando apenas em salvar a própria pele. Ninguém te dará atenção.

Com uma das mãos, o cavaleiro ruivo prendeu-a pelo pescoço. A outra mão deslizou pelo corpo feminino, uma atitude asquerosa que provocou nojo em Erin. Sua mente examinou a situação com rapidez. Ele apertava seu pescoço, sem, no entanto, querer sufocá-la. Erin apenas relaxou.

— Também gostas? Isto é interessante... — murmurou Rouen.

Num gesto preciso, o joelho da jovem acertou-lhe com força a virilha. Ele berrou, largando-a no mesmo instante. Erin derrubou-o sobre o piso de pedra e tentou correr, mas o vestido comprido atrapalhou-a de novo. Rouen aproveitou para agarrá-la pelo pé, jogando-a no chão. Suas mãos grosseiras arrastaram-na pelas pernas, apesar de a jovem chutá-lo com o pé livre para escapar.

O latido de Oz chamou a atenção dos dois. O cachorrinho pulou, voando por cima de Erin, e abocanhou o nariz de Rouen, que gritou de dor mais uma vez, soltando sua presa. Erin levantou-se, pegou Oz no colo e, mirando o rosto do homem, atingiu-o com um pontapé.

Fugiu pelo corredor. Ao longe, ouvia os gritos das pessoas em pânico. Talvez o incêndio tivesse deixado a torre leste para destruir tudo ao seu alcance.

Sem conhecer direito aquela ala, a jovem acabou entrando em um local sem saída. Ia retornar, mas seu caminho foi fechado pelo imenso cavaleiro ruivo. Oz rosnou para ele. O homem riu com prazer, enquanto tirava a espada da cintura. Seu nariz estava sangrando.

• • •

Uma jovem sedutora contornou a mesa para se sentar no colo de Vince. Ela o beijou, escorregando as mãos pelos cabelos soltos do rapaz que a prendeu pela cintura, sem querer pensar em nada. O vinho deixava sua mente lenta e tranquila. Uma mulher bonita fazia suas vontades. O que mais um cavaleiro poderia desejar?

O ambiente da taberna era acolhedor. Havia muitas pessoas no local àquela hora da noite, bebendo e rindo alto. A cidade estava cheia de visitantes, o que deixava os comerciantes com um sorriso de orelha a orelha.

Vince ainda beijava ardentemente a jovem na hora em que um homem entrou esbaforido na taberna.

— O castelo está em chamas! — avisou, de modo dramático.

Um tumulto seguiu-se, com várias pessoas lutando para sair ao mesmo tempo do local. Vince soltou a jovem e levantou-se, demorando a entender o que acontecia.

...

Rouen avançou com a espada, mas Erin pulou sobre o braço dele, agarrando-lhe o pulso para torcê-lo sem dó. Empurrou-o para poder passar.

— Senhora, há um guarda do rei logo adiante! — avisou Shannon, que apareceu no meio do caminho. Ela vira a perseguição conduzida pelo sr. De Larc.

Erin correu para o calabouço, a direção que Shannon lhe mostrava, sem se esquecer de puxá-la pela mão. O cavaleiro ruivo vinha furioso atrás delas.

...

Os dedos de Thomas doíam, assim como seu corpo. Esse era o menor dos seus problemas. O impacto do raio sobre Hugues De Angelis jogara-o para fora da torre. Por sorte, o rapaz agarrara-se à beirada do muro, mas deslizara vários metros devido à superfície molhada e escorregadia. Um novo raio estalou atrás dele e estremeceu a torre. Thomas escorregou mais alguns metros antes de se prender outra vez às pedras. Com muita dificuldade, avistou o ponto onde Sabina estava, agora bem mais próximo. Abandonada pelo guarda na plataforma, ela assistia, aflita, a cada movimento do rapaz.

Acima de sua cabeça, Thomas podia ver as chamas que devoravam a torre. Era estranho que o fogo crescesse imbatível,

apesar da água que despencava do céu. De repente, a compreensão estalou na mente do rapaz. *Ele controlava aquele fogo!* Utilizara o mesmo poder que Hugues invocara contra ele no estábulo.

Mesmo com o barulho da tempestade, escutou os gritos desesperados que chegavam até ele. O incêndio iria destruir tudo, matar pessoas inocentes... Thomas tentou se lembrar de como provocara aquilo. No mesmo segundo, a chuva ganhou ainda mais força, o que o desequilibrou pela terceira vez.

As chamas voltaram ao seu campo de visão enquanto ele despencava direto para a escuridão.

...

— Guarda, tu tens de nos ajudar! — convocou Erin ao pegar pelo cotovelo o homem que achara de vigia no calabouço.

Ele se espantou com a urgência da jovem nobre e da criada. E não escondeu o pânico ao avistar Rouen De Larc.

— Estás dispensado, guarda! — ameaçou ele, girando a espada no ar. — Eu resolvo isso.

Ninguém teria coragem de desobedecer a uma ordem do cavaleiro, apesar de sua decadência moral ser visível a todos. O guarda não pensou duas vezes. Antes que ele escapasse, Erin tomou-lhe a espada e ergueu-a contra o cavaleiro ruivo que se plantou diante dela. Oz voltou a latir e arreganhou os dentes.

— E então? Vamos descobrir o que teu pai te ensinou? — provocou Rouen.

Quando as espadas se chocaram, o cachorrinho pulou do colo da jovem e avançou para morder a perna do homem. Sem que ela pudesse impedir, Rouen chutou-o contra uma parede. Quando tocou

o chão, o animal não se mexia mais. Erin gritou, possessa, antes de atacar o cavaleiro.

...

A queda de Thomas terminou em cima de uma pilha de feno encharcado, no pátio. Ele rolou para a lama até perder velocidade. Quando finalmente conseguiu se sustentar sobre as pernas, viu que o fogo consumia uma grande parte da ala leste em sua expansão desenfreada. Thomas concentrou-se, buscando uma nova conexão com a natureza. Ela não fluiu de modo fácil, mas com intensidade suficiente para deter as chamas. Quando voltou novamente a si, viu as últimas labaredas se extinguindo. O perigo se fora.

Ao redor de Thomas, não havia ninguém. A confusão ocorria no outro lado do castelo, onde se concentravam pessoas em fuga e voluntários que tinham trabalhado para combater o fogo.

Sabina desceu apressada a escada externa que desembocava no pátio e voou para abraçar Thomas.

— Estás ferido! — constatou ela após checar-lhe o rosto e as mãos ensanguentadas.

— Não é nada grave.

Era melhor deixar Sabina em algum lugar seguro. Os dois entraram na edificação e cruzaram com vários rostos desconhecidos. Ao contrário do alívio que esperava encontrar, Thomas continuava a sentir medo. Não tinha certeza de que matara Hugues De Angelis com a energia do raio. De qualquer forma, afastara o perigo que pairava sobre a cabeça das pessoas que amava.

Ele ia para a cozinha, à procura de Shannon. Nem precisou ir tão longe. A andarilha veio apavorada até eles.

— Tens de ajudar Lady Erin!

— Onde ela está?

— Lutando com o sr. De Larc, no calabouço... Deves correr, Thomas, ele vai matá-la!

Apesar da vontade de sair correndo atrás de Erin, o rapaz procurou manter o lado racional no controle da situação. Não pretendia desperdiçar a oportunidade de salvar sua família.

— Sei que não queres partir, Shannon, mas é necessário — orientou ele. — O arcebispo sumiu e, quando voltar, se vingará de mim através de ti e de Sabina. Deves procurar teu pai imediatamente e deixar tua mãe em segurança.

Shannon abaixou a cabeça, concordando com ele.

— Se tiveres problemas, procura o sr. De Durham.

— Há algo que preciso te contar... — começou a jovem, mas ele não a ouviu. Disparara feito louco, direto para a área do calabouço.

Thomas temia pelo pior. Agradeceu aos céus no minuto em que ouviu o som metálico provocado pelo choque de espadas, o sinal de que Erin ainda estava viva. Logo adiante, Rouen golpeava violentamente a espada que Erin, quase de joelhos, segurava de modo corajoso. A pressão era insuportável para ela.

Rápido, Thomas pegou um dos archotes e avançou contra o cavaleiro ruivo, que se assustou com as chamas a milímetros do nariz mordido por Oz.

— Deixa-a em paz! — mandou Thomas, ofegante.

Rouen afastou-se, encurralado entre a junção de duas paredes. Erin se pôs em pé, exausta demais para agradecer e muito preocupada com o cachorro, caído a dois metros de onde estavam.

Como um animal encurralado, capaz de atos extremos, o cavaleiro ruivo apenas acompanhou com o olhar o movimento da jovem que corria para ajudar Oz. Thomas não percebeu o perigo. Seus sentidos ainda estavam embotados por tudo o que acabara de passar.

Com um golpe inesperado, Rouen atacou Thomas com a espada, arrancando-lhe o archote das mãos. As chamas voaram na direção de Erin, que se jogou ao chão para evitá-las. Thomas pulou para

trás, mas não a tempo de impedir que a lâmina produzisse um corte superficial em seu peito. O cavaleiro, então, preparou um novo golpe. Não pretendia errar dessa vez.

A espada de Erin evitou o pior. Foi enterrada na lateral do corpo de Rouen para obrigá-lo a recuar.

— Deus, o que fiz? — murmurou a jovem, sem cor alguma no rosto.

Rouen De Larc tocou o ferimento, fitou-a sem acreditar no que acontecera e então tombou morto.

Erin largou a espada e virou-se para Thomas, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu o matei! — disse, soluçando. — Tirar a vida de alguém é horrível...

— Ele tiraria a minha vida e depois a tua se tu não o tivesses matado — consolou Thomas, abraçando-a com ternura.

Oz choramingou ao recuperar a consciência. Esticava o pescoço, carente, pedindo o colo que Thomas ofereceu para examiná-lo.

— Nosso amigo está ótimo — garantiu, aliviado.

— O que aconteceu contigo? Estás ferido.

— Acho que matei o arcebispo.

— E como fizeste isto?

— É uma longa história, não dá tempo para te contar. Vou procurar Pégasus e partir agora mesmo para o Monastério.

— Irei contigo.

— Não, é arriscado.

— Arriscado? — repetiu Erin, trêmula. — Não achas mais arriscado se eu ficar aqui? O que achas que o rei fará comigo quando souber que matei um dos seus cavaleiros? O que fará ao meu pai se descobrir que foi ele quem me ensinou a usar a espada? As mulheres não têm direitos em Britanya.

Erin seria humilhada, trancafiada em algum calabouço imundo...

— É, talvez eu precise da tua ajuda durante a viagem — aceitou o rapaz, cúmplice.

• • •

O incêndio no castelo virou York de cabeça para baixo. Havia muitas pessoas nas ruas querendo saber cada detalhe sobre o assunto. A maioria estava assustada não apenas pela ameaça que surgira, mas, principalmente, pelo modo como ela desaparecera. As chamas foram mandadas pelo diabo, não havia dúvidas disso. Depois de arder por quase meia hora, elas sumiram de repente. Aquele incêndio só podia ser bruxaria!

Thomas e Erin cavalgaram sem despertar o interesse de ninguém. Primeiro, passaram pelos nobres e pela criadagem, amontoados do lado de fora do castelo. Reduziram a velocidade dos cavalos ao atravessar as ruas cheias de gente, mas recuperaram o tempo perdido depois que cruzaram a ponte principal, no trajeto para o vale.

Oz viajava confortavelmente instalado na mochila que Thomas recuperara junto à sela de Pégasus. Todas as suas coisas estavam lá, até a bolsa com as moedas que Erin lhe emprestara.

Logo que amanheceu, deixaram a estrada e entraram na floresta para que os animais descansassem. Oz, o único que havia dormido, sumiu entre a vegetação, ansioso para explorar aquele trecho do caminho. Já Erin aproveitou para vestir algumas peças de roupa que Thomas guardava na mochila. Educadamente, ele se virou de frente para os cavalos enquanto a garota tirava o vestido que tanto a atrapalhava.

— Pronto, já podes olhar — autorizou ela.

Era como reencontrar a mesma garota que deixara na Ilha Média dias antes. Erin estava à vontade numa confortável calça comprida, uma camisa e um gibão de couro, com os cabelos presos numa

única trança. Thomas ia comentar alguma coisa no segundo em que uma terceira pessoa surgiu para enfrentá-los.

Vince De Angelis.

— Para onde vós pretendeis viajar? — perguntou, num tom rude. Desta vez, ele não mascarava seu ódio.

— Vince, escuta... — tentou Erin.

— Meu assunto não é contigo, senhora — cortou o cavaleiro ao tirar a espada da bainha. Ele a prendia às costas, do mesmo modo que um arqueiro faz com suas flechas. Um hábito estranho para um cavaleiro. — O que fizeste ao nosso avô, *irmãozinho*?

— Arnon está bem? — preocupou-se Thomas. — Não fiz nada contra ele.

— Não este avô. O outro.

Thomas não entendeu. Vince apontou-lhe a espada contra o peito.

— Não sabes mesmo de quem falo, *irmãozinho*? Queres uma ajuda? Que tal... Kirian De Sutter?

— Kirian, o pai de Erec?!

— E quem tu achas que me criou todos estes anos? A única pessoa em quem nosso rei pode confiar sem piscar. Kirian serviu bem ao pai de Arnon e conhecia melhor do que ninguém a esposa e o filho que tinha...

— Kirian, Hugues, Savac... Quantos nomes ele usa, afinal? — perguntou Erin.

Thomas não quis digerir a informação. Já se sentia suficientemente culpado por colocar fogo no castelo e ameaçar a vida de dezenas de pessoas de forma irresponsável.

— Deixa-nos partir — pediu.

— Claro que não!

A cabeça de Oz apareceu entre dois arbustos. Ele estudou a situação antes de, sorrateiramente, se esgueirar até o jovem cavaleiro e se preparar para pular sobre ele...

— Vós ireis comigo para York e...

Vince não terminou a ordem, assustado com o cachorro que afundava os dentes pequeninos e afiados em sua canela. Thomas segurou-o pelos braços, enquanto Erin lhe tomava a espada. Mas o cavaleiro não pretendia se entregar tão facilmente. Numa reação truculenta, livrou-se do irmão e do cachorro e derrubou Erin para recuperar a arma.

Furioso por ver a garota caída, Thomas partiu para cima do cavaleiro. Os dois rolaram floresta adentro. Vince era mais forte do que o irmão e tão ágil quanto ele. E ainda estava armado. Os dois não foram muito longe. O cavaleiro socou o estômago do adversário. Thomas dobrou-se de dor, mas reagiu, jogando-se contra Vince, que deixou a espada cair.

A experiência do cavaleiro em torneios, porém, foi decisiva. Ele bateu novamente no irmão para enfraquecê-lo. Thomas caiu sentado, tonto. Não conseguia encontrar um ponto fraco no adversário invencível. Vince olhou para a espada e, no mesmo instante, ela voou até parar flutuando junto à garganta de Thomas. Erin, que corraera com Oz atrás deles, prendeu a respiração.

— Irás comigo ou não? — ameaçou o cavaleiro.

“Ele aprendeu muito com o arcebispo”, pensou Thomas, indeciso. Não sabia controlar a força que evocara na noite anterior. Se tentasse usá-la, corria o risco de matar o irmão mais velho. Sentiu pena dele. Vince estava confuso, perdido em mentiras que julgava verdadeiras.

Uma luz azulada, vinda da direita, envolveu Vince para derrubá-lo inconsciente sobre um punhado de margaridas. A espada, livre do poder do jovem bruxo, foi ao chão.

— Mestre Dines... — disse Thomas ao reconhecer o velho amigo envolto numa capa de viagem, apesar do calor que a manhã prometia manter no restante do dia. O abade vestia roupas comuns de viajante. Na mão, segurava um pequeno objeto quadrado que o rapaz imaginou ser uma arma de algum lugar distante, como Gaia.

Dines sorriu para ele e abaixou-se para checar o estado de Vince.

— Ele vai dormir por algumas horas. Não há perigo em deixá-lo aqui — comentou, com sua voz estranha e anasalada.

— Sabes quem ele é? — perguntou Thomas, já adivinhando a resposta.

— Sim, mas ignorava a existência do irmão caçula.

O cachorrinho aproximou-se do recém-chegado para cheirá-lo.

— Tu deves ser Oz — disse o abade, gentil, acariciando-lhe o focinho. — Quanto a ti, acredito que sejas Erin, a filha daquele cabeça-dura do Mark.

Ela simpatizou de imediato com Dines.

— Vim te buscar, Thomas — disse ele. — É hora de cumprires a promessa que me fizeste.

CAPÍTULO 11

Herança

Mark não conseguia entender o que ocorrera no castelo quase duas noites antes. Lutara pessoalmente contra as chamas junto com outros nobres e vários guardas, na tentativa frustrada de controlá-las. Também ajudara a retirar várias pessoas da ala leste. Felizmente, ninguém se machucara com gravidade. Restara apenas o pânico generalizado que o desaparecimento súbito do incêndio provocara.

O cavaleiro não queria aceitar o fato de Erin e Thomas terem perecido entre as chamas. Arnon, afetado pelos acontecimentos, já dava como certa a morte dos jovens, bem como a do arcebispo. Vince também desaparecera de York. Fora visto pela última vez numa taberna, em companhia de uma jovem. Havia ainda Rouen De Larc, encontrado morto próximo ao calabouço. Um mistério que ninguém se atrevia a resolver.

O burburinho típico de um dia no mercado de York não melhorava o ânimo de Mark. Com a morte de Hugues De Angelis, talvez agora pudesse conversar com Arnon sobre as dúvidas que o incomodavam há anos, desde que descobrira que Erec participava de uma missão misteriosa. Mark ficara realmente surpreso quando o rei lhe dissera que, involuntariamente, o ajudara a encontrar seu segundo neto. Como Arnon descobrira isso? Mark também se surpreendera ao saber que Vince e William De Sutter eram a mesma pessoa. O que mais Arnon sabia e não lhe contara? Será que ele conhecia a existência de Savac e de uma guerra inevitável com outro mundo?

O cavaleiro parou em frente a uma barraca de frutas. Não pensava de estômago vazio. Depois que pagou por meia dúzia de

pêssegos suculentos, viu-se cercado por dois rapazes exatamente iguais.

— Sr. De Durham? Eu sou Leo e este é meu irmão Teo — disse um deles. — Uma amiga nossa precisa falar contigo sobre o andarilho Thomas e tua filha.

O cavaleiro seguiu os rapazes até o portão sul da cidade e, de lá, por uma longa trilha pela floresta que desembocava numa clareira tomada por velhos carroções de madeira. Não sabia o que esperar daquela situação inusitada. Analisou com cautela o grupo maltrapilho de andarilhos que o aguardava.

— Este é Jon, nosso líder — disse Leo, indicando um homem magro e desconfiado, com cara de vilão.

O rapaz continuou apresentando o restante do grupo. Havia a mãe dos gêmeos, uma mulher esquisita chamada Narcisa, e Sabina, a esposa de Jon. Por fim, Mark conheceu uma jovem muito atraente, Shannon, o pivô da disputa que envolveu Rouen, Vince e Thomas.

Jon convidou o cavaleiro a se sentar com eles junto à fogueira. Já estava anoitecendo.

— Senhor, não creio que te lembres de mim — disse Sabina. — Há alguns anos, salvaste Shannon e Thomas da morte certa nas mãos do sr. De Larc.

— Eu?! — reagiu Mark, com espanto. As palavras da andarilha também surpreenderam as outras pessoas do grupo, principalmente Jon.

— O sr. De Larc acusou as crianças de roubarem sua tenda...

— Ah... — sorriu o cavaleiro. Por que Thomas nunca lhe dissera que ele e o garoto magricela que conhecera naquela ocasião eram a mesma pessoa?

— Gostaria que tu soubesses o que aconteceu conosco na noite do incêndio.

A mulher narrou sua prisão, a tortura que sofrera nas mãos de Hugues e, por último, a cena dramática na torre leste.

— Um raio atingiu o arcebispo, senhor, e incendiou a torre — explicou ela. Mark percebeu que a mulher hesitava em lhe contar algum detalhe. — Há outra coisa, senhor. No momento de minha execução, Thomas surgiu do nada e impediu o guarda de me matar. Ao mesmo tempo, ele estava longe, na torre. Como isso foi possível?

O cavaleiro pôde sentir o quanto o fato atemorizava os andarilhos, com exceção de Shannon. Sabina explicou como a imagem duplicada de Thomas desaparecera a seguir. Houvera depois o raio que atingira o arcebispo e a luta desesperada do rapaz para não despencar da torre.

— Agora é a minha vez, senhor — disse Shannon.

A jovem recordou o encontro com Erin no castelo e sua fuga de Rouen.

— Quando eles começaram a lutar, eu saí para procurar ajuda. Encontrei Thomas e minha mãe. Ele foi ajudar tua filha. Pouco tempo depois, minha mãe e eu vimos os dois fugindo a cavalo do castelo. Seguimos o conselho de Thomas para te procurar, senhor.

Mark sentiu-se mais tranquilo. A morte do cavaleiro ruivo agora fazia sentido. E o melhor de tudo: *Erin e Thomas estavam vivos!*

— Gostaríamos de saber se podes nos ajudar — disse Jon, que permanecera calado durante toda a conversa. — Aquele moleque meteu-nos nesta confusão sem saída. Não podemos trabalhar, pois tememos ser atacados novamente.

— A culpa não é dele — retrucou o cavaleiro.

— Perdoa-me a insistência, senhor, mas um garoto maldito que se intromete em questões do demônio só pode acabar mal, além de envolver gente inocente em suas bruxarias.

Mark levantou-se, indignado.

— Devias pensar antes de abrir a boca, andarilho — ameaçou ele. — Estás falando de Thomas De Sutter, príncipe de toda a Britanya e segundo neto de Arnon, nobre de Bruska, herdeiro direto do rei Arthur!

Suas palavras causaram impacto sobre os andarilhos. Jon ficou vermelho, roxo e, finalmente, branco como a neve. Mark falara sem pensar. No entanto, não se arrependia. Estava cansado de tantos segredos. Além disso, podia apostar seu castelo na suposição de que aquela gente atormentara Thomas com prazer durante anos, com exceção, claro, de sua mãe e irmã adotivas. Não deixava de ser interessante imaginar o que cada um pensava naquele momento.

— Tenho certeza de que o rei Arnon ficará feliz em conhecer os andarilhos que cuidaram tão bem de seu neto — ironizou o cavaleiro. — A partir de agora, vós estais sob minha proteção.

Sabina era a única que sorria.

■ ■ ■

Thomas mergulhou a cabeça na água. Estava exausto. O banho revigorava-lhe o corpo ainda enfraquecido. Ainda não se recuperara direito do ataque no alto da torre leste. Durante a viagem até o Monastério, Dines mostrara-se bastante preocupado com a saúde do rapaz. Ainda assim, obrigara-os a um ritmo extenuante, quase sem paradas. Não queria perder tempo. Trocaram várias vezes de cavalos, o que obrigara Thomas a se separar de Pégasus. Dines deixou recomendações com um ferreiro de confiança para que o animal chegasse a salvo às mãos de Mark De Durham. Seria um sinal para que o cavaleiro soubesse que os jovens estavam bem.

Também não houvera tempo para as respostas que Thomas esperava receber. Ele contara tudo o que acontecera em York para Dines, que se limitou apenas a dizer que encontrara Tenorius e que arrancara dele toda a verdade. O rapaz preferiu não confirmar a suspeita de que seu último professor não sobrevivera ao interrogatório. Todas as explicações seriam dadas quando estivessem seguros no Monastério.

Quando chegaram, Erin mostrou-se maravilhada com o lugar. E Michel, exultante com o retorno de Thomas, providenciava seu prato preferido enquanto os recém-chegados se preparavam para o jantar. Thomas temia desapontá-lo, pois voltara a não sentir fome. Uma dor de cabeça contínua também o incomodava. Quando tentava dormir, nos raros momentos em que parara durante a viagem, tinha sempre o mesmo sonho: a cidade das ruínas, onde estava Menethrrah. A culpa também o consumia. Não conseguia se esquecer das palavras de Vince sobre Kirian De Sutter.

A água já estava fria quando resolveu sair da tina. Vestiu-se devagar, colocando as roupas que Michel trouxera para ele. Ao deixar a cela, encontrou-se com Erin, que parecia outra depois do banho. O monge destinara a ela roupas masculinas, como pedira. Havia algo mais...

— Teus cabelos! O que fizeste com eles? — surpreendeu-se o rapaz.

— Não gostaste? — perguntou ela, decepcionada. — Pedi ao irmão Michel que os deixasse na altura das orelhas. Aquela trança me incomodava.

— Acho que estão mais curtos do que os meus — sorriu Thomas, admirando-lhe a coragem. Nunca vira uma mulher de cabelos curtos. Os dela exibiam um corte reto, sem franjas. Os fios lisos e loiros acomodavam-se perfeitamente em torno do rosto. — Estás mais bonita.

Ela retribuiu o sorriso e, de mãos dadas, os dois foram para a cozinha. Oz recebeu-os com os olhos vermelhos de sono. Já estava de barriga cheia, descansando tranquilamente perto do fogão.

— Senta, Thomas, deves estar morrendo de fome — convidou Michel.

O monge espalhou pratos diferentes sobre a mesa, para a alegria de Erin. O rapaz forçou-se a tomar algumas colheres de sua sopa predileta, mas desistiu logo depois.

— Tua cabeça dói? — perguntou Michel, encostando a palma da mão na testa do rapaz. — Tens um pouco de febre. Falaste sobre isso a mestre Dines?

— Ele não disse nada — comentou Erin, apreensiva. — E também mal se alimentou desde que partimos de York.

Agora eram dois contra ele. Thomas manteve a boca fechada. Estava cansado demais até para se defender.

Mais de uma hora depois, os jovens foram chamados à biblioteca, estranhamente vazia àquela hora do dia. Erin espantou-se com a quantidade de livros.

— Como meu pai foi perder tudo isso aqui? — perguntou ela.

Thomas não respondeu, atento a Dines, parado a poucos metros deles, na entrada da passagem secreta. O abade fez sinal para que os dois o acompanhassem pela escada de pedra até o salão subterrâneo.

Erin ficou boquiaberta ao descobrir as pedras de energia. Por mais detalhes que o rapaz já tivesse lhe passado sobre elas, a garota não pôde esconder a surpresa que a luminosidade estranha provocava no ambiente. Dines apontou para duas cadeiras e se acomodou numa terceira. A jovem escolheu uma delas e sentou-se.

— Prefiro ficar em pé — decidiu Thomas, inquieto demais para relaxar.

Dines não insistiu. Seu aluno continuava o mesmo garoto de sempre.

— Há muitas coisas que devo vos contar — disse o abade, enigmático. — Acho que vou começar pela lenda de Gotihan.

Thomas franziu as sobrancelhas. Todo mundo agora parecia acreditar em contos de fadas!

— Ele foi o líder de um povo não humano, os myrhans, que habitavam um mundo além da fenda espacial, no Quadrante Taurus — continuou ele, olhando para o rapaz. — Há mais de dois milênios os myrhans enfrentaram uma guerra terrível contra os nergals. Houve milhões de mortos em vários planetas. Gotihan uniu povos de

diferentes culturas, espalhados pelo universo, e derrotou o inimigo, usando o poder das perenthis, esferas de energia que pertenceram a povos mais antigos do que os myrhans e mais ainda do que os humanos. As lendárias perenthis de Alzabir fazem parte de uma tecnologia alienígena desconhecida até para os myrhans.

— Como são estes nergals? — interrompeu Erin, sem conter a curiosidade.

— São seres simbióticos, isto é, criaturas que precisam dos corpos de outras para sobreviver. Não é qualquer ser vivo que pode ser utilizado como hospedeiro. E os nergals têm uma consciência única.

— Como assim?

— Eles estão ligados entre si e também a uma liderança que nem mesmo Gotihan pôde destruir. Quando a ameaça foi afastada de seu mundo, ele manteve a aliança entre os povos e estabeleceu um processo de paz, hoje mantido a custo. Antes de morrer, já muito velho, Gotihan previu alguns acontecimentos.

— A profecia...

— Sim, são suas palavras. Ele prometeu voltar para ajudar seus amigos se a guerra recomeçasse. É nesse ponto que entram os humanos.

Dines finalmente falaria da Era do Caos?

— Aqui, o homem sofria as consequências da tecnologia usada com irresponsabilidade. O planeta estava em desequilíbrio, o que ameaçava a existência de todos. E ainda havia guerras internas, conflitos étnicos, miséria... A esperança estava nas estrelas. Havia tecnologia suficiente para procurar vida em outros planetas. Um primeiro contato foi feito, quase sem querer, com os myrhans, que exploravam o universo deste lado da fenda espacial. E assim os humanos tiveram acesso às pedras de energia. O processo revolucionou o que se conhecia aqui. As disputas internas, entretanto, puseram tudo a perder. Uma guerra bacteriológica foi iniciada, extinguindo todas as etnias humanas que não fossem

brancas. Foi o início da Era do Caos. Só escapou quem estava entre o grupo que, um pouco antes, partira do planeta com os myrhans para uma missão de paz. Eram famílias inteiras, de vários pontos deste planeta.

Dines respirou fundo para recuperar o fôlego. Thomas não se mexeu, tentando aparentar alguma tranquilidade. A dor de cabeça piorava a cada minuto.

— A Terra mergulhou em um período de caos sem precedentes. Tudo estava fora de controle. Foi abandonada à própria sorte.

— E por que os myrhans não ajudaram? — espantou-se Erin.

— Eles tentaram, só que seus esforços foram em vão. Decidiram que era melhor dar asilo ao grupo de voluntários humanos. No outro lado da fenda espacial, estas famílias foram instaladas em um planeta, batizado de Gaia, e lá criaram uma nova civilização, sob a influência dos myrhans ou antigos, como passaram a ser chamados pelos humanos. Os myrhans eram um povo especial. Alimentavam crenças na vida após a morte e na força espiritual, relegando os bens materiais a um segundo plano. Suas aspirações estavam ligadas à evolução infinita de cada ser. Quando sentiram que sua missão estava terminada, partiram para as estrelas, deixando os humanos como substitutos na Aliança dos Povos, criada por Gotihan séculos antes. Hoje, muitos em Gaia pensam que os myrhans não passam de personagens de histórias infantis. Alguns humanos seguiram os ensinamentos dos antigos, formando uma casta influente e poderosa.

— E Hannah?

— Ela foi a última sacerdotisa dessa casta. Antes é preciso explicar o que aconteceu em Gaia, há quarenta e quatro anos. Alguns humanos, contrários à influência cultural e, podemos dizer, religiosa dos myrhans, sentiram-se cada vez mais ameaçados com o poder da casta. A perda da liberdade individual foi o passo seguinte. Instalou-se o Novo Conselho em Gaia, autoritário e materialista. A casta só desconfiou da aliança de alguns humanos com os nergals

quando era tarde demais. Os sacerdotes foram covardemente assassinados, assim como os guardiões.

— Guardiões?

— Sim, Erin, já vou explicar. Os guardiões são seres altamente treinados para defender os interesses da casta. Eu não os definiria como guerreiros ou soldados, apesar de dominarem métodos de ataque e defesa. Eles lutam pela liberdade. Hoje, seu objetivo principal é destruir os nergals. Há bem poucos de nós...

— És um guardião? — ela quis confirmar.

— Fui treinado por Tolkien, o único guardião que escapou do massacre promovido pelo Novo Conselho. Minha missão é cuidar deste planeta, mais especificamente, de Britanya.

— E por que Hannah veio para cá?

— A sacerdotisa teve um sonho, há muito tempo. Nele, Gotihan pedia-lhe que viesse para este mundo, pois encontraria aqui o Herdeiro. E lhe mostrou a imagem de Kirian e da região de Sutter. Ela julgou que o cavaleiro fosse o Herdeiro, mas estava enganada e pagou um preço alto pelo erro.

O silêncio dominou o amplo salão por alguns minutos.

— Arthur fazia parte da casta? — retomou Erin para que Dines explicasse o nascimento do reino de Britanya.

— Ele pertenceu à casta durante uma época, há mais de oitocentos anos. Seu sonho era resgatar o planeta Terra. Então, ele convenceu outros sacerdotes a acompanhá-lo até aqui, o que provocou uma cisão na casta. Arthur recriou Camelot. Ou uma adaptação dela na Terra. Camelot foi o centro de uma lendária saga humana, onde prevaleciam valores nobres e simples que Arthur considerava indispensáveis para a felicidade de todos, fossem sacerdotes — os novos nobres — ou humanos perdidos na Era do Caos — o povo da futura Britanya. Claro que, com o tempo, seu sonho cedeu espaço a uma sociedade ignorante e repressora que, com certeza, ele rejeitaria se tivesse vivido para conhecer. Eu o consideraria mais um sonhador do que um lunático.

— Eu não entendo uma coisa, mestre. Se esses sacerdotes dominavam tanto conhecimento, por que isso não foi mantido entre seus herdeiros? Quer dizer, hoje a maioria dos nobres é tão ignorante quanto o povo. Mal sabe ler ou pensar.

— Não tenho muita certeza. Acredito que o nascimento da religião britã tenha a ver com isso. Com o tempo, reter conhecimento passou a significar ter poder. Os padres concentraram informações e tornaram-nas secretas. Por outro lado, os descendentes dos nobres foram se afastando da filosofia myrhan. Houve uma pessoa que Hannah considerava uma exceção: Kirian De Sutter.

— Como era ele?

— Um homem de coragem, inteligente e ambicioso — disse o abade, com tristeza. — Hannah e ele já tinham um filho quando cheguei aqui, atendendo a um pedido de Tolkien. A princípio, realmente acreditei que Kirian era o Herdeiro. Ele dominava poderes maiores do que os da própria Hannah. Havia apenas a questão das perenthis. Por muitos séculos, Mithrrah e Menethrrah foram guardadas pela casta, à espera do retorno de Gotihan. A terceira esfera, que ninguém sabe o nome, foi perdida durante a última batalha contra os nergals. Hannah trouxe as duas esferas para este mundo. Escondeu uma e, com a outra, pretendia encontrar o Herdeiro. A perenthis brilhou quando Kirian a pegou pela primeira vez, convencendo a sacerdotisa de que estava no caminho certo. Mas o processo de transferência de energia nunca se completou. Alguma coisa estava errada. Quando Erec tinha três anos, seu pai sumiu numa das batalhas que os cavaleiros do rei travavam nos limites das Terras Ermas. Kirian reapareceu somente nove anos mais tarde. Nunca soubemos o que realmente aconteceu com ele naquele período. Tivemos apenas uma certeza: ele tivera contato com os nergals.

Dines procurou o olhar de Thomas.

— Tu não atingiste teu avô naquela noite, na torre, mas Savac, o nergal que habita seu corpo.

— Como assim? — perguntou o rapaz, confuso.

— Kirian concordou em se tornar mais poderoso, Thomas. Já vos contei que esses seres luminosos não travam uma relação simbiótica com qualquer um. É preciso algumas condições básicas, como a vontade da própria criatura que cede o corpo. É por isso que eles agem lentamente, minando as bases de cada povo que conquistam. Não partem para um ataque direto simplesmente porque precisam preservar seus futuros hospedeiros. E escolhem os melhores, os mais resistentes e habilidosos. Para eles, a história de Gotihan é tão real quanto eu. Afinal, lutaram contra ele. Através de Kirian, souberam que o Herdeiro surgiria neste mundo, ligado aos nobres de Sutter. Talvez um descendente, capaz de reunir os poderes do cavaleiro e de Hannah. Resolveram esperar. Os nergals não têm pressa. Já viram muitas civilizações nascerem e morrerem. E procuram as perenthis há milênios. Com elas e com o Herdeiro, o único que sabe acioná-las, serão invencíveis.

— Como Hannah morreu, mestre? — questionou Erin, antecipando a próxima pergunta de Thomas.

— Sei apenas o que Erec me contou. Aconteceu na noite de tempestade em que o pai de Erec, já um hospedeiro nergal, regressou a Sutter. Kirian quis convencer Hannah a se unir ao poder ilimitado que descobrira. Os dois brigaram e se enfrentaram, numa luta inacreditável para os humanos que a presenciaram. Não houve vencedores. Hannah morreu nos braços de Erec, atingida pelos próprios raios que dominava. Kirian, fraco e doente, definhou até morrer. Pelo menos, era no que todos acreditavam. Eu orientei Erec a procurar a proteção dos vizinhos, os nobres de Durham. Mark tinha estudado aqui. Sabia que era um homem de bem. Erec cresceu, treinado pelo holograma de Hannah para ser um guardião. E se tornou melhor do que o próprio Tolkien. Esteve diversas vezes nas Terras Ermas, participando de batalhas e vigiando de perto uma

possível aproximação dos nergals. Quando Hugues chegou a Britanya, alegando vir da região de Angelis, na Grande Ilha, Erec ficou desconfiado. E começou a achar que o próprio pai usava algum truque para enganá-los. Pedi que não se arriscasse, mas ele estava envolvido demais para ser prudente. Eu não sabia com exatidão o que provocou o ataque a Sutter até poucos dias, ao encontrar Tenorius. E soube de mais detalhes depois, quando me contaste tudo o que aconteceu contigo, Thomas. Hoje acredito que, ao tomar a perentis para si, Erec atraiu a fúria dos nergals. Savac salvou William, ou Vince, como preferirem, pensando na possibilidade dele ser o Herdeiro, e destruiu qualquer prova de sua presença em Sutter. Desde então, vem manipulando Arnon e mantendo Britanya sob seu controle.

— Como ele pode ter tanto poder sobre o rei? É alguma bruxaria?
— perguntou a jovem, levantando-se da cadeira.

— Savac trouxe a paz para o reino, introduzindo o pó amarelo entre os bárbaros. Foi teu pai quem descobriu isso, desconfiado há anos do motivo real que levava os bárbaros a aceitarem a paz. E quase morreu por essa informação. Mark foi perseguido por um nergal no Pântano do Terror, mas eu o encontrei a tempo de salvá-lo. Quase morri na luta contra a criatura. Os nergals são praticamente invencíveis, até para um treinado guardião e sua arma de energia. Tive sorte, acho. Isto aconteceu na época em que tu conhecestes Mark, Thomas. Ele se recuperava dos ferimentos que sofrera no pântano.

— O que é este pó amarelo? — disse Erin, surpresa pela vida dupla do pai.

— O próprio Savac desenvolveu-o, junto aos nergals. Causa euforia e dependência. Os bárbaros consomem a droga em grandes quantidades. Ela destrói o organismo, debilitando a mente no processo. Como consequência, os bárbaros são facilmente dominados. Eles não conseguem sobreviver sem a droga e fazem qualquer coisa para obtê-la. O problema é que alguns nobres

também começaram a consumi-la, como Rouen De Larc, e estão ficando fracos ou perigosos. Outros estão vendendo a droga, cuidando de seus próprios interesses. O rei perde lentamente o controle sobre alguns senhores das Terras Ermas. Pensa que pode resolver a situação fazendo alianças políticas através de casamentos...

— Como o do meu pai com Claire De Roths.

— Exatamente. Brincar com drogas pode trazer consequências imprevisíveis para todos os envolvidos.

Erin voltou a se sentar. Havia um volume imenso de informações, problemas demais para lidar sozinha.

— O que vamos fazer? — perguntou para Thomas.

— Nada.

Dines e Erin fitaram-no, incrédulos.

— Eu não sou esse Gotihan e não quero ter poder nenhum! — explodiu o rapaz. — Estou cansado de ficar doente por culpa dessas visões que me apavoram. Sempre quis ter uma vida normal, como qualquer um, e não ficar por aí incendiando torres!

O mal-estar veio com a dor de cabeça tenebrosa e deixou-o tonto. Ele fechou os olhos, temendo perder o equilíbrio. Lembrou-se vagamente da voz do holograma dizendo-lhe que a dor e o sofrimento vinham do fato de que ele tentava evitar as manifestações. Era necessário deixá-las fluir, sem resistência, permitir que a velha e dolorosa sensação de morte tomasse o controle.

— Gotihan finalmente me encontrou, Moriarty, após anos de espera. Agora é preciso reunir minhas irmãs — disse sua própria voz, em um tom estranho.

— Quem está falando? — perguntou Dines.

— Tu não me conheces? Sou Mithrrah.

— Mithrrah?! — repetiu Erin.

— O tempo é precioso. Os nergals reúnem forças rapidamente. Só o Herdeiro pode detê-los. Deves cuidar de Thomas. Ele apenas

teme o que desconhece, mas há coragem em seu coração. Ele decidirá com sabedoria quando o momento chegar.

Thomas caiu de joelhos, tremendo de frio. Reproduzira o mesmo tom de voz que usara no dia em que falara a profecia para Mark e Erin. Abriu os olhos, arrancou do pescoço o cordão com a pedra opaca e jogou-a longe. Ela bateu contra a parede e rolou para o chão, junto com a aliança de Alix. Inesperadamente, do interior da pedra, surgiu um ponto de luz que cresceu até o tamanho de uma maçã e flutuou para ficar diante do rapaz, como já fizera antes.

— Mithrrah... — disse ele, sem fôlego.

A esfera girou sobre o eixo, e seu brilho aumentou até desaparecer. Qual era mesmo sua simbologia? A força oculta e intuitiva de cada um. De alguma forma que Thomas desconhecia, aquela perentis exercia uma influência sobre ele através da pedra opaca, aguçando sua intuição e percepção dos fatos. Talvez a pedra tivesse a mesma relação com as outras duas esferas perdidas. Através dela, Mithrrah e suas irmãs agiam para serem encontradas, seja conduzindo-o em transes ao passado, seja alertando-o sobre o futuro por meio de premonições. Ou até falando através dele.

Thomas sentiu-se usado de modo covarde e traiçoeiro. Ergueu-se com cuidado, fazendo o possível para não desmoronar outra vez. Queria a todo custo evitar o olhar de Dines.

— Tom, vem descansar — sugeriu Erin, gentilmente, passando os braços com firmeza ao redor de sua cintura.

CAPÍTULO 12

Escolhas

O vento carregado de maresia acompanhou Thomas em mais um momento de solidão. Como fazia quando era criança, o rapaz escalara com agilidade a muralha do Monastério, à procura do melhor ponto para observar os primeiros minutos de mais um dia de primavera. E este surgiu, em cores suaves, empurrando, sem qualquer cerimônia, as sombras da noite para longe.

O rapaz sentiu-se feliz pela primeira vez desde que retornara. O mundo que avistava resistira às atitudes inconsequentes dos humanos no passado e se reciclara por si próprio. As criaturas mutantes, mantidas fora do paraíso imaginado por Arthur, haviam escolhido sozinhas o próprio caminho de evolução a partir da Era do Caos, sem a interferência humana. O novo dia nascia, indiferente, como sempre fora desde a formação daquele planeta, bilhões de anos antes. A natureza já perdera a conta de quantos ciclos históricos vivenciara. Estava bem ali, ao redor de Thomas, como sempre estivera ao redor do ser humano, desde os tempos primitivos.

Quando as nuvens escuras deixaram por completo o horizonte, o rapaz deu mais alguns passos no alto da muralha. Depois, escalou outra parede para alcançar sua torre preferida. Estava caminhando sobre o muro baixo, observando a distância que o separava do mar, quando sentiu que alguém se aproximava. Ele desceu para o piso de pedra para conversar com Erin.

— Imaginei que estarias pendurado em algum lugar alto — riu ela. — O irmão Michel me contou que tu atacaste dois pães recém-saídos do forno, três fatias grossas de queijo e uma caneca de leite fresco. Que ótimo que teu apetite resolveu aparecer! Estás melhor?

— Dormi como uma pedra depois de todas aquelas histórias malucas que ouvimos no salão subterrâneo.

— Não acreditas nelas?

— Não sei em que acreditar.

A jovem chegou mais perto e entregou-lhe a pedra e a aliança que ele arremessara contra a parede. Depois, abraçou-o pela cintura, puxando-o para si.

— Já decidiste o que fazer?

— Primeiro, vou buscar Menethrrah. Quanto ao resto, ainda não sei.

— Sabes onde encontrá-la?

Thomas assentiu. Erin já começou a pensar nos preparativos para a viagem.

— Eu irei sozinho — disse ele. — Estou apenas esperando mestre Dines sair da missa para...

— Não podes!

— A esfera está fora dos limites de Britanya, cercada por perigos que desconheço. Não quero que te machuques numa viagem perigosa que...

— Não entendes, Tom? — disse ela, aproximando ainda mais seus olhos dos dele. — Eu cresci acompanhando a angústia da minha mãe, noite após noite, à espera de notícias do meu pai na época em que ele deixava Durham em suas viagens secretas. Prometi nunca sofrer a espera que toda mulher em Britanya parece condenada a sofrer. Por isso, aprendi a lutar, a me defender. Não vou ficar de braços cruzados!

Thomas retirou a aliança do cordão que ainda segurava e guardou a pedra em um dos bolsos da calça comprida. Com suavidade, puxou a mão esquerda de Erin para encostar o anel na ponta de seu dedo anular.

— Tens certeza de que é isso que desejas para tua vida? Sou apenas um andarilho doido, com visões e poderes descontrolados, envolvido até o pescoço numa confusão gigantesca. Não posso nem

fazer escolhas simples e decidir meu próprio destino. Desde que nasci, sigo uma história que não é minha, escrita pelos meus pais, pelos meus avós, por seres que nem imagino como sejam. É o que queres para ti, Erin? Uma vida sem a certeza de um amanhã?

— O que achas, Thomas De Sutter?

Era estranho ouvir alguém chamá-lo daquele jeito. Num gesto delicado, ela fez com que a aliança deslizasse por seu dedo até o ponto que deveria ocupar. Então, beijou os lábios que corresponderam com paixão.

Lentamente, o rapaz foi perdendo a consciência do barulho do mar contra os rochedos, dos sons dos pássaros que sobrevoavam o Monastério, do sol tocando sua pele... Suas mãos começaram a despir o corpo que o fascinava, ansiosas por conhecê-lo em detalhes. A situação estava ficando fora de controle.

— Acho que não devemos, Erin. Quer dizer, não sei até onde nós...

— Tom, escolhi uma vida que pode não ter um amanhã, lembra? Mas existe o hoje, como este momento especial. Só importa saber que tu me amas. Quero ser tua esposa. E quero que me faças tua esposa agora...

...

Logo após a missa, Dines pegou um livro e foi se sentar junto a uma singela fonte, um lugar tranquilo cercado por flores e plantas. Sentia uma necessidade urgente de distrair seus pensamentos. A reação de Thomas à verdade fora a pior possível. O abade, mais uma vez, não sabia como lidar com aquele garoto de temperamento impulsivo.

A leitura envolveu-o por quase uma hora até que Thomas apareceu para conversar. Dines alegrou-se em vê-lo bem disposto,

livre da angústia que o perseguia desde que o encontrara na floresta, lutando contra Vince De Angelis.

— Mestre, vim te dizer que decidi procurar a segunda perenthis. Acho que não tenho escolha sobre essa questão, não é?

O abade concordou. Lamentava expor uma criança a perigos que ele próprio, um adulto marcado por tantas perdas, também temia. Thomas coçou a cabeça, espalhando ainda mais os cabelos ondulados e rebeldes. Parecia não saber a melhor maneira de abordar Dines sobre algum assunto que o incomodava.

— Preciso te fazer uma pergunta. Uma vez, há muitos anos, tive uma visão sobre uma criatura estranha, que chorava a morte da filha e de seu mundo destruído. O lugar era absurdamente quente e havia dois sóis que brilhavam no céu...

— Por isso ficaste com medo de mim?

— Lembras de quando aconteceu? — perguntou Thomas, desconcertado.

Dines fechou o livro e estudou o rapaz por um tempo. Thomas ainda era o mesmo aluno ansioso que roía unha e desviava o rosto ao ficar nervoso. Estava mais velho, é verdade, um adolescente que crescera sob a influência positiva da família de Mark De Durham. Tinha ao seu lado uma namorada que o adorava e apoiava suas decisões. Mas isso seria suficiente para um futuro líder, um ser destinado a grandes feitos, a esperança para milhões de vidas? Se Thomas era realmente Gotihan, como tudo indicava, ele precisaria de toda a ajuda possível. Não estava pronto para o que o esperava. Se estivesse ali, ao seu lado, Hannah teria dificuldades em enxergar sinais do Herdeiro naquele garoto inseguro, que prometia não aguentar a pressão que lhe fora imposta.

— Tens razão, não sou humano — disse Dines, procurando sorrir. — Faço parte dos zabor, uma raça quase extinta pelos nergals. Nosso organismo não suporta o processo simbiótico, por isso fomos descartados pelos inimigos. O que um nergal não usa, ele destrói. Foi assim com meu mundo, Zabor, o planeta que viste com dois sóis.

Perdi minha filha Mareen, perdi tudo o que tinha. Eu vivia desesperado, sem rumo, até o dia em que conheci Tolkien. Tornei-me um guardião e minha aparência foi modificada para que eu pudesse viver entre os humanos de Britanya.

O rapaz mostrou-se aliviado, como se tivesse tirado um peso dos ombros. O abade surpreendeu-se com a reação. Esperava reencontrar o garoto irritadiço do dia anterior.

— Pensei em partir amanhã — disse Thomas.

— Irei contigo. Precisarás de ajuda.

— Ah, Erin também vai.

— Mas pode ser muito perigoso!

— Tenta falar isso para ela, mestre — disse ele, em um tom divertido, enquanto se afastava. — Erin consegue ser mais teimosa do que eu!

• • •

Os três partiram a pé com os primeiros raios da manhã. Michel despediu-se deles com Oz no colo. O cachorrinho choramingou sem parar, fazendo de tudo para acompanhá-los. Thomas decidira que o Monastério era o melhor lugar para o animal naquele período difícil.

— Não o deixes comer demais, Michel! — gritou Thomas, alguns metros distante do portão principal.

O monge acenou para ele após enxugar rapidamente uma lágrima por baixo dos óculos. Thomas desejou rever aquele lugar magnífico. Corria de braços abertos para uma viagem que lhe custaria um preço muito alto.

Em poucas horas, os três viajantes entraram na Floresta Escura. Nem Thomas nem Erin a tinham percorrido antes. Dines guiou-os por um caminho entre árvores imensas e assustadoras, quase coladas umas às outras.

Seu plano era simples. Eles atravessariam a floresta até os limites do Pântano do Terror. De lá, o abade seguiria sozinho até sua nave, escondida naquele lugar praticamente inacessível aos seres humanos. Ele pretendia buscar o teletran, um objeto desenvolvido pelos cientistas de Gaia, capaz de transportar instantaneamente uma pessoa para qualquer lugar em um raio de vários quilômetros. A cidade que Thomas vira em seu transe se localizava em outro continente, separado por um oceano intransponível para as embarcações de Britanya. Usar a nave também poderia chamar a atenção do inimigo. O teletran, então, fora considerado a melhor alternativa.

— Por que Dines já não trouxe antes este tele-qualquer-coisa para o Monastério? Seria bem mais prático! — resmungou Erin para Thomas, em voz baixa, logo após tropeçar na raiz de uma árvore.

O rapaz fez um sinal para que ela ficasse quieta. Tentou se concentrar no trajeto. Além das raízes, vários galhos atrapalhavam a caminhada, tirando-lhe a visão de onde pisava. A vegetação espessa fazia o dia se parecer com a noite. Era como mergulhar numa caverna sem luz. O rapaz começou a se preocupar.

Aprendera a desconfiar de planos simples.

Mais tarde, o grupo investiu numa pausa apenas para almoçar. A caminhada até o momento fora difícil, pois exigia atenção redobrada a cada passo. Para piorar, Dines obrigava os dois a irem o mais depressa possível.

— É melhor engolir isto — disse o abade, entregando-lhes duas bolinhas minúsculas. A aparência dele era ótima, o que contrastava com o visível cansaço dos jovens. Mostrava-se tão bem como se tivesse acabado de acordar.

— Este é o almoço? — perguntou Erin, desolada.

— São chamadas de pílulas. Contêm todos os nutrientes necessários para o organismo se manter por muitas horas sem sentir fome. Elas são as melhores companheiras dos guardiões, que nunca sabem quando poderão colocar algum alimento na boca.

Com cara de nojo, Erin pegou uma das pílulas e examinou-a demoradamente antes de empurrá-la garganta abaixo. Thomas também pegou a sua e já ia abrir uma bolsa que trazia com água fresca quando Dines o interrompeu.

— As pílulas também saciam a sede. Experimenta.

O rapaz seguiu o conselho. Alguns minutos após engolir a pílula, sentiu uma sensação de bem-estar tomar-lhe o corpo. Já estava pronto para continuar a viagem.

Dines forçou os jovens a andarem até a madrugada. Pararam, por fim, numa clareira, cercada por árvores grotescas. Os dois puderam dormir um pouco, enquanto o abade fazia a vigília. Tinham somente duas horas para descansar.

Thomas despertou de um sono pesado, sem sonhos, assim que algo em sua mente lhe pediu que abrisse os olhos. Erin ainda dormia, abraçada a ele. Os dois estavam encostados no tronco de uma árvore de galhos tortuosos. O rapaz beijou a testa da garota e chamou-a baixinho. Ela abriu os olhos, sonolenta, e ia dizer alguma coisa, mas ele encostou os dedos contra seus lábios, impedindo-a de falar. Erin arregalou os olhos e verificou tudo ao redor, com cuidado. Estavam sozinhos.

Thomas armou seu arco e levantou-se. Erin fez o mesmo. Na escuridão à frente, eles distinguiram vários pares de olhos avermelhados. O rapaz já tivera oportunidade de conhecê-los.

— Os lupus... — sussurrou.

As criaturas avançaram aos poucos. Thomas preparou-se para disparar uma flecha, afastando a lembrança do primeiro encontro com aqueles seres horripilantes. Era melhor não pensar em nada.

A estranha luz azulada, surgida do nada, isolou os jovens das criaturas. Elas uivaram e, assustadas, fugiram.

— Os lupus voltarão — disse Dines, que apareceu à esquerda de Thomas, saído de seu esconderijo atrás da árvore. — É melhor partimos agora.

O abade interrompeu a emissão de luz e guardou a arma de energia no bolso. Involuntariamente, Thomas tocou a cicatriz em seu rosto. Uma arma como aquela teria feito uma enorme diferença em sua jornada para Durham.

• • •

— Vejo esta pílula e imagino o delicioso ensopado que só Maria sabe fazer — disse Erin, exibindo a bolinha minúscula na palma da mão.

— E ela fica mais saborosa? — riu Thomas, que já engolira seu *almoço*.

— Claro! — respondeu ela, também rindo. — Devias fazer o mesmo.

Os dois abafaram o riso quando Dines lançou-lhes um olhar reprovador. A Floresta Escura não era lugar para brincadeiras. Mas era praticamente impossível para Erin não fazer piada sobre qualquer assunto, por mais assustador que fosse. Ela trazia a alegria do povo de Durham que o rapaz tanto amava.

Dines deu por encerrada a pausa para o almoço. Quase não falara nos últimos dois dias, concentrado nos próprios pensamentos. A floresta tornara-se menos escura no trecho que percorriam graças à distância maior entre as árvores. Em compensação, arbustos com uma aparência ainda mais sinistra se proliferavam por vários locais. Desde o último encontro com os lupus, nenhum outro animal feroz aparecera. A floresta, no entanto, não deixara de repercutir sons estranhos e ameaçadores.

Thomas pisava a raiz retorcida de uma árvore no instante em que sua intuição o avisou para não se mexer. De dentro da terra fofa logo abaixo, uma cobra esverdeada rastejava em sua direção. Erin, que ia à frente, virou-se para ele, descobrindo, apavorada, o que acontecia.

— Mestre... — chamou ela, em voz baixa.

Dines tirou a arma de energia de dentro da roupa. A cobra deslizou sobre a raiz e passou por cima do pé do rapaz. Era incrivelmente comprida, com cerca de cinco metros. Com elegância, o animal escorregou para outro buraco, ignorando a presença dos viajantes. Thomas só respirou de novo ao ver a ponta do rabo sumir de vista.

— O veneno desta cobra é mortal. Não conheço antídoto contra ele — disse Dines, também aliviado.

— Pelo menos não era um rato — comentou Erin.

A viagem durou mais algumas horas. No final da tarde, os três passaram próximo a uma clareira. Oculto pelas árvores, Thomas avistou três guardas, montados a cavalo, que se divertiam em perseguir uma criança maltrapilha. Ela fugia, desesperada, pelo descampado. Qualquer que fosse a direção que escolhia, era bloqueada por seus perseguidores, que riam em voz alta.

Thomas quis interferir, mas Dines segurou-o pelo braço.

— São guardas de Francis De Roths. Estamos nos limites das terras dele — disse o abade, com tranquilidade.

— Mas a menina...

— É uma cria dos bárbaros. Persegui-los é um dos passatempos dos homens desta região.

— *Passatempo?! Não irás impedi-los? Usa tua arma de energia.*

— Para chamar a atenção de todos? Estamos numa missão que deve ser mantida em segredo, nem que isto traga perdas.

— Diabos, Dines! É uma criança!

— Deves sacrificar uma vida se esse ato puder salvar a vida de muitos outros.

— Quem disse essa besteira? Gotihan?

O grito da criança chegou aos ouvidos do rapaz. Um dos cavalos atropelara-a. Chorando, ela tentou se arrastar para fora do alcance dos homens. Com raiva, Thomas desvencilhou-se de Dines.

— Esta atitude não é inteligente — avisou o abade.

— Talvez. Mas é humana — retrucou o rapaz, entre dentes. — Vou distraí-los — disse para Erin, que já armava seu arco. — Cuida da menina.

Ele saiu da proteção que a floresta lhe oferecia, direto para a luz do sol. Caminhou rapidamente até os guardas, sorrindo para eles.

— Olá! Estou perdido. Vós podeis me ajudar? — disse, imitando o tom de voz agradável do arcebispo, uma forma de controle que agia sobre as emoções das pessoas.

Os homens, espantados com a aparição repentina, deixaram a vítima em paz por um momento.

— Quem és tu? — perguntou um deles.

— Já vos disse. Sou alguém que se perdeu.

O rapaz tinha certeza de que poderia controlar com facilidade os dois homens à sua esquerda. No entanto, o terceiro...

— Vós não tendes medo dos lupus? — disse, alterando novamente seu tom de voz, que agora era frio e quase metálico. — Eles estão por toda parte, prontos para vos atacar...

Os dois homens piscaram, boquiabertos, e espiaram a floresta logo adiante.

— Há lupus por todos os lados. Ameaçadores, famintos, terríveis...

Em pânico, eles puxaram as rédeas dos cavalos e os forçaram a sair da clareira o mais depressa possível, como se tivessem lupus em seu encaço.

O terceiro guarda, sem entender direito o que ocorria, chamou os companheiros, sem ter resposta. Eles já estavam longe. O homem dirigiu-se a Thomas, a espada em punho.

— Bruxo maldito! — gritou ele, esporeando o cavalo para atropelá-lo.

Thomas não se mexeu até que a arma estivesse perto o suficiente. Como um raio, desviou-se do golpe certo para agarrar o braço do guarda e puxá-lo para o chão. Apesar de tonto, o guarda reagiu. Thomas livrou-se da mira da espada para chutá-lo. Depois,

pegou a arma e apontou-a para o pescoço dele. Ainda decidia como resolver a situação no instante em que a luz azulada envolveu seu prisioneiro. Milésimos de segundos depois, ele se desfez no ar.

— Tu o mataste! — gritou o rapaz para Dines, que resolvera, enfim, interferir. Erin corria para a menina, que olhava aterrorizada para eles.

— E o que pretendias fazer? Não conseguiste controlá-lo como fizeste com os outros. Se vivesse, ele diria que o ataque dos lupus estava apenas na imaginação daqueles homens, algo plantado por ti. E te denunciaria como bruxo ao sr. De Roths.

Thomas olhou para seu professor como se o visse pela primeira vez. Só então entendeu que o homem à sua frente não era o mestre Dines que conhecera na sua infância, mas o guardião, o homem que defenderia suas crenças acima de tudo. Exatamente como Savac fazia sem pestanejar.

— Tom, a menina está ferida — alertou Erin. Não conseguira se aproximar. Apavorada, a criança arrastava-se para longe dela, chorando de dor.

O rapaz chegou o mais perto que pôde. Não soube precisar a idade da menina. Era pequena, muito magra, vestida com roupas imundas e rasgadas. Talvez tivesse uns sete ou oito anos, não mais do que isso.

— Não tenhas medo — disse ele após se agachar. — Queremos te ajudar.

A menina pareceu entendê-lo e parou de se mover. Apesar da distância de quase três metros que os separava, Thomas examinou seus ferimentos. Dines estava certo em um detalhe: a missão era importante. Não poderiam levar uma criança ferida floresta adentro. Além disso, ela deveria ter uma família.

Uma das mãos do rapaz tocou uma pequena pedra caída ao seu lado. A outra, ele posicionou na direção da menina. Era incrível como aquele processo, antes tão doloroso, tornava-se cada vez mais fácil.

Em minutos, a dor da criança foi transferida para a pedra, que se esfacelou em múltiplos grãos.

Ao se descobrir curada, a menina interrompeu o choro, colocou-se em pé num pulo e, sem olhar para trás, atravessou correndo a clareira.

— O que mais os guardiões fazem para defender os interesses dos sacerdotes, Moriarty? — perguntou Thomas, mirando os olhos verdes do abade.

— Ainda és inocente — respondeu Dines, com cautela. — Não conheces o sofrimento que existe em outros mundos. Nem tampouco imaginas qual é a real importância do Herdeiro.

— Meu pai agiria como agiste? Ignoraria uma criança e mataria um homem apenas para proteger um segredo?

— Sim, ele agiria como um guardião.

— Para o inferno todos vós, guardiões e sacerdotes! Não vejo diferenças entre vós e os nergals.

— Elas existem. E tu irás descobri-las no tempo certo. Agora devemos prosseguir com a viagem, pois muitas horas de caminhada nos esperam.

Dines retornou para a floresta. Thomas só se acalmou quando Erin se aproximou para abraçá-lo.

• • •

Thomas e Erin seguiram Dines em silêncio até alcançarem os limites do pântano. Naquele trecho, a terra mostrava-se lamacenta e malcheirosa. A visão à frente era desoladora. A vegetação ficava ainda mais espessa, o que tornava o ar quase irrespirável.

— À direita de vós, logo adiante, há uma gruta — disse o abade. — Quero que me aguardéis naquele lugar. Não pretendo demorar.

— Por acaso tens outra arma de energia sobrando...? — perguntou Erin, esperançosa.

— Infelizmente, não. Mas acredito que os lupus não se aproximem. No pântano, moram criaturas tão abomináveis que são temidas até por eles.

— E elas costumam vir passear aqui?

— Espero que não venham.

Erin suspirou e, apreensiva, olhou para Thomas. O rapaz estava com aquele jeito sombrio que ela tanto detestava.

— Tomai cuidado — aconselhou Dines, antes de sumir em direção ao pântano.

Sem trocar uma palavra, os jovens atravessaram o trajeto indicado pelo abade. A gruta, na verdade, não passava de um buraco escavado numa colina e protegido pela vegetação.

Erin desabou exausta no chão, largando a bolsa de couro.

— Ele deixou algumas pílulas contigo, Tom? — perguntou, lembrando-se de que também estava faminta.

Thomas meneou a cabeça, ainda de cara amarrada. A jovem espiou-o com as pálpebras semicerradas. Sabia, por experiência própria, que nada do que fizesse ou falasse alteraria seu humor.

— Podes pelo menos me abraçar? Estou com frio!

Inesperadamente, Thomas sorriu, tornando-se encantador outra vez.

— Perdoa-me — disse, enquanto a aconchegava contra o peito.
— Às vezes, esqueço que não estou mais sozinho.

Aquecida pelo carinho de Thomas, Erin entregou-se ao sono sem resistir. Sonhava com uma tarde agradável na Praia dos Pelicanos quando acordou sobressaltada com um movimento do rapaz. Ele pediu que ela não se mexesse e, silenciosamente, deslizou para fora da gruta. A jovem esperou alguns minutos. Não ouviu nenhum barulho. Preocupada, resolveu sair, não sem antes tirar da cintura a espada que ganhara de Michel.

Podia apostar que amanheceria em breve. A penumbra ocultava qualquer sinal do rapaz.

— Tom? — disse ela, sem ter resposta.

“Onde ele está?”, pensou, estreitando os olhos.
Thomas desaparecera.

• • •

Erin procurou por ele até amanhecer. A claridade revelou várias marcas de pés descalços acompanhadas de outras, feitas pelas botas de Thomas. Ele fora capturado por um grupo de sete ou oito pessoas.

A jovem não podia ficar esperando por Dines para tomar uma decisão. Esqueceu o medo e passou a seguir os rastros pela floresta, memorizando cada detalhe do caminho para não se perder. As raízes das árvores dificultaram o trabalho várias vezes. As pegadas sumiam para depois reaparecerem em outro trecho.

Ao pressentir que não estava mais sozinha, Erin subiu na árvore mais próxima e escondeu-se entre os galhos altos. Um minuto mais tarde, um homem pisou no mesmo ponto onde estivera. Ela reconheceu o brasão de Francis De Roths em seu uniforme.

— Ei, Carl, acho que um deles passou por aqui — disse o homem em voz baixa para um segundo guarda, logo atrás dele.

— Tens certeza?

Erin não ousou respirar. Um animal estranho, que mais parecia um rato imenso e cinza, acabara de aparecer em seu campo de visão. Ele arreganhou os dentes afiados, permitindo que uma baba verde escorresse de sua boca. Pronto para proteger sua árvore, ele saltou na direção da intrusa.

Para fugir do ataque, Erin pulou da árvore, caindo agachada bem em frente aos dois guardas. Surpresos, eles demoraram segundos para reagir. A garota aproveitou a situação para fugir. Um dos guardas cercou-a, tentando atingi-la com a espada. *Eles queriam matá-la!* Sem pensar, pegou sua espada e reagiu, lançando a outra arma para longe. Depois, virou-se virou para o segundo homem, que

pretendia atacá-la por trás. Ágil, evitou o golpe certo e chutou-lhe a lateral do corpo. Ele caiu de cara na terra.

O primeiro perseguidor voltou a golpeá-la assim que recuperou a espada. Erin precisou se defender de novos ataques, que vinham agora com mais violência. O outro homem, com o rosto vermelho sujo de terra, uniu-se ao companheiro. A jovem desarmou-os de novo, acertando a cabeça de um deles com o cabo da espada e o rosto de outro com um murro. Não pretendia perder seu tempo brincando com dois idiotas. Precisava encontrar Thomas. E depressa!

Foi quando uma terceira espada apareceu para detê-la. Pertencia a um perplexo Tobias De Roths, o irmão de sua madrasta.

— O-O que fazes aqui, Lady Erin?

Ofegante, a garota desistiu de fugir. Alguém a reconhecera naquele canto remoto das Terras Ermas.

• • •

Durante o caminho até a fortaleza de Roths, Erin só conseguia pensar em quanto seria útil ter o talento de Thomas em hipnotizar as pessoas. Não achava uma história convincente que justificasse sua presença na região, vestida de homem, com os cabelos curtos e usando uma espada para se defender. Tobias aceitou sua desculpa de que estava cansada demais para conversar e aproveitou para contar que ele e seus homens estavam à caça de alguns bárbaros.

— Não vivemos um momento de paz? — perguntou ela, procurando levar o rapaz para outro assunto.

— Claro que sim. Os bárbaros daqui estão sob controle há anos. Estes, pelo jeito, vieram de longe, à procura de comida. Acho que meus guardas te confundiram com um deles — respondeu o rapaz, sorrindo. Era um jovem musculoso e bonito, com cabelos loiros e os mesmos olhos esverdeados da irmã Claire.

Erin forçou um sorriso. Não conseguia esquecer a luta desleal de Tobyas contra Vince De Angelis.

Acompanhados pelos dois guardas, eles andaram pela floresta até uma área descampada, onde outro guarda tomava conta dos cavalos. O desconhecido cedeu a montaria à jovem e seguiu o grupo a pé. Em menos de uma hora de cavalgada, Erin avistou a fortaleza de Roths, solene e imbatível numa planície em tom cinzento, cercada por campos arados. Ao fundo, uma cordilheira fechava o horizonte. Nada naquele cenário lembrava Durham. Homens, mulheres e crianças trabalhavam a terra, vigiados de perto por guardas.

— São bárbaros? — perguntou para Tobyas, que seguia ao seu lado.

— Sim. Trabalham para nós.

Em cada rosto, havia uma expressão apática, sem vida. Eram escravos, controlados pela força e por algo mais: o pó amarelo.

A fortaleza era vigiada por quase o dobro de homens que Erin vira em York. Uma defesa mantida pelo próprio Arnon através dos altos impostos cobrados do povo da Ilha Média e da Grande Ilha. Outros senhores das Terras Ermas também recebiam o mesmo benefício. Após cruzar o portão principal da fortaleza, Erin surpreendeu-se em encontrar um vilarejo bastante movimentado. Havia algumas lojas e barracas vendendo os mesmos artigos que encontraria no mercado em Durham. Um número significativo de pessoas circulava pelas ruas de terra.

— Uma caravana com alimentos e outras mercadorias chegou ontem — justificou Tobyas ao notar o interesse da jovem. — Nosso povo depende quase totalmente do que vem das ilhas.

No pátio da moradia dos senhores de Roths, Erin deixou a montaria para trás. Ao contrário do que imaginava, o castelo era majestosamente decorado. Uma jovem loira, de uns quinze anos, veio correndo recebê-los.

— Lady Erin, esta é minha irmã caçula, Mona — apresentou Tobyas.

— Erin de Durham? Oh, meu irmão, o que aconteceu com ela? — disse a garota, com pena da recém-chegada.

Erin tinha plena consciência de que sua aparência era a pior possível. Há três dias que não sabia o que era um banho.

— Agora não é o momento para explicações — disse o rapaz. — Nossa convidada está cansada. Podes cuidar dela?

Mona mostrou um sorriso enorme e puxou Erin por vários aposentos até um quarto, tão pomposo quanto o restante da casa. Três criadas apareceram para preparar o banho enquanto a adolescente abria vários baús, jogando inúmeros vestidos para fora.

— Não há nenhum bonito o suficiente para ti, senhora — lamentou.

— Eu prefiro usar roupas de homem — pediu Erin, enquanto mergulhava, após se livrar das roupas sujas, na tina de água morna.

— Não podes! És uma dama!

Mona contemplou, com tristeza, os cabelos curtos da convidada.

— Oh, senhora, teus cabelos...

— Sabes, Mona, é uma longa história... Posso te chamar assim, não? Se quiseres, esquece a formalidade. Sou apenas Erin para ti.

A garota vibrou com a intimidade que acabava de ganhar.

— Acho que posso conseguir algumas roupas com meu primo. Ele é do teu tamanho — disse antes de sair, com pressa.

...

Erin criou coragem para enfrentar Francis De Roths. O pai de Claire, Tobyas e Mona era um homem grandalhão, tão loiro quanto os filhos. A jovem nunca o encontrara pessoalmente. O cavaleiro recusava-se a sair de suas terras havia anos, desde que deixara de participar de torneios. Nem comparecera ao casamento da filha mais velha com Mark De Durham, realizado na Ilha Média. Somente o filho fora enviado para representá-lo.

O rosto de Francis demonstrava uma dureza que Erin já conhecera em outros cavaleiros mais velhos. Não havia qualquer traço que revelasse bondade em sua alma, marcada por tantas batalhas contra os bárbaros.

— Por que te vestes como um homem, senhora? — disparou ele após examinar a recém-chegada, trazida por Mona até sua presença no grande salão. Tobyas também a aguardava.

— Para me proteger, sr. De Roths. Um disfarce eficiente pode ajudar uma mulher sozinha.

— E por que perambulavas pela Floresta Escura? Meu filho me contou que teu pai acredita que morreste no terrível incêndio que destruiu parte do castelo de York. Mas estás aqui, viva, bem debaixo dos meus olhos. Como explicas isto?

Neste instante, a porta se abriu com um estrondo. E Vince De Angelis entrou no salão exibindo seu melhor sorriso.

Apesar das roupas de viagem imundas, o sobrinho do arcebispo caminhou até eles com sua elegância de sempre, como se acabasse de chegar para uma solenidade. Mona, à direita de Erin, suspirou, encantada.

— Mais um que voltou dos mortos — resmungou Tobyas.

— Perdoa-me por vir a Roths sem te avisar com antecedência, sr. Francis De Roths — disse Vince, com uma profunda reverência ao poderoso nobre. Os olhos brilhavam, irônicos, no rosto que esbanjava inocência. Depois, virou-se para Tobyas e Mona, sorrindo apenas para ela: — Como estás, minha adorável senhora?

A garota também sorriu, eufórica.

— Pensei que tivesses morrido, Vince — argumentou Francis, ainda surpreso.

— E deixar Tobyas ser campeão no próximo ano sem me enfrentar outra vez? — brincou ele. — Vim pedir uma revanche!

Francis relaxou. O filho virou o queixo orgulhoso para o lado, com raiva. Mona continuou suspirando.

— Vim te agradecer, senhor, por salvar a vida da filha de Mark De Durham — disse Vince, com a seriedade que o assunto parecia exigir.

— Salvar?!

— Com certeza, meu senhor. Nossa comitiva avançava pela estrada a caminho de Sands quando fomos atacados pelos lupus.

Os nobres de Roths mostraram-se bastante preocupados. As criaturas eram uma eterna ameaça para quem vivia nas Terras Ermas.

— Tivemos problemas com os lupus ainda ontem — acrescentou Francis. — Três guardas foram atacados. Um deles não retornou à fortaleza.

Erin pensou em Thomas. Ele realmente convencera os guardas do imaginário ataque das criaturas.

— Infelizmente, meus guardas foram mortos. Apenas Lady Erin e eu sobrevivemos — explicou Vince, mostrando uma significativa expressão de sofrimento.

Mona levou uma das mãos aos olhos para enxugar as lágrimas.

— Não fui bom o suficiente para proteger a nobre dama. Eu a perdi e ela ficou vagando sozinha pela Floresta Escura. Pensei que estivesse morta até que vi Tobyas e seus homens trazendo-a para cá, para a proteção de tua casa. Não imaginas o quanto te sou grato!

Até Erin poderia ter acreditado naquele melodrama se não soubesse a verdade. Tobyas, que não parecia muito inteligente, tinha pena da jovem que, sozinha e indefesa, enfrentara muitos perigos na floresta perigosa. Mona pegou-lhe a mão, como se quisesse confortá-la. Apenas Francis resistia.

— Por que iam para Sands? — perguntou, desconfiado.

— Tobyas partiu de York antes de saber que Lady Erin não tinha morrido em nenhum incêndio. Na verdade, um dia depois deste lamentável incidente, o sr. De Durham me pediu que conduzisse sua

filha até Sands. Não sei os detalhes e acredito que a senhora também não saiba.

O velho cavaleiro fitou Erin, que confirmou com a cabeça. Ele bufou, nervoso. O sr. De Sands era seu vizinho e rival. Que segredos Mark De Durham poderia estar negociando com ele? Os olhos de Vince acompanhavam, divertidos, seus pensamentos.

— E por que ela se veste desta forma e, ainda por cima, cortou os cabelos? — retrucou Francis, inconformado com o visual masculino adotado por uma nobre britã.

Vince pareceu constrangido. Mirou as próprias botas antes de responder.

— Não sei se posso te contar...

Logo depois, virou-se para Erin.

— Tenho tua permissão para falar, senhora?

Intrigada, ela assentiu.

— Lady Erin perdeu uma aposta — disse o rapaz após morder os lábios.

— Que aposta?

— Eu a venci no jogo de cartas, meu senhor, e provei que uma mulher não foi feita para usar sua bela cabecinha em assuntos tão complicados.

Os homens caíram na gargalhada. Mona abaixou os olhos, envergonhada, enquanto Erin contava até vinte para não estrangular Vince.

• • •

Pela manhã, logo que o dia iluminou as terras tristes de Roths, Vince dispensou a comitiva que Francis De Roths lhe ofereceu e aceitou gentilmente dois cavalos para que pudesse levar a filha de Mark De Durham para Sands.

Apesar do excelente jantar da noite anterior e da cama confortável em que tentara dormir, Erin não parava de pensar em Thomas. Àquela hora, Dines já devia ter voltado do pântano e, possivelmente, estava revirando a floresta à procura dos jovens.

— Foi um enorme prazer te conhecer, minha nova amiga! — disse Mona após abraçar Erin. Elas estavam no pátio, a alguns metros de Vince e Tobyas, que checavam os cavalos. — Ah, se pudesses ficar mais um pouco...

— Sentirás falta apenas de mim? — perguntou Erin, indicando o sobrinho do arcebispo.

— Ele é lindo, não é mesmo? — admirou Mona, levemente corada. — Sabes que o rei Arnon pretende fazer dele seu herdeiro? Oh, mas isto tu já sabes, não? Serás a esposa de Vince!

— *Eu?*

A adolescente escondeu a boca sob as mãos.

— Perdoa-me! Acho que falei demais.

— Que história é essa? — quis saber Erin, pegando a nova amiga pelo cotovelo.

— Eu ouvi meu irmão comentar que o rei queria nomear Vince seu herdeiro após o torneio. Só que aconteceu aquele incêndio e...

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Tobyas disse que tu serias escolhida para ser a rainha, pois Arnon gosta muito dos nobres de Durham...

Erin ficou sem reação. Agora entendia por que Claire insistira para que carregasse tantos vestidos na bagagem para York. Lembrou-se também de que fora o pai que a convidara para o torneio, o que nunca fizera antes. Claro que ela iria de qualquer jeito, depois do sonho preocupante que tivera com Thomas...

— Então esse casamento não vai acontecer? — perguntou Mona, ansiosa.

— Lógico que não!

— Erin, minha amiga, não imaginas como estou feliz! Chorei muito quando soube que Vince iria se casar — comemorou a garota,

abraçando a hóspede pela segunda vez. — O pior é que aquela oferecida da Alicia De Sands também vai ficar sabendo.

— Quem é essa nobre?

— Nossa vizinha. Ela vive convidando Vince para visitar as terras de seu pai. Ai, também tem aquela chata da Melissa De Wins...

— Quantas nobres britãs estão apaixonadas pelo sr. De Angelis?

— Todas! — cochichou Mona, com uma piscadela. — Ele não é mesmo lindo?

Como se adivinhasse ser o centro da conversa, Vince foi até elas com seu charme irresistível.

— Fico triste em partir, minha senhora — disse ele ao tomar a mão de Mona para beijá-la.

— Não demores em retornar — pediu a garota, novamente corada. Ela fez uma reverência para o cavaleiro e retornou correndo ao castelo até parar na porta para vê-lo partir.

— Pronta? — perguntou Vince, virando-se para Erin com o mesmo sorriso que dispensara a Mona. Os olhos, entretanto, revelavam o quanto ele se divertia em manipular as pessoas.

— Deixa este teu charme insuportável para tuas pretendentes. Não preciso dele — disse a jovem, irritada.

— Tens razão. Esqueci que tu és uma mulher que pensa ser inteligente.

O cavaleiro deu-lhe as costas e foi até sua montaria.

— Não esqueceste nada? — perguntou Tobyas, que o esperava.

O sobrinho do arcebispo mirou-o, impassível.

— Talvez não tenhas dinheiro? — insistiu o outro, com sarcasmo.

Os olhos de Vince fixaram-se no rosto do rapaz, frios e ameaçadores.

— Meu amigo, teu tio não está mais vivo para te proibir, não é mesmo? Ou ele também regressou da morte? — provocou Tobyas, depositando na mão de Vince uma bolsa pequena, fechada por um cordão. — É um presente. Não precisas me pagar desta vez.

Tobias afastou-se rindo para ir ao encontro da irmã. Vince fitou a bolsa durante alguns segundos antes de deixá-la sem pressa no bolso. Estava terrivelmente pálido no momento em que subiu em sua montaria e a esporeou, obrigando Erin a pular sobre o cavalo para acompanhá-lo na cavalgada.

...

— Muito bem, senhora, vamos conversar. Onde está aquele arqueiro irresponsável? — perguntou Vince logo que a fortaleza de Roths sumiu no horizonte.

— Também gostaria de saber — respondeu Erin após olhar para trás. Ninguém os seguia. — Nós nos separamos. Acho que ele foi capturado por um grupo de bárbaros, os mesmos que os homens do sr. De Roths perseguiram quando me acharam.

— Esse garoto está sempre metido em alguma confusão — disse, divertindo-se com a situação. — Aliás, os dois. Tu devias ter sido mais esperta.

— Não tive escolha! — protestou Erin, recordando-se dos dentes afiados do rato enorme que encontrara na árvore.

— Para onde, agora? — perguntou Vince ao parar o cavalo.

— O que pretendes fazer se achares Thomas? — quis saber a jovem, também segurando as rédeas da montaria.

— Matá-lo.

— Não creio que faças isso. Tu e teu irmão... Vós sois muito parecidos.

— O que queres dizer?

— Os dois têm um coração que se importa com os outros. Só que tu o escondes debaixo desta cara esnobe.

— Meu tio diria que sou fraco — disse o cavaleiro, prendendo o olhar de Erin no dele.

Neste instante, a jovem vislumbrou um espírito atormentado, em busca das mesmas respostas que Thomas.

— O arcebispo estava errado — disse ela, sustentando o olhar.

Vince estremeceu e desviou o rosto para a estrada de terra que os esperava.

— Onde viste o arqueiro pela última vez? — perguntou, indiferente.

• • •

Após esconder os cavalos na floresta, Erin levou Vince até o local em que perdera os rastros de Thomas, onde fora descoberta pelos guardas. Isso depois de algumas voltas inúteis e com a ajuda de um mapa que o cavaleiro trazia.

— Tens mesmo certeza de que foi aqui? — perguntou Vince, entediado.

— Com certeza! Vê, as pegadas ainda não sumiram — disse Erin, apontando para uma marca logo atrás da árvore.

Vince foi até lá para examiná-las mais detalhadamente. Erin aproveitou para beber dois goles de água de uma bolsa.

— Então, Vince, o que achas?

— Acho que as pegadas foram feitas por duas mulheres morenas e uma loira, quatro homens barbudos e um adolescente magricela.

— Como podes saber? — reagiu ela, quase se engasgando com o terceiro gole de água.

Curiosa, fechou depressa o fecho da bolsa e contornou a árvore. Desistiu de perguntar como simples pegadas poderiam conter tantas informações.

Diante deles, um grupo de bárbaros, exatamente como Vince descrevera, ameaçava-os com pedras, facas e uma espada enferrujada.

CAPÍTULO 13

Bárbaros

Thomas tranquilizou-se apenas no momento em que viu Erin entrar na caverna e correr feliz até ele. A jovem abraçou-o e depois o beijou sem se importar com as várias pessoas ao seu redor.

— Estás bem? — perguntou, prendendo com firmeza os ombros do rapaz, com medo de perdê-lo de novo.

— Eu... — Thomas desistiu de responder ao descobrir, enciumado, que ela trouxera companhia. — O que ele...?

— Tobyas De Roths me encontrou e fui levada contra vontade para sua fortaleza. O sr. De Angelis inventou uma história mirabolante para me tirar de lá.

Vince, intragável como sempre, sorriu. Thomas ignorou-o.

— Pedi para que os bárbaros te encontrassem, Erin. Tinha certeza de que deixarias o esconderijo para me procurar. Achei que poderias estar perdida.

— Perdida? — ironizou Vince. — Lady Erin conhece a Floresta Escura como a palma da mão.

Sem que Thomas esperasse, Erin tirou a bolsa de água presa ao cinto e arremessou-a contra o cavaleiro. Pego de surpresa e tão próximo, ele não teve como se proteger. A bolsa bateu com violência em seu rosto, despencando em seguida para o chão. Por milagre, não estourou.

— Da próxima vez, corto tua língua com a espada! — ameaçou ela, vermelha de raiva.

— Tal pai, tal filha — resmungou Vince, baixinho, massageando o rosto. Era melhor parar de provocá-la. Pelo menos, por enquanto.

— E, então, Thomas, o que dizias? — retomou Erin, tranquilamente.

O rapaz admirou sua atitude em relação ao sobrinho do arcebispo. Era muito bom saber que ela deixara de considerá-lo um rapaz indefeso, mais uma vítima de Rouen De Larc.

Os bárbaros assistiam à cena, sem entender direito o que motivara a reação da moça. Não passavam de um grupo maltrapilho de pessoas, ainda mais miseráveis do que o povo de Britanya. Eles não dominavam direito o idioma briton, pois falavam uma língua gutural, baseada mais em gestos do que em palavras.

Quando os bárbaros fizeram de Thomas um prisioneiro, quase dois dias antes, não o trataram com violência. Ao contrário do que poderia se esperar da aparência selvagem do grupo, ele foi recebido respeitosamente como um convidado. Sem se sentir ameaçado, o rapaz concordou em acompanhá-los até uma das cavernas existentes ao sul da Floresta Escura, onde se escondiam de seus perseguidores.

— E o que eles querem contigo, afinal? — perguntou Erin.

Os bárbaros não se mexiam, atentos a cada gesto dos três britons. Além dos homens e mulheres que tinham trazido Erin e Vince, ainda havia outros adultos e algumas crianças. Entre elas, a menina que fora salva por Thomas.

— Eles precisavam de alguém que os ajudasse com Krisha — justificou o rapaz.

Ao escutar seu nome, uma mulher, encolhida numa ponta da caverna, levantou a cabeça. Thomas indicou o recém-nascido que ela amamentava com cuidado.

— Eu a ajudei a ter o bebê. O parto foi bem complicado. Ela morreria se eu não viesse a tempo. A menina que nós resgatamos naquele dia contou ao grupo o que fiz para curar suas pernas.

— E foi por isso que os bárbaros resolveram te procurar — completou Erin. — E desde quando sabes realizar um parto?

— Tive de improvisar — disse Thomas, nada à vontade com o assunto.

Vince tirou do bolso da capa alguma coisa envolta em um guardanapo. Colocou no chão, junto às crianças, mostrando a elas um gigantesco pedaço de bolo. Depois se afastou, convidando-as com um sorriso a comer. Elas hesitaram. Só um garotinho teve coragem de retirar um pedacinho, que mastigou com gosto. Ele sorriu e ia pegar mais quando as outras crianças avançaram para o bolo. Em segundos, até as migalhas desapareceram.

— Um presente de Lady Mona? — deduziu Erin, resolvendo tratar melhor o cavaleiro.

— Ela sabe que adoro doces — respondeu ele antes de se dirigir, sério, para Thomas: — E de onde são estes bárbaros, arqueiro? Da cordilheira? Eles mal tiveram contato com os britons.

— Sim, vieram de lá. Numa das incursões dos guardas àquela região, o irmão de Gronz foi aprisionado. Por essa razão, o grupo entrou na Floresta Escura. Querem recuperá-lo.

Gronz, um dos homens que capturaram Erin e Vince, deu um passo à frente.

— Eu querer irmão. Não voltar sem ele.

— Onde aprendeste nossa língua? — quis saber o cavaleiro.

— Pai meu fugir daqui. De Sands. Muito tempo atrás.

— Ele não te avisou do perigo que tu e teus amigos correm neste lugar?

— Sim. Ele falar. Gronz medo não ter.

— Podes não temer as espadas dos guardas... Teu pai não te falou do pó amarelo? Este é o verdadeiro perigo.

— Pai falar. Ele temer, eu não.

— Não conheces o poder desta droga. Ela transforma homens corajosos em escravos sem vontade. E mata-os em dez, quinze anos.

— Eu medo não ter.

— Não tens escolha, Gronz. Os britons escondem o pó em tua comida e te viciam sem que percebas. E fazem isso com todos, não importa se são velhos, mulheres, crianças...

— Não entender.

Vince, então, tirou do bolso uma pequena bolsa e, de dentro dela, pegou um punhado de pó amarelado, que jogou sobre a fogueira próxima a eles. Segundos depois, o ambiente úmido e malcheiroso da caverna transformou-se. Um sentimento mais forte do que a felicidade envolveu a todos que respiravam o cheiro agradável que vinha do fogo. Thomas sentiu-se como se estivesse em Durham, no primeiro e único Natal que passara com Lady Jane.

— O pó te enfeitiça. Não da primeira, nem da segunda vez que o consumes — contou Vince, que cobria o nariz com a manga da capa de viagem. — Isso acontece depois, sem que percebas. Acreditas que a droga não te domina, que podes te livrar dela quando bem entenderes. De repente, entendes que é impossível viver sem a sensação de felicidade que ela te traz. E passas a fazer de tudo para conseguir um novo momento feliz. Já viste como uma pessoa fica quando passa mais de quatro dias sem o pó?

Gronz negou com um movimento de cabeça. A intensidade do cheiro diminuiu e Thomas teve consciência outra vez do mau cheiro e da umidade do lugar.

— A pessoa tem alucinações e sente a vida partir aos poucos — disse o cavaleiro, retirando a proteção da manga. Seu rosto estava transtornado. — A dor que percorre seu corpo a consome como fogo. E se não voltar a consumir o pó, ela morre.

Os bárbaros ficaram assustados com a explicação. Como Gronz, alguns deles deviam entender algumas palavras da língua britã.

— Deves partir com tua família o mais rápido possível para a cordilheira — aconselhou o cavaleiro após recuperar sua habitual frieza.

— E irmão? — perguntou Gronz.

— Se teu irmão estiver vivo, já está viciado no pó. Sinto muito. Não podes fazer mais nada por ele.

O bárbaro, indeciso, procurou o apoio dos outros. Nesse instante, o adolescente magricela, que não os acompanhara ao interior da

caverna, entrou apavorado, falando rapidamente numa língua que Thomas não entendeu. Os outros bárbaros levantaram-se com pressa.

— Britons achar nós! — explicou Gronz. — Fugir!

Vince tirou sua espada da bainha, presa às costas, esperando Erin e Thomas.

— Devem ser os homens de Francis De Roths — disse.

“Talvez eu tenha me enganado sobre o sobrinho do arcebispo”, pensou Thomas, espantado com a atitude do irmão. Erin sacudiu-o e puxou-o para fora. Os bárbaros estavam fugindo.

• • •

— Vince De Angelis?! Pareces que estás em todo lugar ultimamente! — gritou Tobyas ao vê-lo protegendo a retirada desesperada dos bárbaros.

Erin e Thomas estavam ao seu lado, cada um com o arco pronto para atirar. Tobyas, acompanhado por mais de vinte guardas, fez sinal a seus homens para que esperassem. A noite caía, sem pressa, sobre as Terras Ermas.

— E Lady Erin sempre o acompanha... Que curioso! — disse ele, brincando perigosamente com a espada que equilibrava entre os dedos. — E este aí, quem é? Claro, como pude esquecer? O arqueiro preferido do rei Arnon. Como te chamas, garoto?

— O nome dele é Thomas De Sutter — respondeu Vince, já saboreando a reação que pretendia provocar no adversário.

— Sutter? — repetiu o outro, quase deixando a espada cair.

— Filho de Alix De Brusck e Erec De Sutter. Tua cabeça de vento conseguiu entender?

— Queres dizer...

— Ele é o herdeiro de Arnon. Parabéns, Tobyas! Teu raciocínio continua rápido como de costume. Pena que tu te esqueceste de um

detalhe. Ele também é herdeiro da lendária feiticeira Hannah. Já ouviste falar nela, não? Talvez te lembres de alguma história da tua infância, quando te obrigavam a ir cedo para a cama...

Tobyras talvez não se lembrasse, mas seus homens pareciam conhecer muitas histórias sobre a terrível feiticeira. Alguns deles retrocederam passos.

— São apenas histórias, sr. De Angelis — disse Tobyras, inseguro.

— Eu, se fosse um de vós, não deixaria o arqueiro aqui nervoso...

Vince reparou em um pesado galho de árvore, caído próximo aos pés de Thomas. Atrás do irmão, a mulher que tivera o bebê estava fugindo, acompanhada por Gronz. Era preciso ganhar ainda mais tempo. O cavaleiro concentrou-se no galho para fazê-lo flutuar. Os homens do sr. De Roths recuaram ainda mais. Com a força da mente, Vince guiou o galho até Tobyras, a essa altura branco como papel. Quando o liberou, o cavaleiro loiro foi obrigado a pular para trás para não ser atingido. Foi o suficiente para provocar a fuga dos guardas.

— Teu amigo é poderoso — murmurou Tobyras, ainda pálido.

Vince aproximou-se dele e atirou em seu rosto a bolsa com o pó amarelo.

— Obrigado pelo *presente* — disse, sorrindo. — Não preciso mais dele.

O rapaz olhou para o pó, agora espalhado sobre a terra.

— Que desperdício! — comentou, voltando a recuperar a cor no rosto. — Vejo que o pó te deixou com a cabeça mole, Vince. Que maluquice é essa agora de defender bárbaros? Nosso rei já sabe disso?

— Isso não é da tua conta.

— Podes apostar que é!

Traíçoeiramente, Tobyras atacou-o com a espada. Vince não se deixou abater. Com sua espada, investiu em golpes violentos, um atrás do outro, até deixar o rival de joelhos. A ponta da lâmina tocou

sua nuca. A derrota no torneio estava engasgada na garganta do sobrinho do arcebispo.

— Vais me matar como mataste Rouen De Larc?

— Rouen está morto? — surpreendeu-se Vince.

— Não me digas que desconhecias o fato? Pois eu mesmo vi o corte que fizeste naquele infeliz. Só um bom cavaleiro provocaria aquele estrago! Se querias vingança, isso não faz diferença para mim. Aquele homem era o pior lixo de toda a Britanya.

Vince não viu a expressão perturbada de Erin.

— Mas era um cliente que sempre pagava suas dívidas — zombou.

— Isso é verdade.

— E ainda mais um cliente que te *ajuda* a ganhar o Torneio da Primavera...

— Se soubesses que teu adversário tinha um ponto vulnerável, também não usarias a informação a teu favor? Já me enganaste no passado, sr. De Angelis. Hoje sei o que realmente és: um covarde mimado que pensa que é o centro do universo.

Vince sufocara por tempo demais a revolta e a indignação por tudo. Estava cansado de viver naquele mundo ilusório, obrigado a ser um personagem criado exclusivamente para ele: o cavaleiro perfeito, odiado e invejado pelos homens, adorado pelas mulheres. Sentia-se tão preso quanto um escravo nas Terras Ermas. Por instinto, ergueu a espada, pronto para tirar a vida de Tobyas. Já não se importava com mais nada.

— Vince! — gritou Thomas, atrás dele. A voz deteve-o. Segundos depois, sentiu a mão do arqueiro sobre seu ombro. — Não vale a pena.

O cavaleiro girou a espada e atingiu a cabeça do rival com o punho da arma. Tobyas, inconsciente, desmoronou no chão.

...

Thomas achou que era melhor deixar que Vince os acompanhasse até os limites do pântano, onde deveria ter ocorrido o encontro com Dines no dia anterior. Se o cavaleiro já vinha em seu encalço desde a Grande Ilha, não seria agora que os deixaria em paz.

Os três acomodaram-se perto da gruta junto à colina. Ninguém tinha vontade de conversar. A noite escurecia ainda mais tudo ao redor. Thomas avaliou o rapaz diante dele, alguém que parecia estar completamente desligado do mundo. Devia ser difícil para ele ser Vince De Angelis, o campeão do rei Arnon. Possivelmente, fora este o motivo que o levava a usar o pó amarelo.

— Melhor acender uma fogueira — disse Erin. — Estou com frio!

Como nenhum dos irmãos se ofereceu para ajudá-la, a jovem juntou alguns galhos à sua volta e montou-os para se tornarem uma fogueira.

— Não sei se agiste certo ao contar para aqueles homens quem sou — disse Thomas, após um longo silêncio interrompido apenas pelos sons sinistros da floresta.

— Ora, irmãozinho, foi divertido, não foi? Viste a cara que eles fizeram?

O cavaleiro voltava a usar a máscara de antipatia.

— Existe um antídoto para o pó?

— Pergunta ao meu tio. Ah, que pena! Esqueci que tu o mataste.

— Não fiz de propósito. Quer dizer, ele ia matar Sabina...

— Quem?

— Minha mãe.

— Mãe?!

— A andarilha que me criou.

— Sei. Hugues sempre fazia isso. Livrar-se do que não lhe era mais útil.

— E o que pensas disso?

— Não consigo fazer fogo com minhas pedras — queixou-se Erin.

— Tens algumas pedras para me emprestar, Vince?

— Pareces um santo falando, irmãozinho — disse ele, com sarcasmo, atirando para a jovem as pedras que tinha no bolso. — Por que não perguntas a Moriarty quantas pessoas inocentes ele matou? E quantas foram mortas por nosso querido pai? Esses guardiões não são melhores do que ninguém.

Thomas não tinha ânimo para debater o assunto.

— Estamos no meio de uma luta sem sentido, não é? E nenhum de nós dois pediu para entrar nisso — disse ele, sem retirar seus olhos do olhar desafiador do cavaleiro. Para sua surpresa, o rapaz apenas sorriu, o primeiro sorriso sincero que dirigia ao irmão.

— Tuas pedras também não funcionam, Vince. Pelo jeito vou morrer de frio — reclamou Erin, com voz de choro.

Thomas estalou os dedos e fez surgir dos gravetos um fogo reconfortante.

— Por que tu não fizeste isso antes? — reclamou a garota.

— Ela sempre fica assim quando está com fome — comentou o rapaz para Vince.

— Acho que fica pior quando não admite que está errada — disse o cavaleiro.

— E quando não consegue chamar a atenção?

— Posso imaginar.

Erin foi ficando vermelha, sem acreditar no que escutava.

— Ela também costuma atirar coisas em ti quando está com raiva? — perguntou Vince, esforçando-se para manter a seriedade.

— Não. Em mim ela faz cócegas...

A cara furiosa de Erin estava hilária. Thomas não aguentou mais e começou a rir, acompanhado pelo irmão. Erin estava se preparando para jogar nos dois o que havia pela frente no momento exato em que Dines apareceu. De imediato os rapazes seguraram o riso e levantaram-se para recebê-lo.

— O que *e/e* faz aqui? — perguntou Dines ao descobrir Vince.

— O sr. De Angelis vive nos seguindo — resumiu Thomas.

O guardião deu um passo que o desequilibrou. Estava ferido. Thomas correu para ampará-lo e, com cuidado, ajudou-o a se sentar no chão.

— Fui atacado por uma criatura no pântano. Por isso demorei — explicou Dines, com dor.

Thomas descobriu cortes profundos em várias partes de seu corpo, como se o abade tivesse sido rasgado por garras. Lutara contra algo bem mais forte do que ele.

— Do que precisas, Tom? — perguntou Erin.

— Ei, por favor! Deixa minha espada fora disso desta vez — adiantou Vince. — Aquela que usaste na minha tenda foi um presente especial de uma bela nobre da Ilha Média. Valia uma fortuna!

— Tens namoradas em todos os cantos de Britanya, sr. De Angelis? — disse Erin, com ironia.

— Podes dizer que sim — respondeu ele, dando de ombros. — Não consigo evitar.

Sem prestar atenção ao que os dois falavam, Thomas concentrou-se nos ferimentos de Dines. Por não ser humano, sua energia emanava uma frequência diferente, o que atordoou o rapaz. Apesar disso, a transferência foi um sucesso. Uma pedra, ao seu lado, transformou-se em cinzas. E Dines recuperou a saúde.

Subitamente, uma onda de enjoo subiu e desceu pela garganta de Thomas, obrigando-o a se encolher. “Deus, o que virá agora?”, pensou, batendo os dentes de frio. Mesmo com a tremedeira, a voz do garoto saiu em um tom alto e claro.

— O cavaleiro negro falhou, Moriarty. Agora é preciso que o cavaleiro branco acompanhe Gotihan até minha irmã Menethrrah.

— Não confio inteiramente nesse rapaz — disse o abade.

— Savac fez bem em mantê-lo. O cavaleiro branco completa a profecia.

A sensação desagradável abandonou Thomas com a mesma rapidez com que viera. Ele fora usado novamente por Mithrrah.

— Odeio quando isso acontece...

Neste instante, a esfera surgiu brilhante diante do rapaz. Graciosa, flutuou até Vince, parando diante de seu rosto. Ele a encarou por alguns instantes, sem saber como reagir.

De repente, fechou os olhos, pálido, e abaixou a cabeça.

Duas lágrimas escorreram por sua face enquanto a esfera desaparecia mais uma vez.

CAPÍTULO 14

Busca

Viajar usando o teletran foi uma experiência agradável para Thomas, algo que lhe proporcionou uma sensação de liberdade inimaginável. Um minuto após Dines acionar o dispositivo, o rapaz sumiu da Floresta Escura para aparecer no cenário de seu transe: as ruínas de uma grande cidade em outro continente. Tudo era exatamente como vira. O final da tarde ainda iluminava prédios semidestruídos, atacados sem piedade pela passagem do tempo, além de pilhas de entulho e objetos estranhos. Fora um movimentado centro urbano, onde a avançada tecnologia de uma época distante permeava o cotidiano de milhões de pessoas.

Vince abaixou-se para pegar um objeto de metal um pouco maior do que sua mão. Ele o estudou minuciosamente, como um colecionador faria.

— O que é isso? — perguntou Erin, ainda impressionada com o cenário.

— É uma latinha de refrigerante. Colocavam um tipo de bebida dentro dela. Vi algumas nas ruínas que costumava visitar, mas nenhuma em tão bom estado de conservação.

— Que ruínas? — perguntou Thomas, curioso. Não conhecia nenhum lugar, em Britanya, que guardasse provas da existência da Era da Tecnologia.

— Depois da cordilheira existem algumas cidades em ruínas. Há coisas fantásticas por lá.

— Estiveste muitas vezes nesses lugares?

— Sempre que conseguia escapar da vigilância de Rouen De Larc. Fui um péssimo escudeiro — sorriu ele. — Passei a maior parte da adolescência viajando para as Terras Ermas. Rouen fazia visitas

periódicas ao sr. De Roths e eu aproveitava a desculpa para fugir do treinamento e das aulas enfadonhas do meu professor em York.

Era estranho imaginar o famoso campeão do rei fugindo do treinamento diário de um cavaleiro, que incluía obrigatoriamente aulas de luta e esgrima. Thomas não sabia mais o que pensar de Vince De Angelis. Julgara-o um nobre tão sem escrúpulos quanto o tio. Mas uma pessoa assim não protegeria um grupo de bárbaros.

— Para que direção agora? — perguntou o cavaleiro, guardando a latinha com cuidado no bolso da capa.

Thomas olhou para Dines, que observava os irmãos com um ar impassível. Em seu transe, o rapaz vira a si próprio andando por muito tempo antes de achar a segunda esfera. Havia algum detalhe que lhe escapava e ele não conseguia descobrir o que era.

— Não tenho certeza — admitiu, espiando os pés. — Sei que existia uma estátua gigantesca numa ilha, mas a perentis não estava perto dela.

— Hannah não te disse onde escondeu a esfera, mestre? — quis saber Erin.

— Podemos tentar localizar a nave que trouxe a sacerdotisa a este mundo — sugeriu Dines, dispensando atenção a um pequeno equipamento retangular em sua mão. — Isto é, se ela não a destruiu antes de ir para Britanya.

— Como pretendes fazer isso? — perguntou Vince ao notar o objeto.

— Vou procurar por partículas onis.

— As estruturas de metal destes prédios interferem no rastreamento das partículas. Meu tio já tentou localizar essa nave, sem sucesso. Qual o raio de abrangência deste scanner?

— Dez quilômetros.

— Eu não sabia que um guardião usava um aparelho tão obsoleto — provocou ele. — Scanners mais poderosos do que isso aí fracassaram na busca.

Para espanto de Thomas, Dines sorriu, satisfeito.

— Alguém pode me explicar o que são partículas onis? — perguntou Erin.

— São partículas que têm em sua composição material orgânico — explicou Vince, vendo que o abade não pretendia responder. — Não existem neste mundo, pois fazem parte da tecnologia que os humanos de Gaia herdaram dos myrhans. São utilizadas principalmente na construção de naves espaciais.

— Aquela nave é um ser vivo! — concluiu a jovem, admirada com a conclusão a que chegara.

— É quase isso.

— Tens alguma sugestão para localizá-la, sr. De Angelis? — perguntou Dines.

— É fácil. Thomas pode fazer isso.

— Eu?! — disse o rapaz, com o rosto ardendo de vergonha. Arrastara três pessoas para uma busca que prometia ser um fracasso. — Não sei como!

— É só te conectares à natureza — retrucou Vince, como se falasse o óbvio. — Fazes isso quando queres brincar com o fogo, não é mesmo?

— Mas se o arcebispo também pode controlar o fogo e não encontrou a nave...

— Ainda não entendeste, arqueiro? Tu és muito mais poderoso do que ele. Por isso Savac queria te subjugar.

Se estivesse sozinho, Thomas teria *atacado* as unhas das mãos para compensar o nervosismo. Por que sempre esperavam dele feitos grandiosos? Franziu teste e procurou uma conexão com aquele mundo abandonado. Mas era difícil se concentrar com três pessoas olhando para ele. Com uma careta, cerrou as pálpebras e procurou se acalmar.

Como ele poderia chamar uma nave espacial? Ela teria um nome? Pensou em Hannah e imaginou-a chegando sozinha àquele mundo hostil, carregando uma tremenda responsabilidade nos ombros. Onde ela esconderia a segunda perenthis? Deixá-la na própria nave

espacial não seria óbvio demais? “Claro, ela destruiu a nave. Não queria vestígios que denunciassem ao inimigo sua vinda a este planeta.” Então, onde estaria a esfera? “Menethrrah...”

— Ela está no subterrâneo desta cidade, seguindo para o norte de onde estamos — disse Thomas, abrindo os olhos.

— Não deve ser difícil encontrar uma nave espacial — disse Erin. — Alguém sabe qual é o tamanho dela?

— A nave foi destruída — contou o rapaz. — Eu sei onde Hannah escondeu Menethrrah.

Consultando apenas a intuição, Thomas conduziu o grupo até os escombros de um edifício. Eles atravessaram uma abertura para um pavimento inferior, escuro e igualmente abandonado. Dines usou uma pedra de energia para iluminar o caminho, o que assustou um imenso rato cinza. Erin reagiu escondendo-se atrás de Vince.

— Senhora, poderias parar de apertar meu braço? Está doendo... — disse ele, zombeteiro.

— Eu te detesto, sr. De Angelis! — respondeu a jovem, soltando-o com raiva.

— Temos de descer mais um ou dois pavimentos — disse Thomas, olhando para os dois. Gostaria de saber em detalhes tudo o que acontecera em Roths. A intimidade que via crescer entre eles o incomodava.

Dines encontrou uma nova passagem que, segundo seus cálculos, separava em mais de trinta metros de altura o pavimento onde se encontravam e o subsolo.

— Podemos descer colados à parede. Há várias saliências, não será difícil — sugeriu Thomas após examinar a descida. A passagem lembrava um poço estreito. — Achas que consegues, Erin?

— Sem problema.

Dines assentiu com um movimento de cabeça. Apenas Vince parecia indeciso.

— Devíamos procurar outra passagem — disse ele após checar a distância até o subsolo.

— O scanner não registrou nenhuma passagem em seu raio de alcance — explicou Dines. — Paredes desabaram em vários trechos, bloqueando possíveis saídas.

O cavaleiro engoliu saliva. Ele não devia sentir a mesma atração que Thomas por lugares altos.

— Eu irei primeiro e levo a luz para vos guiar na escuridão — disse o abade. Ele começou a descer, seguido por Erin.

Quando os dois desapareceram, Thomas cobrou o irmão.

— Tu não irás?

— Tenho escolha? — ruminou, espiando, nervoso, a passagem.

— Desce ao meu lado e faz exatamente o que eu fizer. E não olhes para o fundo.

O rapaz avançou pela passagem, mostrando onde Vince deveria colocar os pés e as mãos. Os primeiros metros foram tranquilos. O cavaleiro, muito pálido, seguia cada movimento de Thomas. Dines, logo abaixo, mantinha a luz direcionada para eles.

Quase na metade do caminho, um dos pés de Vince escorregou. Assustado demais para se controlar, ele se desequilibrou, direto para a queda que o aguardava.

Instintivamente, Thomas agarrou-o pelo pulso, quase caindo também. Vince era grande e pesado demais para ele. O arqueiro reuniu toda a concentração que conseguiu, uma força extra que sabia ter em algum lugar.

— Agarra-te à parede! — disse, com dificuldade.

O cavaleiro não o ouvia, num pânico mudo que o imobilizava.

— Vince, olha para mim!

Lentamente, ele girou os olhos para cima, direcionando-os ao irmão mais novo.

— Não vou aguentar por mais tempo. Deves te equilibrar novamente.

Vince jogou o corpo contra a parede, à procura de apoio para os pés e para a mão livre. O outro rapaz libertou-o sem pressa.

— Vamos continuar, agora, bem devagar. Tira os pensamentos da tua cabeça e apenas te concentres em teu corpo.

Ele obedeceu. Thomas só relaxou no minuto em que os pés do irmão tocaram o subsolo.

— Há uma saída à esquerda, que dá para a plataforma de embarque e desembarque de passageiros — disse Dines, sem se preocupar com a aparência amedrontada de Vince. — Estamos numa antiga estação de metrô.

O abade seguiu a direção indicada.

— O que é uma estação de metrô, mestre? — interrogou Erin, atrás dele. Também preferira ignorar o cavaleiro.

Thomas ia segui-los quando Vince o chamou.

— Obrigado — murmurou, ainda bastante pálido. — Só queria que soubesses que...

Hesitou por alguns segundos antes de prosseguir.

— Não é que eu tenha medo de altura... O túnel lembrou-me de algo que aconteceu há muito tempo. Quando eu tinha onze anos, Rouen jogou-me em um poço abandonado. Ele adorava me pregar esse tipo de brincadeira. Dizia que um cavaleiro de verdade devia saber se virar em qualquer situação. E eu fiquei lá, sozinho, quase três dias, tentando escalar as paredes do poço.

— E teu tio?

— Eu estava nas Terras Ermas, muito longe de York. Mas duvido de que meu tio teria feito alguma coisa. Ainda me daria uma bronca por ter me deixado apanhar numa brincadeira tão estúpida.

— Como tu saíste do poço?

— Um escravo bárbaro me tirou de lá, com uma corda. E sabes o que aconteceu com ele?

Thomas moveu a cabeça de modo negativo.

— Rouen matou-o por ter interferido no meu treinamento. Vem, quero sair deste lugar o mais rápido que pudermos.

•••

A plataforma mantivera-se inacreditavelmente conservada após tantos séculos. Um trajeto formado por trilhos continuava por quilômetros, dividindo o local em duas partes. Nos dois lados, havia bancos para passageiros e painéis com mensagens. Em um deles, Thomas viu a imagem de um copo de cerveja gelada.

— É aqui? — disse Dines.

— Não. Temos de continuar pelo túnel — respondeu.

Desceu para o chão de terra, logo abaixo da plataforma, onde os trilhos estavam instalados. O grupo seguiu-o, avançando com cautela depois que a estação ficou para trás. O barulho de ratos, logo à frente, fez Erin pegar a mão de Thomas e apertá-la com força. Aquela jornada estava sendo difícil para ela. Apesar de todo o treino que tivera, nunca enfrentara perigos reais. E fazia tudo aquilo por Thomas, somente para estar ao seu lado.

— Não deixarei nenhum rato chegar perto de ti — cochichou ele. Erin sorriu para esconder o medo.

Após mais de meia hora de caminhada, chegaram a outra estação de metrô, quase tão bem conservada quanto a anterior. Thomas ajudou a jovem a subir na plataforma e se afastou para examinar os painéis espalhados pelo local. Por fim, balançou a cabeça, pensativo.

— Também não está aqui? *Que ótimo!* — reclamou Vince. — Os humanos da Era da Tecnologia construíram dezenas de estações como esta. Pretendes visitar todas elas?

— Já estás cansado, sr. De Angelis? — perguntou Erin.

Um painel com o desenho de uma nave espacial, disparando raios coloridos, atraiu o interesse de Thomas. Divulgava um festival de filmes antigos, selecionados para os fãs de ficção científica. “Você

acredita em aliens?”, leu Thomas, decifrando o que conhecia daquela língua antiga. “Não perca estes clássicos que marcaram gerações.” O cartaz que ilustrava o painel pertencia a um filme, *Guerra dos mundos*, baseado numa obra de H. G. Wells.

— Hannah tinha senso de humor — disse Thomas antes de levantar o painel. Ele lera a história em um livro velho e sem capa, esquecido numa das prateleiras da biblioteca do Monastério.

Menethrrah saiu de trás do painel e flutuou, brilhante, até ele.

— Faz muito tempo, amiga... — murmurou Thomas, feliz com a mesma sensação de reencontro que experimentara com Mithrrah.

A esfera, do tamanho da primeira, continuou brilhando até desaparecer. Uma força estranha e, ao mesmo tempo familiar, percorreu o corpo de Thomas. De alguma forma, ele também tivera uma experiência de integração, como ocorrera com Kirian e o nergal que ele aceitara hospedar.

— Qual é a simbologia desta esfera? — perguntou para Dines.

— Menethrrah está ligada à emoção e à sensibilidade — respondeu o abade.

— Não apenas isso — completou Vince —, mas também ao inconsciente e à figura materna. Traz a marca da constelação de Câncer, entre outras referências que...

— Adoraria ficar para a aula do sr. De Angelis, mas estou com pressa — cortou Erin. — Mestre, que tal usar o teletran para retornarmos ao Monastério?

— Ele não vai conseguir daqui — sorriu Vince. — O equipamento é velho demais. Como os guardiões pretendem enfrentar a Grande Guerra com tanta coisa ultrapassada?

— O teletran só funciona na superfície — respondeu Dines, sem se abalar com a eterna provocação do cavaleiro. Thomas invejou-lhe o sangue frio.

— Preparado para enfrentar novamente aquele túnel, sr. De Angelis? — começou Erin.

— Escuta aqui, Lady Erin, eu...

— Qual é vossa idade? — interrompeu Thomas, plantando-se na frente dos jovens. — Acho que os dois já são bem grandinhos. Podem muito bem começar a se comportar como adultos.

Vince tentou rir, mas o olhar sombrio de Thomas não deixava dúvidas sobre quem era o líder do grupo. O cavaleiro abaixou o rosto, sem reagir. Erin, envergonhada, já desviara o seu. Dines bateu a mão de leve no ombro de Thomas. Sorria.

— Vem, filho — disse. — O scanner detectou uma saída para a superfície, logo depois daquele túnel.

Minutos antes de alcançarem a superfície, Dines obrigou os jovens a acelerarem a caminhada.

— Um grupo de bárbaros está se aproximando — justificou após consultar o scanner. — Logo acima há uma passagem.

Pela preocupação do abade, Thomas suspeitou que aqueles bárbaros fossem terrivelmente perigosos, muito diferentes do grupo que conhecera nas Terras Ermas. O rapaz prendeu a mão de Erin contra a sua, ajudando-a a subir com ele para uma plataforma estreita, de concreto, que ganhava cada vez mais altura ao se inclinar para cima. Vince seguiu-os. Já estavam a uma distância considerável do solo quando Thomas descobriu que o caminho terminava de modo abrupto, com uma nova parede diante deles.

Logo atrás dos três, parte do piso cedeu. Vince desequilibrou-se e ia despencar metros abaixo se Erin e Thomas não o segurassem pela capa.

— Hoje não é meu dia — comentou o cavaleiro, colando-se à parede.

— Onde está Dines? — perguntou Thomas, aflito. O desabamento revelara um abismo escuro. A luz desaparecera junto com o abade.

— O que provocou este desmoronamento? — perguntou Erin. — Fomos nós?

— Talvez — respondeu Vince. — Há várias estruturas sensíveis, antigas demais para suportar qualquer peso.

— Mestre? — chamou Thomas, na beirada da plataforma. Não houve resposta.

— As paredes também são frágeis. Parecem ocas... — observou Vince.

Neste segundo, uma mão monstruosa surgiu de dentro da parede para agarrar o ombro de Erin.

— Tom! — gritou ela, lutando para se soltar.

Vince golpeou a mão com a espada, libertando a garota. Outros braços surgiram da parede, desejando prendê-los. Erin também tirou a espada da bainha, pronta para se defender. No mesmo instante, um trecho da parede oca veio abaixo, revelando criaturas repulsivas, parcialmente humanas. Rostos deformados e aterrorizantes em corpos seminus que exibiam a imundície das condições em que viviam. Thomas adiantou-se para enfrentá-los. Uma cortina de fogo surgiu do nada e, sob o comando do rapaz, colocou-se entre ele e as criaturas. Amedrontadas, elas recuaram.

— Apenas por curiosidade... — disse Vince. — Por quanto tempo podes manter estas chamas?

— Por muito tempo... — respondeu o irmão, lembrando-se com tristeza do incêndio em York.

Uma claridade que saía do abismo desviou a atenção dos três, agora espremidos na ponta da plataforma. Dines, sozinho lá embaixo, afastava as criaturas com a arma de energia, também formando uma barreira, mas de luz azulada.

— Tentai chegar à superfície. Eu irei vos encontrar! — gritou ele, antes de desaparecer novamente.

— E como ele acha que vamos fazer isso? — perguntou Vince.

— A parede à nossa frente também é oca — descobriu Erin ao dar um murro contra ela.

Os rapazes ajudaram-na a abrir uma passagem entre os cascalhos que se desmanchavam.

— Há aranhas aí dentro — choramingou ela.

— Ratos, aranhas... De que mais tens medo, senhora? — disse Vince, irritado.

Dezenas de teias penduravam-se pelo emaranhado de canos no outro lado da passagem. Vince foi na frente, puxando Erin pela mão. Thomas seguiu atrás deles. Felizmente, as aranhas estavam mais interessadas em tecer metros e metros de fios do que nos intrusos.

Os três andaram bastante até encontrar uma porta. Vince abriu-a com cuidado, como se temesse encontrar um batalhão de bárbaros atrás dela.

— Vós não ireis acreditar... — lamentou.

Diante deles, após uma minúscula plataforma de concreto que sobrava de algum desabamento, um abismo separava-os de um túnel. Adiante, antes de uma curva, havia uma abertura no teto, que revelava parte de uma noite estrelada de primavera.

— Este piso aguenta nosso peso? — perguntou Thomas, passando pela porta para checá-lo. — Podeis vir. É seguro.

Erin juntou-se a ele, seguida por Vince. Não havia como atravessar o abismo.

— Uma ponte viria bem a calhar — disse o cavaleiro ao descobrir uma escada de metal abandonada do outro lado.

Ele a fitou, concentrado, e o objeto voou até o abismo, encaixando-se perfeitamente no vão entre as plataformas.

— Será que a escada vai nos aguentar? — comentou Erin, desconfiada.

— Ela é apenas para mim — disse Vince, caprichando na cara de mau.

Erin arregalou os olhos. Thomas preparou-se para se defender de qualquer ataque. A atitude do cavaleiro, porém, desarmou-o.

— Já voaste alguma vez, Lady Erin? — perguntou Vince, com um sorriso. Parecia uma criança que mostrava um brinquedo novo aos amigos.

Ela não teve tempo para responder. Seus pés deixaram o chão e seu corpo, como uma pluma, flutuou graciosamente até a outra

ponta do abismo, onde pousou com suavidade.

— Nada como ter a companhia de dois bruxos poderosos — disse a jovem, impressionada.

— Estás pronto, arqueiro? — perguntou Vince.

Thomas apenas sentiu o corpo leve, como se uma gigantesca mão invisível o levantasse no ar e o conduzisse em segurança até Erin. Vince pareceu cansado ao se dirigir para a ponte improvisada. Evitou olhar para baixo e atravessou-a sem conseguir esconder seu medo de altura.

Na superfície, procuraram por Dines. Foi numa rua deserta que dezenas de vultos surgiram a alguns metros deles. Os bárbaros os encontravam mais uma vez.

— Eles também nos cercaram por trás — avisou Erin.

Uma ideia maluca passou pela cabeça de Thomas. Não tinha muita certeza de que daria certo... Pediu a Erin e Vince que se agarrassem a qualquer coisa firme o bastante para prendê-los ao solo.

— O que pretendes...? — tentou perguntar a jovem, mas o cavaleiro empurrou-a sem qualquer sutileza para um abrigo. Não havia nem um minuto a perder. Os bárbaros estavam prestes a atacá-los.

Thomas fechou os olhos, procurando deter os pensamentos na brisa que soprava naquela noite quente. Aos poucos, ela foi ficando cada vez mais intensa. A terra, arrancada do chão, colou-se ao rapaz. Suas roupas se agitavam. Thomas não sentia mais nada, apenas o vendaval que provocava. Sabia que arremessara para longe as criaturas mais próximas. As outras, em pânico, tinham corrido à procura de proteção. Não atacariam tão cedo os britons.

O rapaz ergueu as pálpebras. O vendaval partira, não sem antes mudar de lugar pilhas de entulho. Um veículo de metal, que Thomas identificou como a carcaça de um carro, estava de cabeça para baixo. Erin e Vince surgiram detrás de uma pedra enorme que, para a sorte deles, resistira bravamente.

— Teus poderes crescem a cada dia. Isto é admirável — disse Hugues De Angelis a poucos metros de Thomas. O garoto encarou-o, sem fôlego. Dois homens acompanhavam o arcebispo, que deixara o hábito de lado para vestir roupas comuns.

— C-como nos achaste?

— Vince trouxe-me até aqui.

— Traidor! — xingou Erin ao se afastar do cavaleiro.

O desespero tomou conta de Thomas. Dines acabava de aparecer no outro extremo da rua.

— Será que finalmente nos confrontaremos, Moriarty? — perguntou Hugues ao caminhar solenemente até o adversário. — Esperei muito por este dia.

— Nunca te esqueças de que tenho orgulho de ti, Thomas — disse Dines enquanto mirava a arma de energia no arcebispo.

O rapaz quis correr para impedir a morte do abade. Mas os dois homens que estavam com Hugues começaram a emitir uma luz intensa, transformando-se em criaturas brilhantes, de asas angelicais. Thomas apenas caiu, fraco demais para se mexer. Os nergals sugavam suas forças.

CAPÍTULO 15

Savac

Nem as surras que Jon lhe aplicara na infância tinham causado aquele efeito. O corpo de Thomas doía por igual, como se tivesse sido esmagado por um rochedo. Deitado sobre a terra, tentou se mexer, sem sucesso. Os raios do sol forte ardiam em seu rosto. Escutou vozes.

— Pensas em me trair, Vince? — questionava Hugues. — Tu me pareces muito confuso. Fiquei feliz por teres feito com teu irmão. Afinal, espero unir a força dos dois. Mas estás tomando a direção errada. Tu debes orientar Thomas e não o contrário!

— Ainda não me disseste como me achaste — insistia Vince.

Thomas abriu os olhos, com dificuldade. Viu quando o arcebispo pegou o braço do cavaleiro e lhe mostrou o próprio pulso.

— Instalei um minúsculo localizador sob tua pele, quando tinhas três anos. Foi a melhor coisa que fiz. Tu és irresponsável demais para se confiar totalmente. Nunca deixei de saber onde te escondias nas horas em que fugias da aula.

— Tu me rastreaste...

— Imaginei que perseguirias meu suposto assassino. Claro que não planejei isso. Thomas atacou-me com tanta violência que precisei de algumas horas para me recuperar. Surpreso, descobri que tu estavas nas Terras Ermas. Teu irmão e a filha de Mark De Durham eram dados como mortos. Era óbvio que os três estavam juntos. E por quê? Mithrrah forçaria Thomas a procurar sua irmã, tão próxima dela neste planeta azul. Apenas esperei. Na noite em que vi teu sinal mudar da Floresta Escura para outro continente em questão de segundos, adivinhei que Moriarty estava convosco, usando o

teletran. Então, foi só me teletransportar, com meus amigos, para vos encontrar.

— Moriarty está...?

— Sim, eu o matei. Já não era mais útil. Além de mim, Moriarty era o único que poderia encontrar o Herdeiro. Por isso, deixei-o viver por tanto tempo.

Thomas sentou-se com dificuldade. *Dines estava morto*. O rapaz sufocou duramente a vontade de chorar. Ao sentir o olhar de Erin, ele a procurou. Ela estava de joelhos, distante e cercada pelos dois amigos do arcebispo. Sua aparência demonstrava que também estava exausta. Sua energia fora sugada pelos nergals, assim como a de Vince, que mal conseguia se manter em pé, tão fraco quanto eles.

O barulho das ondas do mar quebrando contra rochedos era o único som da natureza ao redor. Neste instante, um calafrio mostrou a Thomas para onde tinham sido levados. As ruínas de Sutter contemplavam-no.

— Que bom que acordaste! — exclamou o arcebispo. — É hora de conversarmos.

— Deixa-o em paz — disse Vince, entre dentes.

— Se não o quê, garoto? — perguntou um dos homens ao lado de Erin. — Tu devias matar este teu sobrinho, Savac. Ele não passa de um encrenqueiro insolente. Só arrumou confusão nos meses que passou comigo em Gaia.

— Estou magoado, Stuart. Sempre pensei que gostasses da minha companhia — provocou Vince.

— Nem para ser um hospedeiro ele presta. Sabes disso há tanto tempo e ainda insistes em educá-lo. Quanta perda de tempo!

Vince enfrentou-o, desafiador.

— Já sei como vou arrancar esse sorriso estúpido do teu rosto, garoto — continuou o tal Stuart. — Quando retornar a Gaia, vou visitar teus amigos. Tem a filha do Yamato... Kyoto, não é? E o baterista Skipper, daquela casa noturna onde passavas tuas noites...

O cavaleiro parou de sorrir.

— O que queres, Stuart? Que eu peça desculpas?

— Quero que não atrapalhes os assuntos de Savac.

— Já chega, Stuart — disse o arcebispo. — Vince é importante para Kirian, como já te expliquei várias vezes. O garoto conhece o lugar dele. Não irá mais interferir.

Vince olhou para Thomas como se tentasse lhe dizer alguma coisa e afastou-se para espiar o oceano, visto em toda a sua beleza do alto daquele precipício.

Hugues dirigiu novamente a atenção para Thomas.

— Sabes o que é isto? — perguntou ao mostrar um cilindro em sua mão.

Thomas balançou a cabeça, sem entender.

— Estive na Praia dos Pelicanos — prosseguiu ele. — Vivi aqui tanto tempo com Hannah e nunca imaginei que ela escondia um programa holográfico nas minhas próprias terras. Foi através dele que aquela mulher envenenou a alma de Erec contra mim. Quero que compreendas que não abandonei meu filho porque quis, Thomas. Quando Hannah e eu nos enfrentamos, fiquei gravemente ferido. Tive de sumir para me recuperar, mudar de aparência. Gastei anos nesse processo. Nunca poderia imaginar que, no meu retorno a Britanya, teria Erec como inimigo, um traidor de seu povo e de seu rei. Fui obrigado a matá-lo.

“Então é dessa forma que ele contou sua história a Vince”, deduziu o rapaz.

— Este cilindro é o programa holográfico. Eu o encontrei escondido naquela caverna. Só preciso da tua voz para ativá-lo agora.

Por que o arcebispo desejaria ver a imagem de sua inimiga mortal?

— Hannah... — chamou Thomas, em voz baixa.

Um milésimo de segundo mais tarde, a jovem surgiu entre ele e Hugues.

— Tu és a imagem que guardo de Hannah. Linda e orgulhosa, enfeitando todos os britons na corte do rei James — disse o arcebispo, maravilhado.

Só então Thomas entendeu o quanto aquele homem poderoso amara a sacerdotisa. E ainda amava. Quando o holograma notou que Vince o observava, ignorou o arcebispo e foi direto até o jovem.

— William... És tu, não és? — sorriu. — Não te lembras de mim? Vince parecia aturdido.

— Claro que não podes te lembrar! Eras apenas um bebê na época em que Erec te levava até mim, na Praia dos Pelicanos, sem que tua mãe soubesse. Ele te colocava para brincar na areia, enquanto me contava teus progressos. Dizia que, felizmente, o filho herdara a inteligência da mãe e não o gosto do pai pelas armas. Erec tinha muito orgulho de ti, William. Sofria por te ver tão pouco, culpa das viagens constantes que era obrigado a realizar. Ele prometeu que, por ti, lutaria até a morte para evitar a Grande Guerra. Queria um futuro de paz, em que pudesses ser feliz. Lembras-te dele?

— Não — respondeu Vince, com os olhos vermelhos.

— Não te chamei aqui para jogares meu neto contra mim! — disse Hugues, furioso.

— O que desejas, afinal? — perguntou o holograma.

— Apenas rever a imagem de Hannah. Sabes o quanto eu a amava? Foi uma pena que ela tenha desprezado o embriagante poder dos nergals. Não me deu alternativa a não ser matá-la.

— Também não gostarias de rever teu filho?

A imagem de Erec, vestido totalmente de negro, apareceu diante de Vince, que recuou, confuso. Thomas não escondeu a alegria inesperada. Dava-lhe força reencontrar a imagem do pai, o jovem corajoso que desafiara Savac.

— Maldito programa! — murmurou o arcebispo, apertando, possesso, o cilindro entre os dedos.

No mesmo segundo, o objeto foi arrancado de sua mão e voou rápido em direção a Vince. O cavaleiro chamara-o para si.

— Eu te imploro, tio — pediu, desesperado. — Não os destrua mais uma vez...

Hannah e Erec desapareceram no ar. Hugues fitou o rapaz, contendo a raiva aos poucos. A aparência vulnerável do neto mais velho comovera-o.

— Estamos perdendo tempo — disse um dos homens ao lado de Erin.

— Tens razão, Motik — disse o arcebispo. — Sabes por que nós o trouxemos aqui, Thomas?

— Não creio que pretendas me matar.

— É verdade. Tua vida é muito preciosa para nós. Só que ela está incompleta.

Stuart levou até eles uma caixa transparente que fora mantida oculta atrás de uma das pedras calcinadas. Dentro dela, um ponto de luz movia-se com uma espantosa rapidez no pouco espaço existente.

— Um nergal? — perguntou Thomas, de queixo caído.

— Sim, antes da simbiose. Os nergals não podem se desenvolver plenamente enquanto não encontrarem um hospedeiro que mereça o privilégio de sua integração total. Unidos, eles queimam etapas na evolução natural. Poder, Thomas. Poder ilimitado. Será assim quando Gotihan se unir a Sirryus, o nergal que ocupa agora esta caixa. Sirryus é um ser poderoso, digno de Gotihan. Os dois enfrentaram-se no passado e...

— E ele perdeu para o líder myrhan. Acho que este nergal tão poderoso não passa de um incompetente — provocou Thomas, sentindo o sangue ferver.

Quando ficava com raiva, deixava a prudência e o medo para trás e se esquecia até da timidez crônica.

— Todos os descendentes de Kirian têm esta língua afiada? — rosnou Stuart. O outro nergal, Motik, exibia um olhar assassino.

Hugues manteve-se calmo.

— És jovem ainda, Thomas, não entendes o que quero dizer — disse.

— Eu não quero ser nenhum hospedeiro. A integração só se completa se o hospedeiro desejar, não é mesmo?

— Tu irás aceitá-lo.

Hugues deixou Thomas para ir até Erin. Sabia exatamente como convencê-lo.

• • •

Erin estremeceu quando Hugues postou-se diante dela. Thomas levantou-se para impedi-lo, mas Stuart empurrou-o de volta ao chão. Estava fraco demais para se defender.

O arcebispo esticou o braço para que uma luz estranha, vinda de uma arma desconhecida, envolvesse a jovem. O corpo dela, já dolorido pelo ataque dos nergals, foi golpeado por uma sensação ainda mais terrível. Era como receber chutes violentos por todos os lados. Erin gemeu, sentindo-se esmagada por dentro.

— Por que não gritas, Lady Erin? Thomas precisa saber o quanto sofres.

“Não vou gritar!”, prometeu ela. Não percebeu que Vince tentava derrubar o tio com a força da mente. Apenas sentiu um relaxamento da tortura. Quando conseguiu que seus olhos reencontrassem o foco, descobriu que o cavaleiro era surrado covardemente pelos outros dois hospedeiros nergals.

— Eu já vos disse para deixá-lo em paz! — gritou Hugues, sem, no entanto, detê-los.

Thomas ergueu-se, cambaleante, e rumou para cima deles. Ao vê-lo em pé, os dois largaram o cavaleiro para atacá-lo.

— Eu concordo em ser o hospedeiro de Sirryus — disse Thomas, obrigando-os a retroceder. — Há apenas uma condição: quero Vince

e Erin livres.

A jovem esforçou-se para gritar, dizer a ele que nada no mundo valia aquele sacrifício, mas a voz não lhe obedeceu. Horrorizada, acompanhou o passo seguinte do processo de integração. Hugues abriu a caixa transparente para liberar o sinistro ponto de luz.

Sem se mover, Thomas esperou que o nergal se aproximasse até desaparecer. Ele se desequilibrou e, sem conseguir se manter sobre as duas pernas, desabou novamente.

• • •

Vince mal conseguiu se levantar. Calculava que os nergals haviam lhe quebrado umas duas costelas. Perdera também um dos dentes de trás. “Quando voltar a Gaia, terei de marcar um horário no dentista”, pensou. Sua vida continuaria do mesmo jeito que sempre fora, pelo menos enquanto a Grande Guerra não viesse até os humanos. Não havia como resistir ao poder dos nergals.

Evitou olhar para Thomas. Anoitecera e seu irmão continuava inconsciente. Às vezes, tremia, como se fosse prisioneiro de algum pesadelo.

Vince podia prever o que aconteceria. Thomas iria se transformar em um nergal invencível, aliado de Savac e dos outros. A Grande Guerra chegaria em breve, devastando mundos e matando milhões. Apenas os mais fortes sobreviveriam. O rapaz não tinha certeza de que o tio o protegeria por mais tempo. Agora Hugues De Angelis contaria com Thomas, o Herdeiro com que tanto sonhara, e poderia dispensar sem hesitação o neto que sempre o desapontara.

Vince foi até onde Erin estava deitada. O estado lamentável da jovem abalou-o bastante. Era doloroso ver aquela garota cheia de vida jogada como um trapo. Ele se abaixou, tirando a capa e dobrando-a para acomodar-lhe a cabeça. Ela desviou os olhos úmidos que mantinha fixos em Thomas e o enxergou. Ainda havia

esperança em seu olhar. Vince não sabia o que dizer. Não adiantava lutar contra o inevitável. O arqueiro que ela conhecera estava perdido para sempre. O cavaleiro temia agora pela vida da jovem. Os nergals a poupariam, depois de tudo que presenciara?

Sem coragem de enfrentá-la por mais tempo, Vince aproximou-se do arcebispo, que o vigiava. Motik e Stuart conversavam animadamente, à beira do penhasco.

— E, então, quanto tempo mais? — perguntou Vince.

— Falta pouco para a integração total. O rapaz não oferece resistência. Isso é bom.

— E ela? Irás matá-la?

— Sirryus fará isso. A jovem representa a fraqueza de Thomas e nosso general quer garantir que nada seja capaz de interferir no poder de Gotihan.

Vince fitou as próprias mãos, impotente. Um sentimento de melancolia arrastou-o para o passado, para as lembranças reconfortantes de sua infância com Alix, naquele mesmo lugar onde hoje só existiam ruínas.

— Com tantas jovens apaixonadas neste mundo e em Gaia, tu escolheste para amar a única que não se interessa por ti — sorriu Hugues, compreensivo.

— O que queres dizer?

— Exatamente o que ouviste. Vejo em ti os sinais de um grande amor, Vince. Eu te conheço muito bem. Só um sentimento assim te moveria a agir como um tolo, tentando me impedir como fizeste há algumas horas.

— Estás dizendo tolices, tio.

Vince ia retornar para perto de Erin, distante demais para escutá-los. Não queria deixá-la sozinha. O arcebispo prendeu-o pelo cotovelo.

— Não tentes impedir Sirryus, senão ele também te matará — avisou.

Vince soltou-se, sem se importar com o futuro. Sim, ele morreria para protegê-la. Não tinha mais certeza de que conseguiria viver sem ter a filha de Mark De Durham ao seu lado.

CAPÍTULO 16

Esferas

Alguém tocou levemente o rosto de Thomas para despertá-lo. Ainda sonolento, ele encontrou uma estranha jovem à sua frente. Era pequena e delicada, com traços harmoniosos no rosto pálido, realçados por cabelos cor de prata.

— Vem, não há tempo! — sussurrou-lhe num tom de voz melodioso e irresistível. — Sirryus já te descobriu aqui!

Ela o ajudou a se levantar. Atônito, o rapaz descobriu que a dor sumira. Olhou ao redor, mas não identificou nada que lhe parecesse familiar. Havia sombras estranhas, imagens que não faziam sentido algum. A jovem conduziu-o pela mão por entre as sombras. Ela atingia a altura de uma menina de oito ou dez anos. Seus passos eram leves, como se os pés mal tocassem o chão. Thomas, que se sentia imenso e desajeitado, forçou-a a parar.

— Onde estamos?

— Em um mundo diferente do teu. Eu trouxe teu espírito aqui com o objetivo de ganharmos tempo...

— Quem és tu?

— Sou Mithrrah... — sorriu ela, com doçura.

— Pareces uma fada!

— Porque tu me imaginas assim.

— Esta não é tua aparência real?

— Não.

— Por que te vejo como uma personagem de contos de fadas?

— Para ti, sou a fada que ajuda o corajoso cavaleiro na luta contra o dragão.

— Mas essa personagem faz parte de uma das histórias do livro de capa azul!

— Outro dia, no Monastério, estavas com tanta raiva de mim que pensei que, quando eu aparecesse para ti pela primeira vez, me verias como um monstro de sete cabeças.

Thomas, envergonhado, lembrou que arremessara a pedra opaca contra a parede.

— O que és, na verdade?

— Não há tempo para explicações, Gotihan.

— Por que ninguém acredita quando digo que não sou esse aí? Eu saberia se fosse ele, não?

Mithrrah sorriu uma segunda vez.

— Thomas, este não é o momento para dúvidas. Sirryus está se apossando de teu espírito...

— Não respondeste à minha pergunta.

— Qual delas?

— A primeira, na verdade.

— Vou te explicar, mesmo sabendo que perdes minutos preciosos. Minhas irmãs e eu somos de um mundo desconhecido. Os nergals são nossos inimigos. Vivíamos uma guerra quase eterna quando eles descobriram uma forma de sobreviver em teu universo. Primeiro, através da materialização da energia, que enxergas como pequenos pontos de luz. Mas isso não foi suficiente, eles queriam mais. Então, passaram a utilizar hospedeiros.

— E onde Gotihan entra nesta história?

— Nós o reencontramos entre os myrhans. Ele é um amigo querido, que seguiu seu próprio caminho de evolução pessoal. Nós o ajudamos a expulsar os nergals do seu mundo, mas o preço foi alto demais. As esferas foram separadas. Sozinhas, nosso poder é limitado. E só podemos unir outra vez nossa força através de quem seja capaz de entrar em contato conosco.

— O tal do Gotihan.

— Tu não foste usado por mim. Apenas não te lembras de nenhum fato anterior ao teu novo nascimento, em Britanya. Tudo o

que aconteceu foi opção tua, escolhas feitas em tuas vidas anteriores. Apenas seguimos o que foi combinado.

— E a pedra opaca?

— É um elo, um objeto que me ajudou a manter o vínculo que existe entre nós, mesmo durante o período em que minha esfera esteve nas mãos do arcebispo.

— Tu estás naquela esfera?

— Não é assim que funciona. A esfera é um portal...

— ... que permite que eu entre em contato contigo?

— Sim.

— Quando te encontrei, houve um tipo de integração, não foi? Algo como ocorre entre os nergals e os hospedeiros...

— Não, é diferente. Eu amplio teus poderes e te empresto o meu.

— Mas, para isso acontecer, precisei primeiro encontrar a esfera...

— Antes disso, eu mal podia me comunicar contigo.

— E fazias isto através da pedra opaca?

— De certa forma, sim. Ela me aproximou de ti para que eu pudesse te ajudar em momentos diferentes de tua vida. Apesar de distante, nunca te abandonei.

Thomas coçou a cabeça. Pensou nas várias ocasiões em que as visões mais atrapalharam sua vida do que realmente ajudaram, principalmente durante sua infância complicada. Quantos castigos recebera por dizer coisas estranhas? Desconfiou de que Mithrrah não tinha a menor suspeita do quanto o fizera sofrer. Como ela explicara, antes do primeiro encontro em York sua ligação com ele era frágil demais.

— Onde está Menethrrah? — perguntou Thomas.

— Estou aqui! — disse uma voz atrás dele.

O rapaz virou-se e, atordoado, encontrou a jovem Alix De Brusck. Ela usava um deslumbrante vestido branco e pequenas pérolas presas em seus cabelos escuros. Thomas tinha diante de si a mesma imagem de sua mãe que vira no banquete em homenagem à vitória de Erec sobre Rouen De Larc. Um pensamento perdido em sua

cabeça recordou-o de que Vince lhe dissera alguma coisa sobre Menethrrah estar relacionada à figura materna. Este era o motivo de imaginá-la como a adorável Alix em seus quinze anos.

De repente, um frio mortal atravessou o corpo de Thomas. Ele olhou para o chão e sentiu-se sugado em direção a uma aterrorizante luminosidade. Sirryus encontrara-o.

As luzes em redor do rapaz intensificaram-se, o que causou opressão e angústia. As duas irmãs tinham desaparecido.

— Esperei por muito tempo, Gotihan — disse a criatura alada que o esperava.

Thomas achou estranho que, apesar do brilho intenso que vinha do nergal, conseguia enxergá-lo sem que seus olhos ardessem. Entretanto, havia a mesma sensação de perda de energia.

Sirryus absorvia-a lentamente.

• • •

Uma magnífica lua crescente brilhava no céu estrelado. Era irônico que tudo aquilo estivesse acontecendo sob uma noite tão bonita. Vince pensou em seu telescópio, esmagado pela vingança do arcebispo. Desejou estar no castelo de York, de volta aos tempos em que estudava, curioso, o universo através da janela de seu quarto.

Ao seu lado, Erin mexeu-se antes de se sentar. O cavaleiro ajudou-a, satisfeito em ver que ela estava se recuperando. Hugues usara contra a jovem o tovuk, um eficiente instrumento de tortura nergal. O mesmo que utilizara para enfraquecer e matar Erec durante o ataque a Sutter.

Thomas, deitado a alguns metros dos jovens, também se mexeu. O movimento atraiu os nergals, que o cercaram. Um ou dois minutos depois, o rapaz ergueu-se, com tranquilidade. Olhou para Vince e depois para Erin.

Sirryus, triunfante, fitava-os através de seus olhos.

...

As luzes rodearam Thomas com mais intensidade. Ele não conseguiu se mover. Olhou desesperado para o próprio corpo, que se desfazia no ar.

— Não pensei que seria tão fácil, Gotihan — comemorou Sirryus, exultante.

Qual era mesmo o poder de Gotihan? Transferência de energia, a técnica que Thomas aprendia a usar com habilidade cada vez maior. “Espera o momento certo...”, orientou a voz de Mithrrah em sua mente.

...

Vince abraçou Erin para protegê-la. Enfrentou o olhar frio que agora fazia parte do rosto de Thomas. Não havia mais traços de humanidade em seu espírito. Sirryus apontou as mãos para Erin.

— Sai daí, Vince! — gritou o arcebispo.

O cavaleiro não obedeceu. Como já esperava, Sirryus revelou o resultado da integração com o hospedeiro: o ser alado. Seu corpo, transformado, começou a brilhar de modo ostensivo para sugar a energia dos inimigos até levá-los à morte. “Ainda não quero morrer”, desejou Vince, espremendo os olhos contra a claridade a cada segundo mais insuportável. Nesse instante, os outros nergals, inclusive o arcebispo, também assumiram as formas angelicais.

...

Thomas sorriu ao notar que as formas angelicais de Savac, Motik e Stuart surgiram no mundo estranho em que se encontrava.

— Quem vos chamou aqui? — estranhou Sirryus.

— Eu vos chamei — disse Thomas.

— Não entendo...

— O feitiço contra o feiticeiro! — exclamou Stuart.

Os nergals temeram a possibilidade da extinção total, provocada por um adolescente que provava pela primeira vez a energia que agora extraía deles.

— Não vou permitir que isso aconteça! — rugiu Sirryus, intensificando a própria luz.

Thomas quase caiu, lutando para redimensionar o poder que ainda aprendia a controlar. Isto deu a vantagem que os nergals esperavam. Stuart e Motik cercaram-no.

— Não lute contra nós — disse o primeiro.

— Terás poderes muito mais incríveis se te unires a nós — disse Savac ao constatar a dificuldade que o jovem bruxo enfrentava.

O rapaz pediu socorro a Mithrrah. O medo inibia um poder que, no fundo, não desejava. “Deixa tua mente vazia”, aconselhou a voz da amiga. Thomas obedeceu, guiado apenas por sua intuição. A nova demanda de energia obrigou seu organismo a se reequilibrar para mantê-la sob controle.

Gotihan, enfim, descobria seu poder.

E ele o direcionou para Stuart e Motik. O brilho de cada um deles foi sendo sugado até extingui-los por completo.

Estavam mortos.

— Tu não poderás destruir a todos nós! — gritou Savac, ensandecido. — Somos mais poderosos do que imaginas.

Thomas escolheu Sirryus, dirigindo para ele um ódio ainda mais intenso do que sentia em relação a Savac. Sem conseguir explicar, sabia que o general lhe causara muito sofrimento em algum momento de sua existência. O nergal reagiu e, com o reforço de Savac, ampliou ainda mais seu poder.

Instintivamente, o rapaz retirou-lhe a maior parte da energia e devolveu-a numa intensidade muito maior. Com o impacto, a forma brilhante de Sirryus arrebentou-se em milhares de partículas luminosas.

Agora, só restava Savac.

— Não terás coragem de me destruir — sorriu ele, confiante.

— Tu não significas nada para mim.

— Estou unido a Kirian. Se me matar, ele também desaparece. O hospedeiro não sobrevive após a morte do nergal.

Thomas hesitou, com um pensamento no último confronto que ocorrera em York. Savac parecia acompanhar suas lembranças.

— Queres saber como escapei? Fácil! Como tu, Kirian também pode recuperar a saúde de maneira milagrosa. Apesar de muito ferido, escapei da torre em chamas e fugi para um lugar seguro. Foi uma boa ideia me passar por morto, não é mesmo? Pude descobrir tantas coisas interessantes sobre ti... Tua consciência não dói ao pensar que quase mataste teu próprio avô?

— Tu assassinaste meu pai. E Hannah também.

— Foi necessário. Kirian sofre até hoje por isso.

“Ele quer alimentar tua vontade de ser feliz apenas para te dobrar”, avisou a voz de Mithrrah. “Thomas, não permitas que ele vença.”

— Tu és importante para mim, filho, tanto quanto Vince. Nós três, juntos, seremos indestrutíveis. E tu terás uma família, como sempre sonhaste. Acompanha-me! Aceita o poder que vem de Mudu-za, nosso líder...

Thomas evitou que as lágrimas atrapalhassem sua visão. A oportunidade de reunir sua família trazia-lhe uma sensação reconfortante. Seria ótimo ter um irmão de verdade, um avô para orientá-lo...

Foi quando a imagem de Hannah invadiu seus pensamentos. Ela fora assassinada, assim como Erec. Não, aquele não era seu avô.

Kirian morrera no instante em que decidira se tornar um hospedeiro. “Nós precisamos de ti”, disse Mithrrah. “Não nos abandones!”

Thomas prendeu o olhar em Savac.

Precisava tomar uma decisão dolorosa.

• • •

Vince abaixou o rosto, apertando Erin contra o peito. Não conseguia mais olhar para o brilho cada vez mais insuportável. A luminosidade opressiva transformara-se numa gigantesca bola de fogo transparente que engolia as terras de Sutter.

— Fecha os olhos, Erin — disse o rapaz. — Não importa o que aconteça, não os abra!

Quando, enfim, a expansão atingiu seu ápice, explodiu para se espalhar em várias direções.

Ao se desfazer por inteiro, abandonou as terras malditas para uma tranquila noite de lua crescente.

• • •

Thomas não se aguentou em pé por mais tempo e tombou de joelhos. Tentou se movimentar para descobrir se ainda estava vivo, apesar de sentir o corpo pesado como chumbo. Os rostos assustados de Vince e Erin estavam bem à sua frente. Os hospedeiros de Motik e Stuart não existiam mais.

O arcebispo aproximou-se de Thomas, tremendo de ódio.

— O que fizeste? — disse ele. — Tu mataste os nergals!

O rapaz quis falar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Lutava contra a vontade esmagadora de desmaiar.

— Que ironia ter Gotihan indefeso em minhas mãos — comentou o arcebispo, tirando uma adaga de suas roupas.

Sem a influência do nergal, Hugues, ou melhor, Kirian aparentava ser muito mais velho do que realmente era. Os cabelos totalmente brancos caíam molhados de suor sobre sua testa marcada por rugas. Os ossos do rosto mostravam-se salientes, cobertos pela pele grosseira.

— Não me importa mais se Mudu-za te quer vivo... — disse ao erguer a adaga para enterrá-la no pescoço de Thomas.

Vince deteve-o.

— Chega de mortes em Sutter — disse.

— Não entendes? Ele destruiu a aliança que fiz com os nergals para proteger Britanya...

Como se pressentisse a proximidade da morte, Kirian relaxou o corpo. Vince amparou-o para que não caísse. A adaga escorregou para o chão.

— Este garoto estúpido condenou a raça humana à morte — sussurrou o velho. — Está tudo perdido...

Os olhos de Kirian fecharam-se para sempre. No mesmo instante, o corpo do hospedeiro desmaterializou-se. Vince, sem saber como agir, segurou apenas as roupas que a morte deixava para trás.

— Tom? — disse Erin.

O arqueiro fez o possível para localizar o rosto dela na escuridão que se formava à sua volta. Não conseguiu.

...

Quando despertou, a aurora já apagara a noite. Estava estendido no chão, com a cabeça apoiada no colo de Erin.

— Como estás? — perguntou ela, acariciando-lhe os cabelos.

— Morto de cansaço.

Duas gaivotas atravessaram o céu azul, um fato inusitado que despertou a atenção dos jovens. Havia uma paz quase imperceptível

em Sutter. A maldição finalmente partira, permitindo que a vida retornasse àquela região.

Thomas levantou-se devagar, ajudado por Erin. A jovem colocou-se atrás dele e enlaçou-o pela cintura, como gostava de fazer. Talvez temesse que o rapaz caísse outra vez.

Perto deles, Vince afundava sua espada na terra, à cabeceira de um túmulo que montara com pedras de tamanhos variados. O punho da espada, que lembrava uma cruz, refletiu a luz do sol. Vince apoiou-se sobre um dos joelhos e curvou a cabeça em sinal de respeito. No túmulo que cavara com as mãos, depositara as roupas do arcebispo, a única coisa que sobrara de alguém que, um dia, fora o invencível Kirian De Sutter.

Entristecido, o rapaz colocou-se em pé.

— Como é possível amar e odiar ao mesmo tempo uma pessoa? — perguntou, com os olhos cheios de lágrimas. — Kirian foi meu pai, meu avô e, de certa forma, um amigo. Ele cuidou de mim, protegeu-me, salvou minha vida...

Respirou fundo para impedir a vontade de chorar.

— Sabes o que Mithrrah me mostrou naquela noite, na Floresta Escura? — disse, fechando os punhos. — Vi Savac tirando-me ainda criança daqui e a luta desesperada de nossa mãe para me salvar. Vi Erec ser torturado e, depois, morto pela própria espada. Vi teu nascimento, Tom, na Noite dos Mortos...

Vince virou para o horizonte o rosto inchado pela surra. Ainda havia sangue ressecado sobre a testa que sofrera um corte profundo. Tentou andar, mas estremeceu de dor. Estava seriamente ferido, um fato que preferia. Thomas concentrou-se e, em segundos, restaurou-lhe a saúde. Não precisava mais de nenhum objeto para transferir a energia que absorvia. Aprendera a transformá-la.

Atônito, o cavaleiro encarou-o.

— Podias pelo menos me avisar antes? — protestou. — Depois do que passamos nas últimas horas, não me agrada a ideia de alguém arrancar minha energia.

— Estás livre, Vince — garantiu Thomas. — Destruí o localizador.

O cavaleiro conferiu o pulso, como se fosse mesmo capaz de encontrar algum localizador escondido sob a pele, e depois, satisfeito, mudou de assunto.

— O que achas de ir comigo para Gaia? Não pretendo ficar aqui parado, esperando pela Grande Guerra.

— Para falar a verdade, só consigo pensar em um banho quente, uma deliciosa refeição e uma cama confortável.

Vince dirigiu-lhe um olhar compreensivo e protetor, algo que somente um irmão mais velho sabe fazer.

— Podemos providenciar isso — comentou, irônico, ao retirar do bolso o teletran que pertencera ao arcebispo. O rapaz debochado voltara após esconder a tristeza em algum lugar do coração. — Para onde, agora?

— Por acaso sabes como usar este equipamento? — questionou Erin.

— Meu tio nunca me deixou ter um — explicou o cavaleiro, divertindo-se com a cara preocupada da jovem. — Mas tive a oportunidade de usá-lo algumas vezes em Gaia, sem Stuart saber.

Erin não pareceu muito convencida.

— Não quero parar por engano no meio do Pântano do Terror — resmungou.

— Para onde queres ir, Tom? — perguntou Vince, ignorando-a solenemente.

— Para casa.

— E onde é tua casa?

— Em Durham.

Erin sorriu para Thomas com ternura antes de encostar a cabeça em seu ombro.

— Lá vamos nós! — disse Vince enquanto ajustava o teletran.

As ruínas de Sutter sumiram em um estalar de dedos.

EPÍLOGO

Líder

Maria quase desmaiou de susto assim que os três jovens entraram na cozinha, após atravessarem os jardins do castelo de Durham. Ela se encheu de felicidade ao ver Erin viva, apesar do estado lastimável em que a pobrezinha se encontrava. Thomas era o que tinha a pior aparência. Perdera bastante peso e estava muito abatido, como se tivesse sido vítima de uma doença devastadora. O rapaz bonito que os acompanhava parecia bem melhor do que os dois, mesmo estando tão imundo quanto eles.

— Olá, Maria! — disse Erin. — Onde está meu pai?

A mulher respondeu que Mark e a esposa deveriam regressar naquele mesmo dia de uma viagem a uma região vizinha, onde foram assistir ao casamento do filho dos senhores de Nell.

— Preciso da tua ajuda — continuou Erin. — Podes pedir para que alguém providencie água quente e roupas limpas para nós?

A jovem examinou com atenção o rapaz bonito ao seu lado.

— Acho que as roupas de Thomas não servirão no sr. De Angelis — disse. — Tu poderias pedir a algum criado que pegue algumas peças do baú do meu pai? Vão ficar enormes no nosso convidado, mas...

— Não tens nada melhor do que isso? — criticou ele, com desdém.

A jovem não levou o comentário a sério e prosseguiu com os pedidos.

— Podes também providenciar alguma comida? Estamos famintos!

— Ainda é cedo, senhora, nem começamos a preparar o almoço. Posso separar pão e queijo...

— É melhor do que nada — resmungou o rapaz bonito ao pegar uma pera da cesta de frutas sobre a mesa.

— Devo mandar alguém ao encontro do sr. De Durham para avisá-lo sobre vossa chegada?

— Não. Quero fazer uma surpresa! — disse Erin, sem se esquecer de uma piscadela.

...

Thomas resistiu à vontade de se jogar sobre a cama e dormir por anos. Apesar do cansaço, dispensara os criados, como costumava fazer, e tomou banho sozinho. Ao sair de seu aposento, o quadro de Alix De Brusk atraiu-o no corredor. O rapaz estava pensando no quanto sua vida mudara nos últimos dias quando sentiu Erin se aproximar para abraçá-lo. Num gesto cheio de desejo, ele a roubou para si e a beijou. Como sentira falta do toque de seus lábios, de seu corpo junto ao dele!

— Eu te amo, minha senhora De Sutter. Morri um pouco ontem, quando pensei que te perderia.

— Savac ia ter muito trabalho para me separar de ti!

De mãos dadas, desceram até o salão principal. Vince, com os cabelos soltos e molhados sobre os ombros, estava sentado no tapete, junto à lareira, àquela hora do dia ainda apagada. Ele usava um imenso blusão cinza sobre a calça comprida preta, igualmente folgada. Estava descalço, com as pernas cruzadas e esticadas para a frente. Thomas, que sempre o vira aparecer em público impecavelmente vestido, duvidou que aquele rapaz desleixado e o campeão do rei fossem a mesma pessoa. Havia pratos com pães, queijo e frutas ao seu redor. Distraído, ele bebia uma garrafa de vinho direto do gargalo.

— Não preferes comer na mesa? — perguntou Erin, reparando na bagunça que ele fazia.

— Mandei os criados deixarem tudo por aqui mesmo. É mais confortável, vós não achais?

— Concordo contigo — disse Thomas, sentando-se ao seu lado para se servir de uma fatia de pão.

Erin desistiu da bronca para acompanhá-los. Em pouco tempo, os três já estavam rindo alto, de estômago cheio, embalados pelo vinho e pelas histórias engraçadas que Erin e Thomas sabiam sobre o povo apaixonado da Ilha Média.

Uma gostosa sonolência foi dominando Thomas. O rapaz ajeitou-se sobre o tapete, apoiando a cabeça numa almofada macia, e adormeceu lentamente, enquanto ouvia Vince e Erin se prepararem para um jogo de cartas.

— Eu nunca perco — gabou-se ele. — Não terás nenhuma chance contra mim.

— E o que pretendes apostar? — disse ela.

— Se eu ganhar, tu terás que te comportar como uma dama por um mês. Deverás ser obediente, fazer bordados perfeitos e, ainda por cima, usar vestido.

— Se tu perderes, quero que deixes teus cabelos mais curtos do que os meus.

— Fechado!

“Pobre cavaleiro!”, pensou Thomas, antes de se entregar a um sono profundo. “Vai acabar careca!”

• • •

— Esta bagunça tinha de ser obra tua, andarilho imprestável!

Sonolento, Thomas levantou-se, esfregando os olhos. Os gritos de Arla, que acabara de chegar trazendo pelas mãos os gêmeos de Mark De Durham, acordaram-no. Fora do castelo, o sol escondia-se atrás da cadeia de montanhas, espelhando seu perfil sobre o lago tranquilo do Vale de Durham. Os dois loirinhos, com pouco mais de

dois anos, olhavam para os três jovens. Erin, acomodada na poltrona preferida do pai, e Vince, esticado sobre o tapete, também despertaram.

— O que Lady Claire vai pensar ao descobrir esta bagunça? — lamentou a aia, verificando com desespero o tapete manchado de vinho, os restos de comida e os pratos sujos, entre outros detalhes do lanche.

— Também é bom te ver, Arla — disse Thomas enquanto se espreguiçava.

A aia quase engasgou ao reparar em Vince.

— E este aí, quem é? Algum infeliz que encontraste na estrada? — disparou, indignada. — Abusas da bondade do sr. De Durham, andarilho!

— Quem é esta mulher tão gentil, Tom? — quis saber Vince, abafando um sorriso.

— A aia — respondeu ele, divertido.

— Pensei que ficarias mais feliz em saber que estou viva, Arla, do que em implicar com Thomas — disse Erin. Nem se dera ao trabalho de deixar a poltrona.

Neste momento, Claire e sua discreta barriga de sete meses de gravidez entraram no salão. Ela sorriu ao encontrar Thomas e Erin que, ao notar a madrasta, plantou-se de imediato ao lado dele.

— O sr. De Durham ficará imensamente feliz em saber que vós estais vivos — disse ela. Seu rosto, porém, iluminou-se no exato segundo em que pôs os olhos em Vince. — Sr. De Angelis! Que prazer te rever!

Vince levantou-se e fez-lhe uma reverência. Arla, em choque, acabava de descobrir que ofendera o mais famoso cavaleiro de Britanya.

— É uma honra te receber na casa de meu marido, senhor — disse Claire. — Oh, mas já é tão tarde e a hora do jantar está tão próxima! Se me permites, irei providenciar um jantar especial. És nosso convidado!

Sem esperar resposta, a esposa de Mark sumiu rumo à cozinha. A aia optou por uma saída estratégica, arrastando as crianças para o andar de cima.

— Lady Claire também...? — perguntou Erin, puxando a manga do blusão de Vince.

— Não, ela nunca foi uma pretendente. Eu a considero uma irmã. Temos quase a mesma idade e crescemos praticamente juntos.

Erin ia retrucar, mas sua atenção foi desviada pela entrada do pai. Voou para se pendurar nele. Thomas prendeu a respiração. Mark viera acompanhado por Arnon.

O rosto do rei emocionou-se ao rever os netos.

Com os olhos úmidos, foi até eles e uniu-os no mesmo abraço.

• • •

A sós com o rei e Mark De Durham no grande salão, os jovens relataram os acontecimentos que envolveram o incêndio em York, a jornada na Floresta Escura, a busca de Menethrrah nas ruínas e, por fim, a dura prova em Sutter. Quando Erin explicou por que fora obrigada a matar Rouen De Larc, Vince admirou a coragem da jovem. Nunca imaginara que a morte do cavaleiro partira dela.

— O que vós nos contastes sobre os nergals muda, e muito, minha opinião sobre eles — disse Arnon. — Vejo que a promessa de Kirian de que nosso mundo seria poupado não passou de mentira. Ao mesmo tempo, carrego agora um peso no coração. Não vejo alternativas. Britanya e seu povo estão condenados.

— Podemos procurar essa alternativa, senhor — sugeriu Vince. — Os nergals têm aliados em Gaia, é verdade, mas também têm inimigos, como os guardiões. Poderíamos procurá-los e unir nossas forças.

— Pretendes voltar para Gaia?

— Eu irei também, senhor — acrescentou Thomas. — Se existe uma esperança para os britons, ela não pode mais ser encontrada neste mundo.

Não agradava a Arnon a ideia de se separar outra vez dos netos.

— Vou para Gaia junto com eles — decidiu Erin.

— Não podes! — gritou Mark, alarmado. — Não irei permitir que minha filha parta numa missão tão arriscada!

— Sabes que irei de qualquer maneira, pai. Não vou deixar Thomas sozinho.

Mark começou a gesticular, mas um sinal do rei o impediu de continuar a discussão.

— Não tens poder sobre o coração desses três jovens, meu velho amigo — disse. — Já escolheram o próprio caminho, contrário aos planos que eu fiz para eles. Respeitarei a decisão de cada um e gostaria que tu fizesses o mesmo.

O pai de Erin bufou de raiva.

— Como vós pretendeis entrar em contato com estes guardiões? — perguntou Arnon.

— Há um velho mestre, senhor — disse Thomas. — Sei como achá-lo, mas devo ir antes ao Monastério.

— E quando pretendes partir?

— Depois de amanhã.

— Não acho que estejas em condições de viajar tão cedo — disse Vince, avaliando a aparência abatida do irmão. — Estás fraco por tudo o que te aconteceu.

— Ele pode se recuperar mais rápido do que imaginas — sorriu Erin.

O cavaleiro não acreditou muito em suas palavras. Se dependesse dele, o irmão não ficaria novamente exposto a tantos perigos.

— Há algum antídoto contra o pó amarelo, senhor? — perguntou Thomas a Arnon.

— Não conheço nenhum.

— Existe sim... — disse Vince, relutante. — Meu tio usou-o para me livrar do vício.

O avô ficou chocado.

— Tu viraste dependente daquela droga maldita?

— Muitos nobres britons misturam o pó amarelo ao fumo — admitiu o rapaz. — No meu caso, começou como uma brincadeira inconsequente, há uns dois anos.

— Quem mais utiliza o pó?

— Walter De Nell, John De Sands, Victor De Wins e alguns outros.

— Todos tão jovens — lamentou o rei. — Tobyas De Roths também?

— Não, às vezes ele se lembra de que tem cabeça para pensar. Tobyas só vende a droga...

— *Vender?* — gritou Arnon. — Como esse nobre ousa espalhar o maldito pó entre nossa própria gente?

Vince encolheu-se. Conhecia muito bem o temperamento do avô, um homem que podia ser muito calmo, desde que não o provocassem. Já estava arrependido por ter aberto a boca.

— Quando descobri o pó amarelo, desconfiei de que isto poderia acontecer um dia — disse Mark.

— A sugestão de Kirian de usar a droga para dominar os bárbaros me pareceu aceitável, há alguns anos — disse tristemente Arnon. — A guerra contra os bárbaros já tinha feito tantas vítimas, tantos parentes e amigos mortos para proteger Britanya... Eu só queria garantir um futuro de paz para nossos filhos e netos.

— Onde posso conseguir um pouco desse antídoto? — perguntou Thomas para o irmão.

— Há um vidro no gabinete do meu tio, em York. Podemos passar lá antes de ir para o Monastério. O que pretendes fazer com ele?

— Descobrir sua composição. Posso realizar essa análise com o computador de mestre Dines e, depois, mostrar ao irmão Michel como preparar o antídoto em grandes quantidades.

Vince concordou com a cabeça.

— Seria uma forma de consertar as consequências do meu erro, filho — murmurou o rei. — Não posso deixar que uma droga acabe com a vida de jovens nobres.

— Devias pensar nos escravos também. Eles são tua responsabilidade.

Arnon endireitou-se na cadeira. A figura de seu neto caçula, em pé junto à lareira, pareceu crescer.

— Já é hora de te importares com as pessoas que não nasceram da descendência de Arthur e seus cavaleiros — prosseguiu. — Elas dependem de ti mais do que imaginas. Há séculos que reis e nobres negam ao povo o direito de conhecer a própria história, o direito de pensar e decidir. Ignorância gera mais ignorância, além de violência e miséria. O povo tem que ser preparado para a Grande Guerra, descobrir que existem outros povos, diferenças que precisam ser conhecidas e respeitadas. Enquanto condenares um ser humano à morte simplesmente por abrir um livro, estarás no nível de um nergal, que atribui a si o direito divino de decidir quem merece viver ou morrer. O conhecimento não pode ser guardado por uma minoria, mas deve estar acessível a todos, assim como um rei deve guiar seu povo e não dominá-lo. Essa é a verdadeira natureza de um líder.

O fogo que Vince viu brilhar nos olhos do irmão desapareceu aos poucos. Thomas transformara-se, revelando uma parte fascinante de seu espírito. O rapaz tímido dera lugar a um homem forte e corajoso. Por um instante, Vince vislumbrou o grande líder, o ser capaz de mobilizar mundos diferentes, de unir raças inimigas para perseguir um único objetivo: a paz. Sim, Thomas era Gotihan, não havia mais dúvidas. Ele talvez não tivesse consciência de seu verdadeiro dom, mas o exercera agora, impressionando a todos na sala, inclusive seu irmão. O rapaz sentiu, pela primeira vez, que daria a vida para proteger aquele líder. Finalmente entendera seu papel na profecia. Ele deveria ficar ao lado de Thomas, ajudá-lo a lutar contra os perigos inimagináveis que Gotihan ainda enfrentaria.

Arnon sorriu para o neto caçula.

— Tens razão — disse. — Mark, é necessário que partas comigo para Brusk. Quero reunir nossos nobres o quanto antes. Eles precisam conhecer a monstruosa ameaça que pesa sobre Britanya.

• • •

Thomas acordou tarde na manhã seguinte. Recuperara as forças, como Erin previra. Depois de pegar algumas frutas na cozinha, foi até o alto da torre do castelo, onde costumava treinar. Ficou lá por algum tempo, admirando a paisagem do Vale de Durham. Não tinha certeza de que algum dia retornaria àquela região. Sua nova viagem revelava perspectivas tão amplas que o rapaz preferia não antecipar o que encontraria pela frente. Preocupava-se por levar Erin a uma jornada que prometia ser muito mais perigosa do que a busca por Menethrrah. Além disso, havia Vince De Angelis, em quem ainda não confiava. Algo lhe escapulia, como se o cavaleiro lhe escondesse alguma informação importante.

Era quase hora do almoço quando Thomas desceu da torre e atravessou os jardins para ir ao estábulo. Desde que chegara, ainda não tivera a oportunidade de rever Pégasus. As vozes de Vince e Claire fizeram-no parar no meio do caminho.

— Sabes que parei de fumar? — perguntou o cavaleiro, sentado no gramado junto com as crianças. Ele as ajudava a equilibrar alguns cubos de madeira. A esposa de Mark estava acomodada em um dos bancos de pedra dos jardins que adorava cuidar.

— E o pó?

— Já me livre disso também, Claire.

— Estás livre para decidir tua própria vida. Já chega de destruir a si mesmo, não achas?

— Hum?

— Eu te conheço, Vince. Tu precisas de orientação e apoio. Quantas confusões eu te vi arrumar? E para quê? Apenas pelo

simples prazer de provocar. Quantos inimigos tu conquistaste por bobagens?

— Está bem, mamãezinha. Eu prometo me comportar daqui para frente.

— Vês como ages? Levantas um muro de ironia e sarcasmo à tua volta. Que proteção! Só permites que alguém se aproxime de ti quando não há mais por onde escapar.

— Estou brincando contigo.

— E onde termina a brincadeira e começa a verdade?

— Como está tua vida com este tal de Mark De Durham?

— Estás mudando de assunto!

— Vais me responder ou não?

Claire suspirou. Tanto ela quanto Vince não tinham notado que Thomas os assistia à distância, mas perto o suficiente para escutar o que conversavam.

— Estás enganado em relação a Mark. Ele não é o monstro que acreditas que seja. É um homem bom e atencioso, que me faz muito feliz.

— E a filha detestável? Ela te odeia.

— Erin só tem ciúme. Afinal, estou ocupando o lugar da mãe dela. É natural que não me aceite.

— Por que não a afogas no lago?

— Faço de tudo para me aproximar dela. Procuo administrar tão bem este castelo quanto a própria Lady Jane faria. Cuido de todos os detalhes para que a vida aqui em Durham seja perfeita. Ah, Vince, não sei mais como agir!

— Já te dei minha sugestão. Talvez pudesses jogá-la do alto de alguma torre. Eu mesmo tive vontade de fazer isso ontem — resmungou o cavaleiro ao tocar nos cabelos.

Só então Thomas reparou que ele cortara os fios bem curtos, deixando-os levemente repicados. Ganhara a aparência de um adolescente, muito distante do cavaleiro esnobe que adorava se mostrar como adulto. Perdera a aposta para Erin.

— Falo sério, Vince.

— Está bem, está bem. Acredito que, por seres a esposa e mãe perfeita, tu a provocas.

— Como assim?

— Erin não pensa como as nobres britãs que conhecemos. Ela está muito além deste mundo conservador. Anseia por liberdade, pelo direito de ser o que bem entender. Deves deixar claro que tu gostas de ser a mãe e esposa ideal, que preferes administrar a casa e cuidar de filhos a sair por aí brandindo uma espada. E, ao mesmo tempo, mostrar que respeitas a escolha dela em ser diferente. Erin é orgulhosa demais para admitir que precisa da tua amizade e do teu apoio.

Vince parecia conhecer a filha de Mark bem demais, pensou Thomas, ciumento. Neste instante, um dos gêmeos o viu e correu até ele, largando a montagem com os cubos de madeira.

— Tom, quer brincar! — disse ele.

— O que queres fazer, Erec? — perguntou o rapaz, com um sorriso, abaixando-se para pegá-lo no colo.

— Pégasus!

— Queres dar uma volta nele?

O loirinho concordou com a cabeça, abrindo um sorriso cativante. Aquela era a brincadeira de que mais gostava. Thomas costumava colocá-lo com cuidado sobre a sela quando montava, levando-o para passear pela cidade. Já o irmão, o pequeno William — que todos chamavam de Billy — adorava as histórias que o rapaz contava para ele. Sua preferida era sobre um garoto e sua espada mágica, Excalibur.

— Agora é hora de comer, Erec — disse Claire, com suavidade. De modo curioso, ela lembrava Lady Jane.

— Ah, mãe! — protestou o menino.

— Tom pode te levar para passear mais tarde.

— Tua mãe está certa. Pégasus também vai almoçar — acrescentou Thomas.

— Ele vai?

— Claro!

— Eu quer passear junto! — gritou Billy, sem desviar os olhos dos cubos que Vince equilibrava para ele.

— Mais tarde. Vem com a mamãe para a cozinha — pediu Claire ao pegá-lo pela mão.

— Erec, gostaria de te pedir um favor — disse Thomas. — Vou viajar de novo. Poderias tomar conta de Pégasus para mim?

O menino, empolgado por ter o cavalo só para si, aceitou a responsabilidade sem piscar. Thomas colocou-o no chão para que ele pudesse ir até a mãe.

— Por que não mostras a cidade para o sr. De Angelis, Tom? — pediu Claire antes de se afastar com as crianças. — Pensei em deixar o almoço para mais tarde hoje. O sr. De Durham, Lady Erin e o rei Arnon ainda não retornaram.

— Onde eles foram?

— Cavalgar pelo vale.

Thomas concordou, sem saída. Deixaria a visita ao estábulo para mais tarde.

— Tua cara está melhor hoje — reparou Vince.

— Não posso dizer o mesmo da tua.

— Nem me lembres! Erin trapaceou. Ninguém pode ter tanta sorte no jogo. Lady Claire fez o melhor que pôde com meu cabelo, mas não evitou que eu ficasse com a cara de um adolescente de quinze anos.

— Acho que foi este o objetivo dela.

O cavaleiro cerrou as sobrancelhas e depois riu.

— Não sabes que é feio ouvir escondido a conversa dos outros?

— Eu não pretendia...

— Ah, tudo bem! Escuta, o que tem de interessante para se ver nesta cidade sem graça?

• • •

Os dois zanzaram pelas ruas movimentadas de Durham. Thomas decidira levá-lo para conhecer os pães deliciosos que o velho Matias vendia no mercado. Vince caiu de amores pelo pão doce, recheado com creme de leite.

— Esta delícia não existe nem em Gaia — elogiou Vince, com a boca cheia.

— Quando estiveste lá?

— Fui umas três ou quatro vezes com meu tio nos últimos cinco anos. Aí ele achou que era a minha hora de estudar um pouco aquele mundo e me mandou sozinho para lá no ano passado. Fiquei na casa daquele hospedeiro nergal que conheceste.

— Stuart?

— É, ele mesmo. Passei alguns meses em Gaia e voltei no começo deste ano porque...

O cavaleiro parou de falar ao descobrir algo que o intrigava, numa das ruas próximas ao mercado. Thomas olhou na mesma direção e viu três carroções fechados, parados junto a uma fonte. Um grupo de andarilhos preparava-se para viajar.

Vince devorou o restante do pão e cutucou o irmão para acompanhá-lo. Thomas também reconheceu os andarilhos.

Sabina foi a primeira a avistar Thomas e o recebeu com um abraço emocionado.

— O sr. De Durham falou-nos sobre teu retorno, filho. Eu queria te encontrar no castelo, mas Jon achou que isso poderia ficar para depois...

— O sr. De Bask quer que nos apresentemos amanhã à noite em seu castelo e ainda temos muitas horas de estrada até as terras dele

— explicou o gêmeo Teo. — Graças a ti, Thomas, nossa vida melhorou muito. Olha só para nós! O sr. De Durham deu-nos roupas novas, bons cavalos e até carroças decentes!

— Seremos recebidos em todos os castelos da Ilha Média — completou Leo, tão empolgado quanto o irmão. — Temos uma recomendação especial do rei, que adorou nosso talento.

Realmente, os andarilhos ao redor de Thomas e Vince em nada lembravam o grupo miserável que vagava pela Grande Ilha. Shannon, que só enxergava o cavaleiro, estava linda em um vestido colorido.

— Não pretendes contar ao rei o que nós...? — começou Narcisa, que se mantivera distante de Thomas.

O rapaz sabia a que ela se referia. Arnon não devia nem sequer suspeitar do tipo de tratamento que o neto caçula recebera na infância. Jon, encostado contra um dos carroções, não se movia. Apenas fitava Thomas com sua costumeira expressão de ódio e desprezo. Devia ser difícil para ele aceitar toda a atenção que o moleque agora recebia do rei.

— Não há o que dizer — encerrou o rapaz. Narcisa suspirou, aliviada, e deu-lhe as costas para cuidar dos últimos preparativos da viagem.

— Estás feliz, andarilha? — perguntou Vince.

— Sou livre, senhor.

— Não tive oportunidade de te agradecer por cuidar de mim quando estive doente

E tomou-lhe a mão para beijá-la. Shannon estremeceu com o toque de seus lábios.

— Tu és talentosa, enfeitiças o mundo com tua dança.

Thomas despediu-se de Sabina, de Shannon e dos gêmeos, como se fosse revê-los em breve. Preferia não contar nada sobre a jornada que começaria no dia seguinte.

Deixou o grupo para trás e, quando contornou um dos carroções para retornar ao mercado, Jon bloqueou-lhe a passagem. De onde

estavam, os dois não podiam ser vistos pelos demais.

— Podes enganar quem quiseres, moleque, mas não a mim — disse Jon ao bater na própria perna o chicote que costumava utilizar em Thomas. — Tu sempre serás a criança amaldiçoada que tirou a vida da própria mãe na Noite dos Mortos.

— Sai do meu caminho — disse Thomas. A agressão verbal pegava-o de surpresa, trazendo à tona os fantasmas de sua infância.

— E se eu não sair? O que farás?

— Ele não precisa fazer nada — disse Vince, friamente, logo atrás do irmão. Escutara todo o diálogo.

Jon recuou, com os olhos esbugalhados. Thomas virou-se para o cavaleiro e reconheceu a imagem cruel do sobrinho do arcebispo.

— A vida é realmente algo muito frágil — continuou ele, com seu sorriso ameaçador. — Não devias brincar com a tua...

A um sinal do cavaleiro, o chicote voou da mão de Jon para a dele. O andarilho, em pânico, escapou velozmente para a proteção oferecida por seu grupo.

— Não me olhes com esta cara de espanto — disse Vince após entregar o chicote a Thomas. — Eu nunca fui bonzinho e não é agora que vou começar a ser.

Deu alguns passos em direção ao mercado, mas parou ao ver que Thomas não saía do lugar. Ele ainda olhava para o chicote entre seus dedos, lembrando o quanto sofrera. Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo...

Já era hora de apagar essa parte de sua vida. Thomas chamou pelo fogo e ele nasceu timidamente na ponta do chicote, espalhando-se sem pressa até queimá-lo por completo.

O arqueiro estava livre. Seus fantasmas da infância tinham partido.

— Vem, Tom — convidou Vince ao retroceder para buscá-lo. Como um velho amigo agiria, ele apoiou o braço sobre os ombros do irmão caçula. — Vou te pagar uma cerveja.

Após atravessar a penumbra nos corredores do Monastério, Thomas cruzou o pátio aberto para alcançar o gabinete de Dines. Acompanhado por Vince e Erin, que carregava Oz no colo, seguiu até a porta de carvalho. Hesitou. Aquele lugar trazia-lhe muitas lembranças.

Ao entrar, constatou mais uma vez que tudo estava exatamente como se recordava: a mesa, as cadeiras e a estante com seus livros acomodados cuidadosamente sobre as prateleiras. Thomas entrelaçou os dedos da mão antes de estalá-los, agitado, ao se aproximar do estranho espelho oval, fixo numa das paredes do aposento. Olhou para Erin e Vince antes de dedicar toda a atenção à superfície brilhante do objeto.

Chegara o esperado momento de entrar em contato com Tolkien.

NOTA DA AUTORA

Tudo começou quando eu era apenas uma menina que gostava de escrever histórias e desenhá-las. Claro que havia uma fonte inesgotável para inspirar minhas aventuras: desenhos japoneses (sou da época do *Speed Racer*, *Phantomas* e, claro, *A princesa e o cavaleiro*), contos de fadas, livros, novelas da extinta TV Tupi, séries (eu adorava viajar no *Túnel do tempo!*) e muito, mas muito cinema. Entram nessa brincadeira desde desenhos da Disney até filmes clássicos.

Na adolescência, passei a criar histórias apenas na minha cabeça. Sou da geração *Star Wars*, na época inocente em que ninguém ainda desconfiava que o Luke era filho do Darth Vader. As reprises de *Jornada nas estrelas* conquistaram-me nesse período. Eu saía voando da escola apenas para não perder nenhum dos episódios que a TV Bandeirantes exibia no final da tarde. Imaginei muitas aventuras para o capitão Kirk, Spock e meu médico preferido, o Dr. McCoy, numa década em que ninguém sabia o que era Fan Fic.

Daí em diante, a vida adulta atropelou-me. Trabalho, faculdade, casamento, filhos... Fiquei sem tempo de ler, ligar a TV, curtir um cineminha. Mas as histórias continuaram, insistentes, dentro da minha cabeça. Nunca achei que pudesse transformá-las em livros.

A caverna de cristais era uma criação antiga, da minha adolescência. Lembro que fui assistir a *O feitiço de Áquila* no cinema e voltei para casa imaginando como seria uma feiticeira com o charme da Michelle Pfeiffer e um arcebispo ainda mais malvado do que o bispo de Áquila. Nasciam Hannah e Hugues De Angelis. Outros personagens viriam no rastro: a estabanada Alix, Erec (que sempre associei ao mosqueteiro D'Artagnan, com seu temperamento impulsivo e pronto para entrar em brigas), Shannon, o tímido Thomas, Vince De Angelis (meu personagem favorito) e outros que também foram ganhando espaço.

Então, eu, a jornalista que gosta de inventar histórias, decidi colocar tudo no computador aos trinta e quatro anos de idade. O prólogo deste livro, *Cordilheira Azul*, foi escrito na tarde de 1º de janeiro de 2001, logo após o almoço de Ano-Novo. Uma brincadeira que fiz comigo mesma: ano novo, século novo, milênio novo, vida nova! A avalanche de ideias veio a seguir. Não parei mais. O primeiro livro, *O arqueiro e a feiticeira*, foi lançado em 2003, transformando a saga na primeira de uma autora brasileira a ser publicada no país. Hoje tenho várias outras obras publicadas, indicações para o Prêmio Jabuti e títulos selecionados para programas de governo e adotados em inúmeras escolas, além de participações com contos em antologias e coletâneas.

O arqueiro e a feiticeira e os demais livros da saga da Caverna foram os primeiros que escrevi, por isso o carinho tão especial que dedico a estes trabalhos. Você vai identificar várias das minhas influências, que misturam elementos distintos como *O senhor dos anéis*, *Babylon 5*, *Star Wars*, *Jornada nas estrelas*, *Dragon Ball Z*, *Harry Potter*, *Excalibur*, *As brumas de Avalon* etc. A esta altura, você deve estar se perguntando: o que *O senhor dos anéis* e *Dragon Ball Z* têm em comum? Sinceramente? Também não sei. As histórias existem, divertem, emocionam. Em nenhum momento eu quis criar um mundo próprio e original para esta saga. Meu objetivo sempre foi escrever uma grande homenagem à cultura nerd, utilizando a minha própria receita a partir de ingredientes que estão à disposição de todos.

A saga poderia ser explicada como o brilho multifacetado dos cristais refletidos em cada ponto da caverna. Nada é realmente o que parece ser. Histórias misturam-se e trazem outras à tona.

Cristais que confundem, iludem, escondem dramas pessoais, alegrias, alianças, amores, ódio, laços que atravessam gerações, tempos, mundos e renascimentos.

Helena Gomes

<http://helenagomes-livros.blogspot.com>
<http://mundonergal.blogspot.com>
<http://acavernadecristais.blogspot.com>
@mundonergal

Copyright texto © 2014 *by* Helena Gomes

Capa: GUILHERME RODRIGUES

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais

CLARICE M. GOULART

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo e-Pub

MARIANA CALIL

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G614a

Gomes, Helena, 1966-

O arqueiro e a feiticeira [recurso eletrônico] : a caverna de cristais /
Helena Gomes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-342-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-08378

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A AUTORA

Helena Gomes é jornalista, escritora e professora universitária. É da sua paixão por cinema, televisão e histórias em quadrinhos que vem a inventividade presente em seus mais de 20 livros já publicados.